

Bookmarks

DEPOIS DA TEMPESTADE

Vencedor do
American Fiction Awards
e do Reader's Favorite
Book Award

J. LYNN BAILEY



J.LYNN BAILEY

DEPOIS DA TEMPESTADE

Tradução:
Andréia Barboza

1ª edição
2020

Bookmarks

Título Original: *Standing Sideways*

Copyright © 2017 por J. Lynn Bailey

Copyright da tradução © 2020 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Andréia Barboza

Copidesque: Luizyana Poletto

Capa: Gisele Souza - One Minute Design

Projeto Gráfico: Luizyana Poletto

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972

contato@editorabookmarks.com

www.editorabookmarks.com

Índice

[Sinopse](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

Vinte e Dois

Vinte e Três

Vinte e Quatro

Vinte e Cinco

Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Vinte e Nove

Trinta

Trinta e Um

Trinta e Dois

Trinta e Três

Trinta e Quatro

Trinta e Cinco

Trinta e Seis

Trinta e Sete

Trinta e Oito

Trinta e Nove

Quarenta

Quarenta e Um

Quarenta e Dois

Quarenta e Três

Quarenta e Quatro

Quarenta e Cinco

Quarenta e Seis

Epílogo

Agradecimentos

Nota para os leitores

Sinopse

Uma história forte e bonita sobre luto, amor e persistência.

Quando Livia Stone perde de forma repentina Jasper, seu irmão gêmeo, ela precisa aprender a viver sozinha. Enquanto enfrenta a tragédia e começa um caminho para a autodestruição, Daniel entra em sua vida. No momento em que ela mais precisa.

Depois da tempestade é uma história tocante, relevante e comovente sobre sobrevivência, coragem e compaixão em que os leitores irão chorar, rir e, acima de tudo, debater os problemas que afetam a vida de pais e adolescentes em uma jornada de esperança e perdão.

“Para ser gravemente afetado, não é preciso beber por muito

tempo, nem tomar as mesmas quantidades que alguns de nós tomamos. Isto é particularmente verdade para as mulheres.

As alcoólatras em potencial, geralmente se transformam em efetivas e não são nada além de lembrança em alguns anos.”

O grande livro dos alcoólatras anônimos

Para Jason e Michael.

Separados pelos batimentos cardíacos, mas
unidos pela eternidade.

E... para o sr. Joe.

Um

Tracy e Poppy estão preocupadas comigo.

Não é porque não falei mais de dez palavras com Tracy nos últimos trinta e três dias. Nem porque, de acordo com Poppy, minha ingestão de alimentos é tão rara quanto a aparição de um Ganso do Havaí na ilha de Maui. Claro que algumas pessoas discordariam e diriam que esse tipo de ave é bem comum para os habitantes locais e visitantes. No entanto, se perguntar ao meu pai ou a qualquer membro da família Stone, vão dizer que é incomum, quase extinto e ilusório, pois ainda não conseguimos vê-lo em Maui nas últimas oito viagens que fizemos.

O problema é a camiseta do Jasper.

— Liv, você não tira a camiseta... dele — ela mal consegue dizer seu nome — há dias.

Semana passada, completou duas semanas. Minha mãe, Tracy, também falou isso.

Com os fones de ouvido ao meu lado, olho para ela sem saber o que fazer. Nesse momento, farei qualquer coisa para que ela fique quieta.

Vou me consultar de novo com a dra. Elizabeth, quero dizer a ela, mesmo que ela já não faça mais parte do plano de recuperação do luto.

Vou fingir queimar a camiseta do AC/DC. Porque essa é a única que ainda tem o seu cheiro.

— Liv, estou preocupada. — Tracy se senta ao meu lado no sofá. As linhas nas laterais dos lábios, que antigamente formavam sorrisos, estão mais profundas, fazendo seu rosto parecer longo e rígido.

As olheiras refletem os dias de insônia. Tracy é enfermeira do Hospital

Redwood Memorial no turno da noite. Em minha defesa, é uma camiseta do AC/DC desbotada que encontrei no cesto de Jasper no dia em que ele viajou para Los Angeles para visitar nosso pai. Eu estava prestes a lavá-la.

Mordendo o que resta da unha do polegar, olho para o telefone para ver se há mensagem de Simon, mas as mãos de Tracy chamam minha atenção. Gostaria de dizer: *você deveria comer um pouco, mãe. Está tremendo*. Mas não falo.

Poppy está olhando pela janela da frente da nossa antiga casa vitoriana. Observo seu cabelo tingido de vermelho e os cachos modelados à perfeição. Ela se vira para nós.

— Ela tem razão. Você deveria mesmo tirar a camiseta do Jasper. E, pelo amor de Deus, coma alguma coisa. — Poppy olha para a filha com as sobrancelhas franzidas. O lábio inferior de Tracy começa a tremer, e eu reviro os olhos. Talvez em parte porque estou chateada, mas também porque não sei como resolver isso. É a terceira vez que vejo as lágrimas de Tracy.

— Mãe. — A palavra sai apressada, precipitada. Como ela se fosse a última pessoa com quem quero estar agora. E talvez seja verdade.

Tracy balança a cabeça, como se estivesse tentando nos libertar da nossa tragédia e coloca as pontas dos dedos nos lábios. Poppy caminha na direção de Tracy e coloca as mãos nos ombros da filha, beijando o topo da sua cabeça.

— A sua mãe está preocupada, Liv. — A voz de Poppy é calma e serena. Ela não para de dizer que minha promiscuidade com Simon James não é o caminho para superar o que aconteceu e que sexo não vai curar meu coração. Ela já me disse que nunca agi assim e que essa não sou eu.

Coisas que já sei.

Quero discutir. Dizer que ela não sabe do que está falando, porque nunca teve um irmão gêmeo.

Mas não o faço por duas razões: 1. Jamais se discute com a matriarca da família.

2. Não quero assustar a Tracy.

A última vez que discuti com Poppy na sua frente, ela ligou para a casa do psiquiatra com quem trabalha às dez horas da noite.

Poppy, minha avó, morreu há quase cinco anos.

A dor está de volta, mas, desta vez, no meu peito. Não é uma dor física, mas é como se meu peito estivesse prestes a se abrir e fosse explodir em lágrimas, porque sou orgulhosa demais para permitir que elas escapem dos meus olhos. Sei que está na hora de tomar o comprimido branco que está no meu bolso.

Jasper costumava consertar as coisas entre Tracy e eu. Ele era nosso elo. As coisas que não podíamos falar uma com a outra.

Pego os fones e os coloco nos ouvidos à medida que a dor se aprofunda. Aumento o volume, rezando para que o som me leve a Júpiter ou Plutão, uma visita ao sistema solar que durasse o ano inteiro.

Qualquer lugar que não fosse aqui. Longe deste sofá. Longe de Tracy.

Sair de Belle's Hollow para sempre.

Talvez eu possa viver no espaço, onde a gravidade é um passatempo e minhas lágrimas não serão capazes de cair.

Jasper costumava dizer que nossa mãe e eu éramos muito parecidas e que era por isso que não conseguíamos nos comunicar.

Olho para Tracy para ver se ela está chorando ou se está segurando as

lágrimas como eu. Ela as está enxugando com as pontas dos dedos. Desde que meu irmão se foi, ela tem feito muita hora extra. Acho que é pela mesma razão que faço o que faço: para esquecer nossa nova realidade nem que seja só por um momento.

Meu telefone toca e para a música. É uma mensagem de Simon. O relaxamento temporário encontra meu peito e a dor diminui, porque sei que o alívio vai chegar em breve.

Te encontro em 5 minutos. Ponto R?

— Tenho que ir. — Me levanto e coloco o celular no bolso, rezando para Tracy não dizer algo como: *Por favor, não vá. Preciso de você.* Porque tenho que ir. Tenho que deixá-la aqui com sua dor, pois não posso lidar com os termos que a vida nos impôs.

Graças a Deus, ela não diz nada.

Faço uma pausa na porta, querendo me virar e encará-la, mas não consigo. Em vez disso, ouço o silêncio dos nossos mundos e encaro o lado de fora. Aposto que ela está bebendo café na caneca lascada de Jasper, onde está escrito: *Jasper Stone, Parque Nacional Grand Teton.* Poppy a comprou para nós dois quando ela e o vovô passaram férias lá. As unhas de Tracy, com o esmalte vermelho descascado, refletindo o ótimo atendimento ao paciente e, talvez, a falta de amor por si mesma, devem estar acariciando o *S* e o *E* do nome dele na caneca.

O silêncio cresce entre nós, me fazendo sentir mais invisível que nunca desde que Jasper e eu éramos crianças. Ele sempre foi seu filho favorito. E ficou tudo bem por bastante tempo. Além do mais, eu era mais próxima do meu pai, Ned. Até que um dia, há três anos, ele decidiu que achava sua

secretária de vinte e quatro anos, *transplantada* de Los Angeles, mais atraente que sua família. Ser *transplantado*, em nossa região, significava que a pessoa não era nascida e criada em Belle's Hollow. Ned nos disse que ia se mudar para Los Angeles. Quem faz isso? Se afasta do trabalho e deixa a família para superar o desastre? Um idiota Talvez esse seja o motivo de eu ainda estar brava com Jasper por ter ido para Los Angeles. Ele estava tentando consertar os erros do nosso pai, tentando enxergar as coisas pelo ponto de vista dele. Se Jasper não tivesse saído daqui, nada teria acontecido. Só de pensar nisso, meu interior fica vazio, minha garganta seca e meu estômago se aperta.

Ando a pé pela cidade e enfio o comprimido branco na boca. Vou em direção às árvores verdes que circundam Belle's Hollow. Nossa cidade foi construída dentro de uma floresta de sequoias, em uma encosta que serpenteia em direção ao oceano. População: cinco mil habitantes.

Jasper e eu fomos criados aqui. Exploramos cada centímetro de Belle's com curiosidade e amor. Ninguém podia fazer nada aqui sem que todo mundo soubesse. Foi o que aconteceu quando viram meu pai com a amante no banheiro da Breck's Tavern. Gloria Randall estava lá com suas amigas, Nancy Boeing e Stacy Lynch, e testemunharam a coisa toda.

Minha mãe estava cobrindo o turno de Macy Landry, pois ela tinha acabado de ter gêmeos.

Cara legal, né?

Paro a música quando me aproximo das árvores e espio na escuridão. São só quatro e meia da tarde, mas os troncos das sequoias sempre deixam tudo escuro.

— Ei.

Ouçõ sua voz e sinto suas mãos nas laterais do meu corpo. Ele encaixa o nariz entre o lóbulo da minha orelha e meu pescoço. A maneira como ele faz não é suave. Sei que isso não tem nada a ver com a transa que estamos prestes a ter, mas sim com dois jovens sofrendo pela mesma pessoa.

— Camiseta legal. — Ele me vira e empurra meu cabelo loiro, que vai até a cintura, para o lado. Tracy sempre disse que meu corpo era como o de “uma bailarina”. Meus seios são bem pequenos e meus quadris, estreitos. Acho que era uma forma suave de dizer que eu tenho *o corpo de um garoto*.

Simon era o melhor amigo de Jasper.

Depois que Tracy e eu voltamos de Los Angeles, Simon e eu nos encontramos na Farmácia Green. Ele não estava bem, e sei que eu parecia um trapo loiro, com os cabelos embaraçados e os olhos vermelhos. Era quase uma deusa grega. Só que feia.

Porém, de alguma forma, me sinto mais próxima de Simon do que de qualquer pessoa. Não que sejamos amigos. Na verdade, o odiei em alguns momentos da minha vida. Seu sarcasmo me faz querer bater nele e tenho certeza de que fiz isso quando tínhamos dez anos.

Ele é um *bad boy* que vive disfarçado. Cabelos castanhos, magro, olhos azuis e algumas sardas no nariz. Nada flagrantemente óbvio indica que seus pais são quase imaginários. Que eles podem ou não estar trabalhando com coisas ilegais ou usando uma substância branca que os mantém acordados por dias seguidos para concluir o *trabalho*.

Tracy teria adotado Simon há muito tempo se ele tivesse concordado. Ele é o tipo de garoto que está sempre prestes a tomar uma boa decisão, mas faz a escolha errada no último minuto. Como o fato de seu corpo estar coberto de tatuagens e ele ter decidido fazer uma lágrima caindo do olho,

como os assassinos costumavam fazer, embora eu não ache que ele já tenha matado alguém. Não, retiro o que disse. Sei que ele nunca matou ninguém. Ele é o garoto que costuma fumar atrás do Bob's na hora do almoço e do intervalo. Mas nunca seguiu esse caminho.

Simon James é um garoto de aparência normal, com momentos de clareza. Acho que isso o manteve longe da prisão. E acho que Jasper o ajudou a permanecer no caminho certo. Até agora.

Toda vez que nos tocamos, sinto que ele precisa disso tanto quanto eu.

A princípio, apenas nossas línguas se enroscaram. Era simples e fácil. Reconfortante. Mas, por algum motivo, precisávamos de mais. Então as coisas progrediram rapidamente.

Dedos que tocavam. Braços que envolviam. Línguas em todos os lugares.

E agora, nos encontramos aqui quatro vezes por semana para transar.

Eu o sinto endurecer de encontro ao meu corpo e olho em seus olhos. Ele andou chorando. Desde que Jasper morreu, nunca presenciei Simon James, o *bad boy fake*, chorando, mas vi as evidências. Não pergunto se ele está bem, porque sei que não está.

Eu teria prazer em desistir da terapia em favor de Simon. Abriria mão da consulta com a dra. Elizabeth por ele, se soubesse que ele iria. Se soubesse que isso o ajudaria. Nem tenho certeza de que seus pais saíram do estado de torpor causado pelas drogas por tempo suficiente para saber que o Jasper morreu.

Seus olhos azuis sem vida e atormentados por lembranças ruins provam que o brilho está lá, escondido atrás dos hematomas que ele carrega por baixo das roupas. Os hematomas que eu vejo. E o azul sem vida conta uma

história diferente daquela que sai da sua boca. Uma história mais sombria. Aquela que ele finge que Jasper e eu não sabemos e que não quer que a gente saiba.

Simon sempre tinha uma desculpa.

Caí das escadas. Eu me queimei.

Trombei com a parede.

Sem que eu soubesse, ele já havia colocado um cobertor no chão. Toda essa cena faz meu estômago subir para a garganta. Simon nunca fez algo assim nas duas semanas em que estamos dormindo juntos. É como se estivesse tentando fazer disso algo romântico. Mas não é. Pelo menos para mim. É uma necessidade existencial. E o sexo parece ser uma cura momentânea, mesmo correndo o risco de perder sua amizade. Mesmo que ele corra o risco de que sua namorada, Whitney Patmore, descubra e que eu perca minha dignidade, meu respeito próprio ou qualquer coisa associada ao sexo casual.

Não ligo Preciso me sentir bem.

Quando seu perfume atinge meus sentidos, os feromônios me atacam e se prendem a mim. Puxo seus lábios na direção dos meus enquanto ele me deita no cobertor.

Não é como se eu não pudesse me ver com Simon. Acho que talvez pudéssemos ficar juntos em uma vida diferente. Quem sabe?

Enquanto ele coloca a camisinha, tudo em que consigo pensar é no quanto vou me sentir melhor quando estivermos em ação. Isso vai levar todos os meus pensamentos e minha dor embora. Mas sei que a tristeza, a culpa e as consequências de tudo isso virão logo em seguida. Sempre vêm. Elas chegam rápido e com força total, e vou me arrepender do que fiz. Vou

desejar ter tomado uma decisão melhor. E vou deixar Simon com a intenção de nunca mais encontrá-lo.

Mas, na manhã seguinte, a dor e a amargura vão me atingir mais uma vez e vou sentir que não tenho escolha.

E todo o ciclo doentio vai recomeçar.

Quando chego em casa depois de uma série de decisões ruins, envergonhada e com remorso, Tracy já saiu para trabalhar. Há um prato de comida no forno e um bilhete.

COMA!

COM AMOR, MAMÃE

Pego o prato e o coloco no micro-ondas. Me encosto no balcão e tiro o telefone do bolso de trás. Cao me mandou dezessete mensagens. Não, espere. Dezoito. Acabou de entrar mais uma.

***Se você não me
responder, vou ligar para a
polícia.***

Estou bem.

Desde que tínhamos três anos, Cao Smith assumiu o papel de melhor amiga e ninja residente de Belle's Hollow. Seu pai, Stan, é instrutor de karatê, o que torna óbvio o fato de que Cao tem todas as cores de faixas, incluindo a preta.

Obcecada por Ed Sheeran, fumante inveterada, indicada como oradora oficial da turma e destinada a ir para a Caltech, ela é uma garota super esperta, que fala de si mesma de um jeito franco. Ela também não faz ideia do que está acontecendo entre Simon e eu. Uma parte de mim quer contar.

Não quero manter esse segredo como se fosse algo sujo e desagradável e do qual ninguém acreditaria pela forma com que me comporto. Por eu interpretar tão bem meu personagem. Isso me faz sentir mais mentirosa do que há trinta segundos. Ela provavelmente iria rir na minha cara. E depois choraria, porque perdi a virgindade e não contei a ela.

Meu telefone toca novamente.

***Tá. Até amanhã de
manhã. P.S. Amanhã vai ser
ótimo. Te amo.***

Amanhã volto à escola. Estou no último ano da Belle's Hollow High. A terapeuta, dra. Elizabeth, convenceu Tracy de que seria o melhor a se fazer.

Não ligo muito para a dra. Elizabeth. Ela fica mordendo o lábio e o solta lentamente enquanto me ouve. Faz isso três vezes seguidas e depois para. Um minuto depois, faz de novo. Três vezes. Então para. E ela tem uma pinta do lado esquerdo da boca. Quando ela faz esse movimento, a pinta se move e não consigo me concentrar. É perturbador. Quero perguntar se ela pediu ao dr. McGoldrick para examinar aquele sinal. Tenho certeza de que eles são colegas. Acredito que ele já viu aquilo. Vivemos em uma cidade muito pequena, então digo a mim mesma para esquecer desse assunto. Tenho certeza de que não há qualquer problema com ela.

O micro-ondas apita. Pego a comida e me sento sozinha na sala de jantar escura. Fico na escuridão, porque é diferente de como Jasper e eu costumávamos jantar. Ele colocava nossa comida no micro-ondas e eu arrumava a mesa. Ele tomava leite e eu, água. Fazíamos FaceTime com a Tracy e conversávamos rapidamente sobre o nosso dia.

A mesa parece grande, solitária e silenciosa esta noite. Me levanto e vou até o armário. Pego um prato, talheres e encho um copo de leite. Coloco tudo na ponta da mesa. Era lá que Jasper se sentava.

Coloco as mãos entre as pernas e permito que a tristeza vá embora. Começo a acreditar em algum tipo de alternativa para a minha realidade: será uma vida longa.

— Estou feliz que você esteja de volta, Livia — minha avó falecida fala.

Dois

— **Não queria te assustar.** — Poppy cruza os braços, se inclina no lugar de Jasper e seu casaco floral cor de rosa brilha no escuro.

— Você não pode aparecer de surpresa assim. Ainda mais no escuro — digo baixinho, ainda sentindo meu corpo tremer pelo susto.

Um longo e pesado silêncio paira no ar como fumaça de cigarro, espessa, imóvel e sufocante.

— Você gosta desse garoto?

Reviro os olhos, parcialmente envergonhada por Poppy saber que estou transando com Simon. Me pergunto o que ela viu entre nós e sinto meu rosto corar. Só sei que é bom. Não a parte do sexo. Bem, às vezes... é mais a pressa de tudo. O fato de ser tocada como os outros não me tocam.

Mas dou de ombros só para tirá-la do meu pé.

— Coma. Tenho certeza de que é o que estava escrito no bilhete. — Poppy se inclina ainda mais, tentando chamar minha atenção.

Estou com os olhos fixos no alimento verde que está no prato, também conhecido como brócolis.

— Seu avô e eu perdemos um filho. — Suas palavras são rápidas, mas diplomáticas. — Antes da sua mãe nascer. A Tracy não sabe disso.

Pego o garfo e cutuco o brócolis, ouvindo o que ela está dizendo. Olho para cima para vê-la levar os dedos ao rosto e afastar os cachinhos para o lado. Em seguida, afofa o cabelo com as duas mãos. Quando estava viva, ela costumava fazer isso se ficava nervosa.

Poppy arqueia as sobrancelhas e olha para a minha comida.

— Seu avô sentiu todo o peso disso. — Ela sorri. — Ele processou a dor

da mesma maneira que você. Procurando uma solução, suponho.

Coloco o garfo sobre o prato e limpo a boca.

Nosso avô morreu quando Jasper e eu tínhamos dez anos. Me lembro que ele andava com uma espingarda. Jasper e eu nos sentávamos no mesmo banco em uma pista de boliche e o vovô nos dava batatas fritas e refrigerantes até nossas barrigas doerem e não conseguíssemos parar de rir.

— Sei que você se sente abandonada, Liv. Primeiro pelo seu pai e agora, por seu irmão. Mas isso é algo que foge do seu controle. Você não se sentirá menos abandonada buscando aceitação através do carinho de outra pessoa. — Ela empurra seus cachos novamente.

Pare, quero dizer.

Assim eu poderia comer meu brócolis sem precisar aceitar o peso da minha dor, que me encara do outro lado da mesa se assemelhando ao vulto de um monstro.

— Olá?

Ouçó a voz de Cao.

Olho para onde Jasper se sentava antes de responder. Poppy se foi.

— Aí está você. Por que está no escuro? — Cao pergunta. Está claro que ela não está esperando uma resposta, porque continua. — Não que eu esteja te vigiando vinte e quatro horas por dia ou algo assim, nem que seja sua guardiã ou algo do tipo, mas você precisa me avisar onde está. Fico preocupada, Liv.

Ela vai até a geladeira, pega algumas uvas e se senta na outra ponta da mesa. Olha para o lugar de Jasper e, em seguida, para mim. E então repete o movimento. A preocupação em seu rosto é nítida, mas ela não faz perguntas. Come algumas uvas e depois se recosta na cadeira, cruzando os

braços.

— O que foi? — Ela empurra os cabelos compridos e negros para o lado e se inclina para frente.

Cao é eclética em sua escolha de roupas. Usa praticamente qualquer coisa. Seu estilo a torna única. Ela lança tendências, desde calça tipo pijama estampada às polainas. Com a cintura fina e a altura que têm, quase tudo cai bem nela.

— Você odeia uvas — digo, largando o garfo.

— Por que está sentada no escuro? — Ela coloca outra na boca.

Às vezes, ficar no escuro é mais fácil. O mundo não parece tão barulhento e tão caótico.

— Por que você está comendo uvas?

— Por que está sentada no escuro?

— Acho que parece mais calmo. — Sempre desisto primeiro.

Ela cospe a uva na mão.

— Graças a Deus você cedeu. Minha mãe fez comida chinesa mais uma vez para o jantar. Dei a maior parte para a Rosie. — A Golden Retriever da família. — Estou morrendo de fome e as uvas eram minha única opção na sua geladeira vazia.

A mãe de Cao, Beth, tem feito pratos típicos chineses nas últimas três semanas, pelo que ela me contou. Ela apoia a cabeça na dobra do braço e faz uma pausa antes de continuar.

— E... encontraram meu esconderijo.

Quero dizer *eu te avisei*.

— Quando?

— Ontem. Eles demoraram.

Cao fuma constantemente na janela do quarto para provar que o cigarro não causa câncer de pulmão. Ela afirma que é uma pesquisa. Mas acho que ela se viciou enquanto tentava confirmar sua teoria.

— Meus pais acham que estou passando por algum tipo de crise de identidade por ter sido adotada na China e ter pais brancos. Foram as palavras deles, não minhas. *Queremos que você sinta que pode ser quem realmente é, baby. Achamos que você pode estar usando o cigarro como válvula de escape para o que está sentindo.* E o que a minha mãe fez? Colocou arroz no meu almoço e, hoje de manhã, encontrei toda a coleção de livros de Amy Tan na minha mesa. O problema é que a Amy Tan nasceu em Oakland. E, se me conhecessem, saberiam que já li todos os livros dela. Acredito que se eles quisessem que eu adotasse minha cultura, me mandariam para algum acampamento na China ou algo assim. Não sei. — Ela bufa. — Pronto, é isso. Agora sua vez. — Ela para. — Por que está sentada no escuro, Liv?

Quero contar a ela que estou dormindo com Simon. Que não consigo evitar e que toda vez que vou embora depois de ficarmos juntos, sinto nojo de mim mesma por causa das decisões que tomei. Por esse motivo, é mais fácil me encarar no escuro. Mas não quero entrar nesse assunto. Não tenho energia.

Pego o pingente do meu colar, aquele que tem a impressão digital de Jasper, que meu pai fez para mim e para Tracy quando meu irmão faleceu, e tento me esconder atrás do muro que construí ao meu redor.

— Sabe, com o cancelamento do show em Orange, Califórnia, não acho que a camiseta do AC/DC vá fazer sucesso amanhã na escola. Muita gente do colégio está chateada.

Sei o que Cao está fazendo. Ela está tentando me ajudar sem dizer que usar a camiseta do meu irmão morto é estranho e assustador. E que, de alguma forma, preciso me arrumar e usar algo diferente para ir à aula amanhã. Entendo tudo isso pelo olhar que ela está me dando agora.

— Vista aquela rosa — ela insiste. Ela tenta colocar outra uva na boca, mas cospe o pedaço inteiro na mão logo em seguida. — Não. Simplesmente não consigo. — Ela faz uma careta.

Na verdade, eu não planejava usar a camiseta. Não havia planejado usar nada, porque não me importo. Então faço uma nota mental para não vestir a camiseta do AC/DC de novo. Talvez eu use a rosa que Cao sugeriu. Com o colar e a calça jeans, é claro. Não tenho certeza quanto ao jeans. Mas calça, sem dúvida.

— Vou te buscar para irmos para a escola amanhã. — Forço a conversa, mas não é fácil para mim. — Espere, quem te trouxe?

— A minha mãe. Ela está no carro. Quer que eu fique com você hoje à noite? Posso pegar minhas coisas.

Balanço a cabeça.

— Estou bem.

— Você não está bem, Liv. Mas entendo o porquê. E não vou insistir, mas vou te enviar mensagem e se você não responder, vou ligar para a polícia. — Ela aponta o dedo para mim.

— Eu te respondi e, mesmo assim, você veio.

— Eu sei. Estava entediada em casa. — Ela morde o lábio. — E preocupada.

Assinto e pego as uvas, meu prato e depois vou para a cozinha. Cao me segue. Ela encosta no balcão, de frente para mim enquanto coloco a louça

na máquina de lavar.

Então olha para a sala de jantar. Para o lugar do Jasper.

— E aquela?

— Pode pegar para mim? — pergunto, ligando a máquina.

Olho para o lugar vazio e sinto um nó se formar na garganta quando ela se afasta, mas consigo engoli-lo antes que volte.

Cao chega com o prato vazio e o copo cheio de leite. Observá-la carregar o conteúdo para a cozinha me faz sentir que estou enlouquecendo.

— Obrigada — falo.

Eu me pergunto o que Poppy deve estar pensando enquanto despejo o leite na pia. Quando éramos crianças, ela reutilizava tudo. Desde restos de uma colcha que havia costurado, até o café. E quando digo *restos*, quero dizer até um pedacinho de tecido que poderia ser confundido com confete. E comida. Se você desse duas garfadas em uma costeleta de porco, teria que comer ela toda. Um pedaço de pão? Seria guardado para um sanduíche mais tarde. Quando Jasper e eu passávamos a noite na casa da Poppy, ela se certificava de que comêssemos todo o nosso jantar. Mesmo que fosse fígado acebolado. Uma vez, tentei esconder meu brócolis no leite. Ela o encontrou e me fez comer. Quatro horas depois.

— Terra para Liv. Você está aí? — Cao pergunta, sentada no balcão.

Tento fingir que estava prestando atenção o tempo todo.

— Você ainda está fazendo terapia com aquela psicóloga? Qual é o nome dela? Dra. Elizabeth?

— Não. — Limpo a bancada com uma esponja. — Para que ela me diga que arrumar a mesa para o meu irmão morto não é normal e que usar a mesma camiseta por três semanas faz de mim *uma candidata potencial*

para uma instituição de malucos? Não.

Deus, seria ótimo poder tomar um daqueles comprimidos brancos agora.

— Talvez você devesse tentar uma terapeuta diferente.

— Cao, estou bem, tá? Estou bem. — Minha voz soa mais alta do que eu pretendia.

Ela solta sua gargalhada terrível. Aquela pela qual é conhecida.

— Essa é a pior justificativa de todas, Liv. — Ela para a gargalhada na hora e me fuzila com os olhos. — Nós duas sabemos que você não está bem. — Ela usa os dedos para fazer aspas. — Seu irmão acabou de morrer de um jeito horrível. Nada menos que seu irmão gêmeo. Faz um mês. Você só veste a camiseta favorita dele.

Ela olha para a peça com uma mancha de molho na frente. E tenho certeza de que o cheiro está péssimo, mas estou com muito medo de lavá-la, porque quando o fizer, o cheiro dele vai desaparecer para sempre. Faço uma nota mental para verificar se há outras camisetas mais limpas que eu possa usar.

Merda.

Estou louca.

Cao interrompe minha confusão mental: — Em que ponto você vai admitir que não está bem? — Ela apoia as mãos na bancada.

Minha melhor amiga gesticula muito. Ela diz que é pelo fato de seus pais serem descendente de italianos. Não sei qual é a correlação, especialmente quando se considera o argumento da natureza versus criação com o fato de ela ser adotada e tudo mais, mas não questiono.

— Olha, é meu dever como sua melhor amiga apontar o que você não

está enxergando. Por que não voltamos a jantar no Bob's Footlongs nas noites de sexta-feira e vamos ao cinema aos sábados?

Quero normalidade. Quero voltar no tempo. Voltar trinta e três dias. Melhor ainda, dois dias antes, quando Jasper estava em casa. Seguro. Comigo. Voltar para quando Simon era só o melhor amigo do meu irmão e não meu parceiro sexual. Voltar para quando as coisas eram menos complicadas. Mais normais. Naturais, não forçadas.

— Sim — falo enquanto olho Cao nos olhos.

— Certo. E nada de usar a camiseta do Jasper na escola amanhã.

— Sim — digo novamente.

Desmorono na cama. Normalmente, depois da terceira noite de insônia, consigo dormir rápido. Exausta, puxo as cobertas e a escuridão se instala ao meu redor. Ouço os barulhos habituais da casa e meus sentidos parecem mais normais do que no mês passado.

Poppy costumava aparecer no meu quarto à noite, mas eu disse a ela que isso me assustava. Não sei se é por causa de toda essa ideia de fantasmas e pesadelos ou porque nossa antiga casa vitoriana balança quando o vento sopra, mas ela não apareceu mais depois disso. Acho que também não penso em Poppy como um fantasma ou o algo do tipo. Talvez seja uma percepção da minha realidade.

Uma sensação estranha me atinge.

E se Poppy for fruto da minha imaginação? Ninguém mais pode vê-la ou ouvi-la. Ela só começou a aparecer depois que o Jasper morreu. E se eu estiver mesmo delirando e não consigo enxergar isso porque acredito no que vejo? E se nada disso for real?

E se eu estiver ficando louca?

Só de pensar nisso me sinto enjoada. Me viro e encaro a mesa de cabeceira onde guardo o remédio para ansiedade. Pego o frasco como se fosse um copo de água.

Leio o rótulo: *Tomar um comprimido a cada quatro horas, Livia Stone*, e sinto como se a embalagem estivesse falando comigo.

Quase espero que a embalagem crie vida e me dê mais um sermão com o tom de voz da dra. Elizabeth sobre cuidados pessoais e sono.

Muitos alunos em nossa escola se tornaram viciados em medicamentos. Alguns os compram nas ruas. E quando digo ruas, me refiro a garotos ricos que moram em casas enormes na colina, protegidas por portões imponentes como Gabriel Struvios. Jovens ricos são os maiores traficantes. Alguns são prescritos, outros são roubados dos pais. O que dizem sobre cidades pequenas não é verdade. O abuso de álcool e drogas cresce mais em pequenas cidades. E isso não se baseia em dados armazenados em algum banco de dados. É o que eu vi.

Viro o frasco para não ver o rótulo, esperando que isso me impeça de tomar os dois comprimidos prescritos para a noite. Eu os vejo ali dentro, esperando para serem ingeridos.

Se eu tomasse o frasco inteiro, pararia de respirar? Seria capaz de ver Jasper novamente?

Sinto uma necessidade enorme de vê-lo mais uma vez. Apenas por um momento.

E se eu tomá-los? E se ele aparecer para mim como Poppy? Quem me encontraria se eu tivesse uma overdose?

Provavelmente, minha mãe. Então o pensamento de tomá-los

desaparece rapidamente, porque sei que Tracy não aguentaria perder os dois filhos. Um já foi difícil o suficiente. Ela acha que não consigo ouvir os soluços que ela tenta esconder no chuveiro, todo dia de manhã. Embora Tracy e eu tenhamos um relacionamento tenso, sei que ela me ama. Nas duas últimas semanas, acordei com seu braço em volta da minha cintura e a cabeça enterrada na minha nuca.

Olho novamente para as pílulas, pego o telefone e programo o alarme para a aula de amanhã.

Apago a luz e rezo, pedindo por algumas horas de sono. Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique...

Acendo a luz e tomo os dois dos comprimidos brancos que a dra. Elizabeth prescreveu.

Três

Te vejo na escola. Boa sorte.

A mensagem de Simon chega quando estou indo para o meu Honda Civic 2002 branco. Não é o SMS de um cara que está dormindo comigo. Claramente, parece algo que um namorado enviaria. Mas ele já tem namorada. Meu estômago dá um nó quando jogo a mochila no banco de trás. Sei que é gentil e que ele fala de coração. Mas é muito íntimo e amoroso.

Mando uma mensagem para Cao: Chego em cinco minutos.

Ela costuma zombar de mim porque não consigo — correção — *não* digito coisas como *DPS*, *MTO*, *VC*, *KKK*. Quando escrevo, é necessário que haja frases completas e gramática correta. Talvez a culpa seja da escritora que existe em mim. Aquela que não escreveu uma palavra desde que Jasper se foi.

Usar a expressão *se foi* é muito melhor do que morreu. Morrer passa uma sensação de fim. *Se foi* parece menos definitivo. Como Poppy. Seja ela uma invenção da minha cabeça ou não, ela parece real. E se vem até mim, por que Jasper não pode?

Meu telefone toca mais uma vez no momento em que viro à esquerda na Main Street. A chuva começa a cair. Novembro começou, e com ele, a chuva. Pensando que é a Cao, olho para o celular, no caso de ela estar se sentindo mal ou algo assim. Pensar nisso faz meu estômago se apertar. Toda a expectativa pelo primeiro dia de aula sem meu irmão se acumula. Não posso ir à escola sem ela.

E se ela estiver doente?

Não entre em pânico, digo a mim mesma. Mas não é uma mensagem de Cao. É do meu pai.

***Boa sorte na escola hoje,
Mimi. Eu te amo.***

Seu apelido para mim. Mimi.

Jasper e eu tivemos dificuldade em nos chamar pelo nome quando éramos pequenos. Então, eu era *Me* e ele era *You*, como *eu* e *você* em inglês. Mas Jasper nunca ganhou o apelido de *yoyo*. Talvez porque fosse muito parecido com ioiô, ou talvez porque fosse engraçado.

A última vez que meu pai me mandou uma mensagem foi no dia do funeral, e tudo o que disse foi: *eu te amo, Mimi*.

Eu queria ficar com raiva naquele dia. Por razões egoístas, não queria que ele fosse ao funeral. Ele tinha acabado de perder um filho. Então não fiz nada. Não fiz uma cena e disse o quanto eu o odiava. Não o chamei de destruidor de lares. Nem de traidor. Sequer acenei quando nos olhamos. Só olhei para ele.

O funeral foi um borrão para mim. Foi triste. Me lembro de algumas partes e outras, não.

A dra. Elizabeth disse que foi um choque. *A resposta natural do corpo ao trauma.*

Pego o pingente e o puxo pela corrente quando entro na Highway 36 e desço a Weaverton Gulch. Atravesso as sequoias, observando a escuridão depois das árvores.

O funeral de Jasper foi feito com caixão fechado e foi realizado na igreja Belle's Hollow First Christian. Não somos religiosos, o que, com um

pai traidor e os segredos da família Stone, foram varridos para debaixo do tapete. Eu tinha certeza de que havia uma inscrição qualificada para um funeral na casa de Deus, certo? A grande igreja branca da cidade, com a torre que pode ser vista do espaço. Mas eles não pediram nada. Simplesmente disseram que poderíamos fazer o funeral lá.

O pastor Randy fez o louvor. As únicas palavras de que me lembro, aquelas que ficaram na minha cabeça, foram: “Fomos vítimas uma vez. Não seremos vítimas novamente”.

Tracy e eu organizamos tudo como se nada tivesse acontecido. Como se não tivéssemos perdido Jasper. Era como se estivéssemos no piloto automático. Tracy me pediu para escrever o obituário, então eu o fiz. Consegui escrever. *Conseguir* era a palavra chave. Conseguir significava fazer. Não tenho muita certeza do que escrevi, mas enviei para o Necrotério de Goble, o único da cidade, mais antigo que Jesus e que fica na rua da Belle’s Hollow High. Tenho certeza de que eles fizeram o que as casas funerárias costumam fazer para corrigir obituários ruins.

Existe uma aula onde se ensina a escrever obituários ruins?

Escrita de Obituários de Merda 101, com o sr. Merda.

Algumas pessoas da equipe de emergência de Los Angeles apareceram em nossa cidadezinha. Os departamentos de polícia envolvidos e vários membros do FBI também apareceram. Acho que a parte mais difícil de toda a situação foi fazer contato visual com uma das socorristas enquanto seguíamos o caixão de Jasper até a frente da igreja naquele dia. Sua expressão era típica de quando algo horrível acontece. Seu rosto se contorceu, as lágrimas caíram e ela segurou a minha mão. Sua voz estava embargada e, embora tentasse provar sua convicção, ela não conseguiu

aguentar. Seu olhar fez meu interior se retorcer. Fiquei gelada.

O que ela viu na cena foi assim tão horrível?

Simon e Whitney apareceram. E isso foi realmente estranho. Na época do funeral, tínhamos dormido juntos só uma vez. Mas foi difícil olhar Whitney nos olhos. E Simon estava péssimo. Ele me abraçou e não me soltou. E não acho que fosse por amor a mim, mas sim pelo vazio que meu irmão costumava preencher.

Depois que o FBI liberou o corpo do Jasper para o funeral, ele perguntou se podia vê-lo, então eu o levei ao necrotério.

Nunca vi um garoto chorar tanto quando se sentou ao lado de Jasper. Me afastei e o deixei passar um tempo com seu melhor amigo. Observei como ele tremia, porque as lágrimas não preenchiam a necessidade de sua perda.

Quando seus soluços ficaram mais altos, me aproximei, coloquei a mão em seu ombro, me sentei e apoiei a bochecha em suas costas.

Tudo o que pude dizer foi: — Eu sei.

E tudo que Simon conseguiu murmurar foi: — Ele está tão frio, Liv.

Paro na casa de Cao, e o barulho dos pneus me trazem ao momento presente.

Ela está vindo para o carro enquanto sua mãe, Beth, a chama.

— Tem arroz no seu almoço, Cao. Também coloquei os pauzinhos que você gosta. Te amo. — Beth faz uma pausa. — Oi, Liv. — Seu tom muda e fica mais suave. Então vem até a minha janela, se inclina e me puxa para si.

Ela não precisa dizer nada que já não tenha sido dito. Beth já esteve em casa várias vezes desde a morte de Jasper. Ela organizou a maior entrega de refeições da história de Belle's Hollow. Tracy e eu ficamos agradecidas, não

me interpretem mal, mas não sei como voltarei a comer frango.

Frango e bolinhos.

Peito de frango recheado.

Caçarola de Frango.

Enroladinho de frango.

Frango ao alho.

Frango com limão.

Frango assado.

Frango Cordon Bleu.

Frango.

Blergh.

Era como se Belle's Hollow se juntasse e dissesse: *Vamos fazer frango para os Stones para todas as refeições.*

Frango. Frango. Frango.

Mais da metade ainda está no freezer e, provavelmente, ficará lá pelos próximos quarenta anos.

Beth bate no capô do Civic e voltamos para a Gulch.

— Não sei por quanto tempo posso aguentar, Liv — Cao fala enquanto remexe na sua mochila. Ela pega o almoço, abre o potinho de arroz, abaixa o vidro e joga tudo pela janela.

— Não acho que isso seja bom para os pássaros.

— É boato. Pesquisei no Google. — Ela empurra o pote vazio de volta para a mochila. — Os pássaros realmente amam arroz e o comem até o período migratório e... — Cao coloca o telefone na frente do meu rosto até que o pássaro azul da tela fique embaçado e quase desapareça — Ed Sheeran curtiu meu tweet!

Cao tem um fascínio por Ed desde os onze anos. No ano passado, fomos a um de seus shows em Sacramento, e acho que ela chorou o tempo todo.

— Quando é o casamento? — pergunto, implorando a mim mesma para voltar ao que era antes. Mas sinto que estou virada no avesso e de cabeça para baixo. Nada parece certo. E tudo parece errado.

— Eu te aviso — ela fala enquanto digita, com os olhos brilhando. — Pronto. Agora está na minha página do Instagram, e eu retweetei e o marquei. — Seus brincos de pandeiro balançam de um lado para o outro.

Cao se inclina e enfia a mão na mochila novamente. Ela pega um conjunto de pauzinhos, retira do papel e os joga pela janela.

Quero dizer a ela que isso é lixo e há uma multa associada a jogá-lo na rua, mas não o faço.

Estamos chegando ao topo da Gulch quando noto uma jaqueta vermelha. E, pela altura da pessoa, posso dizer que é do sexo masculino. A maioria das meninas da nossa idade não é tão alta.

— Sabe o que a minha mãe fez? Ela comprou um pacote gigante desses pauzinhos na Costco, Liv. Um pacote gigante — ela fala, revirando os olhos. — Ela nunca vai conseguir acabar com aquilo tudo. Eu disse que se ela deixasse de ser tão estereotipada em suas tentativas de me fazer abraçar minha cultura, eu nunca mais fumaria outro cigarro.

Desacelero.

Quem caminha pela Gulch?

Olho pelo para-brisa para o maníaco suicida. Não é alguém da região. Talvez seja alguém que deseja morrer?

A Weaverton Gulch é uma assassina conhecida: de acidentes de carro a pedestres que são atropelados e mortos por caminhões de madeira. Todos os

habitantes da região sabem disso. Então reduzi o número para um, e ele não é daqui.

Cao grita e bate palmas.

— Ali está ele! O garoto britânico de quem *A Herdeira* tem falado. Desacelere. Desacelere. — As pontas dos seus dedos roçam no meu braço. — Vamos perguntar se ele precisa de uma carona.

Cabelo vermelho escuro escapa pela parte de trás de seu gorro. Sua mochila está ao lado quando ele se vira em direção ao meu carro.

Diminuo a velocidade e sigo tão devagar que ouço as pedras pulando e se arrastando debaixo dos pneus. Nós o seguimos pela lateral da estrada como duas *stalkers*.

Ele para. Eu paro.

— Ei. Você é o garoto novo, certo? O do Reino Unido? — ela pergunta.

— De Kingston Upon Hull, na verdade. — Suas palavras são lentas. — É como se eu te perguntasse: *você é dos Estados Unidos*? Mas os Estados Unidos é um país enorme. Gigantesco, certo? — Ele faz uma pausa novamente, como se a necessidade de esclarecer os fatos o distraísse da conversa em questão.

Cao lentamente afasta os olhos do telefone e olha para ele.

— Na verdade, o Reino Unido é quase do mesmo tamanho do Oregon e a metade da Califórnia, então comparar os EUA com o Reino Unido é ridículo no que se refere a dimensões. — Cao respira fundo. — Ah, você quer uma carona?

Ele arregala os olhos.

— Nem vou perguntar como você sabe disso.

Suas sardas leves, como estrelas aparecendo ao anoitecer, pontilham o

nariz. E ele pronuncia *perguntar* como se tivesse um R dobrado, o que me provoca um frio na barriga. Me sinto como quando eu tinha catorze anos e assisti *Gatinhas e Gatões*, na parte em que Jake beija Sam enquanto está sentado à mesa de jantar.

Inacreditável.

— Ah, eu sou a Cao e essa é a Livia.

— Daniel — ele fala, se aproximando do carro para apertar nossas mãos. Seus olhos ficam presos nos meus, como se eu tivesse aparecido do nada. — Sabe de uma coisa? Eu realmente agradeço a oferta, mas acho que estou bem. — A chuva diminuiu, mas as nuvens estão escuras. Olho para o céu pelo para-brisa dianteiro. — Como você sabe que não sou um *serial killer* psicopata? — Seus olhos ainda estão me avaliando.

Quase sorrio, por duas razões: um, Jasper e eu costumávamos assistir ao programa *Dateline*, que apresenta crimes violentos o tempo todo. E, muitas vezes, eu dormia no chão do quarto dele, porque os barulhos da nossa casa ficavam tão altos que eu me convencia de que alguém viria nos matar. Esse alguém seria um assassino em série psicopata. Segundo, quero sorrir com o jeito que ele inclina a cabeça para mim, com um olhar preocupado, como se dissesse: *Você não deveria ter parado o carro.*

— Assassinos psicopatas não têm cabelos ruivos. Pesquisas sugerem que a cor dos cabelos variam entre castanho ou preto — Cao responde, claramente entediada com a conversa.

Daniel morde o lábio. Um pequeno sorriso exhibe as covinhas nas bochechas.

— Como sabe disso? — Ele olha de mim para Cao.

— Li em um artigo na *Newsweek*. — Cao olha para o telefone por um

momento.

Ele me encara novamente, e eu finjo não estar olhando para sua bochecha. Seu rosto é comprido e magro. Finjo não olhar para os seus olhos, que parecem duas pedras de topázio azul perfeitamente modeladas. Um presente de Deus para ele.

Daniel bate na janela de Cao.

— Te vejo na escola.

Acelero lentamente e volto à estrada para seguir em direção à Belle's Hollow High.

Cao grita.

— Queria saber se ele conhece o Ed Sheeran. — Ela agarra meu braço.
— Eu deveria perguntar.

Pegamos a estrada para a Twelfth Street e sigo para a escola.

Nossos telefones tocam ao mesmo tempo.

— Atualização do blog *A Herdeira* — Cao fala, olhando para a tela. — Ela tem sido cruel ultimamente.

Blog A Herdeira

Bem, Garotas da Belle's, hoje é o primeiro dia da Livia Stone depois de um longo hiato causado pela perda do irmão e nosso colega de classe, Jasper Stone. É tudo o que vou dizer sobre isso. Espero que alguém possa curar esse coração partido. ;) ;) Sinto meus pulmões se contraírem. A Herdeira sabe sobre mim e Simon? Meu corpo fica úmido de suor.

Certo, agora as fofocas suculentas: Lowery, professor titular de química, está se divorciando por causa do seu incontestável problema com a bebida. Vamos ver como isso se desenrola. Não sei, se eu fosse casada com uma vaca gorda, provavelmente também beberia.

P.S. As perguntas de química para a prova final estão disponíveis em www.k12.hschemistystest.questions. Parece que o sr. Lowery não se incomoda com as perguntas do teste para a final, pois isso interfere no problemas com vacas e com José Cuervo.

Próxima fofoca, e ainda mais suculenta: Mark

Pattison, pegador da classe sênior, e, escuta essa, Leah Moran... SIM! Foram pegos transando no vestiário masculino há duas noites, depois do treino de futebol. Aparentemente, o sr. Pattison ainda estava com as suas ombreiras de futebol, assim disse o zelador da noite. *DISSE O QUÊ?* Eu sei. Também estou passada com isso.

Se precisar de ajuda para estudar para as provas finais de inglês avançado, não se preocupe, porque dizem as más línguas que o garoto ruivo e gostoso do Reino Unido se inscreveu para orientar vocês, seres humanos lamentáveis que não têm nada melhor a fazer com seu tempo do que estudar com um garoto inteligente. Aposto que a lista de inscritos aumentará 100%, e todas serão meninas. Confie em mim, garotas, se vocês o virem, definitivamente vão querer entrar nessa lista. Na verdade, não estou na aula de inglês avançado e me inscrevi para aprender a língua, se é que me entendem. :) Por enquanto, é isso. Feliz primeiro de novembro!

Até mais, garotas. BeLHo

Quatro

Cao e eu nos sentamos na primeira fila, mais perto da porta, para a aula de inglês avançado do sr. Joe.

Nosso professor, Joe Foreman, prefere ser chamado de Joe ou sr. Joe. Não de sr. Foreman.

Absolutamente, sob nenhuma circunstância, vocês devem me chamar de sr. Foreman. Ele era um idiota. Eu não sou. Palavras dele, não minhas.

Ele é novo na Belle's Hollow High e recém chegado em Belle's Hollow. Cao costuma dizer que é carne nova no pedaço. Ou melhor, carne morta, porque a maioria dos professores da Belle's ensina aqui a vida toda. Acho que os mais antigos não estão dispostos a sair. Joe tem uns vinte e quatro anos. Sua abordagem é diferente e única. Alguns professores franziram o nariz quando nos ouviram chamá-lo de um jeito tão informal.

Minha sala de aula, minhas regras, foi sua resposta quando o Blog *A Herdeira* o entrevistou no início do ano. Ele usa frases como *mano, beleza, arrebentou, hashtag e maluco* repetidas vezes. Todas no contexto correto. E ele usa música contemporânea para transmitir sua abordagem ao pensamento crítico. É bem legal.

— Livia. — O sr. Joe se aproxima de mim.

Sorria, Liv.

Sei que meu rosto deve estar estranho. Um pouco sofrido. Com um sorriso forçado e uma sensação estranha no estômago, olho para o ele.

— Sinto muito pela sua perda. Gostaria de conversar com você depois da aula. — Seus óculos com aro de casco de tartaruga, quase metalizado, captam o brilho das luzes do teto.

Abafo um som de reconhecimento.

Os alunos chegam lentamente. Garotos que estudavam comigo e Jasper desde os cinco anos. Muitos foram ao funeral. Caramba, a maioria dos moradores de Belle's Hollow foi. As lojas fecharam para que todos comparecessem.

Mas eu entendo. Alguns não sabem o que dizer. Outros fazem contato visual quando entram e acenam para mim.

Por favor, me ignorem, imploro silenciosamente.

Alguns abaixam a cabeça e passam. Outros se perdem no mundo virtual com seus aparelhos eletrônicos.

Meu irmão gêmeo está morto. Quem quer reconhecer essa realidade?

Eles não me conhecem como Livia Stone. Éramos conhecidos como Livia e Jasper Stone, gêmeos. Agora sou a nova Liv, aquela que dorme com um garoto que tem namorada e esconde isso da melhor amiga.

O nó que persiste em viver em meu estômago há um mês, aumenta. Aquele nó que eu não posso desfazer. Nenhum remédio é suficiente para fazê-lo desaparecer.

Ele dói quando vejo uma foto de Jasper ou quando passo pelo seu quarto de manhã, esperando que ele diga: *Knuckles* — outro apelido encantador que meu irmão me deu, em referência ao bichinho vermelho de Sonic — vá para o banho.

Acho que quando percebo que ele não vai voltar, o nó cresce e se retorce, irritando meu estômago e meu coração.

Benny Jacobs, Landry Pendleton e Alicia Abbott passam pela minha fila e tocam meu ombro. Alicia murmura algo baixinho. Tenho certeza de que são palavras de condolências. Palavras que já ouvi antes. Algo padronizado

que se diz quando alguém morre.

Por que as pessoas fazem isso? Por que sentem a necessidade de dizer algo para tranquilizar o coração delas como se fosse um dever?

Livia Stone, irmão morto. Te desejo tudo de bom. Pronto.

E então Miranda Stein entra na sala. Não, não. Ela entra na sala com arrogância, como se estivesse esperando a música do Presidente, *Hail to the Chief*, tocar no alto-falante. Seu nariz está ligeiramente levantado, embora ainda esteja enterrado no telefone. Realmente, acho que é preciso uma habilidade especial para fazer isso. Sem afastar os olhos do celular, ela observa tudo o que acontece ao seu redor.

Cao e eu concordamos que quando Deus criou Miranda Stein, ele disse: *Aqui, faça algo com isso.*

Ela é uma garota má.

É o diabo em um agasalho rosa.

— Miranda, guarde o telefone ou ele ficará comigo — Joe fala, suas calças de veludo marrom claro encostando na mesa conforme ele se inclina.

Ela se vira para o lado direito com uma expressão perplexa.

— Sr. Foreman, quero dizer, sr. Joe, estava terminando de mandar uma mensagem para minha mãe...

A expressão do professor é tranquila. Ele sabe o que ela está fazendo quando se aproxima da mesa e se senta.

— Cemitério. — Ele faz um gesto com a cabeça, sinalizando a caixa perto da porta da sala.

O cemitério é para onde os nossos celulares vão quando abusamos do privilégio de usá-los entre as quatro paredes minúsculas conhecidas como nossa sala de aula. O lugar onde eles morrem durante cinquenta minutos,

uma vez que não conseguimos deixar de deslizar nossos dedos pela tela. Seguidora de regras que sou, nunca precisei colocar o telefone no cemitério, mas, como venho mudando meu jeito de ser — dormindo com o namorado de outra garota, por exemplo —, imagino que minha hora chegará em breve.

Miranda faz um O com seus lábios perfeitos, com batom cor-de-rosa combinando com a blusa e a sombra. Seu rosto fica vermelho e ela faz uma careta diabólica. Ninguém, com exceção do sr. Joe, jamais conseguiu esse feito.

Todo mundo sabe que Stein, o pai de Miranda, é o maior produtor de maconha do condado de Humboldt. Ele construiu nosso ginásio e reformou o campo de futebol, que agora tem assentos e cobertura contra a chuva. Mas Miranda jure de pés juntos que ele trabalha com construção. Esse é o código dos moradores da região para quem produz.

Absolutamente ninguém enfrenta Miranda, porque não querem lidar com seus problemas ou sentir sua ira. Incluindo eu.

Mas admito, ela apareceu quando Jasper morreu. Não foi por bondade, porque isso exigiria que ela tivesse um coração. E ela não tem. Ela apareceu em uma limusine preta — isso não era coisa dos anos 1990? — e Tracy achou que poderia ser o presidente. De novo.

Minha mãe pode ter pensado isso, porque o Presidente dos Estados Unidos apareceu em nossa casa sem aviso prévio. Os federais haviam combinado que ele se encontraria com os familiares das pessoas que foram afetadas pelo que aconteceu em um local não revelado, em algum lugar de Los Angeles. Dessa forma, Tracy e eu ficamos em casa.

O Presidente não aceita muito bem recusas. Então, eis que ele apareceu

à nossa porta com o que parecia uma brigada policial inteira. Segundo Ester Williams, automeada guru de notícias/fofocas, o Serviço Secreto fechou metade de Belle's Hollow. Realmente não era necessário. Não me refiro ao fechamento da cidade, mas a ele aparecer. Antes que ele entrasse em nossa casa, o Serviço Secreto analisou tudo de ponta a ponta enquanto Tracy e eu ficávamos ali, olhando toda a ação com as mãos para o alto. Nunca vou entender por que fizemos isso. Acho que você se sente um pouco intimidado quando vê homens e mulheres de terno preto entrando em sua casa. Jasper teria gostado. Teria perguntado a eles sobre o trabalho que fazem, informações classificadas, o que eles achavam a respeito da WikiLeaks, a base aérea da Área 51, e o sítio arqueológico Stonehenge da América.

E se uma visita surpresa do Presidente não fosse ruim o suficiente, Miranda apareceu em sua limusine brega, sem avisar e trazendo frango.

A revolução das galinhas. Viva o frango! Ocupando casas em todo o mundo. Por favor, Deus, chega de frango.

Tracy agradeceu e a liberou. E, como todo mundo, isso foi considerado gentil, mas para ela, não era bom o suficiente. Miranda Stein sempre tem segundas intenções.

P.S.: Miranda é a CEO do Clube das Virgens. Nós, estudantes, o chamamos assim. Para professores e funcionários, é conhecido como Clube das Escolhas Saudáveis. Mas todo mundo sabe que é uma piada. Aposto que a essa altura, eles já queimaram minha inscrição. Não que eu queira participar, porque não quero. Embora os modos puritanos e adequados de Miranda, — atitudes, inteligência e palavras — sugiram uma coisa, seu traje sugere outra completamente diferente. Com saias curtas e shorts

minúsculos que entram no bumbum durante o treino, sua provocação é muito passiva-agressiva, chegando a ser diabólica. Ela está a um passo de cair do seu trono de líder com os rumores que começaram a circular através do Blog A Herdeira sobre ela e o namorado, Anthony, um garoto que frequenta a Eureka High School.

O telefone da sala de aula toca, me trazendo de volta à realidade. O sr. Joe atende quando Miranda se senta, fuzilando-o com o olhar.

— Livia? — O tom do sr. Joe é mais alto que o normal. — Você ouviu o que eu disse?

Perdida em pensamentos sobre Miranda Stein, tento registrar o que o sr. Joe disse. Balanço a cabeça, porque não tenho certeza do que ele acabou de dizer.

A dor causa perda auditiva?

A voz de Poppy soa alta.

Sua atenção é o problema, não a audição, Livia.

Não consigo vê-la e odeio quando ela faz isso de projetar a voz sem aparecer.

— A sra. Brimm quer vê-la em seu escritório. Pegue um passe para sair. Volte para a aula quando terminar.

Com relutância, me afasto do conforto da minha mesa e olho para Cao. Ela está gesticulando para que eu me aproxime e então sussurra no meu ouvido: — É protocolo de rotina para conselheiros. Por causa do seu irmão. Converse com ela. É só uma verificação. Não se estresse.

Tento organizar minha resposta padrão para a sra. Brimm. Meu estômago revira ao imaginar que ela vai me olhar como *os que não vi* me olham. Separo as pessoas em dois grupos: *Os que não vi*, são aqueles que

não vejo desde a morte de Jasper.

Os que vi, são os que tenho visto.

A sra. Brimm vai me dizer que sente muito pela minha perda. Vai me fazer uma variedade de perguntas, provavelmente, sobre automutilação e sofrimento. Ela fará isso para proteger seu trabalho, não a mim. Talvez eu conte a ela sobre as pílulas na mesa de cabeceira. Mas talvez não. Provavelmente não, porque, em questão de segundos, não estou mais seguindo para sua sala, mas sim para o armário do zelador.

Vou esperar aqui até o sinal tocar, digo a mim mesma.

Vou explicar ao sr. Joe que demorei muito na sala da sra. Brimm. Depois, direi a ele que não tenho tempo para conversar, porque estou muito perturbada com a conversa que tive com ela. Conhecendo-o, ele vai marcar um horário para nos falarmos depois, porque ele se preocupa com os alunos. A sra. Brimm está na Belle's Hollow High para receber seu salário.

Viro à esquerda no prédio B. Abro a porta do armário e a fecho atrás de mim. Procuro por uma luz. Teria sido inteligente pegar meu telefone da mochila antes de sair. Mas não havia como eu conseguir superar nosso professor *Olhos de Falcão*.

Tateio em volta de mim e encontro um balde. Com cuidado, o viro de cabeça para baixo. Me sento, apoio as costas em uma prateleira e respiro fundo quando as lágrimas começam a surgir nos meus olhos. Meu peito fica pesado e tudo o que quero fazer é chorar. Esse tipo de desastre vai e vem com frequência.

A dra. Elizabeth diz que preciso respirar. Sabe o que eu gostaria de dizer a ela?

Sexo. Isso ajuda. Muito sexo. Ajuda muito com as lágrimas. Você

deveria tentar, dra. Elizabeth. Você é rígida como uma tábua.

Quero mandar uma mensagem para Simon. Quero que ele venha para cá agora.

Porcaria de telefone.

Mas antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa, a porta se abre e se fecha rapidamente.

Merda.

Por favor, Deus, não deixe que seja o sr. Lee.

Ele é o zelador de sessenta e oito anos que está na Belle's Hollow High desde que Tracy e meu pai eram calouros aqui.

E eu gostaria de acreditar que não seria responsável por matá-lo de susto por me encontrar em seu armário. Mas provavelmente eu seria responsabilizada por assassinato.

Manchete: Gêmea de luto assassina zelador com tática de susto.

A figura alta e sombria bate na porta com o máximo de força possível. Não. Não é o sr. Lee. Ele não dá tantos socos.

Suponho que a pessoa seja do sexo masculino, porque não acho que uma mulher possa bater com tanta força, a menos que seja Ronda Rousey.

Cinco

— **Merda!** — ele sussurra. E isso confirma minhas suspeitas de que é um homem. Ele pronuncia a palavra como se houvesse dois R e não um. Em seguida, bate na porta.

É o Daniel, também conhecido como o andarilho solitário da Gulch.

Parte de mim reza para que ele saia depois que sua explosão terminar. A outra parte está insegura e curiosa.

— Digo o mesmo — sussurro do meu balde, que está se tornando um incômodo.

— Puta merda! — Daniel gira e olha na minha direção. — Quem está aí?

Prenda a respiração.

Não diga nada.

Preciso falar. Quase o matei de susto, respondo a mim mesma. Mas parte de mim, a parte desconectada, não se importa.

— Este armário já era meu — sussurro.

Agora posso ver sua forma. Ele relaxa os ombros e a respiração se torna ritmada, como se o fato de eu ser uma garota mudasse tudo.

— Sinto muito, mas não é. Peguei para mim há muito tempo. — Ele passa a mão pelos cabelos. — Além disso, faz um tempo que você não aparece para fazer valer seus direitos, então eu assumi.

Nunca entrei no armário do zelador até hoje de manhã, mas estou tentando provar minha teoria.

— É um direito adquirido. Estou na Belle's Hollow desde o primeiro ano. Tenho direitos ancestrais. Isso substitui o seu *faz um tempo*.

— O quê? Você cria as regras como acha melhor?

Posso vê-lo encostado nas prateleiras, ainda tentando relaxar.

— Eu não crio regras, Daniel. Está escrito na constituição da Belle's Hollow High como uma lei. — Dou de ombros. — Pode conferir. Está em um pergaminho escondido na caixa de troféus da escola. — É claro que estou mentindo. E não consigo explicar por que essas coisas estão saindo da minha boca.

— Você é uma mentirosa, Livia.

Como ele sabe que sou eu? Ele está conseguindo me ver?

Fico em silêncio, pois não tenho ideia do que dizer a seguir. Ele notou meu blefe.

— Vamos fazer uma trégua?

Ele puxa a corda que acende a luz e o armário minúsculo se ilumina. O garoto é ainda mais alto do que me lembro. Seu cabelo é de um tom vermelho mais escuro sem o gorro. Seu peito é largo, como se ele se exercitasse para se manter em forma. Mas pode ser músculos ou uma rara deformidade no peito. Já vi pessoas assim no Discovery Channel. Ele ainda está usando a mesma jaqueta vermelha, embora agora esteja aberta.

— Livia Stone — Daniel diz em um tom acusatório. — Como você não sabe onde fica a luz, já vi que está blefando e que não existe nenhum direito adquirido. Vou te deixar usá-lo até semana que vem. Mas como hoje é seu primeiro dia de aula, vou dividi-lo com você. — Suas próximas palavras são calmas, calculadas e bem pensadas. — Não vou dizer as mesmas coisas que todo mundo diz. — Sua voz sai abafada. — Mas, de coração, sinto pelo que aconteceu com seu irmão.

Seu sotaque faz com que a palavra irmão seja dita de uma forma mais

leve.

Isso me tira momentaneamente do estado de sofrimento, e eu gosto do jeito que me faz sentir. É como se por apenas um milissegundo, eu pudesse tomar uma sopa, ler um livro e fingir que a minha vida não foi virada de cabeça para baixo, como se Jasper nunca tivesse morrido ou existido. O alívio me atinge, mas a sensação logo se desfaz e a dor retorna.

— Jasper. O nome dele é Jasper — digo. Falar *é* em vez de *era* reforça que ainda sou sua irmã gêmea. Mas ele ainda está morto.

E nada mudou. Ao mesmo tempo, tudo mudou. Ele se recosta na parede, esperando pacientemente que eu continue a falar. O momento de silêncio parece se arrastar.

— Como ele era? O Jasper, quero dizer.

O sinal toca, mas nenhum de nós se mexe. Daniel apaga a luz.

Ninguém me perguntou isso antes. Talvez seja porque todos conheciam o Jasper, ou porque não quisessem perguntar algo que exigiria uma resposta que, talvez, nenhum deles quisesse ouvir.

Jasper ainda não se tornou uma memória. Suas mãos, seu coração... sua risada... Ainda posso ouvi-lo e isso faz meus olhos arderem.

Mas dou a Daniel a resposta mais honesta que tenho.

— Metade de mim. E só as partes boas.

Penso nas coisas desagradáveis que fiz no último mês. As decisões que tomei, não como Livia e Jasper Stone, a dupla que costumávamos ser. A futura aluna da Ivy League, cuja paixão por realizações e correr atrás de sonhos se perdeu entre primeiro de outubro e agora.

— Perdi minha dignidade em Hawthorne Hill.

Cale a boca, Liv.

Minha boca me trai conforme continuo.

— Perdi minha autoestima em algum lugar entre Belle's Hollow e Los Angeles. E acho que perdi meu orgulho de propósito. — Começo a morder o polegar.

Jasper sempre batia na minha mão. Ele odiaria o fato de eu ter roído as unhas. Eu também, mas não posso evitar.

Acendo a luz para ver o rosto de Daniel.

— Por que você está aqui em Belle's Hollow?

O sinal toca mais uma vez, o que significa que aqueles que estão atrasados ficarão na detenção.

— Você vai precisar sair primeiro para que os rumores não comecem. Não sobre nós, mas sobre quem é o dono deste armário. — Ele sorri. Vejo a cicatriz sob seu olho direito enquanto ele abre a porta para mim, deixando mais luz entrar. — Seria idiota se deixássemos que isso se transforme em uma guerra pela custódia dele.

— Você não respondeu à minha pergunta. — Continuo sentada e me recrimino até a morte com as coisas que acabei de dizer a ele.

— Essa é uma conversa para outra hora. — Seus lábios estão pressionados em uma fina linha vermelha.

Me levanto e saio para a luz do corredor. Olho para ele.

— Vou te mandar um aviso de despejo.

— E eu te vejo na detenção. — Ele deixa a porta se fechar lentamente.

No que eu estava pensando?

Me chuto mentalmente no caminho de volta até a sala do sr. Joe para pegar minhas coisas.

Perdi minha dignidade em Hawthorne Hill.

Jesus. Tenho certeza de que ele mal podia esperar para tirar essa idiota, eu, no caso, daquele armário.

Olho para dentro, mas a não ser pelo sr. Joe, a sala está vazia.

— Você está atrasada. — Ele não olha para cima. Continua a trabalhar no seu computador.

Suspiro e passo pela porta.

— Me desculpe. A sra. Brimm me segurou — minto.

Ele para de digitar.

— Não, não segurou. Você não foi até lá, Liv.

Por que não consigo parar de mentir?

Me sento, porque aprendi que o sr. Joe gosta de conversar. E isso vai ser demorado.

Ele tira os óculos e dá a volta na mesa para se sentar na minha frente.

— Livia, você é uma escritora incrível. É esperta. — Ele aperta a ponte do nariz e fecha os olhos. — Recebi uma resposta do dr. Livingston, da Harvey College. Ele está realmente impressionado com a amostra da sua escrita que enviamos. Ele gostaria de ver mais.

Enviámos uma amostra da minha escrita durante o verão, algo de que me esqueci totalmente.

— Acredito em você. Mas o que mais me importa é o seu bem-estar. A pessoa que você é versus a aluna com todo esse potencial. — Ele não está usando gírias, então sei que está falando sério. Não que ele nunca aja com seriedade, mas às vezes, ele tende a *não* ser sério. Agora não é um desses momentos.

— Olha, eu contei a ele o que aconteceu com seu irmão. E, claro, ele já sabia. — O sr. Joe faz uma pausa. — Liv, há muita coisa que você precisa

fazer neste curso. — Ele tamborila os dedos na mesa. — Estou pensando...

— O quê? Você quer desistir de mim? Acha que não posso lidar com a pressão de entrar na faculdade e tudo mais porque meu irmão morreu?

O sr. Joe está surpreso. Caramba, até eu estou surpresa.

— Não. Muito pelo contrário. Você precisa de um tutor para passar nesta matéria, e vou reservar um tempo para trabalhar em seus ensaios para a Harvey. E talvez possamos fazer um ensaio extra se o dr. Livingston estiver disposto a nos dar um feedback. — Ele cruza os braços. — É muito trabalho. Mas não tenho dúvidas de que você enfrentará os desafios à sua frente. Só quero deixar as coisas claras, Liv. Você se dedica cem por cento e eu me dedicarei cem por cento. E nada de mentiras. Ou o trato está desfeito. — Ele estende a mão. — Justo?

— Sim, justo. — Eu a aperto.

O sr. Joe dá a volta na mesa e passa o dedo pela pilha de papéis.

— Preciso de um artigo para amanhã. E então vou enviá-lo ao dr. Livingston. Também vou considerá-lo para a disciplina. Você pode fazer isso?

— Sim.

— Aqui. — Ele me entrega um pedaço de papel. — Vá para a aula. — É uma licença para chegar atrasada ao segundo tempo.

— Obrigada — consigo dizer e pego minha mochila.

— Disponha. E, Livia?

Eu paro e me viro.

— Eu sei o que você está passando. Sei como é o sentimento de perda.

Concordo. Todos nós sabemos sobre a tristeza do sr. Joe.

Ele me olha.

— *A tragédia da vida não é a morte, mas o que deixamos morrer dentro de nós enquanto vivemos.*

— Norman Primos — eu digo, inclinando a cabeça.

— Beleza — ele diz enquanto um sorriso se forma nos cantos da sua boca. Mas desaparece rapidamente quando ele olha de volta para a papelada, um bode expiatório para a tristeza que vejo em seus olhos. Ele morde o lábio inferior de maneira descuidada.

Como se a citação tivesse sido escrita para mim e para o sr. Joe. Como se o tom do meu professor fosse a verdade absoluta da intenção de Cousins. Porque, quando o sr. Joe disse aquilo, senti cada palavra.

— Agora vá. Você já está atrasada. — Ele me dispensa.

Seis

Não vejo Daniel pelo resto do dia e me sinto grata. Sei que inevitavelmente vou ter que enfrentá-lo. É provável que ele pergunte o que eu quis dizer, mas espero que não.

O quinto período de aula acabou e estou esperando Cao no banheiro de deficientes do prédio B.

Recebo uma mensagem de Simon.

***Hawthorne Hill depois
da escola?***

Meu corpo se enche de angústia e necessidade. Cada centímetro da minha pele se arrepia, como se formigas me mantivessem refém. Minha tristeza não é só igual à de Simon, mas também é compreendida de várias formas que os outros não entendem. E, de uma maneira estranha e doentia, isso diminui muito a sensação de perda. Faz o coração doer menos.

sim.

— Na-na-na-na, não consigo te ver — Cao fala.

— Sério, isso é coisa de segunda série. Estou no banheiro de deficientes como você me pediu. — Reviro os olhos.

Cao ri e abre a porta da cabine.

— Preciso te dizer uma coisa — falo. De repente, sinto que preciso ser sincera com ela sobre Simon.

— Sim, eu sei. É óbvio. — Ela tenta colocar o telefone no bolso, mas ele toca antes. Ela olha a mensagem. — Droga, mãe. Chega de coisas chinesas.

Passo os dedos pelos cabelos e a bile se acumula na minha garganta,

pronta para sair.

— Estou dormindo com o Simon.

Cao afasta os olhos do telefone lentamente.

— Espere. O quê?

Mordo o interior do lábio. Olho ao redor e volto para ela. Cao parece ter me ouvido dizer que estou grávida. Eu poderia estar.

Em todos os nossos anos de amizade, nunca a vi sem palavras.

— Por favor, diga alguma coisa, Cao. Por favor.

Ela ouve o desespero na minha voz, a necessidade de me sentir bem, a necessidade de normalidade que me foi roubada há um mês.

Bem, não podia ficar ruim.

Cao tem talento para usar frases clichê e mudar as palavras, seja de propósito ou não, não tenho certeza.

— Não podia ficar pior — corrijo, ainda em choque por perceber que finalmente contei a alguém que não seja ruivo, de olhos azuis e que veio do Reino Unido – ou de Hull.

Poppy aparece de repente: *Omitir não é diferente de mentir.*

Poppy, sério?

— Liv, você precisa parar com isso. Ele tem namorada. Uma amiga sua.

Amizade pode ser uma palavra forte para descrever minha relação com a Whitney, tento justificar.

Então Poppy diz: *Justificar seu comportamento é para tolos!*

Poppy, você poderia ficar quieta por um minuto? Não consigo pensar.

Cao pega minha mão.

— Olha, tenho lido muito sobre luto ultimamente e você está tentando preencher uma necessidade. Um vazio. Sei que Simon era extremamente

próximo de Jasper. Mas isso não vai trazê-lo de volta. — Ela esfrega a pele entre o meu polegar e o indicador.

Eu sei.

E ainda continuo mentindo. Eu sei.

E continuo tomando decisões erradas. Eu sei.

E pareço afastar as ideias certas. As boas. As sólidas. E trago as ideias erradas e as decisões ruins para a minha cabeça.

— Eu sei — digo só para me reafirmar e me justificar.

Mas será que sei? Mesmo? Ou isso é só um vício que as pessoas que estão de luto usam para proteger a verdade em que querem acreditar?

—Vamos ao Bob's comer batatas fritas com queijo e tomar uma Cherry Coke grande com gelo.

— Certo — digo enquanto ela pega minha mão.

O Bob's Footlongs é a capital mundial do cachorro-quente, hambúrguer e batatas fritas com queijo, de acordo com todo mundo que pisa ali.

Fica na frente da escola, e trabalho lá desde o ano passado. O lugar existe desde os anos de 1950. O visual, as listras cor de laranja e brancas e o logotipo, formado por um cachorro em um pão, são apenas algumas das raridades que tornam o Bob's... bem, o Bob's. Os pedidos são anotados com papel e caneta. Só aceita dinheiro e cheques. E as caixas registradoras são consideradas antiguidades. Quando os clientes entram, se sentem como se estivessem voltando no tempo. Há recordações da Belle's Hollow High que remontam aos anos de 1950, com fotos de anuários, troféus de futebol e até um prêmio de Melhor Restaurante do Condado de Humboldt, em 2006. De fotos de pesca a fotos da família de Linda, fotos da família do proprietário,

passado e presente, é uma atração em Belle's Hollow. É onde você pode encontrar cachorros quentes, nacho dogs e burritos congelados. E eles fazem as melhores batidas do condado.

A campainha à moda antiga que fica na porta da frente para indicar um novo cliente toca quando Cao e eu entramos.

Os que não vi, digo a mim mesma. Nem todos, mas alguns. O pânico se instala no meu peito.

Linda se vira na estação de batata frita e me dá um sorriso enorme. Ela não vem me abraçar, porque não é do tipo maternal. Ela e Al, seu marido, compareceram ao funeral. A mulher me abraçou naquele momento, com as lágrimas escorrendo dos olhos. Aquilo foi o suficiente.

Olho para o lugar de Jasper, aquele no canto de trás, perto da janela e ao lado do grande husky de pelúcia que está no teto. Há uma pequena placa ali. Embora eu não possa ler o que está escrito, sei que é nova e vejo a foto dele.

Putá merda.

Linda me dá uma piscadela quando Whitney se aproxima de nós atrás do balcão.

Putá merda de novo.

Sinto a mão de Cao apertar a minha.

Não corra.

— Oi, Liv, Cao — ela fala do jeito que a maioria *dos que vi* costuma fazer. É uma tentativa de agir de forma alegre. — O que posso trazer para vocês? — Ela vira uma página do seu bloco de notas.

O rabo de cavalo loiro comprido descansa sobre o ombro enquanto seus olhos azuis inocentes me encaram. Quero dizer a ela que sinto muito e que

não consigo me controlar.

— Quando você começou a trabalhar aqui, Whit? — Cao solta a minha mão, sabendo que não tenho para onde correr agora.

— A Linda precisava de ajuda com o afastamento da Liv. — Ela parece constrangida, como se tivesse roubado meu emprego ou algo assim.

— Bem, isso é fantástico — falo em voz alta e desajeitada. Como se estivesse totalmente à vontade com a situação, quando não estou. Como se eu tivesse algo a esconder. E isso realmente me faz parecer uma idiota.

Há um silêncio muito incômodo entre nós, e sei que devo falar mais alguma coisa, porque meu comentário *fantástico* foi o que criou a estranheza.

Whitney fecha a boca e a abre em seguida para perguntar: — Batatas fritas com queijo?

Cao pega uma nota de dez dólares.

— E uma Coca-Cola grande, por favor.

Whitney nos entrega a Coca-Cola e vamos nos sentar enquanto esperamos o nosso pedido.

Cao me olha intensamente.

— O que foi?

Ela dá de ombros e coloca a boca no canudo, piscando os longos cílios pretos. Seus olhos quase desaparecem.

— Lembra de quando tínhamos doze anos e encontramos um cigarro pela metade em frente ao cinema?

Onde ela quer chegar com isso?

Levo a Coca-Cola aos lábios e tomo um gole enquanto Cao pega o papel e envolve seu dedo.

— Compramos fósforos na Hollow's Grocery e depois fomos ao Rohner Park, atrás da pista de patinação e das árvores para fumar.

Tomo outro gole de Coca-Cola e não preciso responder à sua pergunta.

— Você me disse para não fazer aquilo. Que era uma péssima ideia. Pontuou os fatos sobre o tabagismo entre adolescentes, as taxas de câncer e o que os cigarros fazem em nosso interior. Mas fumei mesmo assim. Fumei tudo sozinha. — Cao está olhando para o invólucro agora. — Você sempre foi a pessoa que tomava as decisões certas, Liv. E agora que trocamos os papéis, não sei como te ajudar. — Ela faz uma pausa. — Como te ajudo para que você volte ao normal?

Cao nunca foi de chorar. Dramática, sim. Mas chorona? Nunca. Até agora.

Reviro os olhos. Estou frustrada comigo mesma por ter feito isso com ela. Causei essas lágrimas e não sei como fazer para consertar. E nem como ela pode ajudar.

— Você poderia parar de chorar. Isso ajudaria.

— Não estou chorando. Meus olhos estão vazando. É um problema que tenho.

Tento não rir.

— Ah, é? Que problema é esse? E desde quando? — Minha voz está mais suave desta vez.

— Existe um nome para isso. Só não me lembro. — Cao leva um guardanapo ao nariz e assoa. — E se você engravidar? — Ela me encara do outro lado da mesa.

Meu rosto fica quente e minhas mãos, suadas.

Preservativos, penso.

E então me lembro das estatísticas sobre preservativos. Em 2010, quarenta e dois por cento das gestações indesejadas na Califórnia resultaram em nascimentos e quarenta e cinco por cento, em abortos. O restante foi de aborto espontâneo. A taxa de gravidez na adolescência na Califórnia era de cinquenta e quatro por mil mulheres, com idades entre quinze e dezenove anos em 2011. A taxa nacional era de cinquenta e dois por mil. Tudo isso de acordo com o Instituto Guttmacher. Pesquisei no Google logo depois que Simon e eu começamos a transar.

Whitney se aproxima da mesa com nosso pedido. Meu estômago parece se partir em mil pedaços que se espalham pela cadeira onde estou sentada. Se a culpa não me comer viva, minha consciência o fará. Me pergunto se Simon gosta do perfume floral que ela usa. Não uso perfume, a menos que você considere a camisa do AC/DC de Jasper, e esse provavelmente não é um cheiro bom.

Whitney se vira para sair. Mas para.

Se vira novamente e suspira — Liv, posso falar com você em particular, por favor?

Me levanto e a sigo em direção à máquina de pinball.

Sete

Meu estômago está em nós e me preparo para o soco que ela pode me dar. Penso na luta final entre Apollo Creed e Rocky, o favorito de Jasper.

Rocky, o filme.

Nunca perguntei a Simon se ele e Whit já transaram. Não era uma pergunta pertinente na época. E agora parece ser a única coisa que preciso saber.

Por favor, Deus, não me deixe perguntar isso.

Olho na direção da Cao, que parece estar morta.

Olho para Whitney.

— O que foi, Whit?

Por favor, não deixe que as coisas acabem mal.

— Sei que você está passando por um momento muito difícil agora. — Ela remexe os dedos de um jeito desconfortável.

Por favor, não seja legal comigo.

Ela olha para o anel em forma de coração. Provavelmente algo que Simon lhe deu.

Meu Deus.

Lá. Vem.

Prendo a respiração.

— É difícil pensar em outra coisa. Sei que o Simon também está enfrentando dificuldades. — Ela me olha como uma águia, absorvendo todos os meus movimentos. Cerro os olhos.

Eu a imagino sentada do outro lado da mesa em um quarto escuro. Uma lâmpada brilhante no meu rosto e seu questionamento incessante é bem pior

na minha situação hipotética.

Por que você dormiu com meu namorado?

Você é vadia?

Ele usou camisinha?

Está tomando anticoncepcional?

O que é que você está fazendo?

— Liv?

Olho para Whitney. Meu coração está batendo forte.

— Me desculpe. O quê?

— Eu disse que gostaria de falar sobre o Simon. — Suas palavras são claras. Seu tom é de justificativa.

Banco a burra.

— Sobre o quê? — Ouço o sangue bombear através dos meus ouvidos.

— É o aniversário dele. E eu estava pensando... olha, sei que essa é a última coisa na sua cabeça. Mas eu queria saber se você tem alguma foto do Simon e do Jasper juntos que pudesse me emprestar para a festa. Prometo que a devolverei em perfeitas condições.

Espere. O quê?

— O quê?

— Vou fazer uma festa surpresa para o Simon.

Peguei seu namorado emprestado e você quer que eu te empreste fotos.

— Sim, claro. Vou procurar. — Me viro de repente e ando em direção a Cao, cujo pânico diminuiu com o meu retorno. Tento o meu melhor para não fazer xixi nas calças. Olhar para Whitney estava me matando e eu não aguentava mais.

— Acho que quase fiz xixi nas calças — Cao comenta enquanto me

sento.

— Eu também!

Olho para Whitney, que está voltando para o balcão.

— Ela me pediu fotos do Jasper e do Simon.

Cao coloca os dedos nas têmporas, encarando a mesa.

— Achei que ia ter que bancar o Jackie Chan ou algo assim.

— Cao...

Ela continua divagando sobre uma consciência morta, os superpoderes de Chan e outras besteiras.

— Cao — falo mais alto.

Ela ainda divaga.

— Cao! — eu sussurro. — Ela me pediu fotos para uma festa surpresa para o Simon.

— Festa para o Simon? — Ela para.

Ficamos em silêncio enquanto nos encostamos no banco da nossa cabine, sem disposição para comer.

— Uau, isso vai ser muito estranho — ela comenta.

— Eu sei.

Deixo Cao em casa sem nenhum sinal de Daniel pelo caminho.

— Essa coisa com o Simon só vai te trazer problemas, Liv — ela fala antes de fechar a porta do carro. — As taxas de gravidez na adolescência são mais altas do que nunca. Além disso, tem o fator namorada. E as doenças sexualmente transmissíveis, ah, meu Deus. — Ela balança a cabeça.

— Tchau, Cao.

Antes de me afastar da calçada, meu telefone toca. É uma mensagem de Simon.

***Encontrei o velho
Morris. Ele não sabia sobre
o Jas. contei a ele.***

Jogo o telefone no banco do passageiro e vou para casa me arrumar para o trabalho. Meu turno agora é de cinco às nove da noite.

Meu telefone toca novamente.

Hawthorne, certo?

Merda. Esqueci que concordei em encontrá-lo depois da escola hoje. Na verdade, tudo o que quero fazer é me enroscar na camisa do AC/DC do Jasper — minha camisa agora — e ouvir sua playlist de rock clássico.

Pego o telefone.

Podemos cancelar?

Tarde demais.

O quê?

Entro na garagem de casa. O prédio vitoriano restaurado fica na Tenth Street, bem no alto da cidade, com vista para Belle's Hollow. Todo mundo sabe que a única palmeira de Belle's está localizada à direita da nossa casa. Imagino que meus pais conheçam quem a plantou quando compraram o local, antes de Jas e eu nascermos.

Por que plantar uma palmeira no norte da Califórnia, onde chove oitenta por cento do tempo?

Jasper amava ficar embaixo da palmeira às dez da noite. Em ponto.

Ele refletia.

Pensava.

Ouvia música.

Vejo que Simon está sentado no mesmo lugar e meu estômago se aperta. Por um segundo, acho que é meu irmão. Que ele está vivo, e isso tudo foi só um sonho terrível e doentio, não uma reviravolta no destino.

Tarde demais, Simon disse.

Faz sentido agora.

Fecho a porta do carro em silêncio e jogo a bolsa por cima do ombro. Quando me aproximo, ele não se mexe. Seus óculos escuros protegem os olhos do dia nublado que nunca permite que o sol apareça.

Suas mãos estão cruzadas na frente do corpo, e ele está olhando para Belle's.

— Oi — digo enquanto me aproximo e me sento ao seu lado. Ele não diz nada.

Com as costas apoiadas na palmeira, suspiramos juntos, como se o mundo esperasse isso de nós.

As palmeiras são um símbolo de vitória e paz. Dizem que um grande tronco de carvalho pode suportar muito peso dos galhos, mas tem flexibilidade limitada. O tronco da palmeira tem muitas raízes pequenas e superficiais, o que proporciona estabilidade, tem muito mais flexibilidade e pode envergar entre quarenta a cinquenta graus sem estalar.

A palmeira pode se mover, flexionar e aguentar o que for. E sobrevive.

Simon morde o lábio inferior e respira fundo como se estivesse se segurando para não fazer ou dizer algo agora.

— Eu... *hum* — Ele tosse. Posso sentir as lágrimas que ficam presas em sua garganta, o toque de tristeza. — Antes do Jasper ir, disse que era melhor

que ele voltasse, porque me devia vinte dólares. — Sua voz é atrevida, rouca e entrecortada por seus próprios sentimentos.

Ele engole em seco e posso ouvir o gemido familiar, aquele que sinto o tempo todo. Conheço tão bem que consigo senti-lo na minha própria garganta.

— Eu não... eu não... essa foi a última coisa que eu disse a ele. Que ele me devia dinheiro. — Ele tenta esconder um soluço, cobrindo a boca com o punho cerrado.

Apoio a cabeça na árvore e não digo o que está na minha cabeça.

Ele tira os óculos e seus olhos estão muito vermelhos. Como se estivesse chorando por horas.

— Vou para a cama, para a *minha* cama, todas as noites. Mas sempre acordo na dele. — Tento acalmar meu coração. — Acho que só preciso de algo em que me agarrar.

Ele puxa minha cabeça para seu peito e sinto o cheiro da sua camisa. Seu desodorante é o mesmo de Jasper e, imediatamente, tudo o que quero fazer é ouvir a batida do seu coração. Então chego mais perto, agarro a sua camisa e tento não permitir que meu choro seja muito alto.

Sinto as mãos de Simon me apertarem. Fecho os olhos e finjo que é o Jasper.

Quando éramos crianças e nossos pais brigavam, eu ficava assustada. Jasper entrava de mansinho no meu quarto e fazia sinal para que eu o seguisse. Nós subíamos em sua cama e ele colocava minha cabeça em seu peito e cobria meus ouvidos até que os gritos parassem. E eu ouvia o batimento do seu coração. Toda vez que a vida ficava muito difícil, eu ia para lá.

Me afasto e olho para Simon. Lágrimas escorrem por seu rosto.

Então eu o beijo, pois quero que ele esqueça sua tristeza, como se fosse um ato nobre, como se eu estivesse salvando sua vida. Mas a verdade é que também quero esquecer a minha.

As mãos de Simon sempre ficaram onde deveriam. Fui eu quem o pressionou. Talvez seja meu grau de tristeza. Quero tanto escapar da minha realidade que me arrasto ainda mais para o abismo sombrio que não tem fim.

Mas é Daniel quem entra na minha cabeça. E a pergunta que ele fez mais cedo: — *Como ele era? Jasper, quero dizer.*

— *Metade de mim. Mas só as partes boas.*

Me pergunto se Daniel teria gostado de como eu era antes de tudo isso. Uma pessoa menos sofrida, menos triste e que tomava decisões melhores. Me pergunto o que ele pensaria de mim se soubesse o que eu fazia no meu tempo livre para aplacar a minha dor.

E, pobre Daniel, o garoto que me conheceu como única, não como parte de uma dupla. O garoto que me conheceu como Livia, não Livia e Jasper. O garoto que me conheceu depois da tristeza.

Tento afastar esses pensamentos e a resposta para sua pergunta. Isso absorve os restos das minhas lágrimas e minhas memórias. Memórias que rezo para que não me abandonem, mas, ao mesmo tempo, anseio para que sumam, assim a dor não será muito grande.

Simon faz uma pausa antes de tocar meu peito, como se perguntasse se está tudo bem.

Aceno, me inclino para trás e espero o alívio momentâneo.

Oito

Me afasto de Simon. O alívio momentâneo já se foi e a culpa me atinge.

A dormência está desaparecendo e sei que tenho a cura escondida em um pequeno frasco na minha cômoda.

Ajeito a bolsa no ombro, me viro e olho de volta para a palmeira. Simon ainda está sentado ali, sozinho com seus próprios pensamentos.

Isso acontece sempre. O antigo sentimento volta muito rápido, e me pergunto por que fiz aquilo. Me pergunto se Simon sente o mesmo.

Tranco a porta da frente, subo as escadas e visto a camisa de Jasper, mas antes pego dois comprimidos brancos do frasco na cômoda. Em silêncio, entro no quarto do meu irmão e me deito em sua cama. Coloco seus fones de ouvido e pressiono o play.

Meus pensamentos voam para alguns minutos atrás, quando a mão de Simon estava no meu peito e sua dureza estava entre as minhas pernas.

O rosto de Whitney aparece em um flash.

Depois o rosto de Cao. O rosto de Tracy. O rosto de Poppy. O rosto de Jasper...

Vejo até o rosto de Daniel.

Desgostosa comigo mesma, me viro de lado e encaro a parede, esperando a música e as pílulas me levarem para outra dimensão.

São quatro e meia da tarde e os comprimidos fizeram efeito. Me sinto mais relaxada e menos sentimental. Preciso me preparar para o trabalho. Me levanto da cama de Jasper e olho pela janela em direção à palmeira para ver se Simon já foi embora. Para meu alívio, ele já não está mais lá.

Entro no banheiro para lavar o rosto. Olho para o espelho e não reconheço a pessoa que me encara de volta. Olheiras profundas, um brilho azul, perceptível apenas por um olhar atento. Não há cor nos meus lábios, só um tom de tristeza. Mal percebo o piercing no nariz. Minha pele está muito pálida, então tento esfregá-la para ter alguma cor. Não quero mais ser essa pessoa.

Esfrego cada vez mais forte até sentir meu rosto queimar e olho para o espelho mais uma vez. Me sinto desconectada de mim mesma, meu antigo eu fora de alcance.

Ouçoo meu telefone tocar sobre o barulho da água correndo. É uma mensagem de Tracy.

***Estou na loja. Achei que
você poderia precisar disso.
:) Pensei que poderíamos
assistir Us e comer tudo isso
quando você chegar em
casa.***

Ela me manda uma foto de um pote de meio litro de sorvete de *cookies and cream*. E *Us* é um programa que Tracy e eu começamos a assistir. É uma das primeiras coisas que já fizemos juntas.

Jasper dizia que não gostava, apesar de achar que ele teria se sentado e assistido. Mas ele queria nos dar um tempo juntas.

Ele não nos interrompia ou perguntava por que assistíamos a programas que nos faziam chorar.

Ele não mexia na minha cabeça para me irritar enquanto eu estava

sentada no sofá.

Seu corpo não existe mais, apenas as cinzas que ficam em nossa cornija.

Sim.

eu amo você.

eu também.

Estou amarrando meu avental quando Linda aparece atrás de mim e me ajuda.

— Não é o mesmo sem ele — ela sussurra baixinho. — Coloquei algo para nos lembrarmos da sua presença. — Ela aponta para o lugar de Jasper.

— Eu vi — digo.

Seus lábios tremem quando ela se inclina no balcão, olhando para a placa do outro lado do salão. Ela balança a cabeça.

— Ninguém merece morrer assim, Liv. Ninguém. Mas seu irmão... ele era especial. Algumas pessoas estão no lugar errado e na hora errada. — Uma pequena lágrima se forma no canto do olho de Linda, mas ela enxuga antes que eu possa vê-la.

Algumas pessoas pisam em ovos comigo. Não dizem coisas óbvias. Elas não têm certeza de como agir, o que fazer ou dizer para mim, aquela que transa com um garoto embaixo de uma palmeira para aliviar sua dor.

Mas quando Linda diz isso, me conecto com ela. Ouço suas palavras e a mágoa em seu tom de voz. Ela também está afetada.

E se Jasper estivesse no lugar errado, na hora certa?

Meu coração se afunda.

— Que bom que você voltou, porque a Whitney não é de nada. Acho que ela quebrou todos os nossos copos. — Linda revira os olhos e limpa as

mãos no avental sujo. Ela coloca a mão no quadril e pisca. — Vá trabalhar.

Eu estava preocupada em voltar ao trabalho por causa *dos que não vi*. Não quero ouvir as pessoas dizendo inúmeras vezes que sentem muito ou que estão de coração partido por nós. Aqueles que dizem “se tiver algo que possamos fazer” só por dizer.

Os Silvers entram primeiro — Annette e Rick. O dr. Silvers é ginecologista e obstetra da cidade. Ele deve ter feito o parto de metade de Belle’s Hollow, se não de oitenta e cinco por cento da nossa população. Tracy trabalha com ele, que a ajudou muito quando ela estava começando na área. Annette e Rick foram como avós para Jasper e eu.

Annette vai até o canto do balcão. Ela me dá um beijo na lateral da cabeça e um abraço de urso.

— Eu te amo. — Ela acaricia minha bochecha com o polegar.

— Obrigada. — É a única coisa que consigo dizer.

— Me ligue se precisar de alguma coisa, ouviu?

Rick se aproxima e também me dá um beijo na têmpora.

Eles haviam providenciado uma bolsa de estudos em nome de Jasper na universidade local ou algo assim. Ouvi Tracy falando sobre isso uma noite. A bolsa cobria quatro anos de estudo.

Eles fazem o pedido e depois caminham para a pequena placa de Jasper em seu lugar.

— Pedido — digo, entregando-o à cozinha. Volto para o balcão.

Sei que eles vieram apenas para me ver.

Então os Abbot entram.

Ah, Deus. Os Abbot, não.

James e Annabelle. São dois curiosos. Autocentrados, egoístas e

gananciosos. Eles são agentes imobiliários de Belle's. “Os melhores”, de acordo com a placa.

Annabelle franze os lábios como se fosse chorar quando me vê no balcão.

Antes que ela possa despejar suas falsas palavras de condolências, Linda aparece atrás de mim.

— Annabelle, aborreça a Livia com alguma besteira e vou te sufocar com esta espátula. Entendeu? — Ela aponta para o objeto sobre o balcão.

— Quando vai vender este lugar, Linda? — O comportamento de Annabelle muda no mesmo instante. Ela fica mais desagradável que nunca. Então olha em volta. — A manutenção deve ser pesada para alguém da sua idade. Vai ser difícil manter os negócios. — Ela arqueia a sobrancelha esquerda e encara Linda como se calculasse suas próximas palavras.

James remexe as moedas no bolso.

Os Abbot são de Sacramento. Se mudaram para cá há cerca de três anos. A filha deles, Alicia, é caloura e é o oposto da mãe. É tímida e tende a sair sozinha. É inteligente, coisa que sua mãe não é, pois não teria dito isso a Linda se fosse. Alicia é mais ligada a tecnologia. Provavelmente, já foi admitida em uma faculdade da Ivy League ou qualquer outra na área de programação. O boato é que ela é algum tipo de prodígio dos computadores.

— Não servimos idiotas. Saia! — Linda grunhe e volta para a fritadeira. Annabelle ri.

— Vamos lá, James — ela fala, mas antes deixa seu cartão de visita.

Linda está irritada demais para se importar. Empurro o cartão para o chão.

Mas é o barulho do sino da porta que vem a seguir que chama minha atenção. São oito e dez da noite. Cabelos ruivos e olhos azuis chegam ao balcão. E a covinha que aparece em sua bochecha quando nossos olhos se encontram faz meu estômago revirar.

— Adrian — sussurro.

Jasper teria entendido.

Daniel inclina a cabeça para a esquerda.

— Quem é Adrian? — Suas palavras são seguidas de confiança.

Faço um esforço para não sorrir.

— Ninguém. O que posso te servir? — Apoio a caneta no bloco e afasto o nervosismo.

— O que tem de bom aqui? — ele pergunta, colocando a mão machucada no balcão.

— Parece estar doendo — digo ao olhar para ela.

— Vai melhorar.

Na iluminação da lanchonete, seu cabelo parece diferente, como se a luz fluorescente mudasse a cor para um marrom escuro. Ele analisa o cardápio de uma maneira que me deixa curiosa.

— Fritas com queijo. — Escrevo e caminho até Linda. — Pedido. E um milk-shake de Oreo e banana. — Encaro Daniel. — De nada.

Seu olhar é confuso e não de agradecimento.

— Ou o que você quiser. Posso mudar seu pedido, se preferir outra coisa. Mas você vai querer as batatas fritas com queijo. — Eu paro.

Liv, não. Só cale a boca e permita que ele se sente.

Mas não consigo.

— O negócio é o seguinte. Digamos que você se sente. Você está

esperando sua comida e vê várias batatas fritas com queijo passarem, porque essa é a coisa mais popular para se pedir por aqui. E então você vai se arrepender por não tê-las pedido. E provavelmente terá pesadelos por não tê-las comido. Depois, você só vai querer batata frita com queijo e vai ficar obeso por ter comido demais. E então seu coração vai parar e você vai morrer. — Respiro fundo e sussurro: — Morte causada por fritas com queijo. — Eu paro. — Você pode pedir outra coisa se quiser.

O rosto de Daniel está inexpressivo. Mas suaviza um pouco, como se ele também estivesse tentando esconder o sorriso.

— Sêrio?

Não. Você só me faz falar demais e não consigo parar. Por que você faz isso? É o que quero dizer. Não tenho capacidade de controlar minha boca quando você está por perto.

— Vou querer as batatas fritas com queijo. E o milk-shake de Oreo e banana. — Ele pega a carteira no bolso da frente e não posso deixar de sentir vontade de sorrir. — E prefiro que você me chame de Mickey, não de Adrian. Ela era um poço de lamentação, se quer saber. — Ele se afasta do balcão e se senta em uma mesa no canto. Ele pronuncia a palavra *saber* com aquele sotaque acentuado.

Eu me viro para fazer o milk-shake, e Brandon, Seaton, Lira e até Linda estão me encarando.

— O que foi? — Coloco o sorvete no copo de aço inoxidável. Os quatro se viram e voltam ao trabalho.

Alguns minutos depois, coloco a bandeja sobre a mesa em que Daniel está sentado.

— Morte e um milk-shake.

Ele olha para as batatas fritas com queijo.

— Elas não são muito diferentes das chips com queijo que temos em casa. Embora a espessura da batata possa ser diferente. Ouvi dizer que elas são melhores aqui nos Estados Unidos.

Nunca ouvi falar disso. Mas não estudo batatas. Será que ele estuda?

— O que acontece se eu tiver um ataque cardíaco? — ele pergunta e olha para mim enquanto pega uma batata e a coloca na boca. Seu pomo de Adão se move lentamente enquanto ele engole. — E o ataque cardíaco valerá a pena, porque são boas mesmo. — Ele come mais uma.

Estou encarando e preciso ir embora. Mas não posso.

Pense em algo logo, Liv, ou ele vai achar que você é um zumbi.

— Fico me perguntando se comer batatas fritas com queijo vai afetar seu plano de saúde. Como fumar. — Eu me viro e me repreendo por todo o caminho de volta até a máquina de milk-shake, questionando minha capacidade de me fazer de boba.

O tempo passa lentamente, e eu observo Daniel enquanto ele caminha até a lixeira, joga o lixo e leva a bandeja vazia ao balcão.

— Parece que estou em uma situação difícil. — Ele é cauteloso com suas palavras e até um pouco tímido. Ele parece estar protegido pela máscara que usa, mas consigo enxergar através dela. — As batatas estavam deliciosas. Mas meu coração parece estar meio estranho. De um jeito peculiar, eu diria. Mas também gostaria de acrescentar que, com certeza, valeu a pena. Então, se eu morrer de um ataque cardíaco hoje à noite ou de obesidade no futuro, saiba que não foram os chips com queijo. Ou, como os americanos dizem, as batatas com queijo. — Ele se vira lentamente em direção à porta da frente. — Foi a garçonete que explicou as implicações e

alertou que minha vida estava em risco. Obrigado por salvar minha vida, Livia. — Ele assente despretensiosamente. Vejo as mechas vermelhas do seu cabelo até que ele chega ao carro.

— Uau, ele é alguém que vale a pena ter por perto — Poppy sussurra.

Nove

Livia, aos seis anos — *Papai?*

— *O que há de errado?*

— *Por que você não fala?*

— *Por que você está sem calças?*

— *Papai?*

— *Acorde.*

Nos dias atuais Tracy está em casa. Seu carro está na entrada circular, um pouco mais para frente para dar espaço ao meu. Estou chateada por ela já ter chegado. Não deveria, mas estou. Ultimamente, quando a olho, coisa que não acontece com muita frequência, me lembro de que sou a gêmea errada. O gêmeo que ela adorava morreu. Isso funciona contra mim e só me faz sentir mais falta de Jasper, pois eu também o adorava. Olho para o relógio. São 21:47h. Automaticamente, olho para a palmeira à procura do meu irmão. Mas agora ela me lembra da culpa que sinto e corrói a pequena camada de felicidade que experimentei momentos antes com Daniel.

— Mãe? — Fecho a porta atrás de mim.

— Aqui, Mimi. — Meu estômago se aperta.

Não porque Tracy me chama de Mimi, mas porque não é a voz dela.

É a do meu pai.

Um choque elétrico dispara por todo o meu corpo e atinge a ponta dos meus dedos. Olho ao redor e vejo minha mãe e meu pai no mesmo cômodo. Em lados opostos, mas mesmo assim, no mesmo cômodo.

Sentados. Conversando.

Aparentemente, uma tarefa simples entre pai e mãe, mas não os nossos.

Estou impressionada com a percepção de que agora tenho que lidar com os dois sozinha.

Tracy, que está com os cotovelos apoiados nos joelhos, se inclina para a frente, e eu me acomodo no braço da sua cadeira, mostrando minha lealdade. Jasper teria se sentado no meio, porque ele era o gêmeo bom. O gêmeo justo.

Olho para o meu pai do outro lado da grande sala de estar. Na mesma sala em que os dois se sentaram comigo e com Jasper para falar sobre o divórcio, guarda compartilhada e todas as besteiras que os pais dizem aos filhos quando se separam. Nada que se aproveite.

Gostaria que Jasper estivesse aqui. Isso me remete a uma lembrança.

Acampamos o fim de semana inteiro. Enquanto meu pai passou o tempo todo bebendo, minha mãe só reclamou. Isso tornou a viagem quase insuportável. Quando chegamos em casa, ela estava muito cansada dele. Tivemos que ajudá-la a levá-lo para a banheira. Ela ligou a água fria, abrindo-a com força total.

— Talvez assim você fique sóbrio — ela disse.

Jasper me agarrou pelo braço, me levou até a palmeira e ficamos olhando a cidade abaixo de nós. Carros passaram. Luzes foram acesas. Pessoas caminharam. Riram. A vida continuou normalmente sem os Stones. No entanto, aqui estávamos nós, sobrevivendo nesta casa grande e bonita em uma colina.

— O que vamos fazer? — perguntei a ele.

— Resistimos à tempestade, Mimi — ele disse.

— Mimi? — Ouço a voz do meu pai.

Há algo no seu tom? Dúvida?

Não falo nada. Só olho para o chão, tentando juntar as peças, os sinais que Tracy poderia ter dado de que ela estava pronta para pedir ajuda ao meu pai. A última pessoa no mundo com quem ela poderia contar e para quem ligaria. Mesmo se tivéssemos recebido a notícia de que o fim do mundo estava chegando, ela não o chamaria.

Acho que ela está mais preocupada do que eu pensava.

— Vou ficar aqui até que a sua mãe me mande embora. Acho que você precisa de mim.

Eu rio.

— Precisar de você? O Jasper morreu por sua causa. Não preciso de você aqui. Preciso que vá embora. — retruco.

Meu pai absorve minhas palavras como se fossem merecidas.

— E você não tem mais permissão para me chamar de Mimi. Você perdeu esse direito quando foi embora para Los Angeles com quem quer que seja. Se lembra disso? De ter deixado a sua família, pai? — Me levanto.

— Aonde você está indo, querida? — Tracy toca minha mão com gentileza. Seus dedos se demoram sobre os meus, e isso me faz lembrar de como acordamos pela manhã, com seu braço ao redor do meu corpo. No fundo, preciso desesperadamente dela, mas, para ser honesta, não quero admitir.

— Resistir à tempestade — digo e caminho até a porta da frente, batendo-a atrás de mim.

Tomo o ar fresco do norte da Califórnia.

Tracy não está na minha cama esta manhã.

Encaro os comprimidos na mesa de cabeceira. Talvez eu deva contar e

ver quantos me restam.

São 5:05h e não consigo dormir.

Meu pai voltou depois de ficar afastado por três anos.

Perdi a virgindade com um garoto de quem não tenho certeza se gosto.

Não consigo parar de dormir com ele.

O sr. Joe tem fé em mim e não quero decepcioná-lo.

A escola é um saco.

A Whitney é legal, e sei que ela deveria me odiar.

E meu irmão ainda está morto.

Mas, apesar de tudo isso, há um garoto. Seu nome é Daniel e ele parece abrandar um pouco a dor, tornando a vida mais suportável.

Viro o frasco de comprimidos novamente. E olho para ele. *Como seria tomar três dessa vez? Dois me fazem bem, mas três pode ser melhor, certo?*

O pavor de enfrentar um novo dia e a ansiedade que existe em minhas veias, tomam conta de mim. O medo me atinge e faz minhas mãos suarem e meu corpo esquentar. Meu estômago revira, me fazendo querer vomitar.

Poppy aparece e diz: — E a dra. Elizabeth?

— A mulher da pinta? Não — sussurro.

— Por que não?

— Ela não entende, Poppy.

— Minha querida, ninguém vai entender. Noventa por cento da população não passou pelo que você está passando. Mas ela tem a experiência necessária para te dar alguma orientação, talvez alguns conselhos. — Poppy está sentada ao lado da minha cama. Seu casaco brilha como nos filmes em que fantasmas saem de portas, lustres e até janelas.

— Sinto que estou ficando louca. Estou louca? — sussurro.

— Ah, minha querida. — Ela balança a cabeça e sinto o calor da sua mão contra a minha, assim como os ventos de Santa Ana. — O luto é se apresenta de muitas maneiras diferentes.

Poppy costumava ter grandes manchas marrons nas mãos. Agora, sumiram. Mas elas continuam sendo as mais macias. Mãos grandes. Costumávamos nos abraçar na sua cadeira nas noites de sexta-feira e assistir a reprises de *The Golden Girls*. Ela, Jasper e eu.

Me lembro de uma noite em que pensei que eu ia morrer.

Poppy roncava como se estivesse gritando enquanto eu estava deitada ao seu lado. Engoli uma moeda de um centavo. Eu devia ter uns nove anos na época. Jasper estava no sofá da sala de estar. Embora eu pudesse respirar normalmente, achei que a moeda poderia ter se alojado em algum órgão. E como a tiraria de lá? Ela teria que sair do meu corpo, uma vez que entrou pela minha boca. Com certeza, não era algo bom. O pânico tomou conta de mim. Saí da cama e fui até meu irmão.

— Jasper?

Ele não se mexeu.

— Jas? — Eu o sacudi.

— O quê? O que há de errado? Você está bem? — Seus olhos estavam sonolentos e o cabelo, desarrumado.

— Engoli uma moeda de um centavo.

Ele piscou, me encarou e um sorriso apareceu em seus lábios.

— Você engoliu uma moeda?

— Não é engraçado. O cobre vai me matar? Vai se alojar nos meus pulmões ou algo assim?

— É preciso muito mais que isso para te matar. Está tudo bem. Volte

para a cama.

Um rangido em nossa antiga casa me traz de volta ao presente. Poppy não está à vista.

Jogo três comprimidos brancos na boca e saio da cama. A camisa do AC/DC de Jasper bate no meio da minha coxa. Em silêncio, abro a porta do quarto e vejo que tudo está no lugar. Vou até o armário dele, onde as camisas limpas estão penduradas, prontas para serem usadas. Vazio e solidão me atingem. Com a dor que nunca me abandona, me sento em seu armário, por cima dos nove mil pares de Vans perfeitamente limpos que ele cuidava muito bem. Cercada por ele, fecho os olhos e abraço os joelhos. Ali, naquele esconderijo, o sofrimento parece um pouco menos pesado.

São os soluços de Tracy que me acordam. Devo ter caído no sono. O choro no chuveiro de toda manhã.

Tracy.

Quero ir até ela. Abraçá-la. Dizer que minha dor corresponde a sua.

Mas não o faço porque meu corpo está tremendo, fraco demais para se mover.

Acho que o medo nos impede de fazer muitas coisas.

Os soluços param, e ela desliga o chuveiro. Lentamente, saio do armário de Jasper, mas não antes de ver meu pai. Fico imóvel no mesmo instante.

Minha respiração acelera e o sangue bombeando nos meus ouvidos se torna mais alto.

Espio pela fresta com o olho esquerdo e tento engolir, mas não consigo.

Meu pai está sentado na cama de Jasper, segurando sua camisa de futebol.

Nunca o vi chorar. Com um metro e noventa e três, ele sempre foi um

gigante para mim.

Ele estava pronto para deixar Belle's Hollow com uma bolsa de basquete. Mas decidiu ficar porque Tracy engravidou. E não era de nós. Foi antes. Então ele foi para a Skagit Community College, a apenas vinte minutos daqui. Trabalhava durante o dia como caixa no supermercado Hollow's Grocery e ia para a faculdade à noite. Concluiu o curso de bacharel em direito e fez a especialização pela internet.

O primeiro filho deles não resistiu. Acho que isso contribuiu para o fim do relacionamento, com meu pai estudando à noite e minha mãe mantendo seu emprego de técnica em enfermagem no hospital Redwood Memorial — ela fez especialização em enfermagem vocacional para ajudar a equilibrar as despesas da casa. Jas e eu só nascemos depois que meu pai terminou a faculdade de direito. Tracy voltou a estudar e se formou em enfermagem depois que fomos para o jardim de infância. Nessa época, ela não precisava mais trabalhar, porque meu pai conseguia nos sustentar.

Ouçõ um grito abafado que me faz olhar para cima. Ele está tremendo como uma criança debruçado na camiseta de futebol do meu irmão. Suas lágrimas caem a uma velocidade incontrolável, mas não há som.

E o que me vem à mente é uma memória tão profunda que me faz voar para fora do armário.

Meu pai estava caindo de bêbado naquela noite. Deu um soco no rosto de Jasper por defender Tracy. Mas Jasper inventou mil desculpas para o que aconteceu.

— Eu deveria tê-lo deixado em paz — ele disse enquanto eu segurava uma bolsa de gelo sobre o olho direito naquela noite.

Olho para o meu pai. Ele parece um garotinho perdido.

— Por que você está chorando? — Minha pergunta é retórica. Deveria dizer para que ele não começasse a chorar.

Ele reprime outro grito enquanto enterra a cabeça nas mãos.

— Sinto muito, Mi.. Liv — ele se corrige.

Por alguma razão, não consigo articular as palavras na minha cabeça e colocá-las para fora. Raiva e medo talvez sirvam como barreira entre nós.

— Saia — eu digo e aponto em direção à porta. — Você não pode ficar aqui.

Dez

— **Oi.** — Cao joga a mochila no banco de trás.

Me afasto do meio-fio, mas não sou rápida o suficiente para fugir do alcance da voz de Beth.

— Vamos assistir à *The monkey king 2* hoje à noite! — Beth está radiante segurando o DVD.

— A minha mãe ficou louca. — Cao balança a cabeça enquanto acena pela janela. — Ela está doida, Liv! E está me deixando maluca! — ela grita pela janela, alto o suficiente para Beth ouvir.

— Mas, por outro lado — ela dá um soco no meu braço e enfia o telefone na minha cara — Ed Sheeran respondeu meu tweet. *Emoticon* com coração nos olhos! — ela exclama. — Tenho certeza de que ele twittou que me ama.

Olho para ela, questionando a sinceridade em sua declaração e me perguntando se ela está vendo algo que não existe.

— Bem, ele disse: *@caobelle: Eu também!*

Eu sorrio.

— O que você twittou?

— *Amei o novo álbum. E amo você.* Então, se eu ler nas entrelinhas, tenho certeza de que ele disse que me ama. E não se preocupe. Você vai ser a minha MDC.

— Sua MDC?

— Madrinha de casamento. — Ela digita depressa no telefone.

— Você está respondendo à declaração dele? — Viro à esquerda e começo a subir a Gulch.

Mas a jaqueta vermelha chama minha atenção. *Por que ele caminha pelo desfiladeiro e dirige até o Bob's? Está claro que ele tem habilitação — ou talvez, não. Mas por que andar? Por que seus pais o deixam andar por aqui? É perigoso.*

Acelero para alcançar Daniel e paro na beira da estrada.

Abro a janela de Cao, que fica muito surpresa com minha ousadia.

— O que está fazendo?

Me inclino na direção da minha amiga, olhando pela janela do passageiro. Minhas palavras são diretas, quase como as de uma mãe. Não, quase como as de Jasper.

— Você não pode caminhar por esta estrada. É perigoso. Entre.

Ele está de pé. Não consigo ver seu rosto, então estou praticamente falando com seu pênis. Tento afastar o pensamento, porque tenho certeza de que meu rosto ficou tão vermelho quanto um pimentão.

Daniel se inclina e sorri.

— Ah, você não usou as luzes e as sirenes. Está me multando por andar em uma via pública, oficial?

— O quê? Não. Só... entre, Daniel. — Reviro os olhos, ainda tentando afastar o pensamento de seu pênis.

Ele vê que estou preocupada e não faço ideia de onde veio essa preocupação.

Daniel se afasta da janela e se levanta, erguendo os braços. Talvez esteja tirando a mochila das costas. A parte de baixo da jaqueta se ergue, e eu vejo aquilo: seu abdômen, que mais parece um tanquinho e que grita para que eu pare de olhar. Ele é definido, como se Deus soubesse o que estava fazendo quando combinou os cabelos ruivos com seu comprometimento em ir à

academia todas as manhãs ou algo assim.

O rosto de Cao fica vermelho enquanto ela me olha lentamente e murmura as palavras sem som.

— *O V!*

Ela está se referindo ao V que os caras têm logo acima das cobras grandes e feias que ninguém gosta de olhar. Embora eu prefira não opinar, porque o que já vi até agora pode me deixar ocupada o dia todo.

Cao abana o rosto.

Percebo que ele realmente está tirando a mochila do ombro. Daniel é modesto demais de um jeito confiante. Ele não precisa se mostrar ou dizer o quanto é bonito sem camisa. Ou...

Cale a boca, Liv.

Sem dizer mais nada, ele entra no banco de trás e se senta bem no meio, então, quando olho pelo espelho retrovisor, ele é tudo o que vejo.

Paro na estrada novamente.

Não use o retrovisor. Você não precisa disso, digo a mim mesma.

Mas preciso. Olho mais uma vez para o espelho, mas ele está olhando pela janela.

Cao se vira.

— E aí, Daniel, você vai ao meu casamento, não é? Você pode ser o acompanhante da Liv.

Suas palavras não pegam Daniel desprevenido.

— Quem é o camarada sortudo?

Os lábios de Cao se curvam, e então ela suspira. Juro que posso ver corações em seus olhos quando ela me olha.

— Camarada?

— Hum, sim. Rapaz? Cara? Homem? Cavalheiro? Amigo? Não tenho muita certeza de qual termo você usa.

— Não, camarada funciona muito bem. — Cao se vira para mim. — É o Ed Sheeran.

Ele me olha lentamente.

— Ah, o Ed. — Daniel ainda está olhando para mim pelo espelho retrovisor. — Quando é o casamento?

Assim que ele entrou, percebi que não contei a Cao sobre a noite passada no Bob's, e por isso ela está um pouco confusa com nossa proximidade. Jesus, e não contei a ela sobre o que aconteceu no armário do zelador.

— O que houve com a sua mão? — Cao pergunta.

Daniel olha para baixo. O curativo não está mais lá, mas as marcas permanecem. Alguns arranhões e feridas ainda abertas.

— Armário do zelador. Me perdi.

— A mãe da Liv é enfermeira. Tenho certeza de que você pode ir até a casa dela depois da escola para ela dar uma olhada.

Sinto o olhar de Cao na lateral do meu rosto.

Balanço a cabeça e olho pela janela. Sei o que ela está fazendo. Nossos telefones tocam ao mesmo tempo quando entramos no estacionamento da escola. O de Daniel, não.

— O que é isso? — Ele se inclina e olha para o banco da frente.

— Blog A Herdeira — Cao responde, abrindo a notificação.

Blog A Herdeira Garotas da Belle's! Bem, é oficial: Daniel Pearson comeu as batatas fritas

com queijo no Bob's. Agora ele é oficialmente um morador de Belle's Hollow. Foi servido pela primeira e única garota triste, Livia Stone, que voltou ao trabalho ontem.

Portanto, fiquem à vontade com o ruivinho gato de abdômen, peitoral e tudo mais excelentes. O que eu não daria por dois minutos a sós com ele? Talvez no armário do zelador?

Daniel se inclina para mais perto do meu ombro, tão perto que sinto cheiro de canela da sua boca e o calor da respiração no dedo que paira sobre a tela inicial.

— Eu? — Ele olha o nome do blog. — O blog *A Herdeira* está postando sobre mim? — Ele está completamente surpreso. — Por que ela se importa com o que eu faço?

Cao ri. Seus brincos em forma de pratos tocam quando ela inclina a cabeça para trás.

— Ah, você é novidade, e A Herdeira te achou gato.

Daniel ainda está tentando entender a ideia de que uma blogueira esteja falando sobre ele.

— Ela é clarividente? — Ele continua lendo. — *Abdômen excelente?* Como é que ela sabe disso?

Meu rosto fica vermelho.

Damos de ombros, porque ninguém sabe quem escreve o Blog. Tudo começou há dois anos e ninguém sabe como ela descobre certas coisas. Ou

como se concretizam depois, provando que o que ela — ou ele — disse era realmente verdade.

Continuamos lendo. Daniel não se move um centímetro e nem eu.

Para quem faz química, uma fonte que não posso divulgar, disse que o teste está no ar. As perguntas e respostas estão abaixo. Certifiquem-se de copiar essa merda, pois tenho certeza de que algum garoto do nível avançado vai me denunciar. (Ei, Anthony Cartwright, estou de olho em você, seu idiota). Então terei que alterar o endereço IP do blog novamente. Sério, você achou que eu não ia descobrir? Ah, e é melhor você parar de bater uma na terceira cabine do banheiro masculino na hora do almoço ou vou contar a todos.

Ops ;)

Há rumores de que a diretora Lundberg está de olho nas pílulas de Ritalin que foram retiradas da mochila de Gabriel Struvio. Dizem que ele realmente precisa delas. Portanto, se certifiquem de escondê-las antes que tragam os cães farejadores de droga do condado.

Vamos fazer um enigma, sim? Um mais um é dois, certo?

O que é um mais um mais um? Um trio? Um trio é definido por três pessoas se relacionando.

Mas e se houver duas relações consumadas sem a terceira? E se a terceira pessoa não souber?

Eu chamaria isso de facada nas costas. Talvez seja melhor deixar algumas coisas pra lá. Ou, não. ;) Estes dois irão te surpreender.

Tchau!

BeLHo

— Liv, você está cheia de manchas. Tem várias manchas vermelhas no seu pescoço. Você está bem? — Cao pergunta quando saímos do carro.

Daniel se inclina e sinto que ele está encarando a parte de trás da minha cabeça.

Toco meu pescoço, mas meu peito está ardendo.

Merda.

BeLHo sabe.

— Só estou com calor — minto de novo para encobrir outra mentira. Não tenho certeza de que vou conseguir continuar com isso.

Não consigo fazer contato visual com Daniel, porque tenho medo de que ele veja a vadia dentro de mim. As decisões ruins que tomei.

Não acho que ele esteja engolindo a desculpa de que estou com calor.

Por que eu me sentiria culpada por ele, afinal de contas? Não somos nada. Quero dizer, discutimos batatas fritas com queijo. E minhas apreensões em Hawthorne Hill. E meu irmão.

Ah, meu Deus. E se ele somar um mais um?

— Tenho que correr. Obrigado pela carona, Livia. E por salvar minha vida de novo. — Ele olha para o chão enquanto passa, roçando meu ombro.

— Liv — Cao sussurra, puxando meu braço —, se BeLHo estiver falando sobre você e Simon, é melhor acabar com isso. Agora.

Não respondo.

Chegamos à primeira aula, com o sr. Joe.

Como se o último post do blog, o que, a propósito, me lembra de Anthony Cartwright, e o fato de meu pai estar de volta, não fosse suficiente, me esqueci do artigo que o sr. Joe me pediu para trazer hoje. Aquele que

concordei em fazer para que ele pudesse enviar ao dr. Livingston.

Ele me olha quando entro e levanta a sobrancelha esquerda. Ele está me perguntando se fiz.

Interrompo o contato visual e sinto como se estivesse sendo enterrada viva.

A pilha metafórica de tijolos no meu peito ganha mais peso.

O sr. Joe não se aproxima de mim. Ele sabe.

Sua aula é sobre a poetisa americana da época colonial, Anne Bradstreet. Ele não me olha. Sinto como se o tivesse decepcionado. Foi o que fiz. Assumi um compromisso e não cumpri.

Fugir é mais fácil do que ver meus erros ganharem vida. Pego o passe para sair e usar o banheiro, mas em vez disso, vou para o armário do zelador.

Está escuro, e tudo que quero é ser tragada pela escuridão, então entro e espero que ela me engula. A vida era muito mais simples, mais conquistável e mais na certa há um mês.

Mentiras criaram a base para minha vida atual. *A vida de Livia Stone. Não a vida de Livia e Jasper Stone.* Duas vidas e dois conceitos diferentes.

A decepção se espalha sobre as mentiras.

O egoísmo pinga na camada de decepção e se lança sobre as mentiras.

E medo. O medo envolve tudo isso e diz: *Vá se foder, Liv.*

— Fico feliz em ver que você não bate nas coisas quando fica chateada.

— Pulo e levo a mão ao peito, quase morrendo de susto ao mesmo tempo.

— Eu diria que é um hábito ruim. Não comece tão cedo — Daniel fala.

Acendo a luz, e Daniel está encostado em uma caixa grande, com os pés cruzados nos tornozelos.

Ele levanta a mão e protege o rosto da claridade.

— Quer falar sobre isso?

Lentamente, relaxo e me sento no balde, virando o corpo em sua direção. E aqui vou eu. Não consigo calar a boca quando ele me pergunta as coisas.

— Não consegui entregar um artigo ao sr. Joe. Era para um projeto especial em que estamos trabalhando. — Eu paro. — Não consigo tomar decisões que não destruam minha vida.

Um longo silêncio paira no ar, como uma espessa camada de fumaça de cigarro.

Daniel abre a boca e depois a fecha, apenas para abri-la mais uma vez e dizer: — Digo por experiência própria que decisões ruins são mais fáceis de serem tomadas quando o perdão nos favorece. — Ele faz uma pausa. — Posso confessar uma coisa?

Eu o ouço engolir em seco.

— Sim.

— Minha mãe está doente.

Onze

— **É por isso** que viemos para os Estados Unidos. Ela quer morrer perto da floresta de sequoias. Peguei um mapa e ela apontou para esse pequeno pontinho chamado Belle's Hollow — Daniel fala.

Quero ouvir mais sobre sua mãe. Mas não quero pressioná-lo, assim como ele não me pressionou para saber mais sobre Jasper. Então vou devagar.

— A morte é uma merda. — Mordo o canto da boca.

— Posso fazer outra confissão? — Daniel pergunta de novo. Ele pronuncia a frase com aquele sotaque, e eu tento não deixar transparecer que gosto da maneira como ele fala.

— Este armário é seu. Você percebeu meu blefe — falo. — E, a propósito, a Belle's Hollow High não tem constituição na sala de troféus. Eu minto. Muito. É uma das coisas ruins que passei a fazer desde a morte do Jasper.

Daniel mexe a língua, como se estivesse evitando que uma ideia ou afirmação escapasse de sua boca. Me pergunto como seria sua língua contra a minha. *Seria macia ou carente como a do Simon? Como seria senti-la no meu pescoço? No meu queixo? Nos meus seios?*

Ah, caramba. Acho que meu rosto ficou vermelho, porque Daniel está inclinando a cabeça. Talvez as manchas vermelhas tenham voltado.

— O que foi? — Afasto o pensamento de línguas e seios da minha cabeça.

— Não ria, tá? — Seu sotaque fica evidente mais uma vez. Ele esfrega as mãos no rosto e estala a língua. — Eu menti para a polícia.

Olho para os seus sapatos.

— Eu queria ficar com um cachorro. Tinha uns dez anos na época. Encontramos o bichinho andando pela rua perto de onde morávamos, em Hull. Ele não tinha coleira, então perguntei à minha mãe se poderíamos ficar com ele. Ela disse que não, porque meu pai era alérgico e me disse para espalhar cartazes pelo bairro. — Ele faz uma pausa. — Então inventei uma história. Pensando nisso agora, foi bobagem. Eu disse à minha mãe que um homem havia tentado me sequestrar e que o cachorro havia salvado minha vida.

— Eles deixaram você ficar com o cão?

— Eles reafirmaram que eu não podia ficar com ele. E, em seguida, pegaram o telefone de casa e chamaram a polícia.

— Não acredito.

— É verdade. E o que aconteceu depois é tipo um borrão. Mas devo dizer que o policial que apareceu em nossa casa era alto e bastante intimidador para um garoto de dez anos. Quando ele me pediu para fazer uma descrição do homem que tentou me levar, eu disse um monte de asneiras.

— Asneiras?

Daniel dá de ombros.

— Besteiras.

— Não acredito. — Eu me sinto mais humana. — Você mentiu para a polícia?

— Menti. Fui tão eloquente e crível quanto um camarada de dez anos de idade poderia ser. Contei a ele sobre os cabelos castanhos do homem, a barba cerrada. Seus olhos azuis.

— Você inventou?

— Não, descrevi meu tio. Então foi meia mentira.

Dou uma gargalhada e sorrio um pouco mais, porque, pela primeira vez, vejo um sorriso honesto direcionado a mim.

Não sei se ele está sorrindo por causa da história ou porque estou rindo.

Cubro a boca.

— Você mentiu para a polícia.

— Sim. E provavelmente há um mandado de prisão para mim agora. Foi por isso que viemos para os Estados Unidos, Livia. Estou fugindo da polícia. É por isso que eu me escondo aqui. — Daniel olha em volta do armário do zelador.

Ele ri, uma risada profunda e rouca que me faz lembrar da sua língua e dos meus seios. Quero dizer a ele que gosto da sua risada, mas fico calada.

— Essa não é a pior parte da história. O policial voltou ao nosso apartamento para dizer à minha mãe e meu pai que havia encontrado um homem que se encaixava na minha descrição.

— Não acredito.

Daniel assente.

— Graças a Deus ele tinha um álibi.

— Você ficou com o cachorro depois de tudo isso? — Eu me inclino para a frente, intrigada com a sua capacidade de contar histórias. As minhas existem na minha cabeça e nos cadernos que mantenho escondidos.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Acho que a moral da história é que, talvez, mentir não nos dê o que queremos. Também acho que pode ter havido uma intervenção Divina.

Fico imóvel.

— Você acredita em Deus?

— Às vezes.

Eu também.

Está ficando quente aqui e não sei se são meus hormônios, uma vez que meu rosto está pegando fogo, ou se é a temperatura do armário minúsculo. Desenho a palavra quente na minha mão e me levanto para sair.

— Obrigada. — Quero completar e dizer que estou agradecendo por ele me fazer sentir quase humana de novo, mas não falo nada.

— Pelo quê?

— Por pegar meu blefe. — Não olho para o seu rosto para ver se ele está sorrindo. Seguro a maçaneta da porta, mas algo me faz olhar para ele novamente. E Daniel está me encarando. — Já sentiu como se o mundo fosse pequeno demais?

— Não. — Daniel parece impaciente, como se quisesse fazer algo sobre a minha partida, mas não fala nada. Ele remexe as mãos ao lado do corpo.

— Gostaria de conhecer sua mãe. E eu gosto do seu sorriso. É grande e com muitos dentes. — Sem olhar novamente para ele, deixo a porta se fechar atrás de mim, desejando que ele me siga, querendo sentir sua presença calmante novamente. Ansiando para que ele me conte histórias que farão minha vida parecer menos caótica. Mais certa. Menos errada.

Mas ele não me segue e salva minha vida.

Volto para a sala de aula do sr. Joe. Meu telefone toca antes de eu entrar e olho para baixo.

É uma mensagem de Simon.

***Ei. Pooooodeeee me
pegar? Estou bêbadoooo O***

quê? Onde você está?

Não faço ideia.

Como assim, não faz ideia?

***SIMON, ONDE VOCÊ
ESTÁ?***

No seu carro.

O quê?

Ele não responde enquanto caminho até meu carro.

Estou mais preocupada com Whitney. Posso lidar com o que acontecer comigo.

Você deveria ter pensado nisso antes de deixar o Simon te tocar em lugares que só um namorado deveria tocar, digo a mim mesma.

E não há nós. Somos duas pessoas tentando sobreviver.

***Qual era o seu plano depois
de ficar bêbado?***

***Não faço ideia. Preso no
cinto de segurança. Preciso
de ajuda.***

Cinto idiota. Eu deveria ter consertado isso há muito tempo. Funciona tão bem que, às vezes, você não consegue sair dele.

Quase corro para o carro e penso em mandar uma mensagem para Cao pedindo ajuda, mas desisto. Não quero atraí-la para esse caos ou tirá-la da aula porque não estou tomando decisões sábias ultimamente.

Ali está ele. Preso no banco do passageiro. Seguro a maçaneta da porta, mas está trancada. Eu nunca tranco o carro. Ninguém tranca as portas das

casas, carros ou qualquer outra coisa em Belle's Hollow. Não precisamos. É o tipo de cidade que fecha as lojas para cerimônias e pendura placas na janela do tipo: *Volto em cinco minutos. Fui ao centro fazer alguma coisa. Deixe o dinheiro no balcão.*

Simon olha para mim da janela do motorista.

— Abra a porta. — Estou brava. Irritada. Irada. Mas com quem eu deveria estar realmente brava? Isso não seria um problema se Simon e eu não estivéssemos dormindo juntos.

Ele dá risada e isso me irrita mais.

— Isso não tem graça, Simon. Destranque a porta.

Ele aperta o botão, mas quando vou abrir, tranca novamente.

— Simon James, seu idiota. Destranque a porcaria da porta. — Ele destrava e abre a porta do carro.

— O que é que você estava pensando? — Me inclino e meu rosto quase fica no seu colo. Aperto o cinto de segurança. É um método sacode-sacode-aperta.

Mas sinto as mãos de Simon no meu cabelo.

— Pare com isso — digo enquanto sinto as gotas de suor começarem a se formar na minha testa.

Ele ri.

— Livia? Está tudo bem?

Imediatamente, me levanto e bato com a nuca no teto do carro.

Simon está rindo incontrolavelmente agora. É o Daniel.

O que devo dizer?

Minta, Liv. Porque é com isso que você se acostumou.

Não, diga a verdade. Você não fez nada de errado.

Mas tudo está errado nessa situação.

— Oi, Daniel. — Minhas palavras saem muito animadas. Mais uma vez, seu nome soa estranho.

— Hum, Simon, este é o Daniel. Daniel, este é o Simon. E ele parece estar preso no banco da frente do carro.

— Sim, estou vendo.

Simon estende a mão.

— *Prazeremteconhecer* — ele resmunga para Daniel, saindo tudo em uma palavra só. Ele ri e soluça de novo.

— Ah, um pouco *trêbado*, não é? — Daniel examina o cinto de segurança.

Simon ri tanto que cai para a frente.

— Trêbado! — Ele tenta dar um soquinho em Daniel, mas erra o alvo.

Daniel entra sem se aproximar muito de Simon e balança o cinto de segurança. E bem assim, ele se solta.

Simon sai do carro.

— Preciso levá-lo para casa — digo, colocando a mão na testa em sinal de frustração.

Os olhos de Daniel não encontram os meus desta vez.

Ele me ajuda a colocar Simon no banco de trás, que geme quando cai no assento. E resmunga de novo: — Eu te amo, Livia. — Fecho a porta do carro, em pânico.

A decisão certa seria contar a Daniel o que está acontecendo. E parar de mentir.

Daniel se inclina ao lado do carro de forma casual, mas seus olhos dizem algo diferente. Preocupação, talvez. E então ele faz a pergunta pela

qual estava esperando.

— Ele é seu namorado?

— Não. Não. Não. É o melhor amigo do Jasper. Quer dizer, era. Ele tem namorada. — Aceno como se fosse loucura o que Daniel perguntou. — Mas, espere — sempre sinto a necessidade de esclarecer as coisas com ele —, não estou dizendo que ele tem namorada porque se não tivesse, namoraria com ele. Isso não aconteceria. Eu disse que ele tinha uma namorada porque... ah, Deus, deixa pra lá.

Um sorrisinho se espalha pelo rosto de Daniel. É como se saber que eu estava perturbada lhe desse prazer.

Seu rosto fica mais relaxado e então ele faz a coisa do pensamento metódico: para, pondera o que vai dizer — *Liv, não pense na língua dele de novo* —, para novamente e depois pergunta: — Você tem namorado?

Ele está preocupado que eu tenha namorado.

— Não, sem namorado. Nada de namoro. — *Sou tão desajeitada, resmungo para mim mesma.* — Você tem?

Ele balança a cabeça.

— Quer que eu te ajude a levá-lo para casa?

Não, não quero te convidar para entrar na minha vida complicada e totalmente bagunçada, Daniel.

— Eu me viro. — Abro a porta do motorista.

Daniel bate no teto do carro com a lateral do punho.

— Até mais.

Simon está roncando quando viro à esquerda na Twelfth Street e depois à esquerda, na Randolph Street.

— O que você fez, Simon? — sussurro baixinho.

Ele murmura alguma coisa. E então começa a choramingar.

Estaciono na frente da casa dele e abro a porta de trás.

— Simon. Acorde.

Ele não se mexe.

Puxo seu braço.

— Vamos. Acorde. — Bato de leve no seu rosto algumas vezes.

— Simon James, seus tênis Vans estão pegando fogo!

Ele abre os olhos.

— O quê? — Ele olha em volta — Ai! Minha cabeça...

— Vamos entrar.

Eu o ajudo a se levantar, mas não sem muito esforço da minha parte. Uma parte de mim acha que ele está gostando disso. Com o braço ao redor do meu pescoço e meu braço em volta de sua cintura, subimos os degraus da varanda, entramos na sua casa e vamos para seu quarto, o único lugar arrumado.

A casa parece um chiqueiro. Há excesso de louça suja nos balcões e na pia e a lata de café está cheia de bitucas de cigarro — metade delas dentro e a outra metade, fora.

Ainda grogue, ele fala: — Vamos Liv. *Deitecomigo*. — Ele se deita na cama com os olhos fechados.

Eu o encaro enquanto ele dorme pacificamente. Gostaria que ele pudesse dormir assim o tempo todo. Queria que a dor não o consumisse. O arrependimento que sei que ele sente por não ter ido com Jasper para Los Angeles.

— Liv — ele fala com os olhos fechados —, eu te amo.

Sinto meu interior se revirar.

— Não ama, não, Simon. Somos só duas pessoas curando nossos corações.

— O que está acontecendo aqui?

Eu me viro e vejo Whitney parada na porta.

Doze

Há quanto tempo ela está ali?

O que ela ouviu?

— Nada — eu minto. — Whitney, somos amigos desde que éramos crianças. Claro que ele me ama. Somos como uma família — manipulo a verdade. Porque ela ouviu essa parte, certo?

Whitney inclina a cabeça para a esquerda, tentando me ler melhor e sabendo que pode haver mais do que está sendo dito.

— O que aconteceu com o Simon? Está cheirando a álcool. Ele não bebe. — Whitney olha para mim novamente, mais questionadora do que qualquer coisa. — Por que você está com o meu namorado bêbado no quarto dele? Me deixe sentir seu hálito — ela fala.

— O quê? — Fico boquiaberta.

Ela se vira para mim.

— Me deixe cheirar sua respiração.

— Isso é ridículo. Cheirar minha respiração? Você não pode estar falando sério.

Whitney para bem na minha frente.

— Assopra.

Reviro os olhos. Sua proximidade me deixa desconfortável.

Eu paro.

Suspiro.

— Assopra — ela fala mais alto. Obedeço.

Ela cheira.

— Como o Simon ficou assim?

Dou de ombros.

— Não faço ideia. Eu o encontrei assim. — Não digo a ela que ele me mandou uma mensagem.

— Onde?

— Na academia. — Mais uma mentira.

Whitney olha para Simon e para mim novamente.

— Eu cuido dele.

Me viro para sair.

— Livia, você se esqueceu? — *O quê? Minhas traições?* — Das fotos.

— Não. Vou levar para você.

— Trabalhamos juntas hoje à noite, então pode levar — ela afirma em um tom diplomático, quase enérgico enquanto se deita na cama ao lado de Simon desmaiado.

Assinto, corro para o carro e volto para a escola o mais rápido possível.

Assim que chego, olho no banco de trás para pegar a mochila. *Merda.* Está na sala de aula do sr. Joe. Percebo que tenho que colocar o rabo entre as pernas e voltar lá para pegá-la.

O segundo período é de preparação. Sem alunos. Sem distrações.

Vou para a sala de aula.

Ele vai querer falar sobre o artigo e minha falta de atenção, sobre o fato de que meu compromisso com o nosso acordo talvez não seja de cem por cento. Que talvez o Harvey College não mereça uma aluna tão desleixada. Uma traidora e mentirosa.

A porta está aberta, o que é estranho e totalmente diferente do habitual. Respiro bem fundo enquanto preparo minha defesa.

Está escuro.

— Sr. Joe? — Meus olhos se ajustam lentamente à sala de aula escura e com as janelas fechadas. — Olá?

— Ele saiu. Não vai voltar mais hoje, Livia — a sra. Brimm fala atrás de mim. — Senti sua falta no outro dia — ela diz casualmente, como faria uma conselheira do ensino médio.

Aquelas que se sentam e te encaram. Sem tom acusatório. Sem culpa.

Sei o que ela está fazendo. *Não sou idiota. Sei o que você está fazendo, sra. Brimm.* Mas seguro minha língua.

— Pode me ajudar antes de você ir para a aula de matemática? — Olho para ela com um olhar de *o que você quer de mim?* — Vou te dar um passe pelo atraso. — Ela caminha até a parede atrás da porta da sala.

Estou errada sobre a sra. Brimm? Ela realmente não está aqui apenas para receber um salário?

Pego a mochila e a sigo.

Atrás da porta da sala de aula do sr. Joe tem a parede do EU SOU, algo que ele começou a fazer quando chegou à Belle's Hollow High. Em sua aula, no segundo ano, ele pediu que escrevêssemos em tiras de papel as formas como já fomos julgados e estereotipados. Depois disso, ele empilhou todas as tiras e pediu que fizéssemos um grande círculo com nossas carteiras. Ele os jogou no ar, e os pedaços de papel voaram pela sala como confetes. Não sabíamos quem escreveu o quê.

Eu NÃO sou: *Atlético Racista Seguro de mim Frequentemente incluído Amoroso Desamparado Muçulmano Quem você pensa que sou Cristão Apenas um nerd da banda Magro Americano Confiante* Depois, o sr. Joe pediu que pegássemos cinco desses papéis que mais nos identificávamos. Ele nos pediu para escrever porque estávamos conectados a elas. Nos pediu

para escrever como poderíamos quebrar esses estereótipos.

Sinto os olhos da sra. Brimm em mim enquanto olho a parede colorida que é o resultado do projeto que começamos há dois anos.

Após a primeira atividade, o sr. Joe nos pediu para focar no que éramos e anotar cada um em um cartão colorido, com as declarações EU SOU. Nossa turma foi para o Twitter e Snapchat, usando a hashtag #eusou. Logo, viralizou em todos os lugares. A imprensa nacional veio nos filmar. Cafeterias, livrarias, outras escolas de ensino médio e faculdades criaram sua própria parede de EU SOU.

Sem perceber, acaricio cada cartão, um espaço para ver quem somos e o que representamos.

Procurro primeiro o de Jasper. Procurro sua letra, porque a parede está em constante evolução, com a quantidade de cartões e marcadores permanentes aumentando todos os dias. Na época, fiquei confusa com sua declaração, fui incapaz de entender o fato rabiscado no cartão.

Acho seu papel.

Eu não SOU hetero.

Meu coração começa a doer, sabendo por quanto tempo ele guardou esse segredo e sentindo que não poderia contar para a própria irmã gêmea. Tudo bem não contar para nossos pais, principalmente depois que o papai foi embora. Justamente no momento em que Jasper mais precisava dele. Isso é o que me deixa mais irritada. Ele não estava ao lado de Jasper. Mas eu também não.

Eu SOU egocêntrico.

Jasper assumiu sua sexualidade em uma parede para o mundo ver, embora escondido atrás de um marcador permanente preto e um cartão rosa

neon. O problema é que eu nunca toquei nesse assunto. Fingi que não vi.

Encontro o meu.

Eu SOU uma irmã horrível.

Preciso desviar o olhar, porque as lágrimas vêm aos meus olhos. Eu era sua gêmea. Deveria ter percebido, certo? Sentido algo no dia em que ele colocou isso no papel.

Imediatamente, me viro, vou para a aula de matemática e deixo a sra. Brimm na parede do EU SOU.

— Aonde você vai? — ela pergunta.

— Para a aula de Matemática.

Parede idiota.

— Livia? O seu passe. — A senhora Brimm estende a mão. — Por estar atrasada.

Me viro e o pego.

— E, Livia?

Reviro os olhos, de costas para ela.

— Sim?

— Pode ir até a minha sala mais tarde?

— Sim. — *Sem chance.*

Meu celular toca. É a Cao.

Onde você está???

Enfio o telefone no bolso de trás e sigo às pressas, zangada comigo mesma. E com meu pai.

Tento me esgueirar na aula de estatística da sra. Sund — não porque estou atrasada, mas porque não quero atenção. Os olhares de pena.

— Livia, que bom que você está aqui — a sra. Sund fala enquanto

aperta as mãos.

Todos ficam cheio de dedos e se solidarizam com a minha perda. Ninguém se importa se estou meia hora atrasada para a aula. Não ouço me perguntarem *onde está seu passe? Você está atrasada para a aula*. Nada. Só *que bom que você está aqui*. Como se as pessoas justificassem meu comportamento com o que aconteceu ao meu irmão.

Eu me sento ao lado de Cao, e ela me fuzila com os olhos daquele jeito que me obriga a me explicar.

A sra. Sund é alta, magra e tem cabelos grisalhos. E cheira a loção para bebês. Ela fala baixinho e suas explicações são sempre muito mais aprofundadas do que a maioria dos alunos precisa. Estou certa disso. Seus óculos são grossos. As coisas passam despercebidas na classe, e ela nem pisca. Sua aula é conhecida como A Permuta, porque você pode trocar praticamente qualquer coisa sem ser pego. Exceto drogas. Temos cães farejadores no campus que aparecem nas salas de aula de tempos em tempos, especialmente na da sra. Sund.

Segundo BeLHo, ela é conhecida por ter se soltado na Breck's Tavern, em cima de uma mesa, com saltos vermelhos. Isso só aconteceu uma vez. Mas, ainda assim, guardo a imagem na minha cabeça só por precaução.

***Para onde você foi? Joe
pareceu chateado depois que
você saiu.***

Tive que tomar um ar.

Parte disso é verdade.

— Cao, é um telefone o que estou vendo na sua mesa? — A sra. Sund

olha pelas lentes grossas do seu óculos.

— Isso? É a minha calculadora, sra. Sund — Cao mente.

— Ah, vi errado. Desculpe.

Cao e eu nos sentamos à mesa de Jasper.

Linda traz batatas fritas com queijo e uma Coca-Cola grande.

As batatas me fazem sorrir, porque Daniel me vem à mente. Eu poderia enviar uma foto para ele.

Pensando em você. Com amor, Liv.

Morte por batatas fritas com queijo. Liv.

Alguém quer chips de queijo? ;) Mas não tenho o seu número. Talvez eu devesse pedir. O olhar que ele me deu quando saí do estacionamento, com Simon bêbado no banco de trás, era desconfortável. Incerto. Preciso de uma segunda opinião sobre tudo isso.

— Você vai me contar o que aconteceu durante o primeiro período? — Cao coloca outra batata na boca e um pedaço de queijo cai na sua camiseta do *Departamento de Pesquisa Psicodélica*. Ela tira um dos suspensórios vermelhos para poder limpar o local. — Pelo amor de Jimmy. — Ela revira os olhos e pega um guardanapo.

É pelo amor de *Deus*. Mas eu não a corrijo.

Respiro fundo e digo a ela o que aconteceu com Simon e Whitney, e com Daniel no armário. Dois dias seguidos.

— A questão é que o Simon é o namorado dela, Liv.

— Eu sei. Mas eu só estava tentando ajudá-lo. Além disso, ele me mandou uma mensagem.

Cao semicerra os olhos. Ela coloca o queijo de volta nas batatas fritas.

Isso é uma coisa que não se desperdiça. É contra a lei. E Cao sabe disso.

— Você acha que ele teria mandado mensagem se vocês não estivessem se apertando? — Ela pega outro pedaço de queijo.

É *pegando*. Mas, novamente, não a corrijo.

— Liv, ele estava bêbado no seu carro. Disse que te amava.

— Argh. — Deito a cabeça na dobra do braço e entrego meus olhos na escuridão.

Ouço Cao dizer: — Os garotos britânicos sem namorada são muito mais gostosos e muito mais disponíveis do que os garotos americanos com namoradas. — Ela se inclina do outro lado da mesa e segura minha testa. — Além do mais, você viu o corpo que o Daniel esconde debaixo daquela jaqueta? É de morrer! — Ela para e cobre a boca lentamente. — Ah, meu Deus, Liv. Eu não quis dizer isso. Eu só... é uma...

Assinto. Tudo é diferente agora. Há um longo silêncio entre nós.

— Quer meu enroladinho de ovo? — Ela tenta se recuperar quando enfia a mão na mochila e pega o almoço. Cao revira os olhos. — É patético, Liv. Prefiro enfiar agulhas nos olhos a comer outra tigela de arroz. Ou assistir a outro filme chinês. Ou ler outro livro de Tan. Agora que ela está toda focada na Tan, perdi o interesse. Por que somos tão rebeldes? Isso não faz sentido.

— Diga a ela. Diga que você não quer nada e que você é feliz por ser *Chinamericana* e criada por pais brancos.

Cao explode em gargalhadas. *Chinamericana* é um termo que inventamos na oitava série. Ela inventou.

— Não olhe agora, mas o Britânico Gostosão está vindo para cá.

Treze

O jeito que Daniel caminha não é presunçoso. Ele anda todo humilde, como se ninguém estivesse observando. Seus passos são longos, fluídos e uniformes. Parece que ele já conhecesse bem o caminho, como se o percorresse há anos.

Com as mãos no bolso da frente, ele se aproxima da mesa. Da nossa mesa.

Mas, desta vez, é como se ele não tivesse pensado no que dizer. Como se toda essa coisa de se aproximar estivesse fora da sua zona de conforto, algo que ele não está acostumado.

Seus olhos estão em mim.

Tento não tremer, me mover ou respirar. Tento não fazê-lo sentir que ter vindo até aqui foi uma decisão ruim, porque não é. Com certeza, é a mais correta. Aposto que Daniel sempre toma decisões boas.

Bem, exceto quando ele mentiu para a polícia. Mas fez isso com a melhor das intenções.

E agora, tudo em que consigo pensar é em transar com ele. Talvez seja o modo como suas mãos nos bolsos fazem a calça se esticar. Talvez seja o peito largo sob a camiseta marrom. Ou talvez sejam os óculos de aro preto que não o vejo usar com frequência.

Meu rosto fica quente. Extremamente quente. Como se fosse uma febre que poderia matar um adolescente.

Morte por calor. E por batatas fritas com queijo.

Talvez eu vá morrer por causa de batatas fritas com queijo. Não o Daniel.

Ah, Deus.

— Oi. — Tento não parecer sem fôlego ou desesperada.

Minha pulsação acelera e posso senti-la no ouvido.

— Oi — ele responde. Ouço seu sotaque britânico, mesmo com uma única palavra. — Cao, como estão os planos do casamento? — ele pergunta.

Ela sorri, como se sua esperteza não fosse correspondida. Como se ela fosse a rainha da inteligência.

— Ed quer guardanapos vermelhos. Eu quero marrons. Seja o que for, vai ser.

Daniel para e sorri.

— Não seria, *o que tiver que ser, será?* — Ele se senta.

Perto. De. Mim. Nossas. Pernas. Estão. Se. Tocando.

Cao dá de ombros.

— Tanto faz. Vou deixar que ele escolha.

— Quando vamos conhecê-lo? — ele pergunta.

Observo seu rosto enquanto os olhos se movem na minha direção. Quando ele se senta, sinto seu perfume fresco, como sabão em pó ou algo assim. E alguma coisa nesse perfume ou nele, faz meu estômago revirar.

Poppy aparece e diz: *Os britânicos são ousados, não é? E bonitos.*

Olho para o perfil dele. Sua pele recém barbeada me faz pensar em como seria tocá-lo. Como se o mundo tivesse nos dado consentimento — dois humanos vivos e respirando, um com pênis e outro com vagina — para nos sentarmos ao lado um do outro.

Pênis. Vagina. Pênis. Vagina.

Ah, caramba. Cale a boca, Liv. Simplesmente cale a boca.

Mas ele faz o impensável. Algo para o qual não estou pronta.

Ele se vira para mim e diz: — Gostaria de ir à sua casa depois da escola para que sua mãe possa dar uma olhada na minha mão. Tudo bem para você? — Ele olha para as batatas fritas e de novo para mim.

— Sim. — A palavra sai de repente, como se algo pudesse acontecer se ele aparecesse sem avisar. Nunca levei um garoto para casa. Não, espere. Levei uma vez. Talvez duas.

Benton Greggs. Michael Martinez.

Ah, e Lance Renner. Dois foram por causa de projetos quando eu era a Livia estudiosa, a Liv que tomava decisões sábias. E o outro foi um encontro. Foi no segundo ano. Eu odiava usar vestidos, mas Jasper queria sair com a irmã de Lance, Brittany, então ele me pagou cem dólares para ir. Não que Lance não fosse fofo, pois ele era, mas era baixo e desajeitado.

Ah, meu Deus. Meu pai está em casa. Merda. Não posso voltar atrás agora... sim, posso.

Não posso.

Sim. Sim, eu posso.

Pênis. Vagina. Cara gostoso.

Poppy intervém nesse momento: *Não, você não pode voltar atrás.*

Daniel pega uma batata sem quebrar o contato visual comigo.

— Te encontro na biblioteca depois da aula?

Sexo é a única coisa em que consigo pensar agora. E no Daniel. Tudo o que posso dizer é sim.

Espere. Por que na biblioteca?

Mas não questiono, porque tenho medo do que sairá da minha boca.

— Está decidido então. — Daniel se levanta.

Quero pedir a ele que não vá embora, dizer que me acostumei a seu corpo próximo ao meu. Como se fosse um complemento.

Tenho certeza de que meu rosto demonstra alívio. E acho que estou mesmo aliviada, porque os pensamentos ruins que tive desapareceram. Pensamentos como me sentar no seu colo bem aqui, no meio do Bob's na hora do almoço e beijar seu rosto barbeado.

— Livia, te vejo mais tarde — ele fala, se vira e sai do mesmo jeito que entrou, em silêncio e com confiança.

— Ele é gostoso. Bem alto. — Cao pega outra batata e a coloca na boca.

— Meu pai voltou para casa — deixa escapar.

Cao para de mastigar.

— O quê? Por quê? — Ela toma um gole de Coca-Cola.

— Acho que a minha mãe ligou para ele — sussurro e me acomodo no banco, olhando para o local onde Daniel estava sentado.

Se eu deslizar alguns centímetros, nossos traseiros terão se tocado.

É um pensamento estranho, Livia, até para você, penso comigo mesma.

Mas deslizo mesmo assim, então seu bumbum invisível está tocando o meu, mas não de fato, porque ele já foi embora.

Sou muito estranha.

— Ele está sóbrio? — Os lábios de Cao estão apertados. Ela faz isso quando está pensando.

— Parece que sim. Hoje de manhã, eu estava no armário do Jasper e o vi chorar com a camisa de futebol dele nas mãos.

Os ombros de Cao caem. Seus olhos demonstram preocupação pelo meu bem-estar.

— Liv — ela sussurra —, você estava no armário do Jasper?

Pela primeira vez, fico impressionada ao perceber que ficar sentada entre as coisas do meu irmão, no armário dele, é estranho. Remexo as mãos embaixo da mesa, olhando para elas e rezando para que minha amiga diga algo para me aliviar.

— Você ainda está dormindo com a camisa do Jas?

Hesito. Não quero que Cao se preocupe, mas agora sei que me sentar no armário dele é estranho, porque ela está preocupada.

— Não, eu a lavei — minto. Ela estende a mão para mim. — Eu disse ao meu pai que ele tinha que sair dali — digo.

Cao é metódica com suas palavras.

— Ele está sofrendo também. Perdeu um filho — ela faz uma pausa — de uma maneira que a maioria das pessoas nunca será capaz de lidar. Você parou para pensar que talvez ele também tenha alguns demônios? E que, talvez, pela primeira vez em muito tempo, esteja tentando fazer o que é certo para a filha? Para a família dele?

Olho para frente e deixo suas palavras ecoarem na minha cabeça.

— Você está do lado dele?

Cao balança a cabeça.

— Não estou do lado dele, Liv. — Ela para. — Talvez o foco não precise estar no relacionamento entre você, Tracy e Ned, mas na cura dos três juntos. Vocês precisam um do outro, Liv. Deixe ele ficar lá. E pare de chamar a Tracy de *Tracy* na sua cabeça, porque sei que você faz isso. Deixe-a ser sua mãe. Supere o que aconteceu no passado.

Quinto período. Aula de química.

Lowery não sabe que pegamos a prova na internet, então ninguém está

prestando muita atenção à sua aula sobre conversão em litros, já que todo mundo sabe que Lucinda Brandt vai preencher todas as respostas para clientes pagantes.

Mas não consigo me concentrar nisso agora, pois há um zumbido incessante nos meus ouvidos. Por mais que eu tente, não consigo olhar a cadeira vazia que Jasper costumava ocupar. Nós dois fazíamos química juntos. Eu o convenci de que ele precisava cumprir os requisitos mínimos para conseguir entrar na faculdade, caso ele quisesse fazer algum curso. Agora, gostaria de nunca ter dito isso a ele, porque encarar seu lugar vazio é só mais uma confirmação de que ele não vai voltar. O buraco no meu peito se expande, se estende e preenche todo o espaço. Ele ri do meu coração machucado.

Mandy DeClan se senta na primeira fila. Jasper foi ao baile com ela no primeiro ano. Será que ele achou que tinha que ir com uma garota? Seu jeito deixava todo mundo confortável. Será que ele achou que se saísse com um garoto as pessoas não iam gostar? Ou ele não estava confortável com quem era?

Tivemos uma conversa poucas semanas antes de ele morrer. Falamos sobre a faculdade. Por mais estranho que pareça, eu não podia imaginar deixa-lo para trás e ir para a faculdade em outro lugar. Nosso plano era irmos juntos.

Verdade seja dita, acho que ele só concordou em ir para me incentivar. Para que eu tomasse as decisões certas e me compromettesse, e então ele seguiria em frente.

Algumas semanas antes de morrer, ele me perguntou: — Você já se sentiu confusa em relação ao seu futuro e teve dificuldade de enxergá-lo?

— Ele me encarou. — Não consigo me imaginar crescendo e indo para a faculdade.

Eu disse a ele que era porque ele não tinha um plano, e era por isso que parecia confuso.

A tristeza devora meu interior. E o buraco só cresce. Talvez ele soubesse que ia morrer.

Volto para o momento presente. Meu pé está balançando e estou mordendo a parte interna da bochecha. Meu estômago está se revirando. Eu só quero sair do meu corpo.

Preciso dos meus comprimidos.

Finalmente, o sr. Lowery encerra a aula. Graças a Deus! Sou a primeira a arrumar as coisas e me dirigir à porta.

A biblioteca de Belle's Hollow fica no meio da escola. É circular e cercada por salas de aula. De Dickens a Plath, os clássicos estão todos aqui. O cheiro de livros velhos e almíscar me envolve.

Meu telefone vibra. Vejo um número desconhecido.

estou aqui em cima.

Daniel está sentado no segundo andar, em uma mesinha com uma lâmpada verde, olhando para o meio da biblioteca.

***Como conseguiu meu
número?***

***Com a futura sra.
Sheeran.***

Sorrio, porque ele aceita Cao, exatamente como eu. E salvo seu número nos meus contatos.

Subindo a ampla escada até o segundo andar, respiro fundo.

Não pense em sexo ou bundas invisíveis se tocando, Liv. É errado.

— Ei. — Me sento na cadeira de frente pra ele. *E se nossos joelhos encostarem?*, eu me pergunto. *Devo recuar? Peço desculpas? Devo bater de propósito no joelho dele para conseguir uma reação?*

— Oi.

— Como está a mão? — pergunto, tentando me concentrar na conversa e não em tópicos estranhos que continuam surgindo aleatoriamente na minha cabeça.

Cruzo os braços e me inclino só um pouco para a frente, assim não passo a impressão de que estou tentando beijá-lo ou algo do tipo. A mesa é bem pequena e estamos muito próximos. O ar ao nosso redor é tomado por nós dois. É o que chamo de espaço de um beijo.

— Preciso te dizer uma coisa — ele declara.

Catorze

Me recosto na cadeira de madeira dura e jogo meus ombros para trás, por garantia. É a minha melhor tentativa de refletir confiança. Aposto que se colocassem cadeiras mais confortáveis na biblioteca, os alunos ficariam aqui por mais tempo. Colocariam os pés para cima e relaxariam.

Mas é o que Daniel me diz que me força a voltar a primeiro de outubro.

Quando meu pai telefonou com suas quatro palavras: *preciso contar uma coisa*. A frase não foi tranquila ou bem pronunciada. Foi apressada. Cheia de medo. Essas palavras foram seguidas de: *Não consigo falar com o Jasper e houve um incidente*. Seu jargão de advogado para emergências.

Pai, você está aí? Me diga o que aconteceu com o Jasper, eu queria dizer. Foi quando ligamos a TV.

Daniel fala: — Por isso estamos aqui.

E não me lembro do que ele disse antes. Ou porque está dizendo isso agora. Ah, sim, me lembrei.

— *Preciso te contar uma coisa*.

Daniel coça a cabeça e ajeita os óculos no nariz. Acho que eles encobrem o cara rebelde que ele pode ser. E o corpo que esconde debaixo de suas roupas. Está claro que ele não é um nerd. Fico me perguntando se os pelos do seu peito são ruivos também.

Foco no assunto em questão, Liv. Não no corpo do Daniel.

Pênis.

— Tenho que te contar uma coisa. — Ele se inclina para a frente e chega no espaço do beijo.

Pênis. Vagina.

Lide. Com. Isso.

Talvez sejam os comprimidos que deixam meu cérebro disperso.

Mas agora, só consigo me concentrar em seu peito e na ideia de tocá-lo. Esse pensamento se repete em looping na minha cabeça, me fazendo perder o foco de qualquer outra coisa. Parece que há peixes nadando em círculos aqui dentro e não sei para onde olhar.

PARE.

Eu inspiro.

Mantenha o foco. Inspire. Expire. Repita.

— O que foi? — Faço o possível para manter a voz calma.

Não ousa me inclinar para a frente por medo de que meus lábios e minha língua tomem a iniciativa e o beijem na boca.

— Não gosto de comida chinesa — ele suspira, se recostando na cadeira. *Graças a Deus.* Ele entrelaça os dedos e os coloca atrás da cabeça. — Escrever músicas é o meu talento. Adoro lençóis secos perfumados. — Sua voz é baixa e profunda, e arranha meu peito como vidro rachado. — Vou para a escola andando porque não vou dar ao meu pai a satisfação de dirigir o carro que ele comprou para mim.

Daniel diz *comprou* com sotaque.

Vagina. Vagina. Vagina.

Deus, por favor, me ajude.

Coloco a mão na boca, fingindo limpar a garganta, apenas para acalmar meus hormônios.

Por favor, se acalmem, digo a eles.

— Bem, primeiro de tudo, se você não comeu a salada de frango

chinesa no Hunan Village, em Belle's, não conhece comida chinesa. — Eu também costumava escrever antes de Jasper morrer. Debaixo da mesa, faço um X na palma da mão *para me afastar desse pensamento*. — Segundo, li que lençóis secos e perfumados causam câncer. Mas tudo causa câncer hoje em dia. — *Por favor, Liv, não saia por outra tangente*. — Assim como telefones celulares, alimentos geneticamente modificados, sol... comida mexicana.

— Ah, não — ele debocha.

— Sim.

— Merda — Daniel fala, cético, mas engraçado. — Como a comida mexicana causa câncer?

— Por causa da quantidade de aflatoxinas nas tortilhas de milho, arroz e molhos processados. Existem relação com o câncer de fígado e de mama.

Daniel se inclina para a frente no espaço do beijo.

Mas, desta vez, relaxo um pouco. Talvez seja porque ele está olhando para todos os lugares, menos para os meus olhos, e isso me faz sentir como se estivesse no controle. Mais confiante.

— Gostaria de ler algo que você escreveu — a frase sai rapidamente. Prefiro discutir câncer e comida mexicana, coisas mais leves.

— Tudo bem. — Ele faz uma pausa e estende a mão que não está machucada.

— Vou te dar uma coisa que escrevi se você me der uma coisa que você escreveu. — Daniel pronuncia escrevi como *exxcrevi*.

Imediatamente, estabeleço uma regra, porque não quero que ele sinta o suor nas minhas mãos.

— Não tenho escrito mais nada.

Daniel inclina a cabeça para trás.

— Por que não?

Seja honesta. Pela primeira vez desde a morte de Jasper, seja honesta e deixe alguém entrar.

Processo essa afirmação por alguns segundos.

— Você faz minhas mãos suarem. — *Ótimo.*

Agora me sinto como um boxeador que acabou de levar uma surra e precisa de uma pausa. Uma trégua.

Minha melhor ideia é dizer a verdade e acabar com a dignidade que eu tinha há poucos segundos? Maravilha.

Seu rosto fica vermelho.

— Eu faço suas mãos suarem?

Ele pronuncia as palavras com aquele sotaque.

— Sim — eu sussurro, olhando para a mesa.

Acabamos de nos conhecer. Isso é estranho. Provavelmente, ele está apavorado e vai se levantar e sair a qualquer momento. É o que eu faria, mas não me lembro de como andar e, se me lembrasse, tenho certeza de que minha vagina inundaria o piso de madeira abaixo de nós.

Reviro os olhos.

— Você está se vangloriando.

— Não estou.

Nossos olhos se conectam.

Enxugo as mãos na calça jeans. Encontro coragem dentro de mim e me aproximo do espaço do beijo.

— Tudo bem.

Com dedos longos e magros, sua mão se encaixa na minha.

Por que suas mãos têm que ser tão masculinas?

Daniel não me solta. Não se mexe.

Meu telefone vibra e quebra o momento. Mas ele continua sem se mexer.

— Vai atender?

De jeito nenhum.

— Não.

— Deveria. Pode ser a sua mãe. — Ele solta minha mão com relutância.

Não é minha mãe. É a Cao, me dizendo que não precisa de carona para ir para casa. Que Beth vem buscá-la para uma consulta médica.

O sinal toca.

— Acho que deveríamos ir até a minha casa, assim minha mãe pode dar uma olhada na sua mão.

— Certo.

— Mãe? — Empurro a porta e Daniel entra atrás de mim.

Merda.

Pai.

Olho pela cozinha.

Daniel está logo atrás de mim quando meu pai se aproxima.

— Daniel Pearson, sr. Stone. Sou amigo da Livia.

Meu pai é pego de surpresa, mas de um jeito bom. Talvez seja a franqueza de Daniel.

— Por favor, me chame de Ned.

O aperto de mão deles me lembra dois homens adultos reunidos para negócios.

Meu pai não fala algo do tipo, *Livia você não disse que ia trazer um garoto para casa*. Porque ele não tem esse direito. Ele não sabe nada da minha vida nos últimos três anos.

Há constrangimento entre meu pai e eu. Daniel deve sentir isso.

— Mãe? — chamo, indo para a escada. Ela está descendo, colocando um brinco.— Oi. Você pode dar uma olhada na mão do meu amigo?

— Da Cao?

— Não.

Ela para no último degrau.

— Quem?

Um garoto, falo sem voz e inquieta.

— Um o quê?

Meu rosto fica vermelho.

Tracy se aproxima.

— Daniel? O que está fazendo aqui?

Claramente envergonhado, Daniel endireita os ombros.

— Tracy, eu estava... queria saber se você poderia dar uma olhada na minha mão.

— Espere, vocês se conhecem?

Olho de um para o outro, confusa.

Daniel fala primeiro: — Hum, acho que nossos pais trabalham juntos. Quero dizer, eu não sabia que a Tracy era sua mãe. Bom, acho que eu deveria imaginar, sendo uma cidade pequena. — Ele pronuncia *pequena* com sotaque.

O sotaque britânico é uma coisa de louco em garotos de dezessete anos. Ele faz os hormônios ferverem. Acendem velas. E tocam canções lentas e

românticas que fazem as garotas americanas arrancarem as roupas.

Pênis. Vagina.

Meu rosto está completamente vermelho agora.

— Ele é o novo cirurgião de Hull. Te contei a respeito. — Tracy olha para mim, pegando a mão de Daniel. — Ned, pode acender a luz, por favor? — ela pede para o meu pai, que está encostado na porta da cozinha, vendo a cena se desenrolar.

— Espere. Seu pai é cirurgião? — Olho para Daniel, cruzando os braços. — Por que ele não viu a sua mão?

Sei que Daniel não é mentiroso quando a declaração sai da sua boca na frente dos meus pais. Eu o vejo refletir sobre o que dizer antes das palavras saírem: — Eu só queria passar um tempo com você.

Um leve sorriso aparece nos lábios de Tracy, embora ela ainda esteja usando sua expressão profissional de enfermeira. Provavelmente é a mesma que ela usa quando atende um paciente ensanguentado, quando um bebê nasce ou quando ela tem que dar boas notícias. E notícias ruins.

Mas não a vejo sorrir desde que o Jasper morreu. E isso faz minha culpa aumentar. Me esqueci de Jasper. Apenas por um momento. Eu o esqueci. E, de alguma forma, me convenci de que isso significa que ele está um passo de ser esquecido por completo. Meu coração não consegue lidar com esse pensamento, então tiro isso da cabeça e me forço a não sorrir.

— Me parece tudo bem, Daniel. Eu diria apenas para usar uma pomada para infecção. O que você fez?

— Portas podem ser complicadas. — É tudo o que ele diz.

Tracy olha de Daniel para mim.

— Liv, pode mostrar ao Daniel onde está a pomada?

— Por aqui, sr. Pearson. — Abro a porta atrás de mim.

Meu quarto fica à direita da escada. Pode ser considerando uma zona perigosa... um lugar para ficar perto de alguém e beijar. Mas eu o levo para o espaço seguro: um lugar que não envolve beijos e não é nada sexual. É um pequeno lavabo no térreo, onde guardamos todos os nossos medicamentos. Tem um vaso sanitário, uma pia e diversas pomadas. De creme antialérgico a pomadas para queimadura e cicatrizantes. É um armário para todo tipo de pequenas emergências médicas.

— No que você está pensando? — Daniel me olha no espaço apertado, pronto para a pomada. Um leve sorriso curva sua boca.

— Que quero correr a maratona de Boston — minto antes que a verdade escape da minha boca. Dizer a verdade duas vezes em um dia, para um garoto que mal conheço é estupidez.

Seguro sua mão e meu coração quase para quando ela cobre a minha. Sinto frio na barriga.

— Alguém já te disse que você mente muito mal? — Ele pronuncia as palavras com *aquela* sotaque que gosto.

Solto sua mão com cuidado e me viro para lavar a minha antes de aplicar a pomada.

— Você acha? — Não olho no espelho, porque sinto que ele está me encarando.

Ele não responde, então presumo que não há como escapar.

— Eu estava pensando que não quero ficar neste espaço pequeno com você.

Daniel ri.

— É?

Me viro para ele, puxo novamente sua mão e pego a pomada.

— Posso usar meus dedos? — Olho para ele.

Seus lábios se abrem um pouco. Ele continua quieto. Acho que foi surpreendido pelas minhas palavras.

— Sim — ele sussurra.

Começo a passar a pomada. As pontas dos dedos dele mal roçam minha barriga e sinto estrelas na minha cabeça.

Fogos de artifício explodem. Estrelas se alinham.

Nasce um novo universo.

Estou ferrada.

É sábado. E, de alguma forma, consegui me afastar de Simon desde que Daniel veio à minha casa.

Recebi várias mensagens dele, mas ainda não respondi. Está preocupado porque não se lembra de nada que aconteceu na terça-feira. Como eu o levei para casa. Tenho certeza de que a única coisa que ele sabe é o que a Whitney contou.

Daniel não apareceu mais desde o nosso momento no banheiro.

Não voltei a Hawthorne Hill durante a semana para conseguir soluções rápidas. Também não fui mais à aula do sr. Joe. Eu a abandonei depois de falar com a sra. Brimm. Fingi estar muito triste e até consegui chorar.

E, felizmente, também não tive que enfrentá-lo. Uma vez que abandonei a aula, espero que ele entenda que nosso acordo também esteja acabado. Mas uma voz dentro de mim, e que não é a de Poppy, me diz que sou ótima em fugir de problemas.

Cao foi a São Francisco para visitar a Sociedade Histórica Chinesa da

América com Beth, e tenho o dia de folga no trabalho.

O quarto de Jasper diminui cada vez mais à medida que fico aqui, esperando que ele me responda o que devo fazer sobre Daniel.

Meu telefone toca. É ele.

Meu coração bate em um ritmo que me deixa tonta. Parece uma banda cheia de tambores, bongôs, baixos e afoxés.

Preciso te ver.

Bang. Bang. Bang.

Ele não disse que *quer*, ou que *seria bom*. E nem perguntou se eu *gostaria*. Disse que *precisava*.

Um verbo definido como: *exigir (algo) porque é essencial ou muito importante*.

Talvez ele precise me ver para dizer algo, e essa necessidade justifique o motivo. Então pode não ser o que estou pensando.

Estou pensando demais.

Acho que os britânicos têm uma maneira engraçada de transmitir informações. Ou talvez seja a maneira americana de pensar demais em tudo. Complicando algo simples. Talvez seja um jogo de palavras. Algo que se perde na tradução. Tento minimizar minhas esperanças. Talvez não seja nada americano versus britânico.

Começo a responder. Mas os três pontinhos indicam que ele voltou a digitar.

Então eu paro. E ele também.

Talvez seja algo como, *eu preciso te ver para falar sobre um assunto*.

Qual é o seu endereço?

Eu deveria dizer que não posso vê-lo. Vou explicar meu luto. O

problema que tenho com os comprimidos que ajudam no sofrimento. Sou viciada em drogas, e é que direi a ele. Dessa forma, ele fugirá de mim. Sinto meu estômago embrulhar com a necessidade de arrumar razões — ou desculpas — para justificar o fato de que não pode mais haver fogos artifício explodindo e estrelas se alinhando.

Há uma longa pausa do seu lado. No meu também.

Mais trinta segundos se passam. Dez. Mais cinco... Um minuto.

Ele começa a digitar novamente. Os três pontinhos aparecem. E desaparecem.

Ele disse que precisa, Livia.

Daniel começa a digitar novamente. Posso jurar que os três pontos se movem cada vez mais rápido.

Anos-luz se passam.

4723, Rockwell Lane

Coloco o endereço no GPS. Sua casa fica perto da Gulch. Já imaginava que seria.

Me levanto rapidamente e arranco a camiseta preta de Jasper para colocar outra que peguei esta manhã do seu armário. Uma limpa. De repente, há um cheiro distinto e avassalador. De floresta e roupas lavadas. Jasper era uma pessoa impecável. Não era o que ele usava, era como usava. Sinto como se não estivesse sozinha, porque o perfume, o *perfume dele*, fica cada vez mais forte.

Me afasto da sua cama e vou em direção ao seu armário. Aquele em que me escondi várias vezes, sentada sobre a sua coleção de tênis Vans, no

escuro, implorando para que ele aparecesse de repente.

Dou mais alguns passos em direção ao armário. A porta está fechada, e eu me pergunto se meu pai esteve aqui novamente. Esse pensamento me faz ficar agitada. Mas algo me diz para respirar e me acalmar. O cheiro de Jasper aumenta, como se ele estivesse aqui comigo, algo que nunca senti desde que ele se foi.

Seguro a maçaneta da porta. Ainda não abro, porque tenho medo da decepção e das minhas expectativas implodirem bem na minha cara.

E se eu tiver criado toda essa cena na minha cabeça e não for nada?

Uma sensação de urgência toma conta de mim e abro a porta.

Está escuro lá dentro, então acendo a luz.

Minha cabeça não consegue juntar as peças como deveria, porque o que eu vejo...

Não há lógica em dizer que Jasper está aqui, mas é inexplicável se ele não estiver.

Eu me abaixo e seguro o choro, com muito medo de me permitir respirar. Com muito medo de me mexer porque, se o fizer, talvez acabe com o que estou presenciando.

A luz começa a tremular, como se a lâmpada estivesse com defeito e o cheiro de Jasper aumenta. É quase irresistível. Tudo isso está acontecendo rápido demais.

No fundo do armário, bem em cima dos seus tênis, seu telefone está vibrando e o nome dele está na tela.

É como se ele estivesse ligando para o próprio telefone.

Quinze

Choque: 1. encontro violento, com impacto ou abalo brusco, entre dois corpos.

2. perturbação brusca no equilíbrio mental ou emocional; abalo psíquico devido a causa externa.

Imediatamente, sou transportada para uma época em que Jasper estava vivo.

— Eu acredito no que vejo — ele disse para Poppy e eu quando tivemos uma longa conversa sobre Deus.

Será que ele ainda acredita nisso? Será que eu devo acreditar?

Minha mente alterna entre coisas reais e o que estou presenciando.

A respiração acelera.

Coisas reais: Maçãs. Livros. Xícaras de café. Gatos. Ensopado de mariscos. Gripe.

Real.

Disparo em direção ao telefone, e meu coração acelera. Atendo.

— Jasper! — Ofego. — JASPER!

Esse sentimento dentro de mim é real e acredito nele com todo meu ser. Me questiono sobre a primeira mentira: *E se ele não estiver morto?*

Depois penso na segunda: *E se o FBI deixou passar alguma coisa?*

— Jasper? Por favor, estou aqui. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Por favor, estou aqui. — Meu tom é desesperado.

Mas do outro lado da linha só tem estática.

Espero, acreditando que há mais nisso. Aguardo com o telefone colado no ouvido enquanto as lágrimas me consomem e meu interior fica

entorpecido.

Caio entre seus tênis e mergulho nele.

Em suas camisas.

Seus tênis.

Tudo. Apenas ele.

Com uma dor tão profunda, um vazio que só pode ser preenchido por ele, a outra metade de mim, meu corpo inteiro começa a tremer.

O luto nos leva a fazer coisas engraçadas. Nossas mentes, ficam cegas pela luz eterna. E ficamos esperando que, de repente, nossos entes queridos voltem à vida.

Suplicando para ver Jasper uma última vez, digo tudo que não lhe contei antes que ele morresse.

— Eu faria tudo diferente, Jasper — sussurro, sem reconhecer minha própria voz.

Tento me acalmar com o ônus da prova. A evidência física de que o que vi realmente aconteceu.

Quando a estática finalmente acaba, fico esperando. Não tiro o telefone da orelha por medo de não ouvir o que Jasper está tentando me dizer.

Depois de alguns minutos, afasto o telefone. A tela agora está preta e embaçada.

Vou para o registro de chamadas perdidas.

E lá, na última chamada, não foi meu irmão quem ligou para si mesmo. Foi Tracy, e há o registro de quarente e sete chamadas dela. Sei que ela não fez isso porque queria falar com ele. Minha mãe queria ouvir sua voz na caixa postal.

Aqui é o Jasper. Você sabe o que fazer.

Bip.

A bile atinge a parte inferior da minha garganta, queimando tudo no caminho. Volto para o meu quarto, pego as chaves e o frasco de comprimidos antes de enfiá-los no sutiã. Preciso tomar um ar.

Meus pais estão na sala de estar.

Minha mãe está lendo, ou *fingindo* ler, porque ela não quer preocupar os outros com sua dor.

Meu pai está olhando a seção de Esportes do jornal *Times-Standard*.

— Não tão rápido, mocinha. Precisamos conversar. — O tom maternal de Tracy, normalmente, só é ouvido uma vez por mês. — A sra. Brimm ligou e disse que você abandonou a aula de inglês avançado.

Não me importo mais. Todo esse carinho é ridículo. É superestimado e despende muita energia.

— O que de pior pode acontecer? — Sorrio. A falta de carinho começa a aparecer no meu tom.

— Liv, a Harvey sempre foi o seu sonho. Você não acha que eles gostariam de ver sua pontuação em inglês avançado quando você passar no teste? — Tracy pergunta.

Sei que ela se importa. Mas, por alguma razão, não consigo parar de dizer coisas horríveis.

— E você se importa com isso?

Tracy parece exausta. Como se as canções de amor e paz, o céu e a terra tivessem terminado. Eu a vejo se encolher dentro de si mesma. Ela encontra seus erros com um *foda-se*. O meu foda-se.

Uma parte de mim se sente mal. Mas a parte que está de luto só quer fazê-la sofrer mais que eu. E me odeio por fazer isso.

— Livia, não fale assim com a sua mãe — meu pai fala.

— Ah! O Pai do Ano voltou porque é conveniente. Boa tentativa, Ned. Ei, quanto tempo você vai ficar desta vez? E onde está a prostituta com quem você deixou a cidade? Aquele modelo atualizado pelo qual você trocou sua família? Ela já está grávida, Ned?

— Livia Stone. O que aconteceu com você? — Os olhos de Tracy estão arregalados conforme ela tenta juntar a família, mesmo com uma parte enorme faltando. — Você nunca... — Sua voz falha e ela se interrompe para organizar os pensamentos. Meu coração se parte. E ela continua. — Você nunca falou comigo assim. Nunca agiu assim... — Sua voz está cheia de dor.

— Não gostou? Não é problema meu. — Bato a porta da frente ao sair.

Ouçoo Tracy me chamar e, logo em seguida, o som profundo da voz do meu pai, lento e calmo pela primeira vez.

Envio uma mensagem para Simon e digo para ele me encontrar em Hawthorne Hill, porque preciso de uma fuga rápida, algo para me perdoar ou aliviar a culpa que está me consumindo.

Tremendo, coloco a chave na ignição. Sinto que estou perdendo o controle.

Poppy aparece nesse momento e diz: *Querida, não é assim que você deveria levar sua vida. Se você tomar uma decisão errada, não vai poder desfazer.*

Em vez de virar à direita na Main Street e subir a colina até Hawthorne, viro à esquerda em direção a Gulch.

Vá embora, Poppy. Ninguém tem uma avó morta que a segue por aí. Você não é real. E eu estou ficando louca. Me deixe em paz.

Faço uma pausa, engolindo as lágrimas.

— Espere. Foi o Jasper? — Digo em voz alta para ver como isso soa.

Balanço a cabeça e sinto a emoção começar a se formar novamente, desta vez com mais força.

Eu imploro a Poppy: — Foi ele? — A frustração me evolve. — Não preciso de uma das suas respostas filosóficas agora, Poppy. Preciso da verdade.

Poppy está no banco do passageiro. Ela abre a janela.

Por quê? O vento parece diferente quando se é um fantasma? Um espírito? Uma invenção da minha imaginação.

Dirija, ela fala. Os espíritos conseguem manipular o mundo ao nosso redor.

Meu telefone começa a falar as coordenadas: Vire à direita na estrada 36. Em um quilômetro e meio, vire à direita na Rockwell Lane.

Esqueci que havia programado o endereço no GPS. Me viro para falar com Poppy, mas ela não está mais lá.

Sigo as instruções do GPS.

Vire à direita na Rockwell.

Eu viro, e isso me leva por uma estrada de terra onde as sequoias altas formam uma trilha, como se dissesse: *não saia da estrada, ou você baterá em mim e morrerá.*

Paro em uma clareira no final da estrada.

— Jesus.

Vejo uma mansão em um campo gigantesco do lado oposto às árvores.

Pego os comprimidos do meu sutiã e os escondo debaixo do banco, mas antes tomo três. Só três. Preciso deles, certo? Meu irmão morreu. Eles

foram prescritos para mim. Justifico a importância que os comprimidos desempenham na minha realidade.

Envio uma mensagem para Daniel, avisando que estou aqui.

Acho que estou no lugar errado, porque não é uma casa. É um palácio.

Você chegou ao seu destino: 4723 Rockwell Lane, meu telefone fala.

Onde devo estacionar?

Imagino que seja mais perto da casa, talvez perto da fonte de água ou das esculturas de porcelana.

Meu carro super velho, onde me sinto totalmente incapaz e envergonhada agora, se arrasta lentamente em direção à casa colossal, esmagando as pedras sob os pneus. Sinto minha vida diminuída. Mas o remédio se esgueira e gira dentro do meu cérebro. O sentimento de não pertencimento diminui e me sinto bem. Como eu deveria me sentir.

Daniel abre uma das duas portas enormes da frente usando camiseta e jeans. Sem sapatos e com as mãos nos bolsos, ele sai para me cumprimentar.

Engulo completamente a minha incapacidade e digo a ela para ficar longe até que eu vá embora.

— Estou feliz que você esteja aqui — ele fala quando saio do carro, fechando a porta atrás de mim.

— Casa legal. Como está a mão? — é tudo que consigo dizer.

— Bem. — Daniel olha para a mão e de volta para a casa, como se fosse um item de consequência irreal. Uma coisa qualquer. — Teve problemas para achar o caminho? — Ele olha para o chão enquanto seguimos para as portas da frente.

A grande entrada para o palácio.

— Não. — Minha voz parece pequena e muito distante do meu coração.

— Que bom.

Não consigo pensar em nada para dizer. Bom é bom, certo? Respondo:

— Certo.

O conforto dos comprimidos faz meus ombros relaxarem. Me encho de confiança e finjo ser alguém que não sou. Meus problemas desaparecem.

O alívio preenche todos os cantos escuros do meu coração e do meu corpo.

— Este lugar é novo. Está fora dos roteiros mais conhecidos. Meu pai mandou construir antes de nos mudarmos para cá. — Ele dá de ombros.

Olho para a entrada, que se abre para a sala de estar, a cozinha e a sala de jantar. Há uma parede repleta de janelas com vista para o campo.

— Devo tirar os sapatos? — pergunto, já me abaixando.

Ele ri.

— Temos pisos de pedra, Livia. Duvido que você vá estragar o chão. Mas se isso te deixar mais confortável, pode tirar.

Olho para os tetos abobadados feitos de pau-brasil. Em cima da sala de estar e da cozinha, há uma galeria enorme, que se parece com outra sala de estar ou sala de jogos.

— Gostaria de subir? — ele pergunta.

Sim, eu gostaria. É uma decisão sábia? Não. Provavelmente não, mas minhas inibições não estão mais aqui.

Daniel sorri e passa as mãos pelo cabelo.

— Receio que você precise segurar minha mão. Passaremos pelos aposentos dos dragões e, às vezes, as pessoas ficam um pouco assustadas.

— Já lutei com dragões antes, Daniel. Não se preocupe comigo. É um

esporte olímpico na América.

Meu rosto inexpressivo não é apenas surpreendente para mim, mas também para Daniel.

Ele mexe os dedos quando minha mão desliza na sua.

As mãos de Simon não são assim. E meu coração não faz as coisas estranhas que está fazendo agora quando estou com ele ou com qualquer outro garoto.

Tenho um flashback.

A dra. Elizabeth me fez imaginar meu luto como um dragão. Sua pinta se moveu para a esquerda quando ela disse: — O que você precisa dizer ao dragão? — ela perguntou. — Use esse tempo para ser honesta com ele. Vamos lá, solte tudo.

Mas a minha favorita era: — Você sente o dragão rugir? Você sente o fogo dele?

Quando deixei seu consultório naquele dia, fiquei mais confusa do que quando entrei.

Foi a última vez que fui à dra. Elizabeth. Ainda não contei a Tracy. Ela acha que tenho encarado o dragão semanalmente, mas já faz quinze dias. Quando minha mãe me pergunta, eu minto, porque estou ficando boa nisso.

— Livia? — Daniel me chama. — Você está bem?

Dezesseis

Assinto enquanto ele me leva para o andar de cima, para um nível totalmente novo de grandeza. Há pinturas a óleo, representando bem a era elisabetana. Homens e mulheres em trajes formais, com golas parecendo cones que se vê em cães e gatos tratados no veterinário. Elas também não parecem ser confortáveis. Sorrir parecia ser contra a lei naquela época, ou ninguém estava feliz, porque cada pintura é mais monótona, pouco entusiasmada e triste que as anteriores.

— Quem são essas pessoas? — pergunto quando sinto o polegar de Daniel esfregar de leve na minha mão, fazendo-as suarem.

— Membros da família. — Ele para na frente de uma pintura em particular. É um homem sentado. Ele parece infeliz.

— Quem é ele? — sussurro enquanto desenho a palavra *inveioso* na minha perna.

— Meu tataravô. Isso foi pintado depois do funeral da esposa dele. — Ele pronuncia *tataravô* com aquele sotaque.

Olho nos olhos do homem.

— Ele parece estar com inveja.

Daniel olha para a pintura e depois para mim.

— Como assim?

— Bem, sinto como se ele quisesse ter morrido primeiro. Como se fosse combinado que ele partiria primeiro e a esposa, depois.

— Você percebeu isso com um olhar? — Ele faz uma pausa e se vira para mim. Nossas mãos ainda estão unidas, e eu continuo encarando a pintura. Então inclino a cabeça para um lado.

— Exatamente.

É como se os comprimidos me permitissem alcançar um nível mais profundo de pensamento, tocando lugares nunca acessados. Talvez uma psique mais nova, baseada nas mentiras que conto a mim mesma quando os tomo.

— Humm.

Caminhamos pelo grande corredor e paramos de frente para uma porta no final dele.

— Gostaria que você conhecesse a minha mãe. Tudo bem?

Me pergunto por que sua mãe está em um quarto e não na cozinha. O sentimento que isso me traz não é bom. *Por que ela não está na sala de estar lendo Orgulho e Preconceito? Ou no quintal, cuidando de algum tipo de horta orgânica que começou do zero?* Porque aposto que é o que a sra. Pearson faz.

— Qual é o nome dela? — Minhas mãos ficam suadas, então me afasto dele de uma forma pouco casual.

Pego de surpresa, ele responde: — Ela é minha mãe, não a rainha da Inglaterra, Livia.

Esfrego as mãos na calça jeans, tentando parecer indiferente e limpar qualquer evidência de nervosismo.

— Não, eu sei. Eu só... — Engulo o chiclete por acidente.

Ele se inclina e pega minha mão de novo, se aproximando do meu ouvido.

— Rose. O nome da minha mãe — ele sussurra.

Conto os segundos em que sua respiração fica no meu ouvido para distrair meus pensamentos impuros sobre sexo.

— Você não deve engolir o chiclete, Livia. Meu pai diz que faz mal. Prende o intestino. — Ele pronuncia a palavra engolir como se o R estivesse dobrado.

Entro em pânico, porque a respiração dele no meu pescoço faz com que eu transpire ainda mais.

Se controle, Liv, digo a mim mesma.

— Eu não sabia que seu pai era um expert em chicletes.

— Mas é.

Ele abre a porta, e o que vejo é um quarto enorme, cheio de janelas com vista para uma trilha entre as sequoias gigantes, lindas cortinas, papel de parede de flores cor de rosa e várias coisas antigas. Era como se tivéssemos viajado no tempo.

O quarto, ou o salão de baile — não tenho certeza qual deles é maior — cheira a limpeza.

Uma voz o chama. É fraca, falhada e cheia de respirações entrecortadas.

— Daniel, é você?

Ele me olha com os olhos arregalados e um sorriso lento aparece em seu rosto.

— Sim, mãe.

Bem no meio do quarto, cheio de luz natural, há uma cama de hospital. Ela está de costas para nós.

Meu estômago se aperta. Tento puxar a mão da de Daniel, mas ele não deixa, e meu coração acelera quando ele nos leva para o lado dela.

Na cama diante de nós, está uma mulher frágil, embora sua magreza deva ser um resultado direto da sua condição. Isso a faz parecer muito mais velha do que realmente é. Seus olhos são acinzentados, e adquirem um

brilho leve quando ela encontra os meus.

Há um gorro em sua cabeça. Parece o que Daniel usava no dia em que nos vimos pela primeira vez. Penso em contar a ela sobre as implicações do seu filho andar pela Highway 36 e a taxa de mortalidade que a estrada cheia de curvas proporciona, mas não o faço porque ela fala primeiro.

— Ah — ela murmura —, você deve ser a Livia. — Ela segura minha mão com cuidado.

Ele não me falou nada a respeito dela, a não ser que estava doente. E eu não tinha certeza se era uma gripe ou resfriado, mas não achei que estava tão mal.

— Rose, é um prazer conhecê-la. — Agradeço que os comprimidos ainda estejam me mantendo firme.

Suas mãos estão frias. Os dedos são finos, fracos e a pele está quase transparente, com as veias aparentes.

— Ouvi muito sobre você. — Seu jeito de mexer a boca quando fala é igual ao de Daniel. — Meu filho te ofereceu chá, Livia?

— Não, mãe. — Ele se vira e caminha até um carrinho localizado no fundo do quarto.

— Sua casa é linda, Rose. E a vista... — Olho para a floresta de sequoias.

— É, sim. — Ela respira fundo. — A cidade de Deus. Não é assim que chamam Humboldt County? — Ela descansa a cabeça na cama hospitalar.

Tento não olhar, mas, pelo canto do olho, vejo frascos de comprimidos em cima de uma mesa de cabeceira improvisada.

— Sinto muito — ela sussurra. Não sei se é por falta de oxigênio ou fadiga — sobre o seu irmão.

Meu interior se contorce e causa um grande tumulto interno. Se alguém pudesse ver dentro de mim, não diria que sente muito. Se ela soubesse o que faço para lidar com a dor, diria ao filho para fugir de mim.

— Obrigada. — É tudo o que consigo dizer, tentando não engasgar.

Rose fecha os olhos e respira fundo. Ela está em paz neste momento, e eu me pergunto se é um sinal para irmos embora.

Olho para Daniel novamente. Ele não se mexe, então fico ali.

Algum tempo se passa. Os olhos de Rose permanecem fechados.

Ela está morrendo? Ela não parece bem, mas será que morreria assim que eu chegasse aqui?

Suas mãos estão quentes. Pessoas mortas têm mãos frias.

Poppy aparece e diz: *Ela não está morta. Apenas escute.*

O quê?, respondo a Poppy na minha cabeça. *Os olhos dela estão fechados. Seus lábios não estão se movendo, Poppy.*

Daniel continua ali parado.

Inclino a cabeça em sua direção como se estivesse perguntando qual é o problema.

Rose se mexe. E seus olhos se abrem. Parece ter acordado de um cochilo.

— Sabe, Livia, eu tive que abrir mão de muita coisa na vida. — Ela faz uma pausa para recuperar o fôlego. — Tive que aceitar algumas situações pelo que elas são. Entramos nesta vida sem nada. — Ela para novamente. — E a deixamos apenas com nosso caráter. — Ela ajeita a cabeça. — Não acho que Deus esteja me esperando no céu com uma prancheta na mão — ela respira —, perguntando qual era a minha renda anual, que marca de carro eu dirigia ou qual era a minha profissão. — Rose para e tosse —

Muito menos se tive tudo o que quis. Acho que ele vai me perguntar se fui gentil com todos que conheci. Se fui paciente, tolerante e amorosa. — Ela faz uma última pausa. — Se quando enfrentei a tragédia e a adversidade, mudei como ser humano ou mantive minha personalidade. Se minha trajetória foi de amor, paciência e bondade. — Ela tosse em seu lenço mais uma vez, e agora sai um pouco de sangue. Ela o dobra para esconder o sangue e me olha nos olhos. — Quando você estiver diante do teste final, como vai lidar com ele?

Não consigo respirar.

Quero fugir.

É mais fácil do que encarar a vida nos termos dela.

A mão de Rose ainda está segurando a minha, e seus dedos, apertam os meus.

Ela pisca.

Depois assente e respira fundo.

Respirar é bom, Rose. Respirar é bom.

— Ele acabou de dizer: pare de se sentar nos meus Vans. — Rose ri com a voz rouca enquanto continua.

Meu coração para de bater, porque só nós duas sabemos o que isso significa. E não tenho certeza se vou rir, chorar ou se vou fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Quero que Rose pare, mas também quero que continue. Quero me perder em suas palavras. Me enrolar nelas. E empurrá-las para longe.

Respire, digo a mim mesma. Minha garganta se contrai.

Agora, mais do que nunca, quero que os comprimidos me tirem do meu corpo. Quero ouvir as palavras de Rose, quero muito, mas não quero sentir

o que estou sentindo agora.

E minhas lágrimas caem, uma por uma, manchando minhas bochechas e molhando minha camiseta.

Eu assinto.

Ela afasta a mão e diz para eu me aproximar.

— Estarei com o Jasper. Cuidarei dele e o mantereí seguro. — Rose pega o pingente que meu pai fez depois que meu irmão faleceu. Após examiná-lo, ela afasta a mão, dando um tapinha leve na minha. Ela parece estar exausta. Rose fecha os olhos novamente, mas dessa vez, por bastante tempo.

Daniel pega minha mão e me leva em direção à porta.

— Ela fica um pouco desorientada quando a medicação para dor começa a fazer efeito. Diz coisas que não fazem sentido.

Ele me leva para a cozinha, solta minha mão e se inclina na enorme ilha que fica no meio do cômodo. Em seguida, cruza os braços.

Não digo nada. Não sei se posso.

Daniel morde o lábio. Pondera algo para me dizer, para por um segundo e, em seguida, fala.

— Luto é sofrimento, Livia. Todos nós o carregamos. Varia de pessoa para pessoa. Algumas o escondem. Outras, o vivem. E muitas fogem dele.

Tento me lembrar de todas as razões pelas quais vim até aqui. Para explicar minha tristeza, como se estivesse dando desculpas pelo meu próprio comportamento? Para quem? Por quê? Dou todas as desculpas para agir de acordo com minha necessidade física de afeto. Mas nenhuma delas me parecem plausíveis, não depois de conhecer a mãe de Daniel. Uso cada uma para tentar racionalizar que meu comportamento seja funcional,

razoável e o único possível. Mas não posso.

Em vez disso, pergunto a Daniel sobre ela: — Sua mãe está morrendo? — Provavelmente, eu deveria ter formulado melhor essa pergunta. Havia um milhão de maneiras diferentes para questioná-lo sobre isso e todas seriam melhores.

— Ela foi diagnosticada com câncer de mama em estágio quatro. Meu pai não permite cuidados paliativos, então nós dois dividimos as tarefas. Muito mais eu do que ele.

Faço uma pausa antes de fazer a próxima pergunta.

— Como é o seu relacionamento com seu pai?

— É complicado.

— Complicada é a minha vida. Quando ela foi diagnosticada? — Estou a um metro de distância dele.

— Quando eu tinha treze anos. No meu aniversário, na verdade. — Ele sorri, provavelmente porque se lembrou de alguma coisa.

Também associo os acontecimentos a boas lembranças. Não a ruins.

— Quando é o seu aniversário? — Quero que ele continue sorrindo.

— Oito de outubro.

Engasgo e tusso.

— Livia?

— Nosso — é tudo o que consigo dizer enquanto tento juntar os pedaços de informação que o destino parece estar mandando. — Nosso aniversário é no mesmo dia. — Agora só meu. Jasper se foi em primeiro de outubro.

— Seu aniversário é no dia oito de outubro? — Daniel tenta não dar importância ao meu ato falho, e tudo o que quero é curar o câncer da sua

mãe.

Começo a roer a unha do polegar para evitar tocar seus lábios e fazer seu sorriso desaparecer.

Cuidadosamente, ele se inclina, puxa meu polegar e segura minha mão.

— Somos predestinados. — Seu sorriso cresce e a tristeza diminui.

Dezessete

Jasper e Livia, dividindo um quarto com 8 anos e meio — *Jasper? Você está acordado?*

— *Sim.*

— *Você está com os braços fora das cobertas?*

— *Só um.*

— *Qual?*

— *O esquerdo.* — *Jasper solta um suspiro.* — *Vá dormir, Mimi.*

Silêncio.

— *E as pernas?*

— *As duas estão cobertas.*

— *Certo.*

Eu me ajusto, retirando de forma relutante o braço esquerdo do cobertor, mantendo o braço direito e as pernas cobertas e seguras.

Daniel pega a manteiga atrás de mim. Seu braço roça no meu quadril e seu rosto está a centímetros do meu.

— *Está com fome?* — *ele pergunta.*

Quero dizer que não tenho certeza, porque o frio na barriga está mascarando qualquer outra sensação que eu possa ter.

Assinto para ser educada.

— *Acho que seu polegar não merece toda a agressão que você destina a ele.* — Daniel finalmente se afasta de mim e do espaço de um beijo que ele criou. Ele solta meu polegar e minha mão antes de se virar e caminhar até o fogão de mil bocas. Seja o que for, é enorme. Talvez não sejam mil. Podem ser dez. Mas mesmo assim é grande.

Tento colocar meu polegar na boca de novo, mas penso duas vezes e coloco as mãos para trás.

— O que o médico da Rose disse?

— Espere ela morrer. — Ele ri.

Não o acompanho.

Daniel vira a cabeça, apoiando o queixo no ombro.

— Sinto muito. Isso não foi engraçado.

Mas entendo de onde vem. Não há humor na morte. Mas a resposta humana a ela pode ser mórbida. Me pergunto há quanto tempo Daniel está sofrendo.

Lentamente, vou até o fogão enorme, me inclinando sobre o balcão, assim fico de frente para ele enquanto cozinha.

— Há quanto tempo você faz isso?

— Cozinhar? Ou assistir minha mãe morrer? — Ele não faz contato visual e ajusta o fogo como se estivesse tentando adiar a resposta.

Mas ele sabe do que estou falando.

— Bem, ela foi diagnosticada quando fiz treze anos. Entrou em remissão quando eu tinha quinze. E então o câncer voltou quando eu tinha dezesseis. E dessa vez, não havia esperança de cura. — Daniel dá de ombros, como se fizesse o gesto para o mundo. Como se fosse mais fácil lidar com a dor do seu jeito. — Meu pai leu o diagnóstico, viu os exames laboratoriais, etc, *etc*. Não havia necessidade de uma segunda opinião. Foi quando nos mudamos para cá. Portanto, minha resposta curta à sua pergunta inicial é: desde que me lembro. — E ele diz *me lembro* com aquele sotaque. — Estou fazendo *sarnie* de bacon. Você vai comer um. É muito mais gostoso que seu dedo. — Daniel caminha até a geladeira e pega bacon.

Posso dizer que ele quer mudar de assunto.

— Rose sempre teve o dom de se comunicar com... bem, você sabe?

Daniel volta com o bacon e o pão.

— Ela sempre soube que era diferente. Quando contou aos pais, eles a colocaram em um hospício. — Ele separa o bacon e o coloca na frigideira.

— Acho que eles estavam tentando assustá-la. Minha mãe sabia que não era louca. Então, para sair de lá, ela fingiu.

Há uma longa pausa enquanto o bacon faz barulho na panela.

Daniel se vira e fica de frente para mim.

— Ela se mudou aos dezoito anos e nunca mais falou com os pais.

— Você não conheceu seus avós?

— Prefere *molho tommy* ou *molho brown*? — Daniel coloca o pão na torradeira, tentando se manter ocupado.

Inclino a cabeça para a esquerda, curiosa e sem saber quais são minhas opções.

Daniel esclarece:

— Ah, desculpa. Molho Tommy é ketchup, acho que é assim que vocês chamam. E o molho *brown* é tipo um ketchup mais picante.

— Molho Tommy — digo, porque é o que conheço. Passei muitos anos olhando para Jasper em busca das respostas sobre as coisas da vida. Preciso tentar algo diferente desta vez. — Não. Espere. Vou experimentar o molho *brown*, por favor.

Ele passa o molho *brown* nos pães, coloca vários pedaços de bacon e faz um sanduíche.

— Isso é um *sarnie* de bacon. — Ele empurra nossos pratos para o outro lado do balcão da cozinha. — Posso pegar algo para você beber?

Jasper me comprou uma camiseta quando foi para Nova York no segundo ano. Estava escrito: *Tudo é melhor com bacon*. Ele a trouxe com uma expressão que sugeria que sabia que só poderia ser minha.

— Água, por favor — digo, afastando a lembrança. — Onde você aprendeu a fazer isso?

Espero que ele se sente. Ele se acomoda ao meu lado, tão perto que nossos joelhos se tocam.

— É uma coisa britânica.

Daniel me observa enquanto dou uma mordida. O bacon picado no molho *brown*, doce e picante ao mesmo tempo, é crocante. Tento não gemer enquanto mastigo. É muito bom.

— Meu irmão... — Faço uma pausa para pensar nas minhas próximas palavras. Não por causa do que vou dizer, mas sabendo que ele vai gostar da mudança de assunto. — Ele me trouxe uma camiseta quando viajou para Nova York, há alguns anos. Dizia: *tudo é melhor com bacon*.

Um sorriso empático se espalha por seu rosto. Não é do tipo fingido, mas algo que vem do fundo do coração, que nasce de um sentimento de tristeza compartilhada.

Daniel pega o guardanapo e limpa a boca enquanto termino meu *sarnie*.

— Seu irmão estava bem?

Também limpo a boca. Seu joelho empurra o meu da maneira mais suave possível.

Concordo, justificando o que virá a seguir, mas sentindo o desespero por compartilhar isso com outra pessoa.

— Quando recebemos a ligação, um dos cirurgiões emprestou seu jato para nos levar a Los Angeles. — Os sentimentos se acumulam no meu peito

como montes de tijolos. — Meu pai e um agente do FBI estavam nos esperando no aeroporto e nos levaram ao centro de operações.

Daniel não me olha, mas seu joelho pressiona o meu. Ele coloca as mãos em volta do copo de água.

Sinto o frio na barriga aumentar e meu peito se expande por causa da dor, dando mais espaço para o frio e os tijolos.

— Fomos para um centro de exposições, em um dos salões onde realizavam as feiras, exposições de arte e mostras de artesanato. Havia berços. E famílias. E tristeza. — Assinto, como se estivesse tentando me convencer de que a lembrança não dói tanto. Que a tristeza e o desespero não voltam à tona. Mas voltam.

Definição de realidade: O mundo ou o estado das coisas como elas realmente são, em oposição a uma ideia ou idealização delas.

É difícil existir e ainda mais difícil respirar no lugar onde me encontro nesse exato momento.

— Algumas pessoas estavam chorando inconsolavelmente. Havia uma mãe sentada no chão, soluçando de forma incontrolável. — Eu paro. — Minha mãe, meu pai e eu nos sentamos em uma cama e esperamos.

A perna de Daniel pressiona a minha com um pouco mais de força.

— Havia uma mulher, que supus ser agente do FBI, vestida com roupa de trabalho casual. Me lembro disso, porque era um dia úmido em Los Angeles, e o salão estava quente. Ela estava com um casaco esportivo e notei o suor debaixo dos braços. Ela pegou um alto-falante e disse que o primeiro ônibus de sobreviventes estava chegando. Não tínhamos notícias de Jasper desde que tudo aconteceu, então não sabíamos muito neste momento. — Pressiono os dedos no granito frio. — Vimos uma multidão de

peessoas se movendo rapidamente e ao mesmo tempo. Minha mãe, meu pai e eu seguimos o exemplo. — Engulo a dor quando a ouço em minha voz.

Mas Daniel não faz nenhuma pergunta. Ele me deixa continuar.

Quero perguntar a ele se alguma vez já sentiu que não consegue recuperar o fôlego ou a esperança de que a sua respiração seja a última.

Não me senti assim depois que meu pai foi embora. Não me senti assim depois que Poppy morreu.

E, especialmente, não me senti assim quando perdi minha virgindade com Simon James.

Mas me sinto assim agora. Como se algo enorme estivesse bloqueando minhas vias aéreas e isso me impede de respirar.

Olho para Daniel.

Ele está com os olhos fixos no copo de água e sua perna está encostada na minha, me incentivando, dizendo para que eu continue sem palavras.

— Seguimos a onda de tristeza pelo corredor até o local onde o ônibus estava parado. Era um ônibus escolar laranja. Mas, desta vez, não estava cheio de crianças depois de um longo dia de aula. Estava repleto de transtorno de estresse pós-traumático, provavelmente anos de terapia e uma tristeza terrível que somente aqueles que sobreviveram sabem como é. E as portas se abriram. — Rio para mim mesma. — Minha terapeuta me perguntou sobre essa história várias vezes. Não sei por que é tão fácil falar com você, mas nunca contei a mais ninguém.

Daniel ainda está olhando para o copo de água e está mordendo o lábio inferior. Seu olhar está fixo, como se estivesse com medo, não por ele, mas por mim.

— Os sobreviventes começaram a aparecer. Se juntaram às famílias.

Havia muitas lágrimas. Muitos beijos e abraços. Nunca desejei tanto algo na vida, Daniel. Nunca rezei tanto. — Balanço a cabeça, com vergonha do que vem a seguir. — Me perguntava por que não éramos uma dessas famílias.

Respiro fundo, porque sei que a última parte desta história é de partir o coração.

— As pessoas voltaram para o salão. Alguns com seus entes queridos, mas muitos sem. E, de uma maneira estranha, fiquei agradecida. Sei que é egoísta dizer isso, mas fiquei agradecida por outras famílias estarem sofrendo o mesmo que nós.

Paro e enxugo rapidamente as lágrimas.

— Nós três nos sentamos em outra cama, uma que ficava mais perto da porta. — Eu paro. — Ali, no centro de convenções, minha mãe deveria estar gritando com meu pai. Eles não aguentavam ficar na mesma sala juntos. Naquele momento, eu deveria estar preocupada com minha inscrição na Harvey College. Jasper deveria estar sentado ao meu lado. Mas ele não estava. E o mundo continuava girando, e eu não conseguia entender o porquê. — Minhas últimas palavras se desfazem em um sussurro.

Seu joelho se aproxima ainda mais, como se houvesse espaço para isso.

— Ficamos sentados em silêncio. O corredor estava assustadoramente silencioso. As famílias esperavam. Havia muito nervosismo. A agente do FBI avisou pelo alto-falante que o próximo ônibus de sobreviventes chegaria em um minuto. Então, as pessoas correram para fora de novo. E quando o ônibus parou, a porta se abriu novamente. Dessa vez, era um ônibus diferente. E os sobreviventes saíram. Novas famílias se encontraram com seus entes queridos. Irmão, irmã, primo, pai ou mãe. Estavam reunidos.

Meu peito começa a doer e sinto falta de ar. Preciso de um comprimido agora.

Daniel se vira para mim, e seus olhos se prendem profundamente aos meus.

— Não precisa continuar se não quiser, Liv. — Ele pega uma mecha do meu cabelo e a coloca atrás da orelha.

— Não quero. — Eu paro. — Mas preciso. — Agora, minhas pernas estão entre as suas. — Senti como se estivesse perdendo a cabeça. Como se a realidade estivesse desaparecendo, como se estivesse fora do meu alcance e eu não conseguisse fazê-la parar. E também não podia acreditar. Era como se meu cérebro estivesse dando desculpas para Jasper. Porque ele não estava nos dois últimos ônibus. — Faço uma pausa enquanto permito que meus dedos se movam, inquietos.

— Fomos nos sentar novamente, mas trinta segundos depois, a agente apareceu no alto-falante pela última vez. Dessa vez, saímos devagar, aterrorizados com quem não estava no ônibus. Conteí as famílias enquanto nos aglomerávamos sob o céu noturno sufocante. Restavam cerca de vinte famílias. As chances eram boas, certo? — Minha voz treme de esperança e tristeza. Talvez, se eu recontar a história, ela pode terminar de maneira diferente. — Às vezes, ainda acho que é um pesadelo e que Jasper vai sair cambaleando do seu quarto antes da aula, reclamando da hora enquanto esfrega o olho direito e diz: *o que você está olhando?*

Cubro a boca, porque o desgosto de saber a verdade é quase demais para suportar: ele não vai voltar.

— O último ônibus parou. — Tento respirar fundo, mas não consigo. — Três ônibus cheios de sobreviventes. Três ônibus.

Suas coxas pressionam as minhas mais uma vez.

— Seis sobreviventes. Somente seis sobreviventes saíram do último ônibus. E Jasper não era um deles. Então você começa a tentar negar o fato, sabe? Ele deve estar em algum hospital. Eles o esqueceram. Ele está seguro. Só precisamos encontrá-lo.

Não conto a Daniel essa parte, porque me sinto uma maluca. Mas implorei à motorista do ônibus que me desse meu irmão. E ela chorou quando fiz isso. Gritei com ela. Disse que ela não havia trazido meu irmão para casa como deveria. Usei palavras que nunca tinha dito a ninguém. Mas ela aceitou. Ela chorou e aceitou. Disse a ela para acender as luzes. Verifiquei todos os assento, um por um, em busca do meu irmão enquanto Tracy caía no chão, com meu pai ao seu lado. Mas Jasper não estava lá.

Digo a Daniel o final que quero que ele ouça: — Verifiquei banco por banco. Duas vezes. Ele não estava lá. Gritei para a motorista que ela havia esquecido o meu irmão. Disse que ele estava na faculdade. E pedi para ela ir pegá-lo.

Dezoito

— **Daniel?** — O sotaque britânico é conciso e profundo. Ele diz *Daniel* como se fossem duas sílabas em vez de três.

— Merda. — Daniel revira os olhos. — Que horas são?

— Não sei. Esqueci meu telefone no carro.

Tracy provavelmente o inundou com mensagens de texto pela forma como saí de casa hoje à tarde.

— São seis horas. — Ele enfia o telefone de volta no bolso, mas suas pernas continuam junto das minhas. Ele não se vira e seus olhos ficam fixos nos meus.

Sinto muito, ele murmura sem voz quando um homem ruivo e alto aparece na cozinha gigantesca, como se a sala o esperasse. Como se ele estivesse atrasado para uma palestra em quealaria sobre algum tipo de cirurgia inovadora.

Colocando a pasta em cima do balcão, ele olha para o telefone e depois percebe que estamos ali.

— Ah. Olá. Meu filho não me informou que teríamos uma convidada.
— Mais uma vez, a voz concisa.

— Não recebeu o telegrama que enviei para o hospital, pai?

Ignorando o sarcasmo de Daniel, o homem, que se parece com ele, diz:
— Eu sou Radcliff Pearson. E você é? — Seus óculos estão na ponta do nariz e o jornal na outra mão. Seu uniforme azul está arrumado, limpo e apresentável, como se ele o usasse pela aparência e não para proteção.

Me levanto, tropeçando no caminho. Deveria ter me levantado há muito tempo, mas simplesmente não consegui.

— Livia Stone. Prazer em conhecê-lo, dr. Pearson — digo com a voz firme da Livia de antigamente, como se tudo fosse premeditado.

— Por favor. Sr. Pearson está bom. — Ele balança a mão como quem não se importa enquanto olha a correspondência no balcão, arrumando o jornal debaixo do braço.

Daniel revira os olhos.

— Foi um prazer conhecê-la, srta. Stone. — O Sr. Pearson faz uma pausa, olhando das cartas para mim. — Daniel, você pode acompanhar sua amiga até a porta. — Ele se vira e sai da cozinha exatamente como entrou. Os tênis de corrida, provavelmente tênis de cirurgião super caros, mal rangem pelo piso de pedra do corredor.

— Tenho que ir — sussurro para Daniel, imaginando o que me espera no celular: Diversas mensagens e várias ligações. Estou surpresa que a delegacia de Belle's Hollow ainda não tenha rastreado meu número.

— Espere. Sente-se.

Me sento, não porque preciso, mas porque deixar Daniel não é algo que eu seja capaz de fazer agora. Ele segura minhas mãos enquanto sussurra, sem fazer contato visual, mas não diz o que acho que vai dizer.

— Você já sentiu que sua vida deveria ser exatamente como é em um determinado momento? Como se nada antes fizesse sentido. — Ele me olha nos olhos e umedece os lábios — Não me refiro a sexo, mas a convicções e intenções. — Ele continua: — Mas então, em um momento, você percebe que tudo faz sentido? E que talvez Deus tenha te colocado neste planeta para esta experiência exata, bem aqui.

Ele estende a mão para tocar minha bochecha e acaricia toda a minha mandíbula lentamente.

— Não sei por que a minha mãe escolheu Belle's Hollow, Liv. Não sei por que atravessasse meio mundo, saindo de um lugar que eu adorava, com um pai idiota, uma mãe doente e um gato... um gato burro chamado Sebastian. Não sei por que você parou seu carro para me oferecer uma carona na segunda-feira. Mas acredito muito em duas coisas: no que posso ver e na ciência. — Ele faz uma pausa. — Nunca vi um coração partido. Essa é a primeira vez. Quero juntar seus pedaços. Construir um molde em volta do seu coração. Feito de titânio e toda a matéria indestrutível para nunca mais se partir.

Desta vez, *desta vez*, nem percebo o seu sotaque. Quero pegá-lo pela mão e levá-lo a um lugar onde não existe sofrimento e mães doentes não morrem. Onde a vida pode ser medida e a morte não é real. E só o melhor que a vida tem para oferecer nos rodeie: a cor rosa, unicórnios e filhotes. Apenas coisas boas.

Mas então essas palavras escapam da minha boca: — Essa não é a vida real, Daniel.

Estar com ele me faz esquecer, por um momento, como é minha vida fora desta casa. Longe de Simon. De Belle's Hollow. Da minha vida. Como se eu fosse uma estranha que acabou de chegar e está pedindo para entrar, porque está muito tempestuoso lá fora e preciso sair do caos.

Com esses sentimentos que ele me provoca, sei que a tristeza retornará. Sei que a dor no peito vai me comer viva hoje à noite quando eu me deitar na cama. E prefiro não sentir nada disso.

Fico de pé e a sensação de não querer me mexer me pega desprevenida. Talvez seja o meu coração tentando se proteger.

Mas Daniel, que ainda está sentado, segura minha mão.

— Vou te levar lá fora. — Ele entrelaça os dedos nos meus. E não diz que eu deveria ficar para o jantar.

Está escuro lá fora.

— Minha mãe vai surtar.

— Por quê?

— Saí de casa chateada.

Ouçoo o barulho das pedras sob nossos pés. Nosso ritmo é bem lento.

— Abandonei a disciplina de inglês avançado e quando meus pais quiseram falar sobre o assunto, eu explodi.

— Por que você abandonou o curso? — E, claro, a palavra é pronunciada com seu sotaque característico.

Reflito sobre sua pergunta. Dou de ombros, porque não tenho muita certeza do que dizer.

— Não sei bem. Perdi muitas aulas depois que o Jasper morreu. É só que... o sr. Joe tem um contato na Harvey College, e escrevi um ensaio que foi analisado por um dos professores de inglês de lá. Joe disse que me ajudaria a entrar.

— Uau. Harvey? Até os britânicos conhecem bem essa faculdade.

Chuto uma pedra.

— Então você pulou fora? Já falou com o sr. Joe?

— Não.

— Você abandonou o curso e não conversou com ele a respeito? —
Aquele sotaque...

— Sim. — Sinto a vergonha tomar forma no meu rosto.

Há um longo silêncio quando nos aproximamos do meu carro. Eu gostaria de não ter estacionado tão perto. Pelo bem do universo e por

apenas mais alguns minutos com Daniel, eu gostaria de ter estacionado na lua.

— Deus, que lugar bonito — eu digo, não me sentindo pronta para ouvir o que ele tem a dizer sobre o sr. Joe.

— É só uma casa, Livia.

— É um castelo — eu corrijo.

Daniel para e segura meus cotovelos. Ele me olha nos olhos por um longo momento.

— E se meu pai não fosse cirurgião, minha mãe não tivesse câncer e morássemos em uma casa simples de três quartos na cidade? E se eu te dissesse que na escuridão, as coisas não são o que parecem? Que, por fora, era uma situação perfeita, certo? Mas as pessoas mudam no escuro, Livia. Isso mudaria a maneira como você enxerga as coisas?

Tento fingir que não, mas será? Penso na minha casa Meu pai e minha mãe, sobrevivendo sob o mesmo teto.

— Você seria mais humano — eu sussurro.

— Alguma pessoa é mais humana que outra? — Ele pronuncia a palavra *outra* com o R dobrado.

— Você sempre responde a todas as afirmações com perguntas filosóficas?

Ele sorri.

Chegamos ao meu carro e estendo o braço para a maçaneta, mas Daniel pega minha mão novamente e usa a outra para abrir a porta do carro.

— Por favor — diz —, permita-me.

Ele se afasta para que eu possa dar a volta e me sentar no banco do motorista.

Daniel se inclina na direção da janela e apoia os braços no teto.

— Obrigado por vir me ver hoje, Livia. — Ele olha para o meu telefone, que agora está vibrando.

O nome de Simon está na tela, mas ele não diz nada.

Meu coração para e recomeça a bater como louco.

Ele morde o lábio.

— Eu realmente gostaria de te beijar agora, Livia.

Meus lábios estão inchados e entreabertos, desejando seu beijo mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Mas prefiro esperar até que seu coração comece a se recuperar.

E isso mata o calor que há apenas trinta segundos começou a irradiar pelo meu corpo.

E então ele encaixa os lábios no espaço entre minha clavícula e o pescoço. Meu corpo inteiro fica mole e dormente.

— Me mande uma mensagem para avisar que chegou bem em casa. — Ele se afasta do carro, enfiando as mãos nos bolsos.

Não fecho a janela quando dou a partida, porque Deus sabe que vou precisar de ar fresco para afastar o que restou de Daniel.

Tracy e meu pai estão na sala quando entro pela porta da frente. Eles não dizem nada.

Fecho a porta em silêncio, com o rabo entre as pernas. Eles encheram meu telefone com mensagens e ligações.

Isso sempre foi algo típico de Jasper, não de Livia. Era ele quem chegava atrasado, que precisava explicar a Tracy por que havia passado do horário ou não atendia ao telefone. Eu, não. Eu era a boa garota. Seguia

todas as regras, mas tinha pequenos contratempos com álcool, sem que meus pais soubessem. Meus trabalhos de casa estavam sempre prontos antes do prazo. Agora, não me lembro quais tarefas foram passadas. O trabalho de Jasper era partir o coração de Tracy e consertá-lo. Ele era bom nisso.

Livia Stone, destruidora de corações dos pais.

— Oi — digo enquanto entro.

Tracy está no sofá, sentada ao lado da mesa. Meu pai está na poltrona, com as pernas cruzadas e os sapatos na mesa de centro, como se nunca tivesse ido embora. Como se Tracy não se despedaçasse todas as manhãs depois que ele partiu e Jasper e eu ficamos para lidar com os rastros de sua destruição.

— Você não deveria colocar os pés nos móveis — digo a ele.

— Vou deixar as regras de lado, Livia — o tom de Tracy é breve — A propósito, você quebrou várias hoje. — Ela está tentando se manter calma. Tentando não explodir. — Eu... — Ela faz uma pausa e brinca com a unha, se distraindo ou tentando encontrar as palavras certas.

Mas sei o que ela vai falar. *Espero isso do seu irmão, mas não de você.*

O que a dra. Elizabeth disse a esse respeito? Respire. Não reaja. Pense. Espere. Vai passar.

Mas, novamente, sempre fui tranquila com minhas reações. Não sou cabeça quente. Jasper e eu éramos muito diferentes nisso. Parecidos de várias maneiras, algumas que minha mãe gostava mais em Jasper do que em mim.

— Seu gêmeo preferido morreu, mãe. Não sou ele. Mas estou interpretando o papel dele na família ao ficar fora até tarde e esquecendo o

telefone.

— Peça desculpas à sua mãe, Livia. — A voz do meu pai sempre foi paciente, mas agora seu tom é diplomático. E ele nunca me chama de Livia. — Você tem alguma ideia de quanta preocupação nos causou, Liv?

Ele se inclina para frente. A luz suave o faz parecer mais jovem. Como se os anos de alcoolismo não tivessem corroído a sua juventude.

— Ah, agora você está aqui para bancar o “pai”? — Faço aspas com os dedos. Jasper costumava odiar isso.

— Escute — ele aponta para mim —, aceito tudo que mereço. Sei o que fiz, Livia. E não tenho orgulho disso. Não posso prometer que daqui duas semanas, não será diferente. Tudo o que você e eu temos é o momento presente. Hoje. Você pode me odiar o quanto quiser, o que espero, mas isso não lhe dá o direito de desrespeitar sua mãe ou as regras dela. Fique com a porcaria do telefone por perto. Responda quando ela mandar mensagem. — Ele faz uma pausa. Seus olhos parecem estar arregalados, mas sei que são as lágrimas se formando. Meu pai tosse uma vez, colocando a mão na frente da boca. — Não queremos perder outro filho, Liv. — Sua voz falha.

Jasper era muito melhor em criar argumentos convincentes. Eu, não. Preciso pensar sobre o assunto. Avaliar a ideia durante vários dias antes de poder articular meus pensamentos e colocá-los para fora de uma forma que faça sentido. Onde não o questionem.

Mas tenho que dar uma última resposta. Sabe-se lá por quê. E o arrependimento começa antes que eu fale, mas não consigo *me calar*.

— Você me perdeu há muito tempo — sussurro e vou para o meu quarto.

Tomo três comprimidos e bebo a água que está na mesa de cabeceira.

Meu coração está batendo muito rápido e meus ouvidos, zumbindo. Não encontro consolo na última coisa que falei para o meu pai. Me sinto perdida. Sozinha. Receosa. O vazio que tenho dentro de mim é como a casca de uma árvore morta.

Poppy aparece e diz: *Esses comprimidos não vão te ajudar, Liv.*

Estremeço, tentando fazer suas palavras desaparecerem da minha cabeça.

Me deixe em paz, Poppy. Estou cansada.

Preciso de alguma coisa. De alívio.

Olho para o frasco de comprimidos rotulado como Valium e o pego.

Tome um a cada quatro horas, conforme necessário.

Meu coração está acelerado. Minha cabeça está pulsando.

E meus sentimentos estão me comendo viva.

Abro o frasco e tomo outro para garantir.

Apago a luz do quarto e a escuridão saúda minhas necessidades. Puxo os joelhos até o peito e deixo as lágrimas caírem silenciosamente no meu travesseiro. E espero o remédio fazer efeito enquanto penso em Daniel e esqueço o desgosto.

Foda-se por ter partido, Jasper.

Dezenove

Eu vi a palavra.

Escrita na sujeira da janela de trás.

Bicha.

Corri para apagar.

Mas ele estava atrás de mim.

Ele viu.

Quando anoiteceu, Fui ao seu quarto. Abri a porta.

— Quer conversar?

— Não.

— Posso me sentar?

— Estamos em um país livre.

Entrei.

Nos sentamos.

Em silêncio.

E deixamos o mundo se enfurecer ao nosso redor.

Uma lembrança da noite passada me vem à cabeça.

A tristeza pelo que fiz na noite anterior... tomei quatro comprimidos, não apenas dois ou três... O sentimento de culpa me atinge e já prevejo que terei um dia de merda.

Por que fiz isso? Não deveria ter feito.

Pego o frasco e verifico quantos sobraram.

Quatro.

Quero jogá-los no vaso sanitário para não cometer o mesmo erro de novo. Então, a culpa se esvai rapidamente e reconsidero.

Fique com elas, penso. Você vai precisar e sabe disso.

Olho para o meu telefone. São onze e dois da manhã.

— Porcaria! — Pulo da cama. Não durmo até tão tarde ou por tanto tempo há um mês. — Estou atrasada.

Entro no banheiro que interliga o quarto de Jasper ao meu.

É automático. Espero sua música começar a tocar. Mas não começa. Só que esse pensamento não me enche de solidão como aconteceu ontem. É um pouco mais suave desta vez, e não tenho certeza se é por causa dos comprimidos ou do mundo.

Quando deixo a água quente escorrer no meu rosto, ouço uma batida na porta do banheiro. Minha cabeça ainda está um pouco confusa desde a noite passada.

— Sim?

— Sou eu — Tracy fala. — Podemos conversar quando você sair?

— Sim. Mas tenho que ir à escola.

Há um longo silêncio.

— Bem, a menos que a Belle's Hollow High comece a ter aula aos domingos, eu diria que você tem outro dia de folga.

Respiro fundo. Alívio. Sinto um consolo instantâneo por não ter aula e não precisar enfrentar ninguém se não quiser.

Nem o sr. Joe, o Simon ou a Whitney.

Não tenho que enfrentar a vida.

Tracy está sentada na cama quando saio do banheiro, com a toalha enrolada no corpo e o cabelo molhado escorrendo nas costas.

— Oi — eu digo. — Sinto muito — as palavras saem da minha boca.

Talvez seja a noite inteira de sono, ou os comprimidos que tomei na

noite passada. De qualquer maneira, me sinto bem.

Me sento ao seu lado.

— Eu também.

Há um silêncio constrangedor entre nós. Parecemos duas estranhas, ligadas pelo sangue e que passaram os últimos dezessete anos com palavras inúteis para preencher o silêncio. Mas agora, as palavras acabaram. Os encontros daqui em diante têm que contar, ou não conseguiremos seguir em frente.

— Liv, precisamos conversar. — Suas palavras são trêmulas e seu rosto está sério.

— Eu sei. — Estendo a mão e tento passar os dedos pelos cabelos molhados, um esforço inútil, mas estou tentando desviar nossa atenção.

Tracy está olhando para as mãos.

— O que você acha de limparmos o quarto do Jasper? — Após cada palavra, uma pausa e uma respiração.

— Não. — As minhas saem muito rápido. Sou pega de surpresa e quero explicar o porquê. — Não estou preparada. — Eu paro. — Você está?

— Não sei.

Minha garganta está seca e os cabelos nas costas provocam um arrepio na coluna.

— Vamos almoçar hoje? No Las Cazuela's? Só eu e você.

Isso me faz pensar no *sarnie* de bacon que Daniel me fez ontem à noite. Concordo com outra tentativa inútil de ter algum bom momento com minha mãe.

Silêncio prolongado.

Palavras esquisitas.

A conta, por favor!

Tracy coloca a mão na minha com gentileza.

— O Jasper não era meu gêmeo favorito, Liv. Só para você saber. Acho que tenho mais dificuldade em me comunicar com você do que com ele.

Não digo nada.

— Sobre a sua aula de inglês, só queria que você tivesse conversado comigo antes de fazer isso.

Continuo em silêncio.

Quando eu poderia ter conversado com você a esse respeito? Quando você está trabalhando? Quando está chorando no chuveiro? Quando está sofrendo pelo meu irmão morto?

— Você e o papai vão voltar? — Meu estômago revira com o pensamento.

A mão de Tracy aperta a minha.

— Não.

— Então ele está aqui só para me ajudar?

Tracy olha ao redor do meu quarto, talvez procurando suas próprias respostas.

— Se lembra de quando vocês tinham doze anos e você e o seu pai iam à biblioteca e voltavam para casa com uma pilha de livros? Você lia cada um deles, analisava o que funcionava ou não na história. E havia alegria em seu rosto quando você e seu pai se conectavam. — Ela sorri através das lágrimas que se formam nos cantos dos olhos.

Antes que o fato de meu pai beber se tornasse um problema.

Antes que ele batesse em Jasper.

Antes do meu pai ir embora.

O pai de antes.

— Por mais que você não queira ouvir, Liv, ele está aqui só por sua causa. Ele está aqui para ajudar com seu coração partido. Como quando ele leu *O meu melhor companheiro* para você. Lembra? Ah, você ficou tão triste quando o cachorro morreu.

Eu gostaria que, desta vez, fosse tão fácil. Que meu pai pudesse dizer algumas palavras de consolo, esfregar minha cabeça e me dar um copo de leite com chocolate para que tudo se encaixasse de novo no meu universo complicado.

— Sei que o seu mundo não é o mesmo de quando você tinha doze anos. Sei que essa dor é muito diferente de tudo que já experimentamos.

— Eu o quero de volta, mãe. — Meu lábio inferior começa a tremer. — Alguns dias... — ofego — Alguns dias não parecem reais. É como se eu estivesse esperando que ele entrasse pela porta, mas ele não entra.

Tracy me puxa para o seu peito.

— Eu sei, querida. Eu sei. Eu também.

Tracy encosta os lábios na minha orelha. Através do seu toque, sei que ela prefere curar meu coração ao seu. Tivemos esse problema inexplicável de comunicação pela maior parte da minha vida, mas sei que, neste momento, ela quer que meu mundo esteja certo. E a verdade é que ela não pode consertá-lo. Ninguém pode.

Há uma longa pausa e o mundo exterior congela. E então, ela pergunta: — Como vão as consultas com a dra. Elizabeth?

— Tudo bem — sussurro a mentira. Como se houvesse paz de espírito e consolo em mentir. Um ato antiético que continuo permitindo que aconteça e não sei explicar o porquê.

As consequências de encarar a verdade são demais para que eu possa lidar. Antes da morte de Jasper, eu não era mentirosa. Também não era uma vadia.

Agora, sou as duas coisas.

— Que bom — Tracy fala.

Ela sai alguns minutos depois que confirmo o almoço. Vamos sair para comer, bater papo e fazer movimentos desajeitados para não observarmos o abismo que nos separa.

Tracy e Jasper são mais parecidos, na minha opinião. Mais maleáveis. Espíritos livres, até certo ponto. São líderes naturais por causa da inteligência e charme. Tanto Jasper quanto Tracy não precisavam se preparar para falar. Eles usavam teorias filosóficas que aproximavam as pessoas. Eram o cinza. O meio termo.

Eu sou diferente. Sou preto no branco. Preciso de tempo para pensar nas coisas antes de falar. Preciso me preparar. Minha personalidade é do tipo A.

Jasper e Tracy tinham um vínculo tácito no qual eu não me encaixava. Conseguia me relacionar melhor com meu pai, o advogado disfuncional e alcoólatra. Seu trabalho é preparar argumentos da noite para o dia, criar estratégias, ser metódico e analítico. Somos iguais, exatamente iguais.

Tiro a toalha do corpo e fico na frente do espelho. Meu corpo é imperfeito e sem curvas. Mas vejo alguém me olhando de volta, alguém cuja falta de sono se revela pelas olheiras. Seus olhos azuis profundos agora estão cinza. E a palidez em suas bochechas reflete a tristeza em seu coração.

Embora eu me veja no reflexo, partes de mim no olhar, nas mãos e nas coxas, há apenas um vazio preenchendo meu corpo. Onde antes havia paixão pela vida e pelo sucesso, agora só existe tristeza e alguém que ela

não conhece.

Quem é essa garota que está me encarando de volta?

Será que vai demorar muito tempo para que eu consiga ver meu irmão gêmeo em meus olhos? As pessoas sempre diziam que éramos idênticos nos olhos e no sorriso.

Um vazio me preenche enquanto substituo meu rosto pelo de Jasper em pensamento. Sei que é minha imaginação, uma tentativa desesperada e vã de entender onde o mundo deu errado. E levou a pessoa errada. Com certeza, houve um erro de cálculo. Em algum lugar do universo, Deus confundiu as coisas.

Meu telefone toca, afastando minha atenção do espelho e me fazendo olhar para a mesa de cabeceira. O aparelho está ao lado do frasco de comprimidos que aliviou a dor do meu coração e me fez deixar de sentir um pouco da tristeza. A culpa começa a recuar.

É uma mensagem de Cao.

***Minha mãe é o demônio
forma de gente. Acho que
ela pensa que me sinto mais
chinesa agora do que antes
de sairmos. Mas não me
sinto. Não conte a ela. Acho
que essa é a minha única
forma de escapar com vida.***

***HAHA. Quando você volta
pra casa?***

***Estamos voltando agora.
Te vejo amanhã de manhã
na escola? Você está bem?***

Ela está sempre perguntando se estou bem. Não estou, mas mando um joinha pra ela.

***Mentirosa! Você nunca
usa emojis. Não tenho
certeza se você percebeu isso
ou não. Te ligo quando
chegar em casa.***

Já usei emojis antes.

***Uso emojis, sim. Lembra que
uma vez eu te enviei o dedo
do meio?***

***Certo. O fato de você ter
que dizer “lembra da vez”...
já me mostra que você não
os usa.***

Boa viagem de volta.

Olho para as mensagens de texto e noto que há várias de Simon. Meu estômago se contorce, mas não de um jeito bom. Como um garoto com quem guardo boas lembranças de infância transmite um sentimento impiedoso de inquietação e de perda?

E então, o frasco de comprimidos me acena com suas garras

metafóricas. Elas envolvem meus ombros e sussurram, *Só duas. Só isso já vai fazer você se sentir melhor. Seu irmão acabou de morrer. Você precisa disso, Livia. Você precisa de algum alívio.*

O que a receita dizia? Tomar uma a cada quatro horas? Quatro a cada hora? Isso importa?

Pego a embalagem e luto contra a resistência que meu corpo libera.

A culpa volta. E começo a debater com o frasco.

Eu: Lembra o que o álcool fez com meu pai?

O frasco: Isso é diferente. Não sou álcool. Além disso, você tem uma prescrição. Vamos lá, seu irmão morreu.

Eu: Sou obrigada a tomar decisões piores ao ingerir você.

O frasco: Isso vai te ajudar a não sentir.

Eu: Não quero mais sentir.

O frasco: Vamos lá, você me merece. Vai ajudar no almoço com sua mãe. Lembra? Conversa estranha. Movimentos estranhos. Todas essas coisas. De nada.

E isso é o suficiente, porque pego os últimos quatro comprimidos e os engulo sem água.

Me sento ao lado da cama e espero que eles façam efeito. E quando fazem, é excelente. Não demora muito.

Me lembro de a dra. Elizabeth dizer a Tracy: *Eles são de liberação rápida. São novos no mercado. Isso vai ajudar.*

Me sinto melhor. Me sinto mais forte. Me sinto como se não me importasse com o que as pessoas pensam de mim. Na verdade, eles têm muita sorte de estar na minha presença.

Sim!

É. Isso! Cheguei.

Estou relaxada e mole. Não tenho certeza se essa é uma palavra que eu usaria normalmente. Estou me sentindo em uma bolha. Algo cor de rosa que me protege e me lembra do quanto sou importante.

— Poppy? — sussurro. — Você está aí? — Nem sinal dela.

É assim que Poppy se sente?

Olho para o telefone e clico nas mensagens que Simon me mandou.

Observo enquanto meus dedos deslizam pela tela como se não me pertencessem. Como se fossem de outra pessoa. Magros, compridos e finos, assim como os de Jasper. E a menção ao nome dele não dói tanto desta vez.

Viu? A embalagem de comprimidos sussurra da minha mesa de cabeceira. *Você se sente viva.*

***Liv. Onde você está?
Estou te esperando em
Hawthorne Hill.***

Merda. Não demorou muito para eu me esquecer disso.

Sou só uma pessoa tentando curar minhas feridas, digo a mim mesma.

***Livia. Me liga. A
Whitney está pirando.***

***Livia. Sério. Ela está
enlouquecendo.***

Ligação perdida de Simon à 1:42h da manhã.

***Liv. Que merda. Não sei
onde ela está, mas ela
enlouqueceu.***

*Ela viu as mensagens
que te mandei.*

Vinte

Almoço com Tracy hoje — *Livia, você está bem?*

— *Só estou cansada, mãe.*

— *Não dormiu bem ontem à noite?*

— *Não.*

Conversa estranha.

Conversa estranha.

Conversa estranha.

Fim do almoço.

A manhã de segunda chega muito rápido e pesa nos meus ombros como um pesadelo quando percebo que não tenho mais comprimidos para tomar.

Sem amortecimento. Sem proteção contra meus sentimentos. Parece que há uma nuvem parada no meio do meu cérebro, esperando que eu tente pensar novamente.

Desligo o alarme do telefone e me arrasto para o chuveiro. São seis e quarenta e cinco da manhã.

Espero por Jasper e sua música. Espero que ele fale: *o que você está olhando, Liv?*

Mas me deparo com a escuridão.

Aos poucos, a nuvem vai se dissipando e meus pensamentos se tornam mais claros.

Liguei para o Simon ontem, mas ele não atendeu. *O que a Whitney viu, afinal?*

Enxaguo o shampoo do meu cabelo.

Não é como se tivéssemos feito sexo por telefone ou algo assim.

Mantemos nossas mensagens subliminares. Calmas. É isso aí. Certo?

Tento pensar, mas aquela nuvem estúpida me impede e não gosto disso.

O que ela poderia ter visto que a fez ficar irritada?

Simon não me retornou.

Depois de me arrumar, desço as escadas e vejo meu pai sentado à mesa de jantar. Ele está tomando café e lendo o jornal. Do jeito que costumava fazer.

O pai de antes.

De anos atrás.

Antes de a bebida ditar quando ele acordava, se ia trabalhar ou como tratava sua família. Antes que ele nos abandonasse.

Nossos olhos se encontram, como na época em que recebi um prêmio acadêmico na oitava série. Com um mar de pessoas ali, ele olhou nos meus olhos, e eu soube que estava orgulhoso.

Mas esta manhã, seus olhos estão mais suaves, mais compassivos.

Como se ele estivesse me dando espaço para respirar sem dizer nada.

— Oi — ele diz. — Fiz panquecas.

Balanço a cabeça e não tenho certeza se é para afastar seu gesto agradável ou porque não gosto mais de panquecas, e ele saberia disso se estivesse por perto.

— Tudo bem. Só vou comer uma maçã — digo. Seguro a maçaneta da porta.

— Liv? — ele me chama.

Olho para cima e vejo que ele se virou em minha direção.

— Você está bem?

Na verdade não, pai. Estou tomando comprimidos para lidar com a

perda do Jasper. Para lidar com o fato de você ter nos deixado. Estou tomando esses comprimidos, porque, de alguma forma, é muito mais fácil do que ter que lidar com a vida que tenho hoje. E sou uma vadia que, provavelmente, vai ser chamada para transar hoje.

— Sim.

Em silêncio, fecho a porta atrás de mim, desço as escadas e vejo Simon. Ele está no meu carro.

— Tentei te ligar de volta — ele fala quando me aproximo.

— O que ela viu? — pergunto, tentando afastar o medo que cresce no meu estômago.

— Nada demais. Ignorei, como se não fosse grande coisa e disse que a gente se encontra em Hawthorne Hill para conversar sobre o J. Eu disse a ela que tínhamos um vínculo que ninguém conseguia entender.

Ele tenta segurar minha mão. Eu o evito e vou para o lado do motorista.

— Então, por que todas as mensagens de pânico, Simon? — Coloco as mãos na cintura e a mochila no ombro.

— Isso foi antes de conversarmos.

Quando ele me mandou mensagem no domingo, comecei a sentir que talvez nosso segredo tivesse sido descoberto e, de alguma maneira estranha, senti alívio, porque poderia ser libertador. Que esconder esse segredo enorme só estivesse causando sofrimento e que não valia a pena. Então pensei que essa poderia ser uma forma de parar com isso.

Então, quando Simon toca minha mão novamente, eu me afasto, tornando óbvio que precisamos parar com toda essa bobagem.

— Simon, não podemos mais fazer isso.

— O quê?

— Isso. Ficarmos juntos. Nos tocando e fazendo sexo — finalmente digo a verdade.

Finalmente, uma decisão correta.

Livia: 01 x Mundo: 633

Simon morde a bochecha.

— Liv... — Ele para. — Quando... quando estou com você, sinto que o mundo para. E que seu corpo entende o meu. Como se só pudéssemos nos livrar da dor que sentimos quando estamos juntos. — Ele desvia o olhar para o chão, mas depois volta a me encarar.

— Bem, você não pode se sentir assim.

— Por que não?

— Porque você não deveria, Simon. Somos dois adolescentes sofrendo pela mesma pessoa, mas não é saudável, porque me sinto uma vadia. *Você* tem namorada — suspiro. — Uma ótima garota.

— Posso terminar com ela, se é isso que você quer.

— Não! Não é isso que estou dizendo. — Abro a porta do motorista.

Reflito sobre as palavras antes de colocá-las para fora, porque tenho certeza de que vão machucá-lo. Mas talvez, dessa forma ele vá embora e siga a vida.

— Simon, eu não gosto de você dessa maneira. O que tivemos foram momentos que nos mantiveram unidos porque nossos corações estavam sofrendo. Buscamos refúgio um no outro. Nos escondemos do mundo. Escondemos esse segredo sujo.

— Sujo? É isso que você pensa?

Reviro os olhos.

— Você sabe o que quero dizer. — Entro no carro, e ele apoia as mãos

na janela.

Ele está magoado. Assim como quando ele e Jasper brigaram quando tinham oito anos. Separei os dois enquanto eles rolavam no chão e levei um soco no queixo, mas isso não me impediu. Simon está me olhando do mesmo jeito que naquele dia.

— Não sei o que compartilhamos, Liv, mas era tudo menos sujo. Tenha uma ótima vida. — Ele se afasta do carro. Entra na caminhonete e vai embora.

Apoio a cabeça no encosto do banco e envio uma mensagem para Cao.

Estou a caminho. Me atrasei.

Será que vou ver Daniel hoje? Não tive notícias dele ontem. Meu estômago revira em antecipação.

Mas digo a mim mesma: *por que você o traria para o seu caos? A mãe dele está morrendo. Você está tomando remédio para lidar com o luto em vez de se consultar com a dra. Elizabeth. Você transa com um garoto para aliviar a dor do seu coração. Sua vida é uma confusão.*

Não vejo Daniel no caminho até a casa de Cao e não o vemos a caminho da escola. E ele não me mandou mensagem no domingo. Começo a sentir que não tenho tanta importância.

Entrego meu telefone a Cao e digo para ela ler as últimas mensagens de Simon.

— Que merda é essa? — Ela cobre a boca. — A Whitney sabe?

Coloco o polegar na boca.

— Acho que não. — Meu estômago está revirando incessantemente. Finjo que não me importo, como se não fosse grande coisa. Mas na

realidade, é. — Não trocamos muitas mensagens. O Simon foi lá em casa hoje de manhã.

Cao se vira para mim com a boca aberta.

— Ele disse a ela que éramos só amigos e que nossa proximidade se devia ao Jasper.

— Ah, meu Deus, Liv. Sério. — Cao coloca as mãos na cabeça. — Se eu pudesse falar chinês agora, estaria rezando aos deuses para que o Karma não aparecesse e chutasse seu traseiro.

— Eu sei, eu sei. Eu disse a ele que não podemos mais continuar. — Baixo o tom de voz, porque começo a sentir o medo que afastei há poucos instantes. — A coisa do sexo — eu sussurro.

— Bem, você fez certo. Além do mais, e garoto britânico? O ruivo. Daniel.

— Fui à casa dele. — Penso no que aconteceu no quarto de Rose e quero contar a Cao, mas sinto que não posso fazer justiça à história, ou que é fantasiosa demais para pessoas que não estão familiarizadas com esse tipo de coisa. Então fico quieta. — Como foi sua viagem?

— O quê? Não. Você foi à casa de Daniel e quer parar a história por aí? Nada disso. Continue.

— Não tenho mais o que contar. Conheci a mãe dele. Ele me fez um sanduíche. O pai dele chegou em casa. Foi isso. — Não sei ao certo o quanto ele quer que as pessoas saibam sobre a doença de sua mãe ou ao fato de que o pai é mais frio que um cubo de gelo.

— Seu rosto diz o contrário, Liv. — Cao sorri. — Você gosta dele.

— Como foi a viagem com a sua mãe? — tento mudar o assunto.

— Uma tortura — Cao suspira. — Fomos a um autêntico restaurante

chinês. — Ela faz uma pausa. — O Mr. Kwan's. Minha mãe pediu pepinos do mar para mim — Cao diz e passa a mão sobre a calça de veludo rosa escuro tentando deixá-la lisa. — Pepinos do mar são como vegetais. Não eram ruins. Mas acho que prefiro algo como frango agridoce. Só que o sr. Kwan insistiu: Pepino do mar. Você pede. Você ama. Saudável. Delícia — ela imita o homem. — E então ele olhou para mim como se eu devesse saber. Comi metade do prato, principalmente o arroz. Depois fomos a China Town e voltamos para o hotel. Como eu estava curiosa — Cao revira os olhos —, pesquisei pepinos do mar. — Ela faz uma cara horrível. Parece que ela está prestes a vomitar ou explodir. E a probabilidade de explodir é inexistente.

— Você vai vomitar?

Cao balança a cabeça e lentamente a arrasta na minha direção.

— Você sabe o que são pepinos do mar?

Balanço a cabeça.

— Eles parecem pênis não circuncidados flutuando pelo oceano, Liv. Pênis não circuncidados! E sabe o que eles fazem para se proteger quando estão em perigo?

Estou tentando não rir. Estou tentando ser uma melhor amiga que apoia, porque Cao ainda parece que está prestes a explodir. Ou vomitar.

— Pênis grandes e gordos — ela sussurra baixinho, ainda tentando alisar a calça. — Eles se protegem expulsando suas tripas, Liv. — Ela bufa. — Explique isso. Nem sei se ainda sou virgem depois de comer um. Ou talvez eu seja, mas talvez tenha feito meu primeiro boquete e nem sabia! — Cao balança a cabeça novamente. Seu rosto está ficando cada vez mais verde.

Não ouse rir, Liv. Se controle. Explique que ela ainda é virgem. E que ela não fez seu primeiro boquete.

Mas decido ir mais a fundo, sem rir.

— Por que você não diz a Beth que não fumou em uma crise de identidade e que está bem com quem você é?

— Você conhece meus pais, Liv. Eles tentaram me compensar a vida inteira. E quando descobriram sobre os cigarros, se tornaram extremistas. Tipo... tipo muito. — Ela arregala os olhos. — De qualquer forma, a viagem foi um desastre. Minha mãe tentou fingir que também era chinesa. Foi muito estranho. Ela está participando de uma aula de cultura chinesa através da educação comunitária em Eureka, duas noites por semana. Liv, ela quer que eu vá. Me recusei, disse que já tenho muita coisa na escola e que não posso lidar com outra aula. Além do mais, quem vai administrar o fã clube do Ed Sheeran, com sede em Humboldt, além do *moi*?

Por que você usa o francês com tanta facilidade e o mandarim não?, quero perguntar a ela.

— Desde quando? — Viro à esquerda na Main, em direção à escola.

— Desde que comecei uma página na internet na semana passada. Enquanto estava trancada no banheiro de casa. Fumando um cigarro.

Entro no estacionamento, balanço a cabeça e olho ao redor. Estou procurando por Daniel.

— Não vejo seu ruivo em lugar nenhum.

— Não estou procurando por ele. Estou buscando uma vaga de estacionamento — minto e paro na metade do caminho entre a escola e o final do estacionamento.

— Certo. — Ela revira os olhos e pega a mochila no banco de trás.

Pelo canto do olho, vejo Whitney me perseguindo como se eu estivesse dormindo com o seu namorado.

E Daniel também aparece, vindo minha direção com certa arrogância. Algo destinado só para mim.

Dois mundos colidem em um.

Uma explosão.

A Terra colide com Júpiter. Todo mundo morre.

Daniel diminui a velocidade ao ver Whitney me acusando. Cao está ao meu lado e sem fôlego como uma melhor amiga deveria estar.

O dedo de Whitney está apontado para mim antes que ela esteja perto o suficiente, antes que eu possa ouvir as palavras que saem da sua boca.

— E, só para constar, ele é meu namorado. Você pode conhecê-lo há mais tempo, mas ele é meu. — Ela suspira. — Se aproxime do Simon de novo e vou arrancar sua garganta. — As palavras de Whitney são claras. Sua artilharia continua: — Sei o que está acontecendo. Não sou burra. E aqui está você, interpretando o papel da vítima que perdeu o irmão gêmeo. Novidade, Liv: o mundo não gira ao seu redor.

O calor desaparece rapidamente quando ela percebe que não discuto. Eu mereço cada palavra que ela está dizendo.

Daniel chega por trás.

— Está tudo bem? — ele sussurra e entrelaça a mão na minha.

Por favor, não me toque. Não mereço seu toque. Ela está certa. A respeito de tudo.

Whitney olha para Daniel e depois para mim.

— Entendeu? Ele é meu. Se afaste.

— Tudo bem. — É tudo o que digo.

Whitney vai embora de forma tempestuosa, assim como chegou.

— O que foi isso? — A mão de Daniel aperta a minha.

Mas está tudo terminado com Simon, e Daniel não precisa saber.

Simon e eu terminamos. Posso seguir em frente.

Mas esse pequeno sentimento aperta meu coração. Uma vida construída sobre mentiras não é vida.

Por qualquer motivo, não consigo tomar as decisões certas e práticas. Como se eu estivesse tentando seguir o caminho mais fácil, mas isso só está dificultando a minha vida.

Os três telefones tocam ao mesmo tempo.

Cao é a mais rápida, como sempre.

— Blog BeLHo. — Ouço a tensão na sua voz, porque sabemos o que isso significa.

Sabemos que BeLHo vai inflamar o que ela ou seus espiões acabaram de testemunhar. Porque, sejamos honestos, quem não viu?

Daniel também está olhando para o telefone.

— Não resistiu? — Cao pergunta a ele quando começamos a caminhar em direção ao primeiro período de aula.

— Gosto de estar bem informado — ele responde enquanto lemos e andamos, ainda me olhando de soslaio, talvez esperando uma explicação que não quero dar. Ainda.

Blog A Herdeira Bem, gatas da Belle's, é oficial.

Leah Moran foi flagrada na clínica Belle's Hollow Women. Por quê? Quem sabe? Mas

fontes me dizem que ela está buscando mais do que anticoncepcional. Veremos em nove meses se há um pequeno Pattison a caminho. Ou um pequeno Watson. Ou talvez um bebê Adams. Mantenha as pernas fechadas, Leah!

As respostas de química foram removidas do link. SACO! Espero que vocês as tenham anotado como pedi.

O Conselho Estudantil acaba de anunciar as duas opções para o baile deste ano: Casa Mal Assombrada ou Baile de Máscaras. As duas são idiotas, na minha opinião, mas se você acha que precisa dar a sua, vote aqui: www.belleshollowprom2017.vote Além disso, o festival da escola será realizado em 15 de novembro. Se lembram do ano passado, quando Levi Watts bebeu demais? Não tentem repetir o feito. Isso provoca uma bagunça nojenta quando se vomita e fica preso no tapete.

LivJam... alguém pode me dizer o que isso significa? Significa que três é uma multidão. E alguém está sendo sorrateiro.

Alguém vai à Hawthorne Hill?

Até mais tarde, BeLHo

Vinte e Um

Jasper e Livia, aos dez anos Depois que a polícia foi chamada por uma confusão doméstica.

— *Jasper, você acha que a mamãe e o papai estão se divorciando?*

— *Vá dormir, Liv.*

Silêncio.

— *Jasper?*

— *O quê?*

— *Você nunca vai me deixar, certo?*

— *Nunca.*

— *Se eles se divorciarem, com quem você vai querer morar, Jas? Por favor, diga que é comigo e com a mamãe. O papai vai nos matar.*

— *Vá dormir, Liv.*

Cao me dá uma cotovelada enquanto eu leio.

— Liv, posso falar com você por um momento... só eu e você? — Daniel pergunta.

Cao entende a dica.

— Estou indo. — Ela faz o sinal de paz e amor com os dedos, e segue para a aula de inglês com o sr. Joe.

Não é mais minha aula.

— O que aconteceu com a garota loira de voz estridente?

Minta, Liv.

Liv, a mentirosa.

Livia Stone, a maior mentirosa do universo.

Em algum momento da minha vida, gostaria de começar a dizer a

verdade novamente. Mas o medo toma conta da minha boca, porque a mentira se tornou algo natural para mim.

Diga a verdade, Liv.

Ele merece.

Você gosta dele. Pare de mentir.

Digo uma meia verdade.

— Simon e Jasper eram melhores amigos. Desde que meu irmão se foi, ficamos ao lado um do outro. — *É algo conveniente, Daniel. Sério, sou uma mentirosa. Tenho feito sexo com Simon e, mesmo que não seja bom, é uma maneira de esquecer tudo.* — Trocamos mensagens e a Whitney leu. — Tento justificar minhas ações. — Não tem nada demais, mas acho que ela está vendo algo que não existe.

Daniel enfia as mãos nos bolsos. Penso em pegar uma delas, mas não o faço.

Ele me faz uma pergunta fácil: — Você gosta dele?

— Não. Não desse jeito. — Acho que sou clara. Acrescento: — De jeito nenhum, Daniel — só por garantia.

Ele assente e inclina a cabeça para a direita, como se estivesse tentando ler meu diálogo interno.

— O que foi? — pergunto.

— Vou ser sincero, Livia. Gosto de você. Gosto de passar tempo com você. — Ele faz uma pausa e então se aproxima com confiança. — Gosto da maneira como seus lábios se curvam quando alguém menciona seu atual presidente.

Noto quando ele diz *seu* presidente, não *nosso*.

— Gosto da maneira como você fala sobre batata frita com queijo e

morte. Talvez não sejam as duas coisas juntas, mas sim que os fatos são importantes para você. Eu gosto disso. Gosto da forma como a maioria das conversas acontecem na sua cabeça e não em voz alta. E adoro o fato de que você não consegue manter sua mente quieta quando está perto de mim. — Ele faz uma pausa. — Mas, não tenho certeza de que você precisa da pressão que alguém como eu pode trazer agora. — Ele pronuncia tudo com aquele sotaque.

— Gosto da maneira como você pronuncia as palavras — digo, confusa, porque não consigo pensar em nada melhor para dizer. — Gosto do jeito que você fala. — *Pense, Livia. Você gosta dele. Diga. Não é de admirar que você nunca tenha tido um namorado sério.* De qualquer forma, sou totalmente despreparada no quesito garotos. Sou nada habilidosa nesse jogo. *E vou chamar a polícia da paquera para me prender por não ser legal.*

Daniel sorri e morde o canto da bochecha. O sinal toca.

Quase em pânico, ele desliza a mão pela parte de trás do meu pescoço, e sinto seus lábios roçarem na minha orelha.

Não sinto mais meus pés. Eles foram embora. Traidores.

— Eu realmente gostaria de ser seu amigo. Por enquanto. E prometo que não vou puxá-la pelo pescoço e sussurrar em seu ouvido porque, acredite, é mais difícil para mim te soltar. Prometo que não vou tocar em você. Ou pegar sua mão até que possamos decidir o que fazer.

De repente ele se afasta, e tento encontrar meus pés novamente. Preciso jogar água fria no rosto, então vou para o banheiro feminino antes da aula.

Alicia Abbott está na frente de uma das cabines com Bridget Peterson. Ela se apressa, colocando o cabelo atrás das orelhas e escondendo o rosto.

Tenho quase certeza de que ela grita: *Oi, Liv*, mas não presto atenção.

Fecho a porta da cabine e ouço a água da pia correndo.

E correndo. E correndo.

Será que ela precisa lavar tanto assim as mãos?

Olho para o relógio, sabendo que vou me atrasar para a aula de novo. A torneira é fechada.

E há uma longa pausa.

Ouçó passos em direção à porta, e então ela murmura: — Gabriel Struvio... — em seguida — Chapado pra cacete.

Alicia Abbott é do tipo quieta e geralmente não usa uma frase como essa. Mas eu era virgem há três semanas, então sei que coisas acontecem.

Pego a garrafa de vodca da mochila. Eu a peguei no galpão de ferramentas, um dos antigos esconderijos do meu pai. Imagino que ele deve ter esquecido onde escondeu a maior parte das suas bebidas. Como fiquei sem comprimidos, precisei arrumar uma solução rápida, então a peguei. Abro a garrafa e prendo a respiração.

Tomo um gole e aperto os lábios. Engulo e sinto vontade de vomitar. Mas não o faço, porque sei que se isso acontecer, a bebida não vai cumprir seu papel.

E eu preciso dela.

Tomo outro gole, maior dessa vez.

Engasgo. Engulo.

E tomo outro, ainda maior.

Engasgo.

Tomo mais um pouco e coloco a garrafa de volta na mochila. Enfio três chicletes na boca, tentando não vomitar.

Lavo as mãos.

Saio do banheiro.

Vou para a aula da sra. Etter. Mas não sem passar pela sala do sr. Joe. A porta está aberta, e ele está dando uma aula sobre *Vizinhos*, o conto de Raymond Carver e uma das minhas peças favoritas.

Joe e eu já discutimos essa história antes, quando ele perguntou sobre meus escritores favoritos.

— *Por quê? — ele perguntou.*

Simplesmente gostei de Bill. Por mais estranho que ele fosse, eu poderia me relacionar com ele.

— *Acho — eu disse ao sr. Joe — que ele fez o que a maioria das pessoas quer fazer quando estão em um lugar estranho, mas o medo de serem pegos supera a vontade de fazê-lo. E quando os Miller foram pegos, torci para que, de alguma forma, isso não acontecesse.*

É provável que o sr. Joe não pergunte à turma se eles gostaram de *Vizinhos*, porque as chances são de a resposta ser negativa. Mas ele vai pressioná-los a questionar o estilo de escrita de Carver, a pensar de maneira crítica sobre a peça. E depois vai pedir que escrevam um ensaio, o que eu adoraria fazer, se pudesse parar de tomar decisões erradas.

E antes que eu perceba, estou de pé na porta da sala da sra. Etter e a turma toda está me olhando.

O álcool chegou ao meu estômago e explodiu.

— *Desculpe, estou atrasada. — Digo, apenas por educação. Acho que não sinto muito. Porque, no momento, não tenho certeza de que me importo.*

Me sento entre Mark Pattison e Luciana Martinez, que atualmente está

concorrendo para ser oradora oficial da turma. Tenho certeza de que é minha rival, mas acredito que perdi meu lugar na corrida quando abandonei a aula de inglês avançado, uma vez que valia quatro créditos e muitos pontos de nota.

No momento, enquanto minha cabeça começa ficar zonzinha, não tenho certeza de qual é a minha posição sobre os direitos ao aborto, ao casamento gay ou hétero, nosso atual presidente, as redes sociais, à fraude da nossa sociedade como um todo, os custos da faculdade ou o meio ambiente. Quero gritar.

Com a mente entorpecida, tento me concentrar e pegar o caderno enquanto a sra. Etter se vira para o quadro e continua sua aula sobre... tanto faz. Estou tentando prestar atenção, mas só consigo focar em uma mechinha do cabelo da professora que está espetada para cima.

Eu me inclino na direção de Luciana.

— Está vendo? Uma parte do cabelo dela está em pé. — Não é engraçado. É bem sério, e quero arrumá-lo.

Não acho que Luciana e eu já conversamos. Aposto que ela toma ótimas decisões. Aposto que ela não perdeu nenhum dos irmãos e sei que ela tem três. Tenho certeza de que seus pais são rigorosos e que ela não toma remédio para ansiedade na escola. Ou bebe. Aposto que ela está indo para uma grande faculdade. Um lugar para jovens inteligentes.

Jovens inteligentes. Isso parece engraçado.

E me leva a pensar em Daniel.

Eu me pergunto como ele diria *jovens inteligentes*.

Me sinto bem.

Confortável comigo mesma. Finalmente.

Não tenho certeza de que Luciana me ouviu, porque não escutei sua resposta. Mas talvez eu não estivesse prestando atenção. Ou não tenha me importado. Talvez nem estivesse esperando sua resposta. *Era uma pergunta retórica?* Eu deveria saber. Fui eu quem perguntou.

Deus, me sinto muito melhor.

Luciana, digo para mim mesma.

São dois nomes em um. Lucy e Ana. Talvez seus pais não tivessem concordado com um nome. Sua mãe queria Lucy, e seu pai queria Ana. Aposto que é isso. Eu deveria perguntar a ela.

Sinto minha pulsação no ouvido enquanto vejo a sra. Etter usar o quadro. De muitas maneiras, ela sempre me lembrou Angela Lansbury, de *Assassinato por escrito*, um programa que começou na década de 1980.

Quando Jas e eu éramos pequenos, nos sentávamos na poltrona de Poppy toda sexta à noite e assistíamos a vários episódios. Jasper costumava fazer torradas com uma camada de manteiga, depois açúcar e granulado.

Toda vez, ele dizia: — Experimente, Liv. Derrete na boca. — Mas eu sempre ficava com vontade de vomitar, como fiz com a vodca.

Uma noite, em particular, eu estava me sentindo mais corajosa, então experimentei. Não vomitei, mas também não achei bom.

— Tem gosto de açúcar — eu disse, bebendo leite para tirar o gosto da boca.

Jasper não gostava de comer coisas saudáveis. Ele não precisava, por dois motivos: 1. Ele tinha um metabolismo rápido.

2. Comer comida saudável não salvou sua vida.

Chego à conclusão de que são os cabelos mal penteados da sra. Etter e sua idade que a deixam parecida com Angela Lansbury.

Todo mundo fica de pé.

Lucy-Ana olha para mim. Acho que ela vê a confusão no meu rosto.

— O sinal tocou — ela fala e joga sua mochila pesada no ombro.

— Ah. — Coloco meu caderno de volta na bolsa e saio pela porta.

— Livia? — A sra. Etter, também conhecida como Lansbury, me chama.

Eu poderia fingir não tê-la ouvido. Ela faz parte *dos que não vi* e, sinceramente, não quero ouvir as mesmas condolências que todos usam. É desconfortável, porque tudo o que posso dizer é *obrigada*. E então surge um silêncio constrangedor, e não tenho certeza se devo ir embora ou ficar em pé e conversar um pouco, o que é uma total perda de tempo. E estúpido.

Eu volto. A Livia boa, que toma boas decisões, está em algum lugar desse corpo bagunçado, e ela se vira e entra na sala de aula.

A sra. Etter desliza o envelope sobre a mesa.

— Achei que você gostaria de ler isso. É a *Carta de Esperança* que Jasper havia escrito... antes — ela fala. — Tenho certeza de que é para você. — Ela aponta para o nome no envelope.

Assinto e desvio de todas as emoções que tentam abrir caminho através da minha garganta e da minha cabeça.

Tínhamos uma tarefa no começo do ano. Deveríamos escrever uma carta para o nosso melhor amigo dizendo para onde víamos nossas vidas seguindo nos próximos cinco anos. Uma carta que deveria trazer esperança para o nosso futuro. Achei que Jasper teria escrito para Simon.

Mas é endereçada a mim.

Meus olhos se enchem de lágrimas e não tenho certeza se é porque vejo sua letra, pelo fato de que ele a endereçou a mim ou porque ele não está

mais aqui para ver minha reação enquanto a leio.

— Obrigada. — É tudo o que digo. Me viro para sair.

Olho para a carta enquanto caminho para a aula do segundo período, ainda sentindo a cabeça confusa pelo álcool. Os sentimentos começam a penetrar no muro de proteção que criei. A bola que fica na base da minha garganta se expande, fazendo meu corpo parecer insignificante.

Estou pronta para ler isso?

Olho para sua letra, o garrancho que está rabiscado no envelope. Passo os dedos sobre o papel, sabendo que ele escreveu isso há apenas alguns meses. Sabendo que suas mãos tocaram o envelope que estou segurando agora.

Mas não está escrito Livia Stone.

Vinte e Dois

Segundo ano do ensino médio — *Mimi, vamos lá.*

Ele me arrasta da festa. Estamos no segundo ano.

— *Mas não quero ir embora, Jas* — *retruco e tento empurrar sua mão.*

O que não surte efeito.

— *Você está bêbada. Está na hora de ir.*

Ele me puxa.

Eu o empurro.

— *Vá embora!* — *grito.*

Mas ele não desiste.

— *Você não precisa me salvar, Jasper!*

A carta diz: Mimi Stone.

Vou para o carro, debatendo comigo mesma se vou ler ou não.

Preciso ler.

Preciso esperar.

Eu não deveria ler na escola.

Quem se importa?

Preciso ler.

Vai doer, Livia.

Não leia.

Leia essa carta. Agora.

— *Srta. Stone* — *o sr. Marty, nosso inspetor, fala* —, *para onde você está indo tão cedo?* — *Ele se aproxima de mim.*

Sua calça caqui tem a cintura bem alta. Aposto que ele era como Anthony Cartwright no ensino médio. Atormentado por causa do seu

cérebro e seu estilo de roupa. Aposto que é por isso que ele leva seu trabalho tão a sério. Tenho certeza de que se ele se livrasse da pochete que usa, não seria tão ruim.

— A lugar nenhum — minto. *Vem tão fácil.* Enfio a carta no bolso de trás, rezando a Deus que ele não sinta o cheiro de bebida.

— Você tem permissão para sair do campus? — Ele fica palitando os dentes. Seus óculos de sol esquisitos estão no rosto, mas não há sol à vista.

— Não estou indo embora. — Meu cérebro volta a funcionar. Quanto menos coisas eu digo, menos ele tem evidências para analisar. E então penso na garrafa vazia na minha mochila. *E se eu for pega com isso?* Meu rosto começa a ficar cada vez mais quente e a cabeça, um pouco mais clara.

— Só estava indo até meu carro trocar alguns livros — minto mais uma vez, me certificando de manter distância.

— Você não tem um armário para isso? — Ele coloca as mãos nos bolsos, mas como a calça tem cintura muito alta, parece que está com as mãos na barriga. Isso é bem desconfortável.

— Esqueci um deles no carro. — Mentiras. Mentiras. Mentiras.

E um dia, você será pega, Livia, digo a mim mesma.

— Vamos, vou levá-la até lá.

Eu o sigo enquanto tento clarear a mente. *Jesus, não entre em pânico, Liv.*

Minha respiração acelera.

Engulo em seco, em pânico enquanto espio meu carro.

Graças. A. Deus.

Há um livro de ficção lá dentro. Está entre os bancos do motorista e do passageiro.

Me viro para o sr. Marty, demonstrando orgulho.

— Viu?

Marty me encara, ainda cético. Ele olha ao redor como se estivesse procurando uma arma.

Pego o livro.

Abro o zíper da mochila para colocar meu livro lá dentro e a garrafa vazia de vodka aparece em cima de tudo.

Ah, Deus.

— O que é isso? — Marty pergunta.

Meu interior se desintegra e os próximos vinte anos da minha vida atrás das grades passam pelos meus olhos em dez segundos.

Olho para cima, antecipando sua expressão enquanto minha mente tenta encontrar desculpas. E mentiras.

Mas ele não está olhando para minha mochila. Está olhando para o banco de trás.

E ali há um frasco de comprimidos onde está escrito *Gabriel Struvio*.

Sinto como se estivesse em um episódio de *COPS*.

Quando o cão farejador encontra as drogas, o criminoso sempre diz: *elas não são minhas. Pertencem ao meu vizinho. Dei carona a ele. Ele deve ter deixado aí.*

História previsível.

— Não roubei esses comprimidos — digo.

— Por que estão no seu carro? — Marty pergunta, ainda rangendo os dentes. A embalagem agora está dentro de um saquinho em suas mãos.

— Não sei — digo.

A essa altura, estou no escritório da diretora Lundberg. Suas unhas vermelhas e compridas batem na mesa enquanto ela me encara por cima dos óculos vermelhos sofisticados. Tracy e meu pai estão aqui. E Marty, o aspirante a agente do FBI, está encostado na lateral da mesa da diretora, ainda rangendo os dentes.

Por que você ainda está aqui?, quero gritar.

Seus óculos de sol estão enfiados na gola da camisa.

Me remexo de forma desajeitada na cadeira. Estou quase certa de que meus pais estão constrangidos. Ultimamente, meu comportamento tem sido totalmente fora do comum. Mas eles não compartilham isso com meus interrogadores.

Os remédios em questão, as evidências, estão na mesa da diretora.

— Olha, Livia — Lundberg fala.

Quando seus lábios se unem, há um acúmulo de saliva na boca devido ao brilho labial. Me pego tentando não esfregar meus lábios. Seu estilo impecável sempre a fez se destacar. Ela cresceu em Belle's e se formou com meus pais. Se mudou quando foi para a faculdade e voltou como uma espécie de fashionista.

— O que mais devemos pensar? Como esses comprimidos foram parar no banco de trás do seu carro? — Ela cruza os braços e se inclina para trás.

Vejo empatia pelo que passamos em seus olhos.

Olho para Tracy e para meu pai. Os dois estão cansados. A exaustão transparece nos olhos dos dois.

Daniel foi o único que se sentou no banco de trás do meu carro.

— Não sei. — Minha voz soa impaciente.

Tracy olha para o chão.

Meu pai olha para a sra. Lundberg.

— Anna, escute — sua voz de advogado está a todo vapor —, o carro estava destrancado. A Liv está dizendo que não pegou os comprimidos. Matt até falou que ela não precisou destrancar o carro. Que, de fato, já estava aberto. Ela respondeu às suas perguntas. Então, a menos que você tenha provas de que a minha filha roubou os comprimidos, terminamos aqui.

Deve ser difícil para o meu pai cruzar uma linha tão tênue. Ter que confiar em mim, mesmo no meu pior momento. Meu histórico é incrivelmente horrível agora, já que meus próprios problemas estão escondidos na minha mochila.

Nos levantamos e seguimos para a porta. Meu pai abre caminho para que a gente saia primeiro, mas se vira para Lundberg e Marty.

— Aqui está o meu cartão. Ligue para mim quando tiver alguma evidência real.

Nós três ficamos em silêncio enquanto voltamos para o meu carro. A essa altura, são três da tarde.

Tracy se vira para nós.

— Vejo vocês em casa. Conversaremos lá.

— Vou levar a Liv até o carro dela — meu pai fala.

Seguimos em silêncio.

— Não peguei os comprimidos.

Meu pai chuta uma pedra no chão de forma casual, mas metódica. Sua cabeça deve estar girando em todas as direções. Pesando todos os cenários possíveis.

— Confio em você, Liv.

Quero falar. Quero colocar para fora todas as mentiras que contei. Confessar tudo. Porque, se ele conhecesse a pessoa em que estou me transformando, não confiaria em mim. Mesmo que eu não tenha roubado os remédios, ele não deve confiar em mim.

— Obrigada.

A pedra ainda salta no asfalto quebrado do estacionamento.

Mais uma vez, ele está olhando para o chão.

— Não importa o quanto você esteja brava comigo, Liv, ainda sou seu pai. Você é parte de mim. Cometi muitos erros, mas tudo o que tenho é o hoje. Estou sóbrio. Então gostaria de tentar tirar o melhor proveito disso, se estiver tudo bem para você. — Meu pai me olha pelo canto do olho. Ele para.

Abro a porta do carro e verifico o banco de trás primeiro. Ele vai até a porta do passageiro. Seu rosto e as linhas de expressão refletem histórias não contadas. O nariz e as bochechas têm um tom rosa suave, devido aos anos de bebida. Eu pesquisei no Google.

Sou honesta de uma maneira desonesta.

— Você pode dirigir? — Ele inclina a cabeça para a esquerda. — Claro.

Mas não deixo que ele se aproxime demais por medo que ele sinta o cheiro do que tomei hoje de manhã. Verdade seja dita, eu não estava disposta a dirigir sob a influência de álcool hoje.

Sinto como se estivesse me afogando em um monte de mentiras.

Esse pensamento me lembra de quando tínhamos nove anos.

Estávamos no camping Willits KOA, a apenas duas horas ao sul de Belle's Hollow, em férias de família. Fazíamos isso todo verão. A piscina estava cheia de crianças e boias. Não havia salva-vidas trabalhando.

Enquanto Tracy lia uma revista e meu pai estava dormindo, ou talvez desmaiado ao lado dela, um hipopótamo gigantesco foi lançado no ar e caiu na minha cabeça e uma criança começou a pular em cima dele, sem saber que eu estava debaixo da água, lutando para voltar à superfície. Não me lembro de quanto tempo fiquei ali, mas desmaiei.

Acordei tossindo e me engasgando com o gosto de cloro, deitada no cimento quente enquanto Jasper pairava sobre mim, pingando e de joelhos. O terror estava estampado em sua expressão. Ele fez respiração boca a boca em mim. Tracy estava em pânico e meu pai estava balançando com os olhos fixos sobre mim.

Jasper me disse: — Você precisa ser mais cuidadosa, Mimi. Deus, você me assustou.

O que eu queria dizer era: Tente nadar com um hipopótamo de nove quilos em cima de você.

Mas ele havia acabado de salvar minha vida, então achei que devia ficar em silêncio e não dar uma resposta espertinha. Além do mais, eu sabia o que ele queria dizer.

Você não pode morrer. Somos eu e você, não um sem o outro. Esse sempre foi o nosso acordo.

Ele era o mais velho. Nasceu um minuto e trinta e três segundos antes.

Ele dizia: — O irmão mais velho sempre deve morrer primeiro.

— No que você está pensando? — meu pai pergunta enquanto seguimos para dentro de casa.

— No dia em que o Jas me salvou do hipopótamo gigante.

Posso ver sua expressão mudar, a culpa surgindo na curva dos lábios e depois se movendo para seus olhos. Ele não se lembra de imediato.

E então penso: *se Jas não estivesse lá, o que teria acontecido comigo?*
Como vai ser o resto da minha vida sem ele?

Quando chegamos lá dentro, Tracy está se preparando para o trabalho, o que eu também preciso fazer. Meu turno começa as cinco no Bob's.

Pensei em nos sentarmos e conversarmos sobre o que aconteceu, embora eu já tenha explicado um milhão de vezes.

Ouçó Tracy sussurrando para o meu pai na cozinha enquanto caminho para o meu quarto.

— É isso aí, Tracy. Ela disse que não pegou. Se ela souber quem foi, vai falar. Precisamos dar a ela o benefício da dúvida.

O pai de antes.

O pai que não vivia bêbado.

O pai que também foi embora há três anos e não se incomodou em ligar no Natal ou em nosso aniversário. Por três anos.

Afastando esses pensamentos, coloco a mochila ao lado da minha cômoda. Me sento na cama e tiro a calça. Vejo o envelope branco amassado ainda no bolso de trás. E ver a letra de Jasper novamente me faz sentir como se eu tivesse levado um soco no estômago. É um golpe rápido que me tira o ar.

Não estou pronta para ler.

Depois do trabalho, digo a mim mesma.

Eu a coloco dentro da gaveta da cômoda, quase com medo de fechar e perdê-la ou alguém levá-la. Tiro da gaveta e coloco de volta, percebendo que estou pensando demais.

Tiro a camisa e me enrolo em uma toalha. Vou para o nosso banheiro. Meu banheiro agora. A porta de Jasper está entreaberta e quase me pego

esperando ouvir sua voz dizendo: *Apague a luz!*

Espero ouvir sua cama estalar quando ele se vira para a parede.

Mas não há nada além de um terrível silêncio. Não olho no seu quarto, porque não há nada para ver lá dentro. Nada mudou. Ele não está lá para fazer alguma coisa mudar.

Penso em me sentar no seu armário só para ver se há um sinal de que ele está me observando. Penso em Rose e Daniel.

Será mesmo que Daniel poderia ter pegado os comprimidos de Gabriel e deixado no banco de trás do meu carro? Ele poderia ter feito isso de propósito?

Jogo água fria no rosto e a vejo escorrer para o ralo. Faço isso várias vezes até me sentir satisfeita.

Coloco a camisa roxa com o logotipo do Bob's e uma calça jeans limpa. A única exigência de Linda é nada de jeans rasgados. Ela não entende por que pagamos um bom dinheiro por roupa esburacada. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo, aplico um pouco de máscara para os cílios e protetor labial. Sempre acabo saindo de lá cheirando a cebola gordurosa, então não me preocupo em colocar perfume.

Afasto os sentimentos ruins que parecem surgir como más lembranças.

Preciso de outra garrafa.

Mas me nego, porque preciso provar a mim mesma que não sou como meu pai.

Mais uma vez, verifico a gaveta da cômoda e vejo a carta de Jasper. *Ótimo.*

Meu telefone toca e vejo o nome de Daniel aparecer.

Vinte e Três

É Daniel.

Preciso falar com você.

Em seguida, Cao.

O que aconteceu?

Como eles sabem que aconteceu alguma coisa? Não falei com ninguém.

Imediatamente, vejo as notificações e encontro a atualização de BeLHo.

Abro.

Blog A Herdeira

ANÚNCIO RÁPIDO:

Garotas de Belle's! Caramba, tenho fofocas suculentas para vocês hoje. Notícia que acabou de sair do forno também. Se lembram daquele probleminha que Gabriel Struvio teve há uma semana mais ou menos? Alguém roubou sua medicação. Ritalina. Pobre Rapaz. Cara triste.

Acontece que os comprimidos foram encontrados no banco de trás de ninguém menos que a pobre menina Livia Stone. Ela pode estar precisando de um estímulo depois de todo aquele choro.

Sinto meu rosto esquentar e quero gritar com o idiota que escreve este blog, *verifique os fatos! Eu não chorei!*

Mas não posso. Porque ninguém sabe quem é o blogueiro misterioso que parece ser onisciente.

Isso é difamação. Calúnia! Vou declarar guerra.

Acho que vou fazer uma placa de propaganda e usá-la na escola. Algo dizendo que *não roubei os comprimidos de Gabriel.*

Depois vou fazer com que Cao inicie uma campanha de descontinuação do Blog A Herdeira intitulada *Free Livia Stone!*

E então vou pedir ao FBI para rastrear o endereço de IP. Acho que ainda

tenho algumas conexões.

Calma, Liv, ouço a mim mesma.

É aqui que Poppy entraria em cena e diria algumas palavras mágicas de clareza e sabedoria.

— Poppy, onde você está? — sussurro. Não obtenho resposta.

É possível que um espírito, ou seja o que for, esteja com raiva de mim?

Pego as chaves da mochila e enfio o telefone no bolso. Penso em procurar outra garrafinha mágica, mas me abstenho, porque isso pode me tornar uma alcoólatra. Eu tenho o gene. Meu pai era advogado de dia e um alcoólatra furioso à noite. Mas leva anos para se tornar alcoólatra, certo? Não há uma lista que se deve cumprir para se tornar um? De qualquer forma, sou muito jovem, certo?

Aqui estão os requisitos de qualificação que estabeleci em minha cabeça para julgar se estou me tornando alcoólatra ou não.

Livia, só pode ser alcoólatra se: **Abandonar o ensino médio, a faculdade ou se for reprovada por falta de média.**

Viver em. pelo menos. quatro sofás antes de voltar para casa para morar com minha mãe ou meu pai aos vinte e três anos.

Viu? Sou muito jovem.

For hospitalizada por overdose ou coma alcoólico.

O Google é uma ferramenta a ser reconhecida.

Perder um emprego por causa do vício.

Ainda tenho o meu, muito obrigada.

Beber de manhã.

Viu? Nunca fiz isso.

Morar embaixo de uma ponte com uma garrafa embrulhada em um

saco de papel marrom ou com pó na mão, culpando o mundo pelo meu infeliz conjunto de circunstâncias.

Ainda estou matriculada no ensino médio.

Ainda tenho cama.

Nunca fui hospitalizada.

Eu trabalho.

E nunca vou viver debaixo de uma ponte.

Respiro fundo depois de ver todos os fatos em preto e branco. Está claro que passei no teste. Acho que poderia ser alcoólatra se não conhecesse os sinais de alerta, mas, felizmente, estou ciente deles.

Vou responder a Daniel e Cao no meu horário de trabalho.

Ao entrar no Bob's, coloco o avental. Linda está na fritadeira. Estou cansada. Aprendi que o álcool faz isso, então comprei um chá com muita cafeína a caminho do trabalho.

— Liv, precisamos conversar. Nos fundos.

Em seu escritório minúsculo e bagunçado, Linda é muitas coisas, menos organizada. Há livros de receitas e pedaços de papel empilhados, um cobertor esquecido... a mesa de rodinhas é grande demais para o escritório. Ela grunhe quando fecha a porta.

Ela. Fecha. A. Porta.

Coloco um pedaço de chiclete na boca.

A última vez que Linda fechou a porta foi quando fui pegar meu salário antes de irmos até Los Angeles para buscar Jasper. Para encontrar Jasper.

— Sente-se.

Olho em volta.

— Onde?

— Ah. — Ela dá a volta na mesa e encontra um banquinho. — O tenente Rogers apareceu hoje. Estava procurando por você. — Linda se senta enquanto me acomodo. Seus olhos me avaliam, mas não de uma maneira acusatória.

Meu estômago revira. Será que ela pode sentir o cheiro de álcool?

Você passou no teste “Só posso ser alcoólatra se”, minha consciência diz em voz alta.

Mas esse não é o motivo pelo qual estou aqui. Permito que suas palavras sejam absorvidas pela minha cabeça. São os comprimidos.

— Linda, eu não peguei aqueles comprimidos. — Minhas mãos começam a suar.

— Sei que não, garota. Olha, sei que você está passando por muita coisa. Também te conheço desde os seis anos, quando você não tinha os dentes da frente. — Ela aponta para os próprios dentes.

— O que você disse a ele?

— Que se não tomar cuidado, direi à sua esposa que ele vem todos os sábados à noite antes de fecharmos para pegar um cheeseburger com bacon duplo. A esposa o colocou em uma dieta rigorosa ou algo do tipo. — Ela acena com a mão, porque não é a questão da nossa conversa. — Também disse que ele sabe que você não fez isso. Então, por que vir aqui, todo uniformizado e assustar a você, a mim e meus clientes? — Ela faz uma pausa. — Disse que se ele tivesse perguntas para você, deveria ir à sua casa, não ao trabalho. — Ela para e apoia a palma da mão na testa, empurrando a franja do rosto. — Só queria que você soubesse e ficasse preparada para quando ele for à sua casa. E é melhor que ele não volte ao meu

estabelecimento naquele maldito uniforme a menos que seja sábado à noite, e ele venha comprar seu cheeseburger com bacon duplo. — Ela tenta me fazer sorrir.

Como a vida ficou tão bagunçada e tão ilegal?

Um só se forma no meu estômago e sobe até minha garganta, criando uma sensação de queimação.

— Vá trabalhar, Stone. — Linda pisca para mim.

Assinto e me levanto. Quase do lado de fora da porta, me viro para ela.

— Obrigada. — O agradecimento sai abafado, quase triste. Desesperado, talvez. Eu não pretendia, mas aconteceu.

Pego uma caneta e um bloco de papel branco para anotar os pedidos. Me encosto na bancada de fórmica com glitter dourado dos anos 1970.

Cao entra. Ela está com um olhar estranho.

— Sinto muito, Cao. Eu ia te mandar uma mensagem no intervalo.

Ela caminha até o balcão. Minha amiga não dirige. A mãe dela tem medo de que ela morra em um acidente de carro. Então Beth disse que ela teria que esperar até os dezoito anos para tirar a habilitação.

A diferença entre dezesseis e dezoito? *Hormônios e experiência de vida*, Beth disse.

Cao chama isso de “a técnica do helicóptero apache”. A mãe dela está sempre por perto.

Ela junta as mãos e se apoia no balcão.

— Sabe, minha melhor amiga recebeu notícias muito ruins hoje. E eu explodi o telefone dela — ela faz uma explosão com as mãos —, mas por qualquer motivo, ela não encontrou tempo para me mandar um snap, uma mensagem de texto ou fazer uma ligação para dizer: *Oi, melhor amiga*,

estou bem. Eu te ligo mais tarde.

— Sinto Muito. Me adicione à lista de melhores amigas de merda que sei que você enfiou entre o colchão e a cama — digo, demonstrando a minha culpa. Não quero arrastá-la para essa bagunça.

Ela escreve meu nome com o dedo no balcão. Depois sorri.

— Você está bem?

Assinto, tentando organizar meus pensamentos sobre os fatos e as mentiras que se juntaram em questão de um dia. E a visita do tenente ainda faz meu estômago revirar.

— Sei que você não fez isso.

— Eu sei. — Faço uma pausa e olho para os dois lados para me certificar de que todos estão fora do alcance da minha voz. — Mas sabe quando você tem tanta certeza de alguma coisa e aí aparece uma dúvida persistente na sua cabeça e te faz gastar algum tempo tentando se convencer de que realmente não fez nada?

Cao morde o lábio.

— Como convencer meus pais de que estou bem com quem sou quando eles estão convencidos de que estou sofrendo de crise de identidade? — Sua sobrancelha esquerda arqueia. — Te entendo cem por cento.

— Espere. Como você chegou até aqui? — Olho por cima de seu ombro, e descubro quem a trouxe.

Cao suspira.

— Não surte. Mas fiquei chateada quando li o blog e pensei imediatamente no Daniel, porque foi ele quem esteve no banco de trás do seu carro. Então, não vou mentir, mandei uma mensagem privada antes de saber qual era a situação e, bem, isso levou a um telefonema.

Olho para Daniel sentado no banco do motorista do que parece ser um BMW novinho em folha, embora eu não seja muito boa com carros, marcas e modelos. Classifico os veículos de três maneiras: caminhonete, carro e utilitário. A única razão pela qual sei a marca desse é porque há um logo bem grande no capô. Percebo por que Daniel não queria dar ao sr. Pearson a satisfação de dirigir o lindo carro. Grita arrogância.

Ele acena.

Aceno de volta.

— Eu disse a ele que precisava entrar primeiro e conversar com você. Ele argumentou. Liv, argumentou muito. Ligou para você várias vezes. Queria se explicar. Até ligou para a diretora Lundberg.

Eu arregalo os olhos.

— O quê? — digo, nervosa. Os clientes olham. Reviro os olhos. — Volte às sete, é a hora do meu intervalo — digo a ela. Estou confusa, não sei o que pensar.

Daniel e Cao voltam no horário do meu intervalo.

Por que ele tem que usar coisas tão reveladoras? Como camisetas brancas que abraçam seu peito. E esses óculos de aro preto que o fazem parecer lindo demais para o seu próprio bem. Ele podia simplesmente manter as mãos enfiadas nos bolsos para que eu não precise vê-las também?

Eles se sentam perto da janela mais distante, longe do alcance de todos. Pego uma cesta grande de batatas fritas com queijo e duas Cocas e me sento com eles. Cao e Daniel estão em lados opostos da mesa e eu fico do lado de Cao.

Ele parece estar bem com a minha escolha enquanto se inclina. E me encara.

— Você quer começar ou eu começo? — Cao pergunta para Daniel com urgência.

— Eu começo — ele fala com *aquele* sotaque. — Peguei os comprimidos do camarada Struvio. — Ele não sussurra. Não faz disso um segredo. Ele fala para quem quiser ouvir.

Vinte e Quatro

Fico quieta e deixo Daniel falar.

— Devo ter saído do seu carro muito rápido, e elas devem ter caído do meu bolso. — Ele faz uma pausa, mordendo o interior da bochecha.

— Mas por quê? — a pergunta sai da minha boca em um tom acusatório.

Como se eu fosse uma santa.

Daniel se recosta no banco e passa a mão pelos cabelos.

— Não consigo aceitar quando as pessoas roubam coisas. Tenho dificuldade em aceitar quando as pessoas mentem. E me sinto da mesma forma quando vejo um calouro comprar medicamentos de um veterano que, provavelmente, não deveria tê-los. — Daniel suspira e continua: — Há duas semanas, no banheiro, Struvio estava vendendo drogas para um outro cara abertamente, sem se preocupar que qualquer um visse. Passei pelos dois, que estavam completamente alheios ao mundo. Ele disse ao comprador que os comprimidos não eram Ritalina, mas, sim Oxicodona. Ainda assim, ele não é muito inteligente. Imagino que disfarce a embalagem, por razões óbvias. — Ele para.

— E se ele estivesse mentindo para o garoto? E se fosse Ritalina e ele estivesse só tentando ganhar alguns dólares? — pergunto.

— Trinta dólares por comprimido é um valor alto, Livia. — A voz de Daniel é concisa, e sou pega de surpresa. É a primeira vez que ele muda de tom comigo. — Além disso, não importa. Vender drogas é vender drogas. Seja dele ou de outra pessoa. Seja Oxicodona ou Ritalina. Realmente não importa, não é mesmo? — Suas mãos estão abertas sobre a pequena mesa

no canto. Daniel ajeita os óculos com o dedo indicador.

Ele tem razão. É como se eu estivesse tentando me defender.

— Então, enquanto ele praticava esportes, vasculhei sua mochila e peguei os comprimidos — Daniel fala como se estivesse confessando um crime.

Cao esclarece: — Esporte é educação física. É como eles falam no Reino Unido. — Ela revira os olhos para ser engraçada.

— Mas por que ele daria queixa de que os comprimidos sumiram?

Daniel sorri.

— Essa é a parte da mentira que eu odeio. A mãe dele fez isso. Culpou a escola e os alunos por roubarem os comprimidos do filho.

— Como você sabe?

— Fiz a mesma pergunta! — Cao balança a cabeça.

— É como contar a mesma história duas vezes para a mesma pessoa. — Daniel balança a cabeça. — Eu estava na diretoria quando a mãe dele entrou. Ela estava um pouco fora de si e começou a gritar para a recepcionista sobre o roubo da Ritalina do filho.

Cao diz: — Quando é ele quem está vendendo Oxicodona. E provavelmente Ritalina também. Shhh.

Daniel para.

Cao também.

Eles me encaram.

— Bem, você não vai levar a culpa por isso, Daniel.

Meu pai tem razão. Como meu carro estava destrancado, qualquer um poderia ter colocado os comprimidos no banco de trás para tentar colocar a culpa em mim. *Devo dizer isso a Daniel e Cao? Ou escondendo para que não*

precisem sofrer por mim no caso de eu levar a culpa? Caso eu seja presa aos dezessete anos por ter drogas no carro. Merda. E se eles testarem os medicamentos e descobrirem que não é Ritalina, mas sim Oxycodona? Isso não vai configurar crime?

O tenente Rogers vai voltar para falar comigo e com a minha família.

Tomo uma decisão rápida, porque meu período de descanso está acabando e porque sinto que é a coisa certa a fazer. Pelo menos para Daniel e Cao.

— Você pode contar a mesma história para o meu pai?

Daniel olha para mim.

— Sim. Já liguei para a diretora Lundberg. Deixei uma mensagem — ele fala.

Estremeço.

— Você disse a ela por que estava ligando?

— Não.

— Quando ela retornar, diga que você tem uma pergunta sobre o seu visto escolar.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem, mas por quê?

— Meu pai é advogado. — Um advogado alcoólatra. — Há mais na história, mas preciso voltar ao trabalho. Vou explicar mais tarde. Vá para minha casa e conte tudo ao meu pai. Ele vai te esperar.

Aí está a velha Livia. Oi. É bom ver você de novo.

A velha Liv acena para a nova Liv como se estivesse em frente a um espelho.

Meu coração afunda quando a velha Livia se dissolve, perguntando para

a nova: *Quando você ficou tão feia?*

Assim que Cao e Daniel vão embora, envio uma mensagem para meu pai avisando que eles estão indo para explicar sobre o que aconteceu. E também conto sobre o tenente Rogers.

Sua resposta é imediata.

Tudo bem.

Ele não pergunta sobre o tenente Rogers.

Quando chego em casa, estou exausta e cheirando a gordura. Tiro a camisa e o jeans, deixando um rastro atrás de mim. Isso me faz pensar em Jasper. Ele criou o termo *rastro de Liv*. Meu irmão costumava dizer que sempre sabia onde eu estava quando chegava em casa, porque havia uma trilha de roupas atrás de mim.

Entro no banheiro e tomo um banho rápido. Vestindo o pijama da noite passada, espio o quarto de Jasper.

Por favor, me deixe vê-lo em sua cama, ouvindo música, balançando o Vans no ritmo que toca em seus ouvidos.

Está escuro. E tudo está como deixei: os fones de ouvido e uma camisa que ele jogou na cama um dia antes de partir para Los Angeles.

O que eu não daria para trocar de lugar com ele agora.

Jasper, Ele deveria ter me levado no seu lugar. Ele deveria saber que você teria lidado com a minha morte melhor do que eu tenho lidado com a sua. Que você não ia beber, tomar comprimidos, mentir ou deixar um rastro de confusão.

Entro em seu armário e me sento em todos os pares de tênis que consigo. Prefiro a escuridão para que as lágrimas desapareçam e ninguém

possa vê-las. Seu armário tem cheiro de madeira e sabonete. O cheiro dele.

Apoio a cabeça na parte de trás e a saudade só aumenta.

Tracy é ótima para contar essa história. Ela diz que Jas e eu passamos os primeiros seis meses de nossas vidas nos tocando. Ela explicou que toda vez que ela se virava, Jasper estava com o braço ao meu redor ou o pé na minha cara. Eu diria que na maior parte das nossas vidas, passamos mais tempo juntos do que separados.

No dia primeiro de outubro, senti que havia algo errado. Enviei diversas mensagens para ele enquanto o desconforto crescia. Meu estômago começou a doer tanto que até vomitei. Mesmo que eu achasse que era uma gripe, não consegui me esquecer da sensação terrível de que algo estava errado. E algo ruim estava para acontecer.

Então, Jasper me respondeu.

***Mimi. O que foi? Você
está congestionando meu
telefone. Está tudo bem?***

Me lembro de sentir alívio. Um grande alívio, porque Jasper estava bem. Eu podia respirar novamente.

Mas a dor de estômago não desapareceu. Minhas mãos tremiam e eu não conseguia digitar direito.

Mande uma mensagem de volta.

Eu te amante.

****Amo.***

Então, mais calma, completei.

Porque amante do irmão

gêmeo seria estranho.

Mas ele nunca me respondeu.

Foi quando a histeria em massa eclodiu no país. Em primeiro de outubro de dois mil e quinze, às 10:48h.

Gostaria de ter tido mais um minuto com ele no carro quando o deixei no aeroporto no dia anterior.

Ter aguentado mais uma vez ele colocando o pé no meu rosto ao tentar explicar que pé de atleta é uma condição real e pode ser contagiosa.

De ter ouvido mais uma observação sarcástica sobre minha calça de ioga ser apertada ou meu short, muito curto.

Um último abraço.

Ouçó um barulho na casa enquanto minhas lágrimas silenciosas caem, completamente despercebidas até agora.

— Mimi? — Ouçó a voz do meu pai.

— Aqui — sussurro baixinho, como a menininha que ele deixou para trás. Perdi o jeito de falar, incapaz de recuperar o fôlego. E talvez eu não queira que ele me ouça, mas talvez eu queira.

Meu pai abre a porta do armário e me vê sentada ali no fundo. Seus ombros caem. Ele entra no móvel comigo e não consigo deixar de pensar o que Jasper sentiria se pudesse nos ver agora. Ficaria louco, porque eu e meu pai estamos sentados em cima de seus tênis, e triste porque nosso pai me abraça enquanto eu tremo. Meu pai grande e forte, está com a bochecha encostada no meu cabelo e eu o sinto tremer também. Suas respirações intermitentes me contam a história do seu arrependimento e da sua própria perda.

A morte é horrível.

A morte nos traz os piores sentimentos. Você prefere morrer a ter que enfrentar.

É uma solidão que nunca conheci antes. E não tenho certeza se vou conseguir me recuperar.

Vinte e Cinco

Acordo, incapaz de respirar. Estou suando e não consigo me lembrar direito do pesadelo que tive, pois minha mente ainda está confusa. Com os olhos inchados de lágrimas, acendo o abajur da mesa de cabeceira.

Finalmente, consigo respirar.

Como voltei para o meu quarto? E para a minha cama?

Olho para o meu pijama.

Pego o telefone e vejo as horas: meia noite e dois.

Organizo os pensamentos sobre o sonho que tive. Era Sonja, uma das sobreviventes de primeiro de outubro. Sigo sua página no Facebook.

No meu sonho, revivi minha versão do que havia acontecido naquele dia. O que minha cabeça juntou enquanto ela era o centro das atenções, e eu estava triste.

Senti inveja da sua família.

Raiva.

Tristeza.

Ela ainda está no hospital. Sua comunicação é limitada. Ela usa um computador, papel e caneta, mas ainda está aqui. Toda vez que vejo sua foto aparecer no meu feed, minha perda é ampliada e os questionamentos sobre Deus e seu plano se reorganizam em minha cabeça.

Por que ele não salvou todas as vítimas?

Questiono como ele poderia ter deixado algo tão horrível acontecer. Como pôde deixar alguns vivos e outros, não.

Questiono por que todas essas pessoas em particular estavam no mesmo lugar e ao mesmo tempo, sendo que tinham muitas coisas para fazer com

suas vidas, muito para dar ao mundo.

Que merda é essa, Deus? É o que quero dizer.

QUE MERDA?, grito em minha cabeça.

Esfrego os olhos e me sento, apoiando a cabeça no travesseiro.

Jasper Stone, 17 anos; Bernice Carnes, 18 anos; Jesus Eibel, 18 anos; Xou Hong, 18 anos; Amanda Alcaraz, 19 anos; Treven Anspach, 20 anos; Stephanie Moore, 44 anos; Delma Dietz, 59 anos; Lawrence Levine, 67 anos.

Essas pessoas não sobreviveram a primeiro de outubro de 2015. Por que não?

Meu peito se aperta e o nó aumenta a cada minuto.

Questiono por que a jovem cantora, Christina Grimmie, uma das concorrentes do *The Voice*, com tanta vida pela frente, foi baleada e morta a queima-roupa em um *meet and greet* após seu show. Ela tinha apenas vinte e dois anos.

Pergunto por que Jessica Ghawi, que escapou de um tiroteio em massa em um shopping center de Toronto, foi morta um mês depois, em um atentado no Colorado. Ela tinha só vinte e quatro anos.

Quero saber por que Steven Stayner foi sequestrado aos sete anos, retornou aos quatorze e morreu em um acidente de moto aos vinte e quatro quando voltava para casa do trabalho.

Ou Jessica de Lima Rohl, de vinte e um anos, que organizou um evento para estudantes universitários na boate KISS. Seu namorado implorou para ela não ir, então ela não foi. Duzentas e trinta e oito pessoas foram mortas naquela noite em um incêndio na KISS. Ela e o namorado morreram uma semana depois em um acidente de carro.

Que tal Hilda Yolanda Mayol, de vinte e seis anos? Ela estava no térreo quando as Torres Gêmeas foram atingidas em onze de setembro. Ela escapou. Apenas para morrer dois meses depois em um acidente de avião a caminho da República Dominicana. O voo 587 caiu no bairro do Queens, em Nova York.

E David Furr? Devido a uma lesão, ele foi o único membro do time de basquete masculino da Universidade de Evansville que não estava no avião fretado, Douglas C-53, em que todos os jogadores morreram. Ele e o irmão de dezesseis anos foram mortos duas semanas depois por um motorista bêbado.

DJ Lawson era um estudante de dezenove anos da Universidade Estadual de Humboldt. Ele se mudou de Los Angeles, onde foi criado, para estudar em uma cidade pequena por ser mais seguro, e foi esfaqueado até a morte em uma festa lá. Seu assassinato ainda permanece sem solução.

Ou o garoto de cinco anos, cujo nome nunca foi divulgado, que sobreviveu a um enorme tornado em Oklahoma, mas foi morto por um cachorro Bulmastife dias depois.

Ou Nicky Hayden, piloto de MotoGP, que morreu enquanto andava de bicicleta na Itália.

E não vamos nos esquecer do tiroteio na escola primária Sandy Hook. Nunca.

Questiono tudo isso.

O nó no meu peito se expande tanto que parece que fica impossível respirar. Dói e não tenho certeza se é de tristeza ou de raiva.

Fatalidade. Destino. Sorte. Providência Divina. Karma. Kismet.

Talvez isso seja algo de que a gente não se lembre, mas talvez Deus

tenha nos dado um número de dias e a escolha de como deixaríamos este mundo e seguiríamos para o próximo. Com certeza, se soubéssemos como e quando, não sobreviveríamos à espera, pois passaríamos todo o tempo com medo do dia em que partiríamos chegasse. Se soubéssemos nossa data de partida, talvez não gostássemos dos momentos de alegria que a vida proporciona. Talvez nossas almas tenham sua própria jornada e nossos corpos sejam apenas algo temporário que usamos enquanto ficamos por aqui.

Mas isso ainda não explica Sandy Hook. Acho que nenhum de nós pode explicar isso, e é aqui que eu sempre acabo: *Deus, se você existisse, Sandy Hook nunca teria acontecido.*

Não posso chorar, então fecho os olhos e deixo a injustiça do mundo cair ao meu redor.

Meu telefone vibra com um e-mail.

PARA: livie@gmail.com

DE: Sonja Peet peetfeet@yahoo.com

ASSUNTO: Jasper Oi, Livia, Consegui seu e-mail com o FBI. Espero que esteja tudo bem eu te enviar uma mensagem.

De qualquer forma, sei que você está enfrentando dificuldades agora. E não tenho certeza de como abordar o assunto, mas ouvi as últimas palavras de Jasper e gostaria que você soubesse.

Acho que se eu estivesse no seu lugar, gostaria de saber. Eu o conheci por apenas uma hora, mas ele falou muito sobre você. Estou enviando um e-mail contra a vontade dos meus pais, pois acho que é a coisa certa a fazer.

Algumas pessoas podem achar que estou louca por causa do stress pós traumático. Que eu poderia não estar bem. Que não deveriam se aproximar

de mim. A verdade é que não sei o que está acontecendo comigo.

Seu irmão era especial, Livia. Nos sessenta minutos em que o conheci, vi o quanto ele era especial.

Ele fez o que eu não pude fazer.

Fez o que 99% da população do mundo não faria.

Ele permaneceu em sua própria verdade.

Defendeu o que acreditava.

Não sei como encerrar este e-mail, por isso vou parar por aqui. Me avise se quiser... bem... saber.

Sonja

Imediatamente, saio da cama e me arrasto até o quintal e para o galpão. Remexo a caixa cheia de pregos e encontro meu alívio: uma mini garrafa de vodca. *Isso vai servir.*

Eu a levo de volta para o meu quarto.

Tomo o suficiente para deixar minha mente entorpecida.

Fecho os olhos e deixo o a mágoa desaparecer na noite.

Minha cabeça dói e não pode ser por causa da bebida. Tem que ser pelo choro e pela ressaca emocional.

Prefiro ficar em casa hoje, mas Cao está contando com a minha carona.

Me levanto para tomar banho.

Coloco uma toalha fria nos olhos por cinco minutos.

Então saio para a escola.

Tento não deixar que a oferta de Sonja entre na minha cabeça, porque quando penso nisso só consigo sentir pânico. Sinto o grande nó na garganta se afundar e meu coração dói.

Minha cabeça está cheia de cenários que passam como comerciais matinais, e sei o que pode me ajudar a esquecer.

Mas tenho que ir para a escola. Varro meus pensamentos e sentimentos para debaixo do tapete para que ninguém possa vê-los.

Estou um pouco tentada a excluir o e-mail. Mas algo me diz para não fazer isso.

Enquanto sigo para a casa de Cao, procuro por Daniel. Sinto uma necessidade inexplicável e que só pode ser atendida por ele. Quero sentir sua perna pressionar a minha com urgência. Talvez sua comunicação não

verbal exija que eu continue falando. Assim como seu cheiro, aquele que me leva a dizer, fazer e pensar coisas que eu não deveria.

Talvez eu conte a ele sobre o e-mail... ou meus pensamentos sobre a porra do destino e todas as coisas ruins do mundo. A conclusão que tirei ontem à noite: talvez não haja um Deus.

Chegando na casa de Cao, vejo Beth seguindo-a pelo portão. Minha amiga está carregando algo estranho e está claramente irritada.

Ela abre a porta do carro e diz: — Dirija. Apenas dirija, Liv — antes mesmo que ela esteja sentada no banco do carona.

— Uma tentativa de assassinato é tudo que preciso agora, Cao. Com essa dos comprimidos na escola, tenho certeza de que o promotor teria um caso completo contra mim. — *A velha Liv.*

O e-mail de Sonja surge na minha cabeça novamente. Eu o afasto.

Ela está tentando arruinar a minha vida?

— Que cheiro é esse? Parece enxaguante bucal. — Cao pergunta e faz uma cara de nojo.

Pânico.

— Usei enxaguante bucal esta manhã. — Sorrio como se ela fosse louca. Acho que preciso dizer a Cao que não posso mais levá-la para a escola, mas decido mudar de assunto, porque Beth está se aproximando do carro.

— Oi, Liv — ela fala enquanto se inclina na janela do meu carro. — Que cheiro é esse?

Me endireito no banco e puxo o cabelo para o lado, tentando mascarar o cheiro.

— Que cheiro?

Beth respira fundo dentro do carro.

Cao balança a cabeça e então reparo em um tipo de estátua de macaco/gato na sua mão.

— Pode parar? A Livia não fuma, mãe. Por favor. Apenas pare — ela suspira. — Liv, pode dirigir?

Sua mãe está pendurada na janela do meu carro, quero dizer. E mais uma vez, quero mencionar tentativas de assassinato, mas acho que é um argumento discutível agora.

— Mãe. Pode parar? Por favor. Deixe a gente ir. — Cao está exausta.

Beth se afasta da janela e assente, ainda olhando para a filha no banco da frente. Lenta e desconfortavelmente, fecho a janela e me afasto do portão.

Não ousou respirar até chegarmos na Gulch. Mas ela ainda está segurando o macaco/gato nas mãos.

— O que é isso?

Cao está olhando pela janela.

— É mais uma das tentativas da minha mãe de me convencer que sou chinesa.

Penso por um momento.

— Eu diria que é um filhote de gato com macaco. É um *gacaco*.

Cao sorri, ainda olhando pela janela.

— Supostamente é *feng shui*. Coisa chinesa. Mas o gato da sorte é uma coisa japonesa. — Ela revira os olhos.

— Pelo menos ela está tentando, Cao.

Ela olha para mim.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre o seu pai.

Franzo a testa.

— Tem uma grande diferença. A sua mãe não te deixou — sussurro. — Só acho que você dedica muito tempo e esforço a odiar o que ela faz para que você se sinta aceita.

Em uma reação brusca, viro na estrada que vai para a casa de Daniel, porque meu desejo de vê-lo agora se tornou uma necessidade.

— Aonde você vai?

— Pegar o Daniel — eu digo, como se esse fosse o plano desde que saí de casa hoje de manhã.

— Como foi com seu pai ontem à noite? — Cao volta ao normal aos poucos. A mal humorada saiu do carro em algum lugar ao longo da Rockwell Lane. Graças a Deus.

— Essa... essa é... a casa dele? — Cao se inclina para ter uma visão melhor.

Por fora, as coisas estão tão bem organizadas. É provável que jardineiro mantenha tudo em ordem. Há empregadas cuidando da casa. Presumo que eles devem ter até cozinheiro. O que esse cenário pitoresco não mostra é um pai ausente e uma mãe moribunda, duas partes essenciais para formar uma família.

E talvez seja isso que Daniel quis dizer com *É apenas uma casa, Livia*.

— Você acha que o Daniel conhece o Ed Sheeran? — Ela ainda está olhando para os jardins e para a construção.

— Por quê? Só por que eles são britânicos? Duvido.

Escrevo uma mensagem para ele e digo que decidi buscá-lo para ir à escola esta manhã. E depois explico que não foi planejado, mas algo impulsivo, porque não quero que ele ache que penso muito nele. Certo?

Nenhum garoto quer pensar nisso, porque é como se o jogo acabasse. aguardo a resposta e, à medida que os segundos passam, repenso a mensagem inteira, me perguntando por que sou tão idiota.

Eu poderia simplesmente dizer: *Oi, pensei em te buscar para ir à escola.*

Verifico a hora: 08:17h.

08:18h.

08:19h.

08:20h.

Sem resposta ainda.

— Volto já — digo a Cao. Mas antes que eu possa me levantar, meu telefone toca.

— Ei, seria rude se eu tirasse uma foto da casa dele? — Cao pergunta, se preparando para fazer uma foto.

— Sim! — sussurro quando abro a mensagem.

***Oi. Me desculpe, não vou
para a escola esta manhã.
Minha mãe está no hospital.***

***Daniel, sinto muito. Há algo
que eu possa fazer?***

***Não. Valeu. Te ligo mais
tarde.***

Quero responder. Mas não deveria. *Não pareça muito desesperada.* Em que momento vamos superar a preocupação com o que os outros pensam quando queremos fazer algo? As coisas que são desconfortáveis e que nos

tornam vulneráveis. De alguma forma, permitimos que a confiança se perca em algum lugar em meio ao caos.

Talvez a gente pondere demais as opiniões sobre o que é aceitável e não o que é certo.

Desligo o telefone e seguimos para a escola.

Vinte e Seis

Vejo os olhares de deboche e os sorrisos, mas ninguém diz nada.

Sei o que estão pensando: apreensões de drogas.

Cartel de drogas. Tempo de prisão. Suspensão. Expulsão.

Penso no e-mail de Sonja novamente. Ótimo. Agora, toda vez que verificar meu e-mail, vou vê-lo e ficar desesperada e com o coração acelerado. E esse pensamento faz com que eu me sinta sozinha, mesmo cercada por centenas de estudantes. Vou excluir o e-mail quando puder.

E sei que a única razão pela qual meus colegas não dizem nada, nem mesmo Miranda, é porque meu irmão acabou de morrer. Eles estariam contra mim se Jasper não tivesse partido. Assim como quando Paul Pearce foi preso no campus por lavagem de dinheiro. O pessoal foi implacável. Ele era veterano quando nós éramos calouros. Ouvi dizer que ele está trabalhando na área de construção no sul de Humboldt, provavelmente para o pai de Miranda.

E ao pensar em Paul, sinto vontade de tomar um gole da bebida. Então espero ansiosamente pela próxima chance que terei de beber, pois sei que isso vai me deixar mais tranquila.

Só quero me aquecer um pouco, penso comigo mesma, assim minha cabeça pode descansar.

A caminho da próxima aula, vejo o sr. Joe vindo na minha direção.

Se eu desviasse agora, ia parecer que o estou evitando. Isso é verdade, mas não quero que ele saiba.

Mas não há como correr agora, pois estamos frente a frente, nos encarando.

Remexo o pé e chuto pedrinhas imaginárias.

Isso nunca funciona no cinema, mas tento mesmo assim.

A qualquer momento, sei que ele vai começar a *A declaração de Livia Stone*, a malvada. Ou seja, uma série de repreensões.

Ele começa: — Alguém já te disse que você é uma velocista? — Sua voz soa leve. Um pouco áspera, mas ele não está bravo. Seus movimentos são rápidos, assim como suas palavras.

— Uma velocista? Tipo alguém que corre em competições? — pergunto, claramente confusa.

— Não. Você corre dos problemas que não consegue resolver. Ao invés de resolvê-los, você foge.

Me sinto como uma garotinha sendo repreendida pela mãe por sair de casa quando estava de castigo.

— Não.

— Bem, agora já te chamaram assim. — o sr. Joe suspira. Ele usa a camisa xadrez. — Livia, você tem muito potencial e está jogando tudo fora. Se afastando tudo. — Ele mexe as mãos. — Estou frustrado com você por não ter previsto que isso aconteceria. Sei o quanto você está sofrendo, Liv. Confie em mim, eu sei. Mas este é o seu último ano, o ano do rompimento de contrato. E se você não se organizar agora, vai levar muito tempo para chegar lá novamente. Se conseguir chegar.

— Porque você está me pressionando tanto, sr. Joe? — a pergunta escapa da minha boca.

Ele ergue as mãos e alisa os cabelos, como se não estivesse preparado para responder a essa pergunta. E então suspira.

— Esqueça. Quer jogar seu futuro fora? Então, que seja. Mas não diga

que eu não estava aqui para ajudar. — Ele passa por mim e continua andando. Seus sapatos de cadarço batem a cada passo apressado. — Você está seguindo o caminho mais fácil, Liv — ele diz, ainda andando. — Quem escolhe o caminho fácil só chega até o meio-fio.

Geralmente, quando me deparo com uma situação da qual tenho medo, me sinto melhor, mas não desta vez. Na verdade, agora me sinto pior. Sinto que o sr. Joe está certo. E que eu fiz tudo errado.

— Acha que eu deveria mandar uma mensagem para o Daniel para ver como ele está?

Cao e eu estamos almoçando. Estamos sentadas na linha de 50 jardas do campo de futebol, e estou tentando me distrair para não pensar no e-mail que está na caixa de entrada, esperando por uma resposta.

Ela se inclina para trás e absorve as luzes solares. E então olha pra mim.

— Ainda não mandou?

Balanço a cabeça, olhando para o telefone. Cao vira novamente o rosto na direção do sol.

— Acho que vou mandar uma mensagem.

— Pra quem?

— Daniel.

— Ah. Tudo bem.

Pergunto como ele está, se sua mãe está bem, se precisa de alguma coisa e se o pai está junto com ele. Escrevo quatro frases curtas. Aperto Enviar.

O celular indica que a mensagem foi entregue e espero sua resposta com impaciência.

— Me encontrei com o sr. Joe hoje. Bem, *encontrar* é uma palavra

forte. Esbarrei nele, acho.

— Ele te repreendeu como você esperava?

— Na verdade, não. Achei que ele me repreenderia com um baita sermão da mesma forma que ele age na sala de aula. — E então percebo que não estamos mais na mesma classe. Um pedaço do meu ego, aquele que se preocupa com a faculdade e com meu futuro, desmorona.

— E não foi o que aconteceu? — Cao afasta os olhos do sol.

— Não. Ele estava com raiva. Como se estivesse realmente decepcionado. Disse que eu tinha potencial e que estava jogando tudo fora. — Pego as folhas do gramado onde nossa comunidade se reúne toda sexta-feira à noite, de outubro a dezembro.

— Espere. O sr. Joe estava com raiva?

Eu concordo.

Meu telefone toca e meu coração pula. É uma atualização do blog A herdeira.

Cao também recebe a notificação. Engulo em seco enquanto abro o post.

Blog A Herdeira Bem, garotas da Belle's, já se passaram 24 horas. E foi um período agitado. Está difícil acompanhar os escândalos e o comportamento imoral da nata de Belle's Hollow. Ando como um gatinho ocupado, desenrolando esse grande novelo de lã, apenas para descobrir que o enredo fica cada vez mais confuso.

Primeiro, como você sabe, Leah Moran foi flagrada na clínica Belle's Hollow Women há pouco tempo. Não tenho certeza se ela ganhou alguns quilos ou se suas roupas estão justas demais, mas parece que ela pode estar carregando um bebê. Mantenha os olhos e a mente abertos.

Segundo, o tema Casa Mal Assombrada venceu para o baile deste ano. Está programado para vinte e oito de novembro. Vista-se com seu traje mais assustador e traga um acompanhante. Os ingressos estão à venda no Associated Student Body ou você pode comprar pela internet quando o link estiver disponível. Além disso, fiquei sabendo que alguém levaria o Jack e o Daniel, então não deixe de beber o ponche.

Terceiro, o festival da escola é na semana que vem.

Quarto, o sr. Lowery está indo para a reabilitação! Mas não pense que vamos conseguir nos livrar de química. Vão trazer algum professor novo, recém-saído da faculdade para preencher

sua vaga. Espero que ele seja gostoso!

Quinto, está vendo como está ficando cada vez mais suculento à medida que avançamos? Aparentemente, após a apreensão das drogas com a Livia, a diretora Lundberg e o sr. Marty ficaram trabalhando até tarde no caso Stone, uma vez que Livia jurou que não tomava os comprimidos.

Ah, por favor.

Pega em flagrante e ainda não confessa.

Aparentemente, o pai dela — advogado alcoólatra que voltou para casa — deu uma carteirada . É engraçado como você pode se safar quando tem um pai advogado para protegê-lo.

Quinto, e certamente não menos importante, parece que a diretora Lundberg, que é casada, e o sr. Marty, usando aqueles óculos ultrapassados do seriado Havaí 5.0 e com a calça tão alta que é possível dizer para que lado as coisas pendem, pediram jantar do Las Cazuela's.

Eu diria que há algo mais aqui.

Alguém tá namorando?

P.S. FESTA no Mark Pattison sexta à noite!

Por enquanto é só!

BeLHo

Sinto meu coração disparar e uma vontade enorme de dar um soco na cara de quem escreve como BeLHo.

— Por que ela é tão maldosa comigo? — É mais uma pergunta retórica.

Verifico as mensagens de texto, tentando me distrair. Ainda não recebi resposta de Daniel, o que faz meu estômago revirar enquanto tento esquecer a postagem do blog.

Preciso de uma bebida.

— Ela só está tentando te irritar para que você reaja.

Reproduzo as palavras de BeLHo. *É engraçado como você pode se safar quando tem um pai advogado para protegê-lo.*

— E quanto a ela divulgar que o sr. Lowery vai para a reabilitação? Horrível. É como se ela tivesse um coração de pedra e lábios de aço. — Cao tira os óculos escuros.

Verifico as mensagens de texto.

— Talvez eu devesse ligar para o Daniel?

— Não vai doer.

Seleciono seu número e aperto Ligar.

Toque um.

Toque dois.

Toque três.

Toque quatro.

Toque cinco.

E então ouço a caixa postal. Sua voz é eloquente, como se eu pudesse ouvir quando ele umedece os lábios, faz uma pausa e estica as sílabas. Como se eu pudesse *sentir* seu sotaque pelo telefone. Ouvir o seu cheiro.

E se Rose morreu?

Ouçõ o bip para deixar mensagem. Merda.

Uma mensagem.

— Hum, oi, Daniel. Só, hum, só estou checando... quero dizer, ligando para saber se você está bem. — Meu rosto esquenta e balanço a cabeça. — Estou ligando para ter certeza de que você está bem. Me ligue quando tiver um minuto. Diga a Rose que desejo tudo de bom. A palavra *bom* reflete toda a minha estupidez, porque penso que poderia ter deixado a mensagem de mil formas diferentes, e nenhuma delas envolve a palavra *checar*. Aperto o botão de desligar a chamada.

— Foi suave — Cao diz com um sorriso, colocando a tigela intocada de arroz que sua mãe mandou, de volta em sua mochila.

Balanço a cabeça, colocando o telefone no lábio.

Voltamos do campo e meu telefone começa a tocar.

É o Daniel.

Não soe como se tivesse acabado de correr a meia maratona. Caramba, Liv. Respire. Mas atenda!

— Alô.

— Alô, Livia? — A voz é familiar, mas não é de Daniel. — Aqui é o dr. Pearson, o pai do Daniel.

Vinte e Sete

Vinte e nove dias depois que o pai de Livia e Jasper foi embora — *Liv, você está acordada?*

— *Sim.*

Ouçoo passos em direção à minha cama.

— *Recebi um e-mail do papai.*

— *Eu não ligo.*

— *Liga, sim.*

— *Não ligo, não. Então cale a boca.*

— *Precisamos dar a ele uma chance de se explicar.*

— *Saia do meu quarto, Jasper.*

Desligo o telefone.

— A Rose morreu. — Tento engolir, mas não consigo.

Repito as palavras do dr. Pearson na minha cabeça.

— *Acho que seria o melhor que você lhe desse espaço agora.* — Como se estivesse me convidando para tomar um chá, mas, na verdade, estava me dizendo para ficar longe do seu filho.

A mão de Cao desliza na minha enquanto ando sem perceber.

— *Acho que deveríamos ir à festa na casa do Mark amanhã à noite.* Acho que você precisa de um tempo. E relaxar. — A voz dela não é mais do que um sussurro.

Assinto, pensando que posso precisar de uma bebida, ou várias, para me manter firme antes que a aula termine. Mas penso em Cao e em levá-la para casa. Não posso fazer isso com minha amiga. Gostaria de saber se ela pode conseguir uma carona, como no outro dia.

— Escute, Cao, há algo que preciso fazer depois da aula. Você consegue arrumar uma carona? — Vou beber ou vou ao hospital ver o Daniel. De qualquer maneira, vou precisar de um momento a sós.

Será que Daniel não quer mesmo me ver?

Eu poderia ir ao hospital. Mas qual o objetivo?

Será que eles já saíram de lá?

Cadê o corpo dela? Daniel está bem?

Eu realmente preciso dar espaço a ele?

— Por favor, não me faça ligar para minha mãe de novo. Da última vez, ela apareceu no ônibus VW vermelho cereja do meu pai, e morri de vergonha quando ela parou na frente da escola.

Os pais de Cao são mais velhos. Na casa dos sessenta anos. Eles ainda gostam de viver seus dias de glória com algum tipo de peça do passado, seja o ônibus, a música ou o Kush, que eles fumam ocasionalmente e que Cao e eu costumávamos sentir o cheiro tarde da noite. Tenho certeza de que ela jogou isso na cara de Beth quando a mãe a pegou fumando.

— É que tenho uma coisa para fazer — minto.

Meu estômago diz que preciso ir ao hospital, mas minha cabeça diz que preciso parar na loja de bebidas. Como se eu tivesse idade suficiente e eles fossem me vender, o que, provavelmente, será problemático até os vinte e um anos.

— Poppy — chamo quando entro no carro depois da aula —, onde você está? Você desapareceu, e estou chateada com isso.

Ainda sem resposta.

Pelo canto do olho, vejo Beth passar com o ônibus vermelho da VW, e

sinto a culpa começar a se formar em minha garganta, mas eu a engulo, assim como engoli os comprimidos. Provavelmente estou salvando a vida de Cao.

Você poderia ter lhe dado uma carona e depois ter ido beber.

Cale a boca, Consciência.

Bebida.

Hospital.

Álcool.

Hospital.

Alívio.

Hospital.

Para ir ao Redwood Memorial, preciso virar à esquerda, depois à direita, à esquerda novamente e à direita na Redwood Way. Faço esse caminho, embora realmente queira ir para casa e vasculhar o galpão nos fundos.

Ainda tenho o poder de escolha. Não sou alcoólatra.

As perguntas começam a passar pela minha cabeça nos dois minutos que levo para chegar ao hospital.

1. Por que Daniel não quer me ver?

2. Por que o dr. Pearson me disse que Daniel precisa de espaço? Será que ele não me quer por perto?

3. E se eu estiver indo para o hospital errado?

Paro no estacionamento.

4. E se o dr. Pearson estiver aqui com o filho? O que direi a ele?

5. (Mais uma vez) E se eu estiver no hospital errado? E se eles estiverem no St. Joseph,? É um hospital maior.

Estaciono.

6. E se Daniel surtar porque estou aqui?

Livia, sério.

7. O que estou fazendo aqui?

Saio do carro.

8. E se algumas coisas sejam dignas de luta?

Beber teria sido melhor.

As portas de vidro fazem barulho e o ar esterilizado sai de uma só vez.

Vou até a mulher idosa atrás da mesa dos voluntários.

Meu Deus, o que digo a ela?

Me aproximo da mesa.

Estou procurando a falecida Rose Pearson.

Onde fica necrotério?

Por favor, pode me dizer onde os Pearson, que acabaram de perder um membro da família, estão?

Onde fica a cafeteria? Estou morrendo de fome.

— Estou procurando por Rose Pearson. — Engulo a pontinha de medo que aparece.

A voluntária pesquisa uma lista.

Muitas coisas passam pela minha cabeça enquanto observo sua unha bem cuidada descer pela lista.

Os Stone provavelmente não estavam na lista quando Jasper morreu, porque não havia uma. Ele não precisou de hospital, pois o FBI disse que ele morreu na hora.

Tivemos que esperar vários dias antes que eles liberassem o corpo.

Estar em uma lista ou fingir estar é algo novo para mim.

— Você é da família da sra. Pearson? — A voz dela é baixa. A corrente

que segura aos seus óculos bifocais é dourada e provavelmente foi comprada na Walgreens. Seus olhos ficam esquisitos. Como se achasse que eu ainda não sei sobre a morte de Rose Pearson.

— Sim, sobrinha. — Se mentir fosse profissão, eu seria a CEO. Umedeço meus lábios e tento explicar: — Já sei que ela partiu. Na verdade, só estou procurando meu... primo e tio.

— Humm. Deixe-me fazer uma ligação, querida.

Pense rápido, Liv.

É provável que ela esteja ligando para as autoridades, porque sabe que estou mentindo.

— Ah, olha só! — Aponto para o telefone e finjo que está tocando. — É o meu tio. — Coloco o telefone na orelha. — Oi, tio Rob. — Faço uma pausa na mentira, porque não me lembro qual é o nome do pai de Daniel. — Sim, tudo bem. Te vejo lá — encerro. — Era o meu tio. Eles estão na cafeteria.

— Ah, que bom, querida. — Sua voz é instável por causa da idade. Ela assente e volta a se acomodar, esperando o próximo mentiroso.

E agora?, penso comigo mesma enquanto me afasto. Perambulo pelo hospital a procura de Daniel?

Pego o telefone do bolso novamente e vejo se ele me mandou mensagem. Nada ainda.

A equipe do hospital passa por mim como se eu devesse estar aqui. Como se eu fosse uma convidada. Como se não estivesse me escondendo e procurando meu *primo*.

Sei que pedir orientações para um lugar que não conheço não é produtivo. Me sento na sala de espera e olho para o celular.

Talvez isso seja um sinal de que eu não deveria estar aqui e que ter insistido em vir foi errado.

As palavras, *sente-se, espere e segure firme*, vêm à minha cabeça.

Me recosto na cadeira ao lado do aquário gigantesco. Os peixes não são afetados pela agitação do hospital: os doentes, os moribundos, exames, resultados, pessoas... a menos, é claro, que você seja uma criança que bata no aquário até que eles fiquem amontoados em um canto.

Os olhos deles estão arregalado, à medida que se aproximam de mim. As caudas se movem de um lado pra outro, curiosas, embora cautelosas. Vejo um pedaço do meu reflexo no vidro e não consigo deixar de notar meu rosto magro e as olheiras causadas pela falta de sono.

— Chamando dr. Pearson. Dr. Pearson, favor comparecer ao departamento de Radiologia — ouço pelo alto-falante.

Me levanto, enfio o telefone no bolso e sigo em silêncio até parede que separa as pessoas que esperam e a equipe médica e/ou visitantes.

Olhando para a outra sala de espera, vejo uma mulher e as duas filhas me encarando. Dou um sorriso constrangido. A mulher estende a mão para as filhas, como se dissesse: *não encarem*. Ela continua lendo sua revista enquanto as meninas digitam em seus telefones.

Há uma placa com uma seta que diz *Departamento de Radiologia, Salas de Pacientes 1-33 e Cafeteria*. Fingindo não ser uma *stalker*, ajeito a postura e finjo esbanjar confiança.

Enquanto sigo o corredor até o departamento de Radiologia, o dr. Pearson passa por mim e meu coração quase para. Posso dizer que é ele pelo seu passo curto e rápido, como se o usasse para demonstrar sua importância e os sapatos.

Ele está trabalhando?

Qual outro motivo para ele estar usando uniforme?

Mas achei que ele trabalhava no St. Joseph's.

Acho que cirurgiões podem trabalhar em vários locais. Não é?

Isso me irrita ainda mais, pois sei que Daniel deve estar sozinho em algum lugar enquanto o pai não consegue ser sensível o suficiente para estar ao lado do filho.

Escrevo outra mensagem para ele enquanto ando atrás do dr. Pearson.

Eu: *onde você está??*

O Dr. Pearson tira um telefone do bolso. É o telefone do Daniel. Posso dizer pela capa. É preta com letras prateadas.

Merda.

Merda.

Merda.

Paro imediatamente, me viro e finjo ler um folheto na parede. Graças a Deus, há algo para ler ali.

E se o dr. Pearson estiver mantendo Daniel preso em algum lugar contra sua vontade?

Não, não pode ser. Porque tenho certeza de que ele entraria em contato comigo de um computador para explicar a situação.

Olho para o prêmio de Funcionário do Mês como se fosse o Santo Graal.

Com o dr. Pearson seguindo e virando no corredor, acelero, sabendo que ele está a uns vinte segundos na minha frente. Quando viro à esquerda, dou de cara com a mesa de Radiologia e o médico está em pé ali. Os ombros dele estão caídos. Seu comportamento mudou.

— Sinto muito, dr. Pearson. Mas para onde você gostaria que os restos de Rose fossem enviados?

Ele toca suas roupas com os dedos, um por vez. Depois repete o gesto começando com o polegar. E repete o movimento.

— Para Lily Lane, 160. Harpers Avenue, Hull, East Riding de Yorkshire, Inglaterra, HU8 26P — ele fala com a voz firme. Como se estivesse fazendo um pedido de comida no Happy Donuts ou algo assim. Como se a esposa não tivesse acabado de morrer e ele não tivesse um filho para apoiar. — Obrigado, Eve.

O dr. Pearson passa por mim do mesmo jeito que fez no corredor, sem perceber minha presença. Vou perguntar a Eve onde Daniel está. Dizer a ela que sou sua amiga. Ela perguntará o motivo e me explicará as diretrizes da Lei de Portabilidade e Responsabilidade do Seguro de Saúde, que protegem a privacidade das pessoas. Eve me conhece. Mas vou falar a verdade dessa vez.

Tire o dedo da boca e pare de roer as unhas.

Poppy diria.

Não acho que ela viria me ver aqui, já que detestava hospitais. Ela os odiava. De fato, poucos dias antes de morrer, quando sabíamos que ela estava em seus momentos finais, a levamos para casa. Acho que ela gostou, embora nunca tenha dito nada sobre isso.

Tiro o dedo da boca, levanto o queixo e vou até o balcão.

— Posso ajudar? — as palavras saem da boca de Eve sem que ela olhe para cima, quase muito ocupada para a minha pergunta.

Sei que eles estão sobrecarregados em Redwood e sempre com falta de pessoal.

No último minuto, ela olha para cima e inclina a cabeça para a direita.

— Ah, oi, Livie.

Ela me chama de Livie desde sempre. *Jasie e Livie*. Isso deixava Jasper louco quando ficamos mais velhos. Quanto a mim? Não muito. Ela é muito calorosa e sentimental para uma enfermeira, o que é raro. Mas a única com a qual posso compará-la é Tracy, e minha mãe não é do tipo calorosa e sentimental. Eve termina quase todas as palavras no diminutivo. Acho que ela não usa esse tipo de linguagem com os pacientes. Bem, talvez.

— Oi, Eve.

Eve é um *dos que vi*. Ela foi ao funeral de Jasper. Garantiu que tivéssemos refeições. Que Tracy e eu comêssemos. Se certificou de que minha mãe só voltasse ao trabalho quando estivesse pronta. Limpou nossa casa enquanto estávamos em L.A. Mas acho que Tracy fez o mesmo por ela quando Eve deu à luz um natimorto chamado Lane. Jasper e eu só tínhamos dois anos na época. Mas me lembro do olhar assombrado que a seguiu por anos. Ainda assim, tenho um vislumbre desse olhar de vez em quando, geralmente na época do Natal.

— Espere um segundo. Vou avisar a sua mãe e ver se ela já está aqui.

— Na verdade, eu estava, ah, só... — aponto com o polegar na direção em que vim — imaginando...

Eve endireita a postura, como se uma corda estivesse puxando seu pescoço e me dá uma olhada.

— Olá novamente, dr. Pearson — Eve fala. — Em que posso ajudá-lo?

Oh-oh.

Vinte e Oito

— **Olá, Eve.** Mais uma coisa. Me desculpe por interromper. — Sua voz é fria.

Sei que ele não está falando comigo e não ousa me virar.

Ele sabe quem eu sou?

Ele me reconheceria?

Só o encontrei uma vez.

Não respire, Liv.

— Meu filho estará aqui por volta das quatro e meia para buscar seu telefone. Avisei que o deixaria aqui com você. Ele saiu do hospital logo após a morte de Rose.

Era como se estivesse dizendo: *por favor, compre ovos na saída do trabalho, tá?* Dr. Pearson, tão franco. Prático. Insensível.

— Sim, dr. Pearson. — Eve estende a mão e pega o telefone de Daniel.
— Tem certeza de que deseja terminar suas rondas hoje, doutor?

Ele não responde à pergunta, porque já está na metade do caminho.

Eve me conhece desde que nasci. Ela e Tracy estudaram juntas no ensino médio e são amigas íntimas desde então.

Eve coloca o aparelho de Daniel na mesa atrás do balcão.

— O que você estava dizendo? Não está procurando sua mãe?

Não consigo conjurar verdade suficiente para validar uma história boa e crível, então aqui vou eu de novo.

— Daniel e eu somos parceiros de estudo. — Isso poderia ser verdade no futuro. — Posso levar o telefone para ele. Estou indo para lá para estudarmos.

— Ah, você faria isso? — Eve me entrega o telefone.

Pego o aparelho, rezando para que ela não mude de ideia.

— Sem problemas. — Seguro o aparelho, tentando agir de forma casual.

— Do que você precisa, Livie?

Olho para cima, ainda me perguntando como foi tão fácil conseguir esse telefone.

— Humm?

— Do que você precisa? — Eve pergunta novamente.

— Ah. — *Vamos, mentir é natural para você agora, Liv. Você não pode sair dessa com a verdade.* — Eu falo com a minha mãe depois do turno dela.

— Tem certeza? — Eve pega uma grande pilha de arquivos.

Eu me afasto e me pergunto se fugir seria adequado nessa situação.

— Sim. Tenho certeza.

— Ah, como vão as inscrições para a faculdade?

Argh. Não vão.

— Bem. — Eu paro. *Isso é convincente?* — Muito bem. — *Mais entusiasmo. É isso aí.*

— E como você está? — Ela semicerra os olhos.

Sei que ela tem os melhores interesses.

— Bem. — *Fodida. Insegura. Narcótica. Emocional. Não estou mentindo agora.*

Também não acho que Eve comprou minha palavra.

— Você ainda está se consultando com a dra. Elizabeth?

A mulher pinta?

— Sim.

Foi Eve quem recomendou a dra. Elizabeth para Tracy. Como ela e a terapeuta ficaram amigas, eu nunca vou saber. A médica é chata. Tem uma voz monótona que a todo instante pergunta: *como isso faz você se sentir?* Só de pensar em sua voz eu estremeço.

— Certo. Vou dizer à sua mãe que você passou aqui.

Eu congelo.

Por quê? Pra que dizer a ela que passei aqui? Ela fará perguntas. Algumas das quais não quero responder.

Entro em pânico, pego meu telefone e finjo ligar para Tracy.

— Estou ligando para ela agora. Você não precisa fazer isso.

Eve acena. Eu retribuo.

Saio o mais rápido possível e vou até a casa de Daniel. No caminho até lá, eu me pergunto.

O que direi a ele?

Será que ele quer me ver?

Do que ele precisa?

Vou entregar o telefone para ele.

O sol se põe quando desço na Gulch e viro para a Rockwell Lane.

Desta vez, envio uma mensagem para Tracy, mesmo que ela não esteja em casa.

***Estarei em casa no horário
do toque de recolher. Tenho
algumas coisas a fazer.***

Aonde você está indo? O

que vai fazer?

Tracy nunca faz perguntas sobre o meu paradeiro. Ela sempre confiou em mim para tomar as decisões corretas. E acho que é por isso que Beth também permite que Cao vá comigo para a escola. Mas agora ela está perguntando, provavelmente porque lhe dei motivo.

Não se preocupe, mãe. Estou bem. Só preciso de um tempo sozinha.

Simon me manda uma mensagem.

como você está?

Podemos conversar?

Meu estômago se contorce.

Seu pai fez o jantar. Estou indo para o hospital agora. Vejo você amanhã à tarde. Se cuide, por favor, Liv.

Vou até a mansão bem iluminada. O dr. Pearson não está em casa. Ele não poderia ter chegado antes de mim. Estava fazendo rondas. Levarei apenas alguns minutos. Só vou checar se o Daniel está bem. Entregar o telefone. Ir embora.

Bato na porta gigantesca de madeira maciça. Meu coração começa a acelerar.

Silêncio.

Sei que vou enfrentar a dor nos estágios iniciais e não tenho certeza se

quero entrar.

Bato.

Espero.

Silêncio.

Meu coração ainda está acelerado.

E se ele não quiser me ver? Seria aceitável e perfeitamente normal.

A insegurança me consome.

Respirando fundo, toco a campainha.

Dong.

Dong.

Dong.

Eu espero.

Nada ainda.

Não aja como stalker. Não aja como stalker.

Verifico a porta para ver se está destrancada e ela se abre lentamente sem fazer barulho.

— Olá? — chamo, mas não tenho resposta. Silenciosamente, fecho a porta pesada atrás de mim. — Daniel? — chamo mais alto desta vez.

Olho pela entrada e para a sala, as lâmpadas acesas perto dos sofás dão à casa uma tonalidade alaranjada, calmante.

A casa cheira a camurça e lírios. Tento não andar muito devagar ou na ponta dos pés, porque isso me faz parecer uma *stalker*. Vou até a cozinha.

— Daniel?

Em cima da mesa da sala de jantar, há diversos lírios. Apenas lírios. *O tipo de flor favorita de Rose?*

Eu me viro, volto para a entrada e subo as escadas. O telefone de Daniel

começa a vibrar na minha mão e o nome Sienna pisca na tela.

Sienna.

Sienna.

Sienna.

Tento reconhecer o nome, mas sei que ele não o mencionou, porque eu teria me lembrado. Parece uma confusão de números, sem hifens... + 44793551212.

Meu estômago se aperta enquanto meu coração acelera.

Aperto ignorar e o telefone para de vibrar. Em seguida, ele vibra mais uma vez, indicando mensagem.

Quero olhar. Dizer a Sienna para não ligar de volta. Dizer a ela pra esquecer Daniel. Mas não posso. Ele não está comprometido. Nem estamos namorando. Não somos um *casal*. Somos Livia e Daniel. Duas vidas separadas, conectadas apenas através de um interesse comum.

Quando estou em frente à porta de seu quarto, sinto o peito apertar.

Penso duas vezes antes de bater, então, em vez disso, abro a porta lentamente e espio lá dentro.

O quarto dele, assim como a casa, é grande e impecavelmente decorado com tons de cinza e azul escuro, provavelmente feito por um designer de interiores, pois eu duvido que Daniel seja ligado em decoração. A luz é parecida com a do fim de tarde, quando os pássaros voltam para os ninhos. Quando tudo fica silencioso, aguardando a escuridão chegar.

O cômodo é um loft. No andar de baixo, há um sofá de couro escuro, uma luminária simples e uma mesa. Fotos emolduradas na parede, mas é difícil distinguir. Vou até a grande janela da sacada que se abre para a floresta, a mesma vista que Rose tinha.

Cruzo os braços e olho para o céu noturno.

Esta é a hora perfeita do dia. Quando a noite chega e as criaturas começam a se estabelecer em suas casas. Quando nosso hemisfério começa a se preparar para as próximas doze horas. Quando a solidão está no seu melhor.

A manhã, a terrível e temida manhã, chega quando o medo volta à mente consciente como um balde de água fria. Como uma mudança definida, os ponteiros do relógio se movem e o claro vira escuro. Imagino pessoas organizando os pássaros e colocando-os nas árvores, pedindo o despertar da manhã.

Eu imagino: e se o amanhã não chegar? Como para o meu irmão. E para Rose.

Descruzo os braços.

— Oi.

Ouçó as falhas em sua voz, de tristeza, mágoa, mas também ouço satisfação. E a minha frequência cardíaca acelera e diminui ao mesmo tempo. Apenas o som de sua voz me faz esquecer de Sienna. De Jasper. Como se eu devesse estar aqui, neste exato momento, e me pergunto quando esse sentimento começou.

Não me viro, porque não quero que ele veja que estou sentindo sua perda. Pelas coisas que fiz e que ele ainda não sabe.

Lágrimas por sua perda.

Pela minha perda.

Nossas perdas.

Meu vício em algo que não consigo explicar.

Daniel. Álcool. Comprimidos. Simon.

Nosso futuro enigmático.

— Oi — respondo, ainda olhando pela janela, esperando que minha gratidão seja alta e clara, que ele entenda não há lugar que eu prefira estar. Mas não ousou dizer isso. Ainda não.

Sinto seus dedos deslizarem pelos meus braços e a firmeza do seu peito nas minhas costas. Sua respiração está no meu pescoço e suas próximas palavras tocam meu coração.

— Você está aqui.

Vinte e Nove

Me viro, porque a necessidade de ver o rosto de Daniel e ler sua expressão quando ele franze a testa ou sorri superam qualquer coisa. Seus olhos contam milhões de histórias de uma só vez: comédia, tragédia e amor.

Eles estão vermelhos, inchados e atormentados por dor, luto e arrependimento. Compartilhamos a mesma dor. Entendo muito bem seu olhar, mas as lágrimas não caem porque demanda muito esforço e a quantidade de lágrimas que nosso corpo produz não é suficiente quando alguém morre.

Suas mãos deslizam nas minhas costas, e ele me puxa para perto. Eu o sinto, não de maneira sexual, mas na forma de compromisso, obrigação e legitimidade. Sob o sorriso triste, os olhos vermelhos e um coração partido que só duas pessoas de luto entenderiam. Fixo o olhar em sua clavícula, porque não tenho certeza de que posso enfrentar a morte da sua mãe, seu próprio luto e, por sua vez, permitir que ele enfrente a morte do meu irmão.

O peito nu de Daniel sobe e desce. Seu hálito tem aroma doce de menta. Quero dizer a ele que, provavelmente, vou partir seu coração por causa do álcool. Assim como meu pai fez com minha mãe, com meu irmão e comigo.

Vi o que o vício pode fazer. Mas, neste momento, sei que precisamos um do outro. Digo a mim mesma que vou permitir que nossos corpos fiquem unidos para mascarar sua tristeza. Para deixar que ele me sinta como precisa: com as mãos, as pernas, o peito e a casca de um garoto que nunca mais será o mesmo.

O pobre garoto cuja mãe morreu cedo demais, as pessoas dirão.

Tento não me envolver demais e não deixo que meu coração se conecte

com o dele. Então, não olho em seus olhos.

Como isso aconteceu tão rápido?

Apoio a cabeça em seu peito nu, seus braços envolvem meu corpo e sinto uma gota de sua tristeza pousar na minha bochecha.

E permito que uma das minhas também caia.

Contar a Daniel que seu pai meu pediu que eu ficasse longe não seria apropriado agora. Nem perguntar sobre Sienna.

Então ficamos aqui enquanto o céu acolhe a lua e a contagem de horas até amanhecer começa. Os dias da perda. Quando o tempo passa em um piscar de olhos. Onde as datas se misturam e os meses se confundem. E a vida parece se desfazer.

De pé aqui com Daniel, me sinto como nunca me senti com Simon. Tampouco senti o tremor que acompanhava o de Simon quando ele terminava. Forcei os sentimentos ruins através do toque e permiti que uma necessidade tácita de ambas as partes fosse preenchida. Uma fuga para encontrar a desmoralização, uma vez que eu acordava do estado de euforia momentâneo.

Mas isso?

Isso é muito mais. Não é nada como a sensação que tive quando Ben Novak, o primeiro cara com que fiquei, enfiou a língua na minha boca. Ou a vez em que Lee Cunningham tocou meu peito por acidente na festa na piscina da Whitney durante o verão do nosso primeiro ano. Não senti nada entre as pernas como sinto agora.

Ele não é o Simon.

Ou o Ben.

Ou o Lee.

Ou qualquer outro garoto com quem já estive.

Este é o Daniel.

— Me promete uma coisa?

Ele apoia a cabeça na minha, e sinto que pode ser o peso do mundo.

A porta do quarto dele se abre e o dr. Pearson está parado na porta.

Daniel não me solta, mas se vira para o pai.

— O que você quer? — ele pergunta, puxando a parte de trás da minha blusa enquanto seus dedos roçam minhas costas de uma maneira protetora. Ele pega uma camiseta que está sobre a cadeira e a veste.

— Srta. Stone — ele fala naquele mesmo tom, como se estivesse pedindo ovos em um restaurante. —, talvez eu não tenha sido claro quando disse que Daniel precisava de espaço para processar o que aconteceu hoje. — Dr. Pearson pronuncia a palavra processar com R dobrado.

— O quê? — Daniel inclina a cabeça para trás. — O que você disse a ela? — Ele solta a blusa das minhas costas e dá um passo para a frente. Claramente maior e mais forte que o pai, ele sinaliza para a porta. — Nunca serei como você. Nunca serei o tipo de pai, o marido — sua voz falha —, e traidor que você é. Guarde minhas palavras — ele fala com equilíbrio e razão. — Você veste uma máscara para que as pessoas não te enxerguem. Foge de qualquer coisinha que possa causar uma perturbação em sua vida. E a mamãe? Eu cuidei dela no último ano. E VOCÊ — ele grita — estava ocupado demais transando com as suas enfermeiras para ver que a minha mãe precisava de você. Cretino maldito. — Daniel passa as mãos pelos cabelos, olhando para o chão.

— É melhor você tomar cuidado com o que fala, Daniel. — Sua voz é apenas um sussurro. — Trouxe a sua mãe para cá porque ela queria morrer

aqui. Deixei minhas aulas, o hospital, tudo por ela.

Daniel ri. Suas palavras são lentas e cuidadosamente escolhidas.

— Não, suas vadias ficaram velhas demais. Você precisava de carne nova.

Nunca ouvi Daniel falar assim. Gentilmente, toco seu braço. Ele está tremendo. Com cuidado, pego seu pulso.

— Daniel, pode me levar até meu carro? — Mal reconhecendo meu próprio tom de voz, eu o puxo comigo quando me aproximo do dr. Pearson, cuja falta de emoção me assusta absurdamente.

Entrelaço os dedos nos dele, ainda sentindo seu tremor. Ele hesita enquanto passa pelo pai. Como se estivesse pensando em partir para cima dele. Eu o seguro com mais força e me coloco entre os dois enquanto caminho.

Não dizemos nada quando saímos da casa.

— Espere. — Ele faz uma pausa antes de soltar minha mão.

— O quê?

— Nada — ele fala, corre de volta para dentro e volta em menos de trinta segundos. Traz uma blusa preta com algum tipo de desenho musical nas costas.

— Obrigada. — Eu a visto, e seu perfume preenche minhas narinas. Quero me perder em seu cheiro doce e arrebatador.

Caminhamos até o meu carro em silêncio enquanto uma coruja pia e os sapos coxam.

É um mundo diferente do da cidade aqui.

— Não vou perguntar se você está bem. — Aperto seus dedos enquanto procuro as palavras certas para corrigir os erros de seu pai. — Ah, quase me

esqueci. — O número de Sienna me vem à cabeça. Uma mistura de emoções permite que meu subconsciente invente desculpas para a ligação dela. Mas arquivo esses pensamentos, pois isso não importa agora. — Seu telefone.

Ele verá a chamada perdida.

— Como você o pegou?

— É uma longa história. — Dou um empurrãozinho em seu ombro quando nos aproximamos do meu carro.

Ele enfia o telefone no bolso sem olhar.

— Obrigado. — Sua mão aperta a minha.

Ele saberá que eu vi a ligação perdida. E se sentir necessidade de explicar, ele vai fazer. Se não quiser, acho que preciso confiar no seu poder de decisão.

Mas uma vozinha dentro de mim ativa um sinal de alerta.

E não tenho certeza se isso é para o bem dele ou meu. Sei que não posso ficar muito envolvida com ele e com essa atração que temos. É como se, de alguma forma, estivéssemos predestinados a nos encontrar.

Abro a porta do carro.

— Sabe, você não precisa trancar a porta aqui. — A calma em sua voz retorna lentamente. — Quero dizer, você estaria se arriscando com o urso bravo ou um raposa raivosa, mas, na maioria das vezes, eu diria que seus pertences estão seguros aqui — ele diz enquanto entro no carro.

Isso também me faz perceber que não o conheço, mas nossas mãos dadas parecem que nasceram dessa forma. Então percebo que pontas dos seus dedos estão ásperas e com calos.

O que ele fez para deixá-las assim?

Talvez ele seja um boxeador? Pode ser um pouco forçado. Também posso concluir que ele deveria ter orelhas de couve-flor. E suas orelhas são perfeitas.

Um faxineiro, talvez? Mas rejeito essa ideia, pois ele tem apenas dezessete anos.

Talvez ele seja pescador? Isso é plausível. Decido que perguntarei em outra ocasião.

Me sento no banco do motorista, e ele fecha a porta, se curvando na janela para ficar mais perto de mim. Gostaria de dizer a ele que amanhã, quando acordar, a dor ficará pior. Que sua mãe só aparecerá em seus sonhos se ele tiver sorte. Que se cercar com as coisas dela o fará querer morrer. E a morte pode parecer uma opção viável, mais fácil e suave. Quero dizer a ele que gostaria de segurar seu coração em minhas mãos até que ele esteja pronto para recuperá-lo, que prometo nutri-lo e cuidar dele. Porque haverá muitos dias em que ele desejará que seu coração pare ou desapareça. E mesmo sem saber muito a seu respeito, quero cuidar dele. E essa é a Liv sóbria falando.

Mas sei que vou querer beber de novo quando chegar em casa, porque a dor superará em muito a vida que construí nos últimos dezessete anos. E não estaremos juntos.

— Você está bem? — Daniel coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sim — repondo, mesmo que queira dizer não. Não quero que ele se preocupe comigo. — Estou tentando descobrir o que dizer para você.

Sua mão calosa alcança a minha.

Talvez guitarrista de uma banda de rock?

— E também ando me perguntando por que suas mãos têm tantos calos. Pensei em tudo, desde faxineiro até pescador. — Daniel sorri, embora o riso não alcance os olhos. Ele é mais corajoso que eu. — Não quero isso para você, Daniel. — É tudo que consigo dizer.

Ele se aproxima mais da janela.

— Livia, eu realmente gostaria de te beijar agora.

Trinta

Todos os tendões e músculos do meu corpo estão em alerta máximo. Meu coração grita *POR FAVOR!*

— Gostaria que você esperasse — meu eu sóbrio fala. Aquele que pensa e é racional. — Sei que que você pensa que quer isso agora. Algo que possa te distrair do que está sentindo, mas juro que, no final, isso só te deixará arrependido.

Ele faz aquela coisa metódica com a boca antes de falar: — Bem, só para constar, na minha opinião, Livia Stone e arrependimento nunca estarão na mesma frase. — Daniel diz *constar* de forma prolongada. E a maneira como ele pronuncia *mãos* faz com que minhas partes femininas desejem se levantar e ir embora.

Liv, foque nos sentimentos dele primeiro, tenho que me lembrar. Porque meu lado egoísta quer que ele coloque suas mãos cheias de calo em lugares do meu corpo sobre os quais não falamos enquanto tomamos café. Ou tomando café da manhã. Ou esperando o ônibus.

Então engulo em seco, rezando para que minha cabeça se mantenha focada.

— Me mande uma mensagem quando chegar em casa. — Ele beija minha cabeça, se levanta e se afasta do carro, esperando que eu vá embora.

Observo sua calça jeans e o imagino sem a camisa novamente.

Antes de me afastar, pergunto se tudo ficará bem com ele e o dr. Pearson.

Ele assente, mais para me tranquilizar do que a si próprio.

Meu pai está na mesa de jantar, vasculhando um arquivo quando entro.

— Oi — eu digo.

— Oi. A comida está na cozinha.

— Não estou com fome. — Puxo uma cadeira.

Ele fecha o arquivo e o empurra para o lado.

Não tenho certeza de como proceder, porque faz tanto tempo desde que eu e meu pai conversamos. Acho que estou cautelosa.

Falo sobre a mãe de Daniel.

— O garoto que você gosta, certo?

— Sim.

— Você sabe o que ele fez?

Sua pergunta parece mais carregada do que a resposta que não estou preparada para dar.

— O que você quer dizer?

Meu pai apoia a bochecha na palma da mão.

— Ele ligou para a diretora Lundberg e disse que havia roubado os comprimidos e os deixado no seu carro.

— Imaginei que ele faria isso. — Eu paro. — Ele também explicou que Gabriel Struvio estava vendendo Oxycodona? — Quero que Gabriel tenha o que merece.

— Jill não me deu detalhes, só disse que Daniel Pearson confessou ter roubado os comprimidos. Não está claro como a escola vai lidar com o assunto, mas liguei para o dr. Pearson e disse a ele que representaria seu filho... *pro bono*, é claro.

Pro bono, antes do meu pai ficar sóbrio, era uma palavrão. Algo que ele nunca falava em casa. Ele achava que as pessoas deveriam trabalhar duro pelo que tinham e se não podiam pagar por um bom advogado, deveriam

procurar assistência gratuita.

A ficha cai. Agora entendo por que o dr. Pearson não me queria perto do filho. Com certeza, ele acha que sou má influência. Que talvez eu tenha coagido Daniel a confessar algo que ele não fez.

— É o mínimo que eu poderia fazer, Liv. — Os olhos do meu pai revelam mais do que ele está dizendo.

Olho para o meu telefone e vejo a mensagem de Daniel.

Você já está em casa?

Volto a observar meu pai, cujos olhos estão fixos em mim.

— Obrigada por fazer a ligação. — Não digo *pai* ainda porque é muito cedo. Ele esteve ausente por muito tempo.

Três aniversários perdidos.

Três Natais perdidos.

Três anos perdidos.

Nem um telefonema sequer.

— Boa noite — é tudo o que digo. — Tenho dever de casa para fazer. — Mesmo que isso também possa ser uma meia-verdade. Tenho dever de casa, mas não sei se encontrarei a motivação para fazê-lo. — A mãe do Daniel morreu hoje.

Meu pai se recosta na cadeira, respira fundo, coloca as mãos atrás da cabeça e não diz uma palavra.

Eu me viro e caminho até as escadas.

— Liv? — ele sussurra.

— Sim? — Eu me viro antes de subir.

— Eu te amo.

— Eu sei.

Quando passo pelo quarto de Jasper, fecho a porta entre o meu quarto e o banheiro e tento afastar a angústia que se forma como um zumbido ruim.

Vou até a cama e me deito sobre o travesseiro. Envio uma mensagem para Daniel.

***estou em casa. Inteira. Em
segurança.***

As três bolinhas que indicam que ele está escrevendo aparecem quase que instantaneamente.

Eu espero.

E espero.

E espero.

Elas desaparecem e espero a mensagem de texto, mas ela não chega.

As bolinhas aparecem novamente.

E desaparecem.

E reaparecem.

E, finalmente, a mensagem chega.

***Gostaria de falar sobre a
Sienna quando você estiver
pronta.***

Quando eu estiver pronta? Por que devo estar pronta? Como respondo a isso? Acho que agora, prefiro que ele descanse um pouco e não sinta a necessidade de explicar por que uma garota com um número estranho, alguém que está na agenda de seu celular, estava ligando para ele.

Hoje, não. Durma um

pouco. Posso te buscar para a aula amanhã?

Espero que ele responda, mas isso não acontece. Acho que ele adormeceu.

O Facebook é o colecionador de fachadas falsas, de sorrisos mantidos por apenas alguns segundos enquanto a vida das pessoas é colocada em uma foto, somente de coisas que querem que a gente veja e memórias. Não consigo me controlar ao acessar a rede social, pensando no e-mail que Sonja me enviou. Era uma merda e muito bonito ao mesmo tempo. O jeito que ela falou sobre Jasper, o fato de ela ter entrado em contato para me dizer as belas (e últimas) palavras dele. Sempre vou à página de Sonja para ver seu progresso. É uma coisa doentia e distorcida, que faz com que eu me lembre do meu interior: deformado, inflamado e dolorido, como se eu quisesse vomitar.

Há uma foto dela em uma cama de hospital, o cabelo escuro e bonito que vi em uma foto anterior, agora está curto e com falhas em alguns pontos, pois os médicos precisaram fazer um procedimento cirúrgico para diminuir a pressão que se acumulava em seu crânio. Seu rosto está inchado, ela usa um colar cervical e me ocorre que há muitas cicatrizes invisíveis, as que mais machucam e com as quais ela lutará pelo resto da vida. As cicatrizes externas se curam com o tempo. Talvez desapareçam, talvez, não. Mas o cérebro não pode deixar reviver o que aconteceu. Coisas tão infernais e terríveis que a mente simplesmente não consegue esquecer.

Verifico a página que já vi um milhão de vezes. Li um post escrito ontem pela mãe ou a irmã, suponho.

Sonja já está conseguindo se comunicar. Conversar. Ainda temos um

longo caminho pela frente.

Preciso de uma fuga. Não consigo chegar ao galpão com meu pai acordado. Então tento esperar, afastar o pensamento da bebida e do instante de alívio. Não quero beber, só quero o esquecimento que o álcool provoca. Apenas um alívio momentâneo, onde posso me desligar como uma válvula.

Leio um dos comentários. Por que faço isso comigo mesma? É uma espécie de auto sabotagem.

Você está aqui. Está se curando. Deus realiza milagres.

Imediatamente, sinto a irritação começar no meu peito. Da mesma forma que sempre acontece quando olho a página de Sonja. A princípio, é um formigamento. Depois aumenta.

Não posso deixar de pensar: *se Deus é tão bom, por que ele não salvou meu irmão? Por que ele teve que morrer? Por que ele não pode estar aqui conosco? Por que Deus escolheu salvar Sonja e não meu irmão?*

Vá se foder... Thelma Knight.

Abaixo da postagem, eu digito.

Meu irmão morreu no incidente de 1º de outubro. Ele não sobreviveu. Deus ainda é bom, Thelma Knight?

Deleto.

Digito novamente.

Deleto.

Digito novamente e pressiono enter.

Volto e apago meu comentário.

Também resisto à vontade de jogar o telefone do outro lado do quarto.

— Dane-se, Deus — eu sussurro. — Se você fosse bom, se realizasse milagres como todo mundo diz que você realiza, por que escolheu não

salvar Jasper? MERDA! — Coloco as mãos na cabeça. — Poppy, você está aí? Por que você está me ignorando? Eu preciso de você!

Mas desta vez, jogo meu telefone, porque odeio o que está acontecendo dentro do meu corpo. É angustiante, dói e não consigo controlar nada disso. Só quero que tudo pare.

Preciso de uma bebida.

Só preciso de uma solução rápida.

Desço as escadas e não vejo meu pai. Procuro em todos os lugares do galpão: atrás de latas, em carrinhos de mão, prateleiras muito altas. Em uma das gavetas da bancada... bem lá no fundo, encontro uma garrafa grande pela metade.

Meu prêmio.

Eu a escondo no meu quarto sem que me vejam.

Pego o telefone, sentindo vontade de mandar uma mensagem para Daniel novamente, mas me impeço. Digo a mim mesma que ele precisa dormir.

Eu não deveria beber isso, penso enquanto vou ao banheiro e esvazio o porta escova de dentes. Olho para a escova de Jasper. Não a notei desde que ele morreu. É azul e verde.

Preciso de uma bebida. Tenho que beber. Meu interior começa a murchar, se protegendo do meu coração que está prestes a explodir.

Eu não deveria beber.

Deveria.

Não deveria.

Daniel vai precisar de alguém e tenho que estar ao seu lado.

De forma consciente, tiro a tampa, encho o copo e volto para o meu

quarto.

Tomo um grande gole e deixo o álcool queimar minha garganta. Ele explode no meu estômago. Dou alguns segundos para a euforia penetrar em meu cérebro.

Sim. É. Isso.

Sinto minhas inibições desaparecerem. Minha invencibilidade atinge níveis que nunca senti. Termino o copo de vodka.

Me sentindo mais corajosa, jogo +44793551212 no Google. O resultado remete ao Reino Unido. Sienna, do Reino Unido.

Ela tem negócios inacabados com Daniel? Estava ligando para expressar suas condolências pela perda de Rose?

Eu deveria ter olhado seu registro de chamadas.

Livia, isso é errado.

E então a coisa mais mágica acontece. Meu rosto fica quente e parece algodão doce. Minha mente começa a desacelerar. O aperto no meu peito desaparece. Meus ombros caem. Posso sentir meus lábios começarem a formigar. O mundo se alinha, como a dra. Elizabeth disse que aconteceria.

— Tudo tem o seu lugar, Livia, e sua nova vida fará sentido novamente se você se der tempo.

Sexo com Simon é o mesmo que superar.

Abandonar a aula de inglês me dá um tempo. Se desapontei o sr. Joe... o problema é dele, não meu.

A bebida. Bem, se você tivesse perdido seu irmão, não gostaria de uma fuga também?

Exatamente.

Posso racionalizar e justificar qualquer decisão que tomei, porque é a

minha verdade. Minha vida. E sou eu quem tem que viver com isso.

Enquanto olho para o quadro de avisos, vejo a foto de Jasper e eu no nosso aniversário de quinze anos. Estamos felizes. Enquanto eu sorria e demonstrava uma imagem perfeita de quem eu era no passado, a garota que seguia as regras, ele estava fazendo uma cara horrível. Como ele sempre fazia em nossas fotos. Não apenas comigo, mas com todos.

Caretas.

Um olhar de nojo.

Com a boca aberta.

Pressionando os lábios um no outro.

As pálpebras arregaladas, expondo a parte vermelha. Isso sempre me irritou.

Se olhar em seu Instagram, só encontrará uma foto em que ele não está com uma cara esquisita. É a que colocamos em seu obituário. Ele postou com a legenda: *Me veja*.

Minha cabeça está confusa e nada mais importa. Gostaria de poder viver o tempo todo assim. Só quero existir nesta pequena bolha que criei, um espaço seguro e confortável, onde só eu posso respirar. Realmente respirar o ar quente de algodão doce. Sinta as nuvens no meu rosto.

Na verdade, isso é tão bom que encho o copo novamente.

Os pensamentos sobre Jasper e Daniel me abandonam. Quero consertar tudo, mas a única maneira que vejo de fazer isso é tomar todo esse copo, assim vou encontrar algum tipo de propósito divino para tudo.

Bebo o segundo copo inteiro em dois goles.

Trinta e Um

Dois dias antes *Me jogo no sofá onde minha mãe está sentada.*

Meu pai está na cadeira.

— *Nossa família é tão fodida.*

— *Liv, cuidado com a boca.* — *Tracy fala.*

— *Ela está certa* — *Meu pai completa.*

Como esperado, os quatro cavaleiros hediondos retornam com um lampejo de luz pela janela do meu quarto.

Terror: *Outro dia para viver.*

Perplexidade: *Como foi que bebi tanto assim?*

Frustração: *Por que fiz isso de novo?*

Desespero: *quero meu irmão de volta. Quero que Daniel tenha Rose.*

Todos os sentimentos se acumulam em meu estômago enquanto tento repensar as decisões que pareciam racionais na noite passada. Minha cabeça está doendo.

Chega de beber.

Tudo começou com os comprimidos que a dra. Elizabeth me deu.

Chega.

Encontro a garrafa debaixo da cama. *Bom, pelo menos tive algum senso em escondê-la e não beber tudo. Viu? Não sou alcoólatra. Se fosse, teria bebido tudo, não é?*

Pego a garrafa e vou ao nosso banheiro. Correção: *meu* banheiro. Tirando a tampa, antecipação e empoderamento se unem, e sinto que estou retomando o controle da minha vida.

Mas paro antes de despejar o conteúdo no vaso sanitário.

E se eu precisar?

E se eu tiver um ataque de pânico?

Você nunca teve um, a voz da razão retorna.

Guarde a bebida.

Me lembro da lista de “Só posso ser alcoólatra se...”. Beber de manhã. Isso seria um fator de qualificação de um alcoólatra. Não posso beber de manhã. Minhas mãos não tremem. Não é como se eu precisasse de fato.

E a ideia de uma bebida era apenas um efeito colateral do sentimento de paz e conforto que me cercaram na noite passada.

Isso não é real, Liv.

Essa vida não é real, tento explicar para mim mesma.

Certo, vou guardar, mas não vou levar para a escola. Preciso pegar a Cao e o Daniel hoje.

Com a cabeça latejando e o gosto metálico na boca, volto para o quarto e escondo a garrafa debaixo da cama. Sim, isso vai melhorar. Vou esconder e sem conseguir vê-la, a vontade vai desaparecer.

Pego o telefone para ver as horas. Seis e quarenta e dois da manhã. Vejo que tenho três mensagens não lidas de Simon.

***Recebeu minha
mensagem?***

Você está bem?

Onde você está???

Não pense, não pense, não pense, digo a mim mesma.

Nenhuma mensagem de Daniel.

Então digito e envio para ele: Como você está hoje?

A euforia da noite passada vem à minha cabeça.

Por que Simon não entendeu? Temos que terminar. Está acabado. Chega.

***Simon, pare de me mandar
mensagem. Estou bem.***

***Me encontre em
Hawthorne Hill antes da
aula.***

Não.

Não preciso me explicar para ele. Então, ignoro sua mensagem. Mas ele envia outra: Olha, Liv... nós éramos amigos antes de termos feito o que fizemos. PFVR. Me encontre. Há algo que preciso te mostrar.

Argh. Agora vou tomar um banho, correr até Hawthorne Hill e voltar para pegar Cao às oito e dez da manhã, e Daniel, se ele estiver em casa e for para a escola hoje. Mas acho que não vai. O nervosismo faz o desconforto no meu estômago aumentar.

No chuveiro, minha tensão cresce e a sensação de inadequação me atinge com força.

O medo toma conta de mim.

Ultimamente, tenho medo da escola e do meu desempenho. Ou falta dele.

Medo de ficar presa na faculdade comunitária por não conseguir concluir meu trabalho.

Medo de falhar no ensino médio. Será que vou me formar?

Medo por Daniel.

Medo de outro dia sem Jasper.

E o medo de achar que não posso viver sem álcool e comprimidos faz um nó no meu pescoço e o aperta lentamente. Suspiro e respiro encostada na parede, permitindo que a água quente bata na minha cabeça e pescoço. Ombros. Coxas. E o buraco no peito aumenta sem o meu consentimento.

Lentamente, os soluços começam, e eu me agacho, me sentando no chão do box.

Fico aqui até o meu corpo esfriar. O buraco no peito aumentou tanto que já atingiu minhas costelas.

Isso eu não posso controlar.

Enrolo uma toalha no corpo, entro no quarto e vejo o celular acender.

É Cao.

***Merda. Me liga. Achei
que você tinha terminado as
coisas com o Simon!!***

Terminei. Espere. O que Cao sabe que eu não sei? Meu celular acende com outra mensagem de Simon: ONDE VOCÊ ESTÁ?

***Oi. Não tenho certeza de
como estou me sentindo.
Entorpecido, acho. E quanto
a você? Não vou para a aula
hoje, o que acha de passar
aqui depois?***

Envio uma mensagem para Daniel, dizendo que estarei lá depois da escola e pergunto se posso levar alguma coisa para ele. Depois, respondo

para Simon: estarei aí em cinco minutos.

Ainda sem saber ao que Cao se refere, escrevo avisando que em breve estarei na casa dela. A vodca que bebi ontem ainda está entoepecendo minha cabeça. Visto um moletom. Meu cabelo ainda está molhado e tento colocar um pouco de rímel e protetor labial, mesmo sentindo a cabeça latejar.

Saindo do quarto, penso: *talvez eu possa tomar um gole, só para conseguir passar o dia. Um golinho para que eu possa lidar com a vida.*

Não. Não. Não.

Saio do quarto, fecho a porta e desço as escadas. Sinto o medo tomar meu corpo. Estou quase chegando ao limite. Um nó se forma na minha garganta e meu coração começa a palpitar. Minha respiração fica ofegante, superficial e meu peito aperta mais uma vez.

Me esforço para dar mais um passo em direção à luz, mas a escuridão me chama, me diz que não posso sobreviver sozinha. Dou um passo para trás, subo as escadas e meu mundo fica menor. Menos brilhante e sem graça. A satisfação que senti quando estava no banheiro, o empoderamento, se foi.

Abro a porta do quarto com as mãos trêmulas e sentindo minha cabeça confusa. Pego a garrafa debaixo da cama.

Um estrondo me faz bater com a cabeça na cama e solto a garrafa.

Olho em volta e vejo um porta-retratos caído com o vidro quebrado.

O silêncio me separa da garrafa. Essa ação me faz repensar. Com relutância, eu a deixo debaixo da cama.

Andando de um lado para o outro com uma mão no cabelo e a outra

segurando o telefone, Simon olha para a tela. Ele para quando ouve meus passos.

— Jesus Cristo, Liv. Por que demorou tanto?

— Foi só meia hora.

Mas sua expressão é preocupante. Ele parece receoso. Humilhado, talvez?

Rapidamente, ele vem até mim e enfia o telefone na minha cara.

Quase perco o equilíbrio quando olho para a foto. Ainda estou tentando dar sentido ao nome da página que vejo.

LivJam.

Já vi o termo antes.

Em seguida, o título mais longo: *LivJam: Livia e o Jardim Secreto de Simon.*

Pele. Seios. Peito.

Simon. Eu.

Meu Deus.

Alguém estava tirando fotos.

— Tenho que ir. — É tudo o que digo.

— Sério? — As mãos de Simon estão na cabeça. Ele está enlouquecendo. — Você tem que ir? Livia, alguém tirou fotos da gente transando e criou uma conta no Instagram — ele grunhe.

— O que podemos fazer quanto a isso? — Elevo a voz, deixando o estresse transparecer.

Vou voltar para pegar a vodca.

— Derrubar a página, para começar! — ele também eleva o tom de voz.

— Com quem falamos sobre isso? — grito de volta. Nós dois estamos

gritando, e isso não está ajudando.

— Sabe de uma coisa, Liv? Desde que tudo começou, me sinto o cara mau. Como se eu tivesse te obrigado a fazer isso. Como se você estivesse chateada comigo por nossos erros. Você também transou comigo. Você concordou. Nós dois fizemos isso, porra! — Simon pega uma pedra e a lança colina abaixo.

Há um longo silêncio entre nós, e tudo o que quero fazer é correr.

Minha cabeça lateja.

Sinto dores no corpo.

Não posso lidar com isso.

Simon coloca as mãos nos quadris. Respirando fundo, ele umedece os lábios.

— Liv, confie em mim. Não queria que nada disso tivesse acontecido. Sinto muito. Sinto muito por tudo. A única coisa que quero é o Jasper de volta. E ele não vai voltar. E estou arrasado demais. Filho da puta! — ele grita tão alto que eu pulo, cruzo os braços e olho para o chão, tentando descobrir onde as coisas ficaram tão bagunçadas.

Ele revira os olhos quando seu telefone toca.

— Ah, ótimo. É a Whitney. — Ele ignora a chamada. O telefone toca novamente, mas é um SMS. — A página foi retirada do ar — ele fala, colocando o telefone de volta no bolso.

E então ele caminha lentamente na minha direção. Meu corpo está rígido. Meu cabelo ainda está molhado e minhas orelhas estão frias.

Simon ainda está bravo, mas suas palavras são mais suaves.

— Toda vez que olho para você, vejo o Jasper. Não era sobre sexo. Nunca foi isso para mim. Era sobre estar o mais perto possível da pessoa

que o amava mais do que eu.

Ele faz uma pausa e segura meu braço. Não me afasto e não ligo se alguém está tirando fotos. Deixo-o me abraçar.

Seu queixo repousa na minha cabeça.

— Não sei quando isso ficará mais fácil, Liv. Nem sei se vai ficar. Acho que descobriremos quando vivermos algo normal, seja lá o que for. Mas, por enquanto, podemos sentir falta dele e dos seus Vans. Sentir falta do brinde idiota que ele costumava fazer. Sua risada. E as histórias que ele costumava contar.

E eu rio. Pela primeira vez em muito tempo, eu rio.

— Onde tudo deu errado?

— Quando o Jasper morreu — ele sussurra.

— Você sabia?

Há uma pausa extremamente longa. Uma pausa silenciosa em que acho que o mundo acabou de adormecer. Pessoas. Animais. Aliens. O universo. Uma pausa silenciosa que diz muito mais que palavras.

Outro momento se passa.

— Sabia o quê? — Simon pergunta com a voz trêmula.

— Que ele era gay.

E as lágrimas de Simon começam a cair.

Descemos a colina.

— Então, quem é o cara, o Daniel? — Simon olha para mim quando alcançamos a clareira na parte de baixo.

Mas de pé ali, esperando uma explicação, algo que ela merece, está Whitney.

— Eu sabia — ela fala. — Como eu poderia não saber? A falta de resposta às minhas mensagens. O desaparecimento no meio dos filmes. Tudo para encontrar a pobre Livia Stone, a garota de coração partido que parece que não consegue se recuperar. — Mesmo quando ela tenta ser má, falha. Não está no seu DNA.

Mas só se passaram quarenta e sete dias. Deve haver algum tipo de período de tempo concedido pelos profissionais, uma base para o processo de luto, para que as pessoas possam se organizar.

Perda dos pais: 1.825 dias de luto permitido.

Perda de irmãos: 1.095 dias de luto permitido.

Perda de amigo: 730 dias de luto permitido.

Perda de primo: 1.095 dias de luto permitido.

Perda de filho: 3.650 dias de luto permitido.

Mas o que acontece se a contagem de dias for cumprida e eu ainda não estiver me sentindo bem nem conseguindo parar de tomar decisões erradas? As lágrimas ainda caem. Meu coração ainda dói. Talvez alguém possa me colocar em uma casa onde irão me drogar e fazer algum tipo de tratamento rápido antes de me dispensarem com um belo laço escrito *curada*.

Se fosse assim tão fácil, eu teria optado por esse tratamento logo após a morte de Jasper.

— Vamos lá, Simon. Temos uma imagem a zelar. — Simon inclina a cabeça para a direita, confuso.

— O quê?

— Eu disse vamos. — Ela faz um movimento com o dedo para ele.

— Mas eu...

— Minha mãe, a dra. Elizabeth Levine diz que as pessoas tomam

decisões idiotas quando estão sofrendo.

Olho para Simon e me pergunto se ele vai contar a ela.

Mas Simon pergunta: — O que todos irão pensar se você me levar de volta?

Whitney ri.

— Quem disse que vou te levar de volta? Chamei você para perto de mim para fazer isso.

Ela dá um tapa no rosto de Simon com tanta força que o barulho ecoa pela floresta. Quase parece um galho de árvore estalando.

— Vou te aceitar de volta, mas você também mereceu isso.

E então ela segura as laterais do rosto dele com força e o beija até as coisas ficarem estranhas. Me sinto como uma voyeur. Ela para. Os olhos de Simon continuam abertos.

— Entre no carro.

Ele obedece e entra no carro. É mais fácil do que assumir quem ele é e o que representa. Como se estivesse ignorando sua essência. Mas talvez esse seja o caminho mais fácil.

Whitney ajeita o suéter, com as bochechas ainda coradas.

— Quanto a você, Livia. Nunca imaginei que faria isso. Você se perdeu. Não é a mesma garota de dois meses atrás e entendo isso. Mas se você não se encontrar logo, não sei se um dia vai conseguir. Mesmo depois de tudo que você fez, não posso deixar de gostar de você. E esse sentimento me irrita. — Ela me olha com uma expressão dura. Em seguida, balança o cabelo loiro, se vira e caminha de volta para o carro.

Whitney acabou de pegar o namorado traindo-a comigo.

E pegou o namorado de volta.

Me deu um conselho.

E eu a acusei de ser confusa quando, nitidamente, o problema sou eu.

Trinta e Dois

Verão antes do nosso último ano — Oi — falo.

Jasper pula.

Simon se inclina.

Existe um grande abismo entre eles.

Um mundo inteiro.

Parece estranho quando me sento.

Os dois estão com o rosto vermelho.

Eu não deveria estar aqui.

Então eu os deixo na sala de estar.

Faz uma semana que a página do Instagram foi publicada e deletada.

Todos os dias, Cao e eu íamos para a escola e era como se eu estivesse aparecendo para o meu castigo diário. Ninguém dizia nada. Mas as risadas, os cochichos e os sorrisos sarcásticos diziam tudo.

Tenho tentado ao máximo limitar meu consumo, mas só piorou. Consegui enganar meus pais, dizendo que estava gripada quando saí mais cedo da escola uma vez na semana passada porque estava com muita ressaca. Acho que meu pai está desconfiando.

Tento beber só à noite, depois do trabalho. E quando não trabalho, bebo antes ou depois da lição de casa. Às vezes, durante. Algo dentro de mim me diz que há um problema. Mas o meu lado racional diz que sou muito jovem. Que ainda não perdi nada, então não posso ser alcoólatra, certo?

Me lembro do meu pai.

Acho que chega um momento em que a gente entra em negação e se esforça para enxergar somente o que queremos. Como se só víssemos o pai

e advogado premiado e a filha inteligente que vai ser oradora da turma. Mas a verdade é temos um pai alcoólatra que mal para em pé e uma filha bêbada e problemática que está vendo sua vida desmoronar. Como alguém no meio de uma tempestade, minha visão é distorcida, irreal e ninguém pode me ajudar. Só eu mesma posso me salvar.

Whitney não falou mais comigo desde então. Ela também não falou a respeito disso com outras pessoas. Manteve a boca fechada. Isso torna tudo mais difícil. Gostaria que ela me atacasse, assim eu teria motivos para odiá-la. Mas não posso.

É sexta feira.

— Vamos dar um pulo na festa e ver como estão as coisas. Depois vamos embora — Cao fala, comendo o resto do enroladinho de ovo do almoço e tentando me animar.

Estou escondendo coisas da minha melhor amiga, aquela que ficou do meu lado mesmo quando eu estava em casa, perdida em meus próprios problemas. Ela ficou comigo mesmo quando eu queria que ela fosse embora.

Ela franze os lábios ao ver que não respondo e que estou olhando para o meu telefone.

— Ele ainda não te ligou?

Ela está falando do Daniel.

Balanço a cabeça. Suponho que ele já saiba de tudo, porque o Blog A herdeira expôs Simon e eu sem deixar nada para trás. Não conversamos ou trocamos mensagens de texto há uma semana. Embora eu tenha enviado SMS e ligado para ele novecentas vezes.

— Talvez o Daniel vá na festa — Cao fala.

— Duvido.

Me lembro que o dr. Pearson disse a Eve para enviar os restos de Rose para Hull. *E se ele tiver voltado com a mãe?*

Me pergunto como ele está.

Quero vomitar, porque a Livia sóbria não consegue lidar com esses sentimentos. E tudo que quero fazer é afastá-los. Magoei Daniel. Tenho certeza de que ele viu as fotos e a confusão que fiz.

Ontem expliquei para Cao que não podia mais dar carona para ela por causa dos novos medicamentos que estava tomando.

Disse a ela que os efeitos colaterais da medicação eram convulsões.

Em algum lugar ao longo do caminho, perdi minha bússola moral, mas não o suficiente para matar minha melhor amiga se sofrer um acidente por dirigir embriagada.

— Você acha que ele voltou para a Inglaterra? — Estou desesperada por uma resposta.

Cao me diz o que eu quero ouvir e talvez seja o que ela acredita: — Não acho que ele iria embora sem se despedir.

Reviro os olhos.

— Você viu as fotos na página do Instagram?

Cao tenta não fazer careta.

— Olha, Daniel não te conhecia antes. Não conhecia a aluna impecável. Responsável. Carinhosa. — Ela dá de ombros. — Aquela cujo coração não estava partido.

— Você não está me fazendo sentir melhor, Cao.

— Tudo o que estou dizendo é que você precisa reconquistá-lo.

— Como? Ele não atende nenhuma das minhas ligações. Eu liguei.

Mandei mensagem. Enviei Snap. E nada.

— Foi à casa dele?

Me senti tentada? Sim.

— Não.

— Vamos.

— Não. — Balanço a cabeça lentamente. — Cao, não o culpo nem um pouco — suspiro. — Nem eu quero estar perto de mim agora. Como eu poderia esperar que alguém queira?

— Eu quero. — Ela parece magoada. — Isso vale de alguma coisa?

Estremeço.

— Não quis dizer nesse sentido. — Quis, sim, mas não falo.

— Estou aqui por você. — Ela está magoada.

É preciso muito mais do que algumas palavras para derrubá-la. Mas consegui fazer isso.

— Metaforicamente falando, talvez você não seja capaz de se ver agora, Liv, mas eu consigo. Vejo a mesma menina de sete anos que não baixou a cabeça para Liam Anderson porque ele queria a Lela.

Lela era a ovelha empalhada de Cao. Ela a trazia todos os dias para a escola. Liam a pegou e Cao começou a chorar, então eu a arranquei de suas mãos e devolvi a ela.

Em seguida, Liam começou a chorar e a puxar a Lela, então eu o empurrei e disse *não*.

— Você ainda é a mesma garota que concorreu à presidência do corpo discente na oitava série porque acreditava que banheiros unissex eram importantes para que nossos alunos se sentissem incluídos. A mesma garota que defendeu Marco Martinez, que mal falava inglês, quando ele foi

chamado de mexicano burro por nossos colegas. Sempre vou me agarrar a essa garota corajosa e resiliente, que não desistia e não parava de defender os menos favorecidos.

Ela continua.

— Você acreditou em mim quando eu quis encontrar meus pais biológicos em um momento vulnerável da minha vida. E estava lá quando descobrimos que eles haviam falecido. Você estava ao meu lado quando questioneei minha própria sexualidade. Você disse que não importava. Que eu ainda era Cao Smith. E prometeu que no meu túmulo, estaria escrito *Cao Smith, uma mulher que não conseguiu se decidir. Portanto, ela morreu como cigana*. — Ela para e recomeça: — E só porque você se perdeu, não significa que não vou ajudá-la a se reencontrar, porque você não desiste dos outros. Pode ser que você não consiga ver a luz agora, Liv, mas eu vejo. Serei seus olhos até que você possa ver a mesma pessoa que vejo sentada na minha frente. Vamos até a casa do Daniel para fazê-lo ouvir o seu lado da história. Para que ele entenda que essa coisa com Simon começou antes que vocês se tornassem um casal. E vamos a essa festa hoje à noite. E vamos encontrar a velha Livia Stone.

Eu posso? Posso encontrar a velha Livia enterrada em algum lugar nas trincheiras do meu novo eu? A garota que eu detesto. Aquela que precisa de grandes reparos.

— Por onde começamos?

— Depois da escola, você segue o antigo protocolo e me dá uma carona até minha casa. No caminho, seguiremos pela Rockwell Lane. Você vai contar ao Daniel que o que aconteceu foi antes dele. Você vai dizer a verdade.

Eu bato. Três vezes.

Nada.

Toco a campainha que soa como se fosse a morte.

Não sei se estou fazendo a coisa certa, mas, caramba, ultimamente não ando fazendo muita coisa certa, então quem se importa? Dou um passo para trás e espio em uma das janelas à esquerda.

Deus, e se ele aparecer e me encontrar bisbilhotando pela janela?

Meu choque é recebido com pequenas respirações que ficam alojadas em algum lugar na minha garganta.

A casa está vazia.

No começo, tento racionalizar essa informação.

1. Estão limpando os tapetes.

2. Estão redecorando.

Qualquer coisa, exceto a razão mais plausível: eles se mudaram. Deixaram os Estados Unidos, o que faz o movimento parecer ainda mais distante. A diferença de fuso de oito horas.

Volto para a varanda e tento a porta, mas ela está trancada. Toco a campainha mais uma vez, porque, como Cao disse, Daniel não iria embora sem se despedir, certo?

Olho para ela, que está encostada no carro.

— Ele não está em casa?

Balanço a cabeça. As pequenas respirações ainda estão presas.

— A casa está vazia.

— Vazia?

— Sim, sem nenhum móvel, *vazia* — eu digo.

— Não acredito.

Cao se vira e entra do lado do passageiro quando volto para o carro. Coloco a chave na ignição, nos sentamos e ficamos olhando para a casa por um momento.

— Tem certeza de que está vazia? — A boca de Cao também está aberta, mais por razões empáticas, tenho certeza.

— Sim. — Estou entorpecida.

Tento novamente mandar uma mensagem para ele, uma última tentativa deliberada de consertar as coisas.

Daniel, deixe-me explicar tudo. Por favor.

Meu último esforço para corrigir o mundo de Livia e Daniel.

O sentimento de inutilidade retorna e agora a festa é uma excelente ideia, porque terei uma desculpa para beber. Não vou ter que fingir. Posso beber e não sentir nada, nem vou ter que beber sozinha no meu esconderijo, porque talvez Livia Stone seja uma alcóolatra.

Uma voz calma dentro de mim diz: *um escape*.

E isso pode me tornar alcoólatra. Mas não ousa dizer as palavras em voz alta, porque se o fizer, passaria a ser real.

Afastos os sentimentos que estão começando a surgir dentro do seu coração, Liv. Empurre-os para longe.

O vazio me consome quando nos afastamos da casa dos Pearson, ou melhor, da ex-casa dos Pearson. Olho pelo espelho retrovisor e procuro uma placa de venda, mas não a vejo.

E aqui está meu coração, mantendo a esperança: *talvez eles tenham feito uma viagem rápida e levaram alguns móveis, mas voltarão em breve.*

Isso é patético.

Você é patética.

Daniel não vai voltar.

Trinta e Três

Cao sugere que eu vá com o top de renda rosa que revela um pouco da minha barriga.

— É sutil, mas dá uma dica do seu corpo — ela fala. — E calça jeans preta.

Ela está usando uma camisa de flanela vermelha e rosa escuro com jeans preto, um top preto que mal chega ao cós da calça jeans e polainas cor de rosa. O estilo é inquestionável, e Cao é a única que consegue esse visual.

A festa fica a dois quarteirões de Nobb Hill. Uma festa em casa é algo que geralmente não temos, porque as chances de serem descobertas em nossa pequena e pacata cidade são de quase cem por cento.

Quis beber desde que chegamos da casa de Daniel, mas Cao não facilitou as coisas. Ela não bebe, e é por isso que não ofereço nada a ela.

Com a cabeça um pouco confusa, não queria que ela soubesse o que ando fazendo, então escondi as evidências debaixo da cama enquanto ela estava no chuveiro.

— O que você disse à sua mãe? — pergunto enquanto estamos indo para a festa.

— Que eu estava estudando na sua casa.

— Numa sexta à noite?

— Liv, com você, ela me deixa fazer qualquer coisa.

A festa está cheia. Há mais de cinquenta alunos da Belle's Hollow e até alguns da Eureka High, que fica a vinte minutos ao norte.

Quando chegamos, não me importo com o que as pessoas pensam de mim ou sobre a página do Instagram, porque o álcool chegou à minha

mente. Além disso, com as fofocas recentes sobre Leah e Mark, o escândalo sexual de Simon e Livia caiu no esquecimento. As notícias agora estão destacando a barriga de Leah, pois ela está usando uma camisa rosa justa que evidencia sua gravidez.

Cao se vira para mim com os olhos arregalados.

— Acho que preciso de uma bebida. — Ela me empurra com o ombro em direção à cozinha.

— É mesmo? — A frase sai mais animada do que eu esperava.

— Estou brincando. — Mas ela se vira para mim, faz uma pausa e depois suspira.

— O que foi? — Noto uma garrafa de bebida alcoólica no balcão. Várias, na verdade.

— Por que quando um garoto chinês vê uma garota chinesa em uma comunidade predominantemente branca, ele sente a necessidade de se aproximar, se apaixonar e ter filhos?

Dou de ombros.

— Diga a ele que você está namorando o Ed Sheeran.

Cao me olha de cima a baixo.

— Suas piadas não são engraçadas. — Ela cruza os braços.

— Faria diferença se ele fosse branco?

— Se tivesse cabelos ruivos e cantasse sobre amor, castelos e cigarros, sim, faria.

O garoto chinês se aproxima de nós, e Cao dá um sorriso falso que eu conheço bem.

— Oi. Eu sou o Chen. Você sabe...

Cao o interrompe: — Deixe-me terminar a frase para você. Chen, certo?

Você não pôde deixar de notar que sou a única pessoa chinesa na sala e que por acaso sou uma garota. Você achou que poderíamos nos conectar por causa da nossa educação. Rir e brincar sobre a nossa pátria e nossa cultura. Casamento arranjado. Livros de Amy Tan e talvez, apenas talvez, encontrar uma pequena faísca pelo caminho. Talvez ter filhos?

Ele tosse, parecendo despreparado para esse discurso.

— Na verdade, eu estava me perguntando se você sabe onde eu posso encontrar água. Sou o motorista da rodada. — Chen acena suas chaves para nós.

— Ah, na geladeira da garagem — Cao fala, completamente envergonhada. — Prazer em conhecê-lo — ela termina quando ele se afasta.

— Da próxima vez, talvez seja melhor começar com o seu nome. Não com uma explicação completa sobre que você acha que ele está fazendo. Foi bem chato, Cao.

Olho ao redor da sala, esperando ver Daniel. Não há nada além de esperança. *Existe alguma palavra mais significativa que esperança?* Penso em mandar uma mensagem para ele, sabendo que não fará diferença. Sabendo que ele tomou sua decisão e, provavelmente, já está do outro lado do mundo. Ou onde quer que fique Hull. No entanto, minha esperança é enorme.

Cao mexe a cabeça no ritmo da música techno que não está muito alta.

Passamos pela multidão para encontrar um lugar na varanda com vista para Belle's Hollow. As luzes laranja e amarelas me fazem sentir enjoada. Assim como esta cidadezinha em que crescemos, de alguma forma se tornou tão estranha. As piadas internas, os caminhos antes e depois da escola, Happy Donuts com Tracy, meu pai e Jasper aos domingos. A caça

aos ovos de Páscoa no centro da cidade, onde a prefeita Trent, que também era dona do seu próprio salão de beleza, se vestia de coelhinho, distribuía doces e tirava fotos com as crianças. A cidade que aplaudiu meu irmão quando ele fez o *touchdown* vencedor do jogo contra a Agatha Rice High School no mata-mata do ano passado. A cidade que nos recebeu de volta quando trouxemos Jasper para casa depois que ele foi morto. Todas as comidas que nos mandaram. As pessoas que as ofereceram porque talvez tenham sofrido conosco. No entanto, todo mundo continua em movimento, fazendo negócios, comendo, fazendo compras, trocando móveis, enviando cartas, cortando os cabelos, indo ao cinema e participando de reuniões enquanto eu invejo o futuro e desafio a vida.

— Oi, encontrei a água. Trouxe para vocês — Chen fala enquanto se aproxima de nós.

Pego a água da sua mão, mas não vou beber. Água tira toda a diversão da bebida alcoólica. Mas vou segurar, fingindo tomar um gole.

— Posso me reapresentar? — Chen pergunta, olhando para Cao. Ela é cerca de sessenta centímetros mais baixa que ele.

Sussurro em seu ouvido: — Vou ao banheiro e depois vou encontrar uma alma perdida para me acalmar enquanto você fala sobre casamentos arranjados e planos para o seu.

Cao não diz nada, porque, aparentemente, ela não quer fazer nenhum comentário estúpido para parecer uma completa idiota mais uma vez.

Volto para dentro e encontro um quarto no andar de cima para me acalmar. É uma espécie de sala aeronáutica, com grandes modelos de aviões suspensos. Tudo organizado por tipo e modelo. Me deito na cama coberta com uma colcha macia em tom vermelho, branco e azul, me acomodo no

travesseiro e saúdo o silêncio. Pego três garrafinhas de dentro da jaqueta. O problema é que não quero ficar bêbada. Só quero o entusiasmo para fazer todas as minhas inseguranças e tristezas desaparecerem para que eu possa ser a pessoa que Cao ainda vê. Aquela que sei que Jasper está esperando. E aquela que eu quero que Daniel conheça.

— Poppy? Você está aí? — pergunto. Mas desta vez, me sinto um pouco estranha ao chamá-la em voz alta em uma casa que não é a minha.

Abro a tampa da primeira garrafa de Black Velvet com cuidado, romaneando como isso me fará sentir. Já tomei duas dessas tentando encontrar a fuga que os comprimidos me proporcionavam. A boa notícia é que o álcool funciona muito melhor que os remédios.

Coloco a garrafa nos lábios, deixando o líquido marrom deslizar pela minha garganta, prendendo a respiração porque o gosto é horrível e permitindo que exploda no meu estômago, tornando-o ardente. Me obrigo a tomar outro gole. Quase que instantaneamente, quando sinto o líquido no meu estômago, o álcool atinge minha cabeça, fazendo meu olho direito tremer. A sensação de que *não me importo* chegou à placa mãe e me sinto impotente. Quero me enrolar nesse sentimento esquivo, então abro outra e a bebo inteira, sabendo que trará ainda mais promessas.

Bebo as três, uma atrás da outra e apoio a cabeça no travesseiro. Olho para os aviões e as cores são tão bonitas e cheias de histórias que me pergunto de onde vieram.

De que época?

Qual guerra?

Minha. Cabeça. Deriva. Lentamente. Para. O. Esquecimento. Finalmente. Estou. Em. Paz.

Minhas mãos começam a formigar. Minhas pernas estão imóveis e meu sorriso é de satisfação.

Nada importa. Tudo está como deveria.

Minhas pálpebras começam a se fechar, porque o quarto está escuro e a única coisa que vejo é a luzinha ao lado da cama...

Estremeço. Meus olhos não se abrem, mas ouço o barulho de uma porta abrindo e fechando. Escuto a voz de Simon. Quero cumprimentá-lo e dizer que me sinto bem, mas as palavras não saem.

Sinto a cama se mover e depois volto ao esquecimento...

Desta vez, meus olhos se abrem quando ouço um estrondo parecido com vidro explodindo no chão.

Vejo alguém. Uma pessoa alta parada na porta. E para descobrir quem está lá, tenho que fazer um esforço absurdo para enxergar além do que está em cima do meu peito.

A cabeça de Simon.

Estou chocada. E a ficha cai.

Meus olhos se ajustam.

E vejo quem está parado na porta.

O olhar no rosto de Daniel é inesquecível. É como ver a mãe dele morrer de novo. Quero que isso me deixe sóbria, mas não funciona. Quero dizer a ele que sinto muito. Que não é o que parece. Quero dizer que desejo ouvir o seu coração. Quero apoiá-lo. Mas só consigo me despedaçar.

As únicas palavras que saem da minha boca são: — Você voltou.

Daniel está parado na porta, incapaz de falar.

Estou sonhando?

Ele está mesmo aqui?

Empurro a cabeça de Simon do meu peito e faço o melhor que posso para ficar de pé, mas meu corpo não responde, e eu caio. Quando olho para Daniel, vejo que ele não se mexeu. Percebo pelo seu rosto que ele está mais magoado do que com raiva. Mas ele não me ajuda. Então aqui estou eu, a imagem patética do que resta de uma pessoa vazia, esperando alguém me salvar.

Neste momento de clareza, percebo que me tornei meu pai.

Vejo seu olhar duro, os olhos semicerrados e o coração gelado, como se ele também já tivesse passado por isso. É o mesmo olhar que Jasper e eu demos ao nosso pai quando ele caiu do lado de fora do restaurante Las Cazuela's. Três vezes.

O mesmo olhar de quando ele foi para a reabilitação pela segunda vez.

O mesmo de quando Jasper disse a ele que o odiava pelo que tinha feito conosco e com a nossa família.

O mesmo olhar que partia meu coração.

Agora sei como meu pai se sente. Não quero continuar machucando as pessoas, mas não consigo parar de fazer isso. Tenho a melhor das intenções quando bebo. Preciso acalmar minha alma. Nunca pretendi machucar ninguém.

Tento falar, porque sei que o silêncio vai matar a nós dois. Ele ainda está parado ali, olhando para mim e esperando que eu diga algo. Desejando que eu faça algo que o convença de que o que ele está testemunhando é só um pesadelo.

— Estou voltando para a Inglaterra. — Isso é tudo que ele diz em meio à confusão em seus olhos. Em silêncio, ele fecha a porta.

Fecho os olhos enquanto soluços silenciosos atingem minha garganta e

preciso sair daqui.

Meus olhos se fecham novamente.

Acordo só para ver que estou sendo colocada em uma caminhonete. O motorista, Cash, é jogador de futebol. Dei aula de inglês para ele.

Fecho os olhos e ouço o som agudo dos pneus. O asfalto preto, que antes estava abaixo de nós agora está acima.

Abaixo.

Acima.

Abaixo.

Acima.

E então levamos uma pancada forte do lado de Cash e giramos tantas vezes que não consigo contar.

Cash sumiu. Ele não está mais no banco do motorista.

Ele saiu voando.

Está tudo em silêncio.

Estou caindo.

Rolando.

Sinto um líquido viscoso escorrendo.

Trinta e Quatro

Preto.

Trinta e Cinco

Alguém *me ajude.*

Trinta e Seis

Por favor. Não consigo me mexer.

Trinta e Sete

Estou sozinha.

Trinta e Oito

Não consigo sentir minhas pernas.

Trinta e Nove

Ouçõ a palavra “Sorte”.

Quarenta

Ouço o termo “Múltiplas fraturas”.

Quarenta e Um

Silêncio. *Estou morta?*

Quarenta e Dois

Deus, você está aí? Precisamos conversar.

Não estou pronta para morrer.

A morte é assim?

Quarenta e Três

Alguém está chorando. É a Tracy.

Por favor, não chore, Tracy. O que aconteceu? Estou aqui.

— ...em coma ...inchaço no cérebro.

Os soluços de Tracy estão alcançando lugares que me fazem querer chorar também.

Tento estender a mão na direção dela, mas não consigo ver se estou me movendo ou não, porque não consigo ver nada.

Meu pai fala: — Will... — Ele tosse. — Ela vai acordar? — Sua voz treme.

Há uma longa pausa.

— Esperamos que sim. O tempo está do nosso lado.

— Faz duas semanas — Tracy responde. — O tempo está do nosso lado, dr. Miller? Já vi casos como esse acontecerem. — Ouço sua voz enquanto ela tenta ser forte. Ela é enfermeira. Está acostumada a ver isso. Mas não com a filha, a única filha que lhe restou.

Uma pequena parte de mim quer morrer. Meu lado egoísta. Mas a outra parte quer viver.

Você pensa que é invisível, mas não é, Livia Stone. A voz de Poppy é seca e vai direto ao ponto.

Poppy. Você voltou. Solto um suspiro aliviado e tento conter a alegria, o medo e ansiedade.

Deus não te colocou neste planeta para estragar sua vida do jeito que você tem feito. Estragar costumava ser sua palavra favorita.

Não estrague os biscoitos.

Não estrague a toalha de mesa nova.

Não estrague suas roupas da escola dominical.

Poppy acende um fósforo. Seu roupão rosa cintila na luz que ele fornece. Agora estamos no canto do quarto do hospital. Vejo meus pais, o dr. Miller e Eve.

E eu.

Eu me vejo.

Estou com tubos conectados em vários lugares, a cabeça enfaixada, os olhos inchados, com diversos hematomas. Estou irreconhecível. Minhas mãos e braços estão arranhados e machucados e tenho sujeira debaixo das unhas, algo que não existia antes do acidente.

— Sofri um acidente.

Poppy olha suas unhas e não faz contato visual. Seus dedos se movem de uma maneira apressada.

— Preciso ser rápida. Não podemos coexistir nos reinos dos vivos e o espiritual por muito tempo. — Ela se endireita e entrelaça as mãos. — Sim, você sofreu um acidente. E se estivesse em sã consciência, não teria entrado naquela caminhonete com aquele jovem bêbado e irresponsável.

— Vou morrer, Poppy? Estou morta?

Ela para e olha para mim com naturalidade. Sinto sua irritação.

— Sim. E não. Me deixe te salvar muitos anos de sofrimento: você não bebe para se divertir, não é?

Hesito no começo. Não tenho certeza de onde ela quer chegar com isso.

Posso mentir para minha avó falecida?

— Não, você não pode mentir para mim — ela fala. — Eu vejo tudo. — Ela volta a olhar para as unhas. — Você bebe porque não consegue lidar

com as dificuldades da vida. Bebe porque quer muito consertar seus próprios sentimentos. Secretamente, você quer se encaixar. Você nunca sentiu que se encaixava perfeitamente como o Jasper. Você acha que beber te faz mais bonita, mais inteligente, mais esperta, mais engraçada e mais agradável. Você entendeu.

Pare, quero dizer.

— Veja, Livia, entendo todos esses sentimentos, porque eu também era alcoólatra. — Ela faz uma pausa. — Por que você acha que a sua mãe é tão fechada emocionalmente para você? Por que você acha que ela só demonstra algum tipo de emoção quando está preocupada? Por causa do que fiz com ela quando bebia — Poppy grunhe as palavras.

E agora percebo que ela não está brava comigo. Está com raiva de si mesma.

É por isso que ela ficou tanto tempo junto de mim. Ela não pode deixar o mundo dos vivos até que tenha resolvido suas pendências e consiga se desculpar com a Tracy.

— É por isso que você a chama de Tracy. Você se sentia inadequada como filha dela. Como se a culpa fosse sua. Como se você tivesse o poder de consertar algo que não foi você que provocou. E agora você tem a doença. O alcoolismo é uma doença de percepção. É a única doença que nega sua existência.

Ela faz uma pausa novamente, a raiva se esvaindo lentamente.

— Só porque não estamos sentadas debaixo de uma ponte, bebendo de uma garrafa em um saco de papel, não significa que não somos alcoólatras ou viciadas em drogas. Quando cheguei ao fundo do poço, eu tinha sessenta e dois anos. O estrago já havia sido feito. Para sua mãe. Para o nosso

relacionamento ou a falta dele. Eu tinha uma casa boa, ia à igreja aos domingos, fazia caçarolas para famílias e amigos doentes. Mas quando terminava meu trabalho, quando a casa estava limpa e silenciosa, sentia que merecia uma bebida. Afinal, trabalhei duro para isso.

Poppy franze os lábios e pensa nas próximas palavras.

— E quando a bebida entrava, eu me tornava um monstro. Quando colocava álcool no meu corpo, eu tinha as melhores intenções. Eu só queria o entusiasmo. Não queria fazer o que fiz na noite anterior: causar brigas com seu avô ou ser cruel com sua mãe. Só queria o entusiasmo, Livia. Me sentir feliz, segura e contente como nos bons tempos em que o álcool parecia funcionar *para* mim e não *contra* mim. Mas quando tomei a primeira dose, não consegui parar.

Os olhos de Poppy estão em mim como se ela estivesse olhando para o diabo. Estou lutando com a ideia de insanidade, porque minha avó falecida está apontando meu problema.

— Além disso, não é a décima dose que te deixa bêbada. É a primeira.

Eu só queria um pouco de entusiasmo.

Eu já disse isso. Ela disse também.

— Mas, de alguma forma, eu parecia errar o alvo todas as vezes. Ficava bêbada e malvada. Você é a única que conhece seu fundo do poço. E é a única a decidir quando parar.

Não sei ao certo em que mundo existo agora, se no dos vivos ou dos mortos, mas já disse essas palavras antes. Me identifico com cada pedaço da história de Poppy.

— Salve a si e à sua família de anos de mágoa, querida. Seu pai tem o gene. Eu também tinha.

— Como isso aconteceu tão rápido, Poppy?

— Ouça, não importa como você desenvolveu a doença. O que importa é que você sabe que a possui. E a pergunta mais importante é: o que você vai fazer a respeito?

— Sou muito nova para ser alcoólatra.

Ela sorri e segura minha mão.

— Nunca se é jovem demais para ser alcoólatra. A verdade é que é apenas o momento. Quando você chegará ao fundo do poço e dirá que basta antes que seja tarde demais? — Ela olha ao redor. — Você me perguntou se iria morrer. E eu disse sim e não.

Eu concordo.

— Sim, você terá uma morte lenta com o álcool. E eu posso te dar os detalhes se estiver pronta. E não, porque, se você aproveitar a oportunidade e ficar sóbria enquanto ainda é jovem, terá todo o tempo do mundo para viver uma vida feliz e alegre. Não espere até que você seja um velha tola como eu. E pegue aquele garoto de volta. Daniel é alguém que vale a pena se ter por perto. — Poppy dá de ombros em seu roupão floral rosa.

— É por isso que você veio até mim?

— Não posso falar por Deus ou intervenção divina, mas há uma razão para o mundo e como ele flui. A morte é inevitável. Vivemos dias emprestados. Na minha opinião, Deus não cria doenças. Os desastres são criados a partir do erro humano, não do erro Divino. As pessoas têm livre arbítrio. E elas fazem escolhas. Deus também não interfere nos planos da vida. E pessoas más fazem coisas ruins, como foi o caso de Jasper. Ele estava na sala de aula quando o atirador abriu fogo naquele dia. Porque o Jasper estava lá no momento exato em que tudo se transformou em caos,

nunca saberemos. — Poppy passa a mão na minha bochecha. — A verdade é difícil. Ele defendeu o que acreditava e quem ele era, Liv. Você precisa entender que ele viveu de verdade naqueles momentos finais. Saiba disso.

Os olhos de Poppy começam a lacrimejar.

— Algumas pessoas estão dispostas a viver em negação, com raiva, e nunca defendem o que acreditam. A morte do seu irmão foi uma declaração, um testemunho de fé. Ele sabia para onde estava indo e estava em paz com isso. — Ela faz uma pausa. — O perdão pode ser complicado se não estivermos dispostos a ver a situação com graça. Mas se não tivermos perdão no coração, a dor o ocupará todos os espaços e nos comerá vivos de dentro para fora. Vamos abrigá-la, alimentá-la, mantê-la viva e depois permitiremos que a raiva se manifeste em nossas vidas, tratando mal os outros, dependendo do álcool e das drogas.

Olho para Tracy. *Minha mãe* e meu pai cercam meu corpo frágil e gravemente ferido de várias maneiras.

— Não posso mais magoá-los. — Um soluço me faz ofegar. — Eles passaram por muita coisa.

Perder dois filhos. Ver meu pai lutar contra seus próprios demônios, se escondendo atrás de uma máscara bem conhecida. Saber que tenho uma doença que, provavelmente, me matará se eu permitir.

Olho para Poppy. Ela desapareceu, mas ainda posso ouvir sua voz.

Então viva.

E se eu não puder?

Você está cansada do que tem recebido? Está feliz com sua vida e onde ela está?

Não. Espere! Poppy! Por que você me deixou? Por que você

desapareceu por um tempo?

Poppy reaparece.

— Ah, querida, eu não desapareci. Você simplesmente não me ouviu.

E como uma força gravitacional, sou sugada do canto da sala para dentro do corpo que se encontra na cama branca e estéril. Espero a dor me atingir como uma rajada de vento.

— Você... você viu isso? — Ouço a voz da minha mãe tentando conter a empolgação. — Os olhos dela tremeram.

— Mimi — sinto as palavras do meu pai em meu coração e na minha testa — se você puder me ouvir, aperte minha mão.

Sinto sua mão na minha e desejo que meus dedos se mexam.

Eles se moveram?

Ouço um suspiro.

— Meu Deus.

Alguém se aconchega ao meu lado. Minha mãe, aposto.

E, de repente, estou consciente do meu corpo. Cada dor, mágoa, músculo, órgão e osso enquanto me conecto de volta ao mundo dos vivos e espero acordar.

Ouço o Dr. Miller conversar com meus pais enquanto estou de olhos fechados e fingindo estar dormindo. Eles estão discutindo minha alta. Na reabilitação, vou precisar recuperar meus músculos e meu corpo até voltar a ser como era antes do acidente.

Os machucados físicos começaram a cicatrizar.

Embora eu ainda não tenha me olhado no espelho, minha mãe não me olha como se fosse chorar toda vez.

Ouço-a: — Oi.

Mas não abro os olhos, porque não estou pronta para conversar com ninguém. Só quero ficar aqui deitada e ouvir.

Mas então *ele* fala: — Como ela está hoje?

Quarenta e Quatro

Aquele sotaque é inconfundível. Sei que é ele e meu coração começa a acelerar. A máquina que monitora meu batimento cardíaco começa a surtar. Com os olhos semicerrados, meu pai, Tracy, o dr. Miller e Daniel estão me encarando. O dr. Miller vem até mim e pega o estetoscópio.

Abro os olhos lentamente.

— Estou bem. — Olho para Daniel. — Oi — digo mais misteriosa do que quero parecer.

O dr. Miller e minha mãe descobrem porque a máquina reagiu daquele jeito.

Minha mãe toca o braço de Daniel e olha para ele. Ela caminha até mim, beija minha testa e sussurra: — Estaremos no corredor. — Mas antes de sair, ela pega o protetor labial e coloca um pouco nos meus lábios. — Seu pai disse que você gosta dele. Nós gostamos dele também.

Daniel mantém distância, ficando do outro lado do quarto. Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Oi — ele fala.

— Oi. — A máquina cardíaca começa a apitar novamente.

Ele caminha em minha direção e se aproxima. Aperta um botão e a máquina para.

— Como sabe fazer isso?

— Apreendi alguns truques enquanto você tirava suas mini férias. — Ele me dá um meio sorriso enquanto se afasta. Puxa uma cadeira e se senta. Está cauteloso.

Olho para minhas unhas sujas, tentando descobrir o que quero dizer. E não é porque não tenho nada para falar, mas porque há muito a ser dito.

— Daniel, sinto muito mesmo.

Ele começa a falar, mas seguro sua mão e a aperto.

— Por favor, me deixe terminar.

Ele assente.

— Nunca, nem em um milhão de anos, pensei em me apaixonar aos dezessete anos. Também nunca pensei que nós dois tivéssemos que lidar com a perda das duas das pessoas mais importantes das nossas vidas na mesma época. — Pondero minha próxima declaração. — Fui uma idiota. Uma imbecil. Mas mereço você. Aqui está o porquê: Alcanço a mesa de cabeceira e leio uma lista que escrevi dois dias antes. Esta é uma ação antiga. Algo eu teria feito antes de Jasper partir. Algo que me diz que aquela garota ainda está dentro de mim.

— Eu te mereço porque, no momento em que te conheci, você me viu por quem eu era, não pela garota que havia acabado de perder o irmão. Eu realmente gosto do seu sotaque britânico e seu cabelo ruivo. Mereço você porque quando conversamos, não consigo ficar quieta e sinto a necessidade de continuar balbuciando. Te mereço porque eu realmente gosto do seu *sarnie* de bacon. Te mereço porque quando achei que você tinha voltado para Hull, eu morri. Te mereço porque não acho que meu coração possa se sentir da mesma maneira com outra pessoa. Ninguém teve esse efeito em mim. Nem mesmo o *Twenty One Pilots* quando Cao e eu os vimos juntas. Se formos comparar, acho que a Cao pode ter amado *Twenty One Pilots* mais do que ao Ed Sheeran naquela noite. Mas não diga a ela que te contei. — Dou um meio sorriso. — Eu te mereço porque quando sua mãe faleceu,

vi seu coração se partir e tudo o que eu queria era consertá-lo. Eu te mereço porque te amo, e nada vai mudar isso. Mas mesmo te merecendo, sei que você merece mais. E para ser a pessoa que você merece, preciso de ajuda.

Contemplo essas últimas palavras de maneira egoísta, rezando para não estragar tudo com ele, mas sabendo, no fundo do meu coração, que é a decisão certa para nós dois. Isso não está anotado e começo a entrar em pânico, mas sinto uma presença quente no meu ombro, talvez o espírito de Poppy, a garantia de que não estou sozinha.

— Daniel... sou alcoólatra e talvez viciada em drogas. Antes que eu possa te amar da maneira que você merece, preciso me recuperar. Me amar primeiro. Aquilo que você viu quando eu estava caída no chão, era a Livia tomando decisões ruins para sua vida. Não quero mais fazer isso. Quero ser feliz. Quero ser livre para te amar e tratá-lo da maneira que você merece. Mas não posso fazer isso até conseguir a ajuda que sei que preciso. — Faço uma pausa, olhando para ele.

Reviro os olhos com a minha franqueza idiota.

— Não sei como me desculpar da maneira certa. Procurei a solução mais fácil e não consegui parar. Não consigo parar. — Estou sendo sincera pela primeira vez em muito tempo. E o laço metafórico ao redor do meu pescoço se solta. Posso respirar um pouco melhor. Estou me tornando livre.

— Por favor, diga alguma coisa. Ou vou continuar falando e estragar tudo. Não quero fazer isso agora. Nem nunca — digo, brincando com os dedos. E não tenho certeza se é a medicação que me deram ou meu batimento cardíaco acelerado que faz com que me sinta na última volta de uma maratona. — Apenas diga algo.

Daniel tenta não sorrir.

— Terminou? — Ele puxa a cadeira para mais perto.

— Sim. — Tento cruzar os dedos e colocar as mãos no colo, mas puxo a camisola do hospital para me assegurar de que não deixei nada exposto.

— Minha vez. — Ele passa a mão na minha bochecha e segue pelo meu pescoço, onde fica a saboneteira. Depois pega a minha mão. — Essa é uma das suas melhores partes.

— A saboneteira?

— *Clavícula* é o termo correto. Sabe que tem o formato de uma chave romana? E é um dos únicos ossos do corpo que é protegido só pela pele, não por músculos. — Daniel faz uma pausa, porque é assim que ele funciona. De forma lenta e metódica. — Sabia também que é o osso mais fácil de se quebrar no corpo de pessoas com menos de vinte e cinco anos?

— Não.

— Isso me lembra seu coração. Vejo seu coração exposto, embora muitas pessoas não possam vê-lo, porque você o mantém escondido atrás de uma camada de pele. Ou de uma parede de tijolos enquanto eu vejo uma chave. Está frágil agora. Mas merece o mundo. Sabia que coração partido é mais comum em menores de vinte e cinco anos, assim como a clavícula?

Balanço a cabeça.

— Não posso te dizer o que fazer, Liv. A única coisa que posso dizer é que meu coração nunca mais será o mesmo depois de conhecê-la.

Daniel pega minha mão, a leva para os lábios e a beija com gentileza.

Apesar dos meus maiores medos, sussurro, esperando que ele não ouça minha pergunta: — Por que você não está lutando contra isso?

Ele sorri.

— O amor não é assim? Deixar livre o que você quer para que o outro

possa viver?

Permito que suas palavras afundem no meu coração, que rompam a barreira de anos de proteção contra meu pai, minha mãe e a falta de emoção, os muros que ergui para proteger minha sanidade. Meu amor.

— Sim, acho que é.

Emolduro sua bochecha, e ele coloca minha mão em seu ombro, sem me deixar espaço para escapar.

— Para onde você vai? — pergunto.

— Para onde você vai? — ele pergunta ao mesmo tempo.

— Não sei. Ainda não contei aos meus pais.

— Quer que eu esteja aqui quando você for contar?

— Não. Deixe livre o que você quer para que o outro possa viver. Não foi isso que você acabou de me dizer? — Sorrio com tristeza. — Vamos planejar um encontro — digo. — Digamos que daqui a um ano nos encontraremos no Bob's... ou talvez em algum lugar da Inglaterra? — Começo a imaginar o custo de uma passagem aérea para o outro lado do mundo. Engasgo na próxima frase, porque só de pensar que ele pode estar em um fuso horário diferente meu estômago revira. — Você... vai embora de Belle's Hollow?

— Ainda não sei.

— Mas e a sua casa? Está totalmente vazia.

— Sim. Meu pai mandou a equipe de mudança enviar tudo de volta para Hull. Estava pensando em voltar com ele até que isso — ele olha para o meu corpo — aconteceu.

— Então você esteve aqui o tempo todo? — sussurro, sentindo meu coração afundar no peito, se incorporando ao meu estômago. — Mas onde

você está ficando?

Seu rosto fica vermelho.

— Com seus pais. — Ele abre um sorriso tímido. — Seu pai insistiu.

Penso no meu quarto e em que condições o deixei. *Ele viu o quarto do Jasper? Ele acha que somos loucos por não o termos esvaziado ainda?*

— Sinto muito por não ter falado sobre o Simon.

Daniel balança a cabeça.

— Não.

— Não, eu te devo uma explicação. O que aconteceu entre a gente foi antes de você... Lamento não ter contado.

— Ouça, Livia, não estávamos juntos de verdade. Tive tempo para pensar sobre isso. Na verdade, muito tempo. — Ele pronuncia *a palavra verdade* como *verrrr-dade*.

— Mas você não merecia descobrir dessa maneira. Nada aconteceu naquela noite em que você me viu na cama, Daniel. Juro. Não me lembro de muita coisa, mas sei que a porta se abriu e se fechou e depois vi a cabeça dele pousando no meu peito. E é isso.

— Não há necessidade de se explicar, Livia. Machucou? Sim. Mas não firmamos nenhum compromisso. Nós não oficializamos nada.

Ele se ajeita, parecendo desconfortável e sua expressão muda.

— Mas eu preciso te contar sobre a Sienna.

Quarenta e Cinco

Exatamente um ano depois Com as mãos úmidas, desenho um coração na calça preta e olho para o relógio. Os aplausos começam, e eu uso a bengala para subir ao palco, mas não sem deixar de sentir o frio na barriga. Estou de volta à Belle's Hollow High.

Desenho a palavra *esperança* na calça antes de começar.

— Meu nome é Livia Stone e sou uma alcoólatra em recuperação. Não sou a garota que pensei que seria. Quando eu tinha oito anos, sonhava em ir para uma universidade de prestígio. Tirar notas altas. Conhecer o garoto dos meus sonhos em uma festa de fraternidade e usar camisetas da Harvey College nos fins de semana enquanto estivesse no meu dormitório. Nunca pensei que seria alcoólatra aos dezessete anos. Nunca imaginei que o alcoolismo me roubaria a dignidade, autoestima e o amor próprio.

Paro e olho ao redor antes de continuar.

— Em primeiro de outubro de 2015, quando meu irmão gêmeo, Jasper, foi morto no tiroteio da Kellogg Community College, eu não tinha mais certeza se queria viver. Ele foi até lá para conhecer a faculdade. Nunca, nem em um milhão de anos, sonhei que me recuperaria disso. Além do mais, nunca pensei que esse seria o começo da minha queda. Mas acredito que se não fosse a morte terrível do meu irmão, seria apenas uma questão de tempo até que o alcoolismo aparecesse.

Suspiro.

— A minha avó uma vez me disse: só você sabe qual é o seu fundo do poço. Você é a única que pode decidir quando basta. No dia que bebi pela última vez, sofri um acidente de carro terrível e acredito que deveria ter

morrido. Não por causa do destino, mas porque, às vezes tomamos, decisões ruins por engano. O boletim de ocorrência diz que capotamos nove vezes. Batemos em várias árvores em um aterro. Quando o pessoal da emergência chegou, assumiram que não havia sobreviventes, porque a caminhonete estava presa entre duas sequoias.

Olho para baixo.

— Cash Livingston morreu quando voou para fora da caminhonete.

Em seguida, olho para a plateia.

— Mas eu sobrevivi.

— Passei quatro semanas no hospital com uma perna quebrada, hematomas e cortes que, eventualmente, cicatrizaram. Embora eu não queira aborrecer vocês com meu passado, quero destacar os sinais de alerta. Eu estava bebendo todos os dias. Fazia isso escondido. Não tomava mais as decisões corretas.

Faço uma pausa antes de continuar.

— Eu sabia que quando bebia, não conseguia controlar a quantidade. E no final, todas as vezes eu desmaiava. Tinha um apagão. O álcool me controlava. Me possuía. Aqui está a questão. Eu tinha uma casa legal, na maior parte do tempo. Estava indo para uma universidade de prestígio, tinha uma cama para dormir e um emprego. Economizei dinheiro como deveria. Não estava morando embaixo de uma ponte e bebendo de uma garrafa enrolada em um saco de papel, como a maioria das pessoas pensa que os alcoólatras vivem. E toda vez que me olhava no espelho, percebia que estava desaparecendo, perdendo de vista quem eu era. A cada dose que tomava, me perdia um pouco mais.

Umedeço os lábios e continuo.

— Depois do período no hospital e de conversar com meus pais, entrei em uma unidade de tratamento por seis meses, que também incluía aconselhamento sobre luto. Tanta coisa para a universidade de prestígio, certo? Mas ao tomar essa decisão, consegui salvar a minha vida.

Abro um leve sorriso.

— Hoje, eu frequento a Skagit Community College. Escrevi um romance que enviei à Harvey College, com o apoio do Professor Livingston. A universidade o indicou ao prêmio Lelia Cruz. Se chama *Depois da Tempestade*. Mas eu não sabia que quando os alunos recebem esse reconhecimento, eles também ganham uma bolsa de estudos completa.

Meu sorriso se amplia.

— Descobri ontem à noite que não só ganhei a bolsa Lelia Cruz, mas, o mais importante, que este livro também pode ajudar outras pessoas. Que ele pode ajudá-los a ver que o alcoolismo não conhece barreiras e não exige idade. Não se importa com o local onde você trabalha ou com seu nível de educação. Não importa onde você dorme ou se levanta para trabalhar ou estudar de manhã. A questão é que se você acha que tem um problema com álcool, provavelmente tem mesmo e isso só vai piorar à medida que você envelhece. Confie em mim, a única razão pela qual estou dizendo isso é porque eu não estaria aqui, diante de vocês, falando sobre a minha doença se não fosse pelo fato de ter recebido ajuda. Mas isso cobrou um preço da minha família.

Continuo com o desgosto pelo estrago que causei.

— Ainda lamento pelo meu irmão, mas não me afundo nisso. Sinto falta dele com todo o meu coração. Gostaria de poder tê-lo comigo por apenas alguns minutos. Fazer com que ele puxe meu cabelo novamente. Que me

diga que estou exagerando por ficar chateada por ter tirado A-em vez de A+. Mas hoje, eu tenho tudo o que preciso. Não é o que quero, mas o que preciso. — Respiro fundo e continuo. — O que não mencionei antes é que minha mãe e eu tínhamos um relacionamento muito difícil, mas muito disso era causado por eu me ressentir com ela pela forma como ela tratava a mim e ao meu irmão. Achava que era diferente. Temos um ótimo relacionamento agora. Conversamos sobre coisas que eu nem sonhava em falar antes, por medo do que ela pensaria de mim.

Olho para minha mãe. Ela está enxugando as lágrimas. Mas são lágrimas boas.

— Fiquei brava com meu pai por ser alcoólatra.

Ele está sentado ao lado de minha mãe, mas está radiante. Ele não vive mais com tanto arrependimento quanto costumava. Eu diria que parece muito orgulhoso.

— Hoje, nosso relacionamento só é como é por causa de onde estivemos. E sou muito grata por estar nessa jornada com ele. Mesmo que meu pai tenha visto minha vida saindo de controle, ele nunca me disse que eu era alcoólatra. Ele liderou pelo exemplo.

Respiro fundo.

— Gostaria de encerrar com isso: alguns meses após a morte de Jasper, recebi um e-mail de uma das sobreviventes do tiroteio na Kellogg Community College. Sonja Peet. Ela perguntou se eu queria saber quais foram as últimas palavras de Jasper antes que ele fosse baleado sete vezes no peito. Levei seis meses para responder ao e-mail dela. A verdade é que eu estava apavorada. Veja bem, meu irmão era gay. E ele viveu tentando negar isso. Como sua irmã gêmea, eu não sabia. — Tusso para disfarçar o

choro que sinto se formar na minha garganta. — O atirador fez perguntas às vítimas. Se eles acreditavam em Deus, em Allah ou Jeová. Ele perguntou se eram republicanos, democratas, gays ou heterossexuais. Qual a nacionalidade de cada um. Se eram a favor do aborto. Se eram presbiterianos, cristãos, católicos, muçulmanos ou ateus. Naquele dia, o atirador fez uma série de perguntas ao meu irmão. Quando perguntado se era gay, essa foi sua resposta...

Recito as palavras que sei de cor: — Defendo aqueles cujas crenças não correspondem às normas sociais. Defendo Deus, Alá, e Jeová. Eu defendo a liberdade de escolha. Defendo os que são gays e heterossexuais. Eu sou gay e acredito em Deus. Nunca mais desistirei de defender isso. Defendo aqueles que sofrem em silêncio. E defendo você.

Faço uma pausa, tentando organizar minhas palavras enquanto as lágrimas caem silenciosamente em minhas bochechas. Não digo o que aconteceu depois de suas palavras. Mas as pessoas entendem.

Tento falar.

Paro.

Tento mais uma vez.

Paro.

— Quando você for testado, quando sua vida estiver em risco, se imponha. Fale alto. Permaneça na sua verdade. E quando você for ao muro EU SOU deste ano, certifique-se de colocar sua marca no mundo. Seja ousado. Seja corajoso.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

Será que falei demais?, penso comigo mesmo.

Examino a multidão de pessoas no ginásio. Todos estão em silêncio.

Uma pessoa bate palmas, e então todo o ginásio segue o exemplo.

Sei que tenho exatamente dezessete minutos para chegar ao Bob's. Depois que o grupo de estudantes do ensino médio é liberado, eles me encham de perguntas. E eu respondo da melhor forma possível, tentando ser honesta.

— Como você sabia que era alcoólatra?

— Acho que minha mãe é alcoólatra. Como faço para que ela fique sóbria?

— Para qual reabilitação você foi?

— Posso pegar seu autógrafo, Livia?

— Como você superou a bebida?

Quando a multidão se dispersa, olho para o relógio. Mais seis minutos. Então olho para minha melhor amiga parada na porta, batendo palmas silenciosamente.

Ela caminha até mim de braços abertos.

— Toda vez que ouço essa história, fico com os olhos cheios de lágrimas — Cao fala, deslizando um braço em volta do meu pescoço.

Ela sentiu muita culpa após o acidente. Disse que não deveria ter permitido que eu entrasse no carro com Cash. Mas sei que ela tem as próprias questões para trabalhar. Posso falar até cansar que não foi culpa dela, mas acho que ela precisa se curar.

— Seis minutos. — Sigo Cao até seu carro.

Beth finalmente decidiu permitir que ela tirasse a habilitação. Ela vai

para a Caltech.

Minha mãe e meu pai nos encontram no carro dela.

— Você está indo para o Bob's, certo? — Minha mãe empurra meu cabelo para trás dos ombros com lágrimas nos olhos. — Estou muito orgulhosa da sua força e por contar essa história várias vezes.

Minha mãe foi à clínica Betty Ford, um lugar que ajuda famílias de alcoólatras. Ela participa regularmente das reuniões do Al-Anon. Ela também fez terapia sobre luto e continua até hoje. Não acho que a perda de um filho e a dor que a acompanha desapareça. Isso muda a pessoa. Mas acho que meu irmão ainda vive dentro de mim.

Meu pai beija minha testa.

— Mimi, eu te amo. — As lágrimas começam a escorrer.

— Você não deveria chorar! — eu o repreendo. — Você me prometeu.

— Meus olhos só estão vazando. Estou bem — ele fala e enxuga o rosto.

Meus pais voltam para o carro. Cao e eu entramos no dela. Ela me deixa no Bob's.

— Me ligue quando chegar na faculdade. Te amo.

Dou um beijo na sua bochecha.

Ela só voltou para casa para assistir para minha palestra na Belle's Hollow High. Mas o que aprendi é que amigos fazem coisas assim. Aparecem. São presentes. Porque, por mais que eu dissesse a ela que não era grande coisa, quando ela apareceu na minha casa para me levar à palestra, meu coração explodiu. A verdade é que eu precisava dela.

Respiro fundo, desenho as palavras *amor verdadeiro* na minha calça e entro no restaurante cor de laranja e creme, também conhecido como Bob's.

Meu coração começa a bater forte.

Olho em volta. O lugar está quase vazio. Mas ouço uma voz atrás de mim.

— Ouvi dizer que batatas fritas com queijo são assassinas.

Me viro.

Todo o peso da história que acabei de contar desaparece. E tudo no mundo se encaixa. Estrelas explodem. O sol se expande. O homem na lua está cantando.

Respiro fundo.

Seu cabelo está mais curto e os óculos estão diferentes, mas quando nossos olhos se encontram, nada mudou. Absolutamente nada.

Daniel segura minha mão e me puxa para si. Sinto seu coração bater contra o meu peito. Posso sentir as pontas dos meus dedos formigarem enquanto os pressiono em suas costas. Meu coração começa a bater no ritmo do seu, fazendo todo o sentido neste mundo louco em que vivemos. Neste mundo complicado, triste, emocionante e bonito.

— Estou feliz por você ter vindo.

É a primeira vez que o vejo desde que tudo aconteceu. Nós dois cumprimos a promessa de que não importaria o que tivesse acontecido em um ano, nos encontraríamos no Bob's no dia vinte e um de dezembro.

Daniel olha para mim.

— Tenho a sensação de que quando envelhecermos, a batata frita com queijo será a nossa escolha de morte.

Eu rio.

Nos sentamos em uma cabine nova para podemos criar novas lembranças. Ele de um lado e eu do outro.

Ele segura minhas mãos.

— Tem uma coisa estranha nos seus olhos.

Solto uma mão toco meu olho direito.

— Onde?

Ele dá uma risada profunda e gutural, que balança seu pomo de adão.

— Bem aqui. — Ele toca gentilmente o canto do meu olho. — Acho que isso se chama felicidade.

Um sorriso se espalha por nossos rostos.

— Decidi uma coisa.

— É? E o que foi? — ele pergunta com aquele sotaque.

— Estou apaixonada por você.

Daniel estende a mão sobre a mesa novamente, desta vez, emoldurando meu rosto.

— Você é alguém por quem vale lutar, Livia. Hoje e todos os dias. Fui feito para você.

Comemos batatas fritas com queijo.

E nos beijamos.

E tomamos Cherry Coke.

E nos beijamos mais um pouco.

Sei que é uma pergunta que precisa ser respondida por nós dois.

Então pergunto: — Como foi com a Sienna?

Daniel solta um suspiro enorme e exausto. Talvez de alívio ou medo.

Não tenho certeza, porque não consigo ler o olhar que ele está me dando.

— Ela está bem. Heath está com mais de um ano agora.

Bem. Isso é bom.

Concordo com a cabeça, tentando me convencer da dúvida que está surgindo.

É bom. Diga a si mesma, Liv. É bom.

Quarenta e Seis

Daniel olha para a simplicidade e facilidade com que nossos corpos se unem. Ou pelo menos, é o que acho que ele está pensando. Tento afastar a saudade pelo tempo que ficamos separados ao nos aproximar.

Ele solta um suspiro e não posso deixar de sentir seu cheiro de menta.

— Depois que nos separamos naquele dia, voltei para Hull e tentei ajudar Sienna com a gravidez, me preparando para assumir o papel de pai. Mas sabe de uma coisa, Liv? Fiquei pensando em você, na sua busca por seu eu verdadeiro e nos erros que cometeu. Me vi envolvido pelo que você teve que passar para chegar ao outro lado. — Ele para e morde o lábio. — Pedi a Sienna para fazer um teste de paternidade depois que Heath nasceu. Porque, se ele fosse meu, eu queria fazer o certo pelo meu filho.

Engulo em seco.

Espero.

Oro para que o alívio chegue logo, mas também tenho fé de que tudo está como deveria ser. Sei que meus desejos estão anulando a lógica nesta situação. E então desenho as palavras *não é seu* na calça e deixo o sentimento passar.

— Ela atendeu ao seu pedido. — Tento parecer convincente. Verdadeira. Apoiadora. Embora parte de mim queira que ele corra para as colinas. Mas meu lado bom, o lado altruísta, quer que ele fique. Que tenha feito o teste. Que faça o que é certo para Heath e Daniel. Não para Livia Stone.

— Sim, mas só depois que insisti.

— E? — falo mais alto, porque o suspense está me fazendo querer

vomitam.

— Heath não é meu. — As mãos de Daniel apertam as minhas.

Contenho a emoção e ofereço um tom compassivo.

— Como você está lidando com tudo isso?

— Estou feliz. Quero dizer, eu não estava pronto para ser pai aos dezoito anos. E não queria que você tivesse que lidar com tudo isso.

— O que o seu pai disse?

— Ele não sabe. Ele praticamente lavou as mãos e me concedeu meu fundo fiduciário. Mas acontece que há uma faculdade chamada Harvey e uma comunitária nas proximidades.

Ele pisca o olho.

Dou a volta na mesa e me sento em seu colo. E então eu o beijo.

Quando duas pessoas se encaixam perfeitamente, costumam dizer que se encaixam como uma luva: mente, corpo e espírito. A legitimidade do mundo.

Embora eu saiba que temos apenas dezoito anos, também confio no meu coração. Acredito que as coisas vão funcionar da maneira que deveriam. Sei que nunca me senti assim com ninguém. Também sinto que há uma razão pela qual Daniel, Rose e o dr. Pearson se mudaram para nossa pequena cidade de Belle's Hollow.

Depois de ficarmos juntos por uma hora, vejo o casal que estou esperando. Como já contei a Daniel meu plano, ele fica de pé.

— Encontro você no carro? — ele pergunta.

Ele me beija e isso dá vida ao meu corpo. Uma dor começa a se formar, algo que só pode ser satisfeita por Daniel. Seus lábios permanecem nos meus e eu suspiro.

— Te encontro no carro — digo, mas não sem um último beijo em sua boca.

Daniel caminha até o carro, e eu vou até o casal sentado em uma mesa ao lado da janela.

— Obrigada por virem — digo ao sr. Joe e sua esposa, que está em uma cadeira de rodas. Sua condição não é temporária. É permanente.

Me sento do lado oposto na cabine.

— Livia, esta é a minha esposa, Morgan — Joe apresenta a esposa, fingindo que seu acidente, que a tragédia deles não esteve estampada nas manchetes dos jornais, provavelmente por respeito a seus sentimentos.

Ela sorri. Mesmo que ela não diga nada, sinto suas palavras quando está sorrindo. Elas são gentis de verdade.

— Que palestra maravilhosa que você deu no ginásio, Liv. — Ele está orgulhoso. Vejo isso nos cantos dos seus olhos.

— Prazer em conhecê-la, Morgan.

Mas vejo arrependimento em seu sorriso. Me lembro de seu acidente.

Morgan estava voltando de uma conferência de trabalho. Segundo o jornal, ela olhou para o telefone. O motorista bêbado apareceu do nada e desviou para a pista dela, atingindo-a de frente na Highway 101, ao sul de Belle's Hollow. O acidente a deixou incapaz de falar ou andar.

Me lembro das palavras do sr. Joe.

Sei o que você está passando. Sei como é a perda.

Enfio a mão na bolsa, pego um exemplar de *Depois da Tempestade* e o deslizo sobre a mesa.

— Você acreditou em mim quando nem eu mesma acreditava. Você sabia que eu podia fazer coisas que eu nem sonhava ser capaz. Não

consegui fazer no tempo que nós gostaríamos, mas fiz. Este livro é para você.

Nunca na vida vi o sr. Joe sem palavras. Cuidadosamente, ele puxa o livro e seus dedos roçam a capa e o título. Ele o abre e vê a página de dedicatória. Imediatamente, ele procura algo na mesa, mas não sei ao certo o quê. Morgan olha para a página e depois para o marido. Uma lágrima cai de seus olhos.

O sr. Joe me encara. Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ele não as deixa cair.

— *A vida é uma aventura no perdão.* — Sua voz falha e a verdade aparece entre suas palavras sussurradas.

— Norman Primos — respondo, permitindo que uma lágrima caia. Desta vez, eu não a afasto. Não a engulo.

E isso me atinge de uma vez.

Nesse momento, o sr. Joe se perdoa. Perdoa o motorista bêbado que bateu na esposa. É esse ato que me faz perceber que preciso perdoar também. Preciso perdoar o atirador que matou meu irmão. Eu não sou uma vítima das circunstâncias. Não permitirei que a amargura e a raiva corroam os planos que tenho para mim. Mas primeiro, preciso me perdoar.

E eu perdoo. Deixo tudo isso de lado.

Se ele pode perdoar, eu também posso.

Antes que isso se torne algo exagerado, deixo o sr. Joe e Morgan. Não há abraços trocados, mas um perdão é deixado no pequeno espaço de tempo que compartilhamos.

— Liv? — O sr. Joe tenta pigarrear enquanto chama por mim.

— Sim? — Me viro para eles.

— Obrigado.

Balanço a cabeça.

— Não, eu que agradeço..

— Onde você quer colocar isso? — Daniel abre o armário de Jasper.

— Espere. — Passo por ele, dou um meio sorriso e fecho a porta novamente.

Jasper, se você quiser que eu mantenha toda a sua coleção de tênis, eu o farei, ou se quiser que eu a entregue a outra pessoa, apenas me dê um sinal.

Hesito antes de abrir a porta e quando o faço, Daniel ainda está na mesma posição em que o deixei, de braços cruzados, sem surpresa.

— Jamais questionarei por que você faz as coisas da maneira que as faz. Gosto que você seja um pouco estranha.

Continuo amando seu sotaque.

Passo por ele e empurro seu peito. Ele suspira em silêncio e me puxa para si.

Quero ser tocada só pelas mãos dele. Em lugares indescritíveis. Apoio a cabeça em seu peito para recuperar qualquer compostura que eu possa ter perdido.

Meu telefone toca, mas só sei disso porque ele me avisa.

— O que foi?

— Seu telefone.

— Ah.

Empurro delicadamente a parte inferior do seu estômago, querendo prolongar as sensações, e Daniel emite um som que é um misto de risada e

gemido.

— Srta. Stone, faça isso de novo e pode não se safar da próxima vez — ele fala, segurando a minha mão e entrelaçando os dedos.

Olho para o meu telefone e vejo uma mensagem de Simon.

***Estou pronto para
buscar os tênis do Jas
quando você estiver.***

Obrigada, Jas.

— Os tênis vão para o Simon. — Envio uma mensagem para ele e digo para vir buscá-los.

Daniel para, mas não pelo motivo que acho que parou.

— Não se preocupe. Não há nada entre nós. — Não digo a ele que Simon me contou que era gay enquanto eu estava na reabilitação, porque a história não é minha para contar.

Não é seu papel consertar o mundo, Livia. Tudo vai se equilibrar.

Daniel segura minha cintura.

— Não me preocupei com isso, Liv. — Ele olha para o armário de Jasper, para as caixa de sapatos. — Só estou imaginando como é que um sujeito tinha tantos pares de tênis.

— Oi! Tem alguém aí? — A batida familiar de Simon soa na porta do quarto de Jasper. — Ah, oi. Não quis interromper.

Ele foi rápido.

— Eu sou o Daniel, a propósito. — Ele empurra a caixa para Simon e estende a mão.

— Simon. — Os dois se cumprimentam.

Há uma troca estranha entre os dois. Um acordo tácito de que Daniel agora deve cuidar de mim, como Jasper costumava fazer. Daniel é três centímetros mais alto que Simon. Ele é dez centímetros mais alto que a maioria dos garotos da nossa idade. Em seguida, há um leve aceno de cabeça entre os dois. Um acordo feito. Resolvido.

Simon olha ao redor do quarto de Jasper.

— Caramba — ele fala. — Obrigado por isso.

— Jasper quer que você fique com eles.

Simon me olha.

— Quando você vai embora para a faculdade?

— Amanhã.

— Tudo bem então. Daniel, cuide dela. Liv é especial — ele fala como se estivesse recitando a Constituição.

Daniel não responde. Ele só me olha, provando que as ações falam mais do que as palavras.

Simon vai embora e nós dois terminamos a arrumação.

— E essa sacola?

Eu me viro para Daniel, que está ao lado da penteadeira de Jasper.

— O que foi?

Eu rio.

— Que sacola?

— Esta. — Ele a mostra para mim.

— A mochila.

— Certo. Uma mochila. Americanos. — Ele revira os olhos de brincadeira.

— Vou ficar com ela e usá-la na Harvey.

Faço uma pausa, porque uma lembrança vem à minha mente e preciso compartilhá-la. Esse é um daqueles momentos em que luto para respirar.

— Quando Jasper foi morto, fiquei com medo de pedir ao FBI qualquer coisa que tivesse no corpo dele naquele dia. Por causa da... — engulo o grande nó na garganta — da maneira como ele morreu. — Eu paro. — O sangue, acho. — Sinto meu rosto se contorcer, assim como meus pensamentos.

Odeio ter que falar sobre meu irmão de maneiras que a maioria das pessoas não deveria.

— Em uma manhã — tento conter as lágrimas —, acordei com uma voz irritante na minha cabeça que dizia: *Pegue a minha mochila*. Isso foi duas semanas depois que ele morreu. As palavras ficaram na minha cabeça o dia todo. Então liguei para Gina, a nossa especialista em vítimas do FBI, a pessoa que representava nossa família, e perguntei se poderíamos recuperar os pertences do Jasper. No dia seguinte, foram entregues pessoalmente, em uma bolsa estéril e transparente. — Eu paro. — Sabe o que é mais estranho?

Daniel balança a cabeça enquanto dá alguns passos em minha direção.

— Não havia uma gota de sangue na mochila. — Sorrio, porque hoje sei que não era a minha consciência me dizendo para recuperá-la. Era Jasper.

— A minha mãe costumava dizer que as pessoas que se vão só nos dão mensagens quando estamos prontos para elas.

Desta vez, abraço sua cintura.

— Como está a dor?

— Tudo bem.

— Não, não está. Você está mentindo. — Eu me afasto e olho em seus

olhos. — Alguém já te disse o significado da frase *estou bem*?

— Tenho certeza de que você vai me esclarecer.

— Fodido. Inseguro. Neurótico Emotivo.

— Acho que estou bem hoje. Encaixa.

Sinto sua risada lenta, confiante e profunda em meu ouvido enquanto ele move as mãos e passa as pontas dos dedos nos meus braços nus.

— Vamos. Vamos levar as malas para a pilha de doação.

Carregamos o material na parte traseira do Ford velho do meu pai, o carro que ele usa para aparar a grama do quintal e operações de despejo. Olho pela janela enquanto Daniel dirige para o Miranda's Rescue. Jasper ia gostar que doássemos suas roupas. Tudo, exceto seus Vans. Eles sempre pertenceram a Simon.

Uma sensação de calma toma conta de mim quando a noção chega. Acho que Jasper não sobreviveu naquele dia porque teria visto coisas com as quais não conseguiria conviver. Que seu coração amável e gentil não seria capaz de lidar com isso, e seu tempo aqui na Terra não teria sido bom por causa do que viu. Talvez Deus precisasse mais dele que eu. Embora o que tenha acontecido naquele dia nem sempre seja claro, tenho paz no coração, sabendo que não preciso beber ou usar isso para encobrir meus sentimentos hoje, e que meu doce Jasper está em paz.

Quanto a Daniel e eu, quem sabe se nosso relacionamento resistirá ao teste da vida? Tenho grandes esperanças para nós. A questão é que não há permanência na vida. Nada fica igual para sempre. Embora haja momentos que eu gostaria que fossem. Assim como este, com o ar frio do inverno tocando nossos pescoços e a mão dele na minha. Se superarmos os altos e baixos, as reviravoltas que a vida tem a oferecer, tudo ficará bem. Eu ficarei

bem.

Reencontrei Livia Stone. *Depois da tempestade*, mas mesmo assim, a reencontrei.

Epílogo

Sete anos depois Belle's Hollow — Mamãe, quem é?

Desempacotamos a última caixa com a foto do Jasper.

— Esse era seu tio. — Pego a foto, me lembrando de todas as caretas que fazia.

— Está falando daquele moço que fica no canto do meu quarto à noite?

Arrepios atingem todo meu corpo. Olho para Daniel e de volta para nossa filha.

— O que você disse, baby?

— Sim, ele e a vovó Rose. Eles cuidam de mim à noite.

Não consigo respirar.

— Isso te assusta, Rose? — Sinto meu coração acelerar e minha boca secar. Acredito que o medo e a fé possam ser experimentados exatamente ao mesmo tempo, porque nesse momento, exatamente agora, sinto os dois.

Ela sorri.

— Não, mamãe. A vovó Rose canta para mim e Jas... — Rose me olha.

— Jasper — eu esclareço.

— Japper diz que sou forte como a Mimi.

Meus pelos se arrepiam. Olho para o meu marido em pé diante de mim.

— Eu nunca contei a ela esse apelido.

— Desculpem o atraso! — Cao e o marido, Ed, entram correndo pela porta da frente. — Quando foi que ganhamos outro semáforo em Belle's? — Ela beija a mim e Rose na bochecha. Cao para e olha a sala. — Espere, interrompemos alguma coisa?

Daniel conta o que estava acontecendo, pois sabe que não posso: — A

Rose só estava nos contando que o Jasper e a vovó Rose costumam vir visitá-la em seu quarto à noite.

Cao se ajoelha ao lado de Rose.

— Sabe o que eu acho?

— O que, tia Choo-Choo? — Rose olha para cima com seus grandes olhos azuis.

— Acredito que quando as pessoas vão para o céu, é preciso uma pessoa especial e com um grande coração para vê-las e sentir coisas que outras pessoas não conseguem. Assim como sua mãe.

Não me surpreendo com a resposta de Cao, apesar de ter vindo de uma pessoa de ciências exatas que se formou na Caltech, e que agora é uma engenheira talentosa. Ela acredita mais em amor do que em ciência. Assim como acreditava mais em mim do que eu mesma há oito anos. E embora ela não tenha se casado com Ed Sheeran, o Ed Wattenberg é o mais próximo dele. Ed é judeu e celebra o Hanukkah, o Natal e a Quaresma. Compõe músicas e toca violão. Eles se conheceram na Caltech durante o último ano de Cao. Ainda não têm filhos, mas não porque não querem. Cao diz que só os terão quando puderem concordar com um nome.

O de Rose foi fácil para nós.

Rose Jasper Pearson.

Entro na reunião normal de terça-feira à noite dos Alcoólicos Anônimos com meu pai ao lado.

O estranho é que ficamos sóbrios no mesmo encontro, com apenas dezoito meses de diferença. Coincidência? Acho que não. Nós dois atravessamos algumas pontes. E tudo o que podemos pedir é um dia de cada

vez.

Pego o café enquanto ele se senta.

Olhando para trás, não tenho certeza se Poppy foi uma invenção da minha imaginação ou se o que vi e ouvi foi real. O sofrimento nos faz agir de formas engraçadas. Mas o que ela era ou o que eu pensava que era, veio no momento em que mais precisei. Ela não voltou desde aquele dia no hospital. Acredito que quando as pessoas partem, elas nos dão sinais de que ainda estão conosco.

Jasper vem até mim por diferentes caminhos. Na música. Pela minha filha. E não é só isso, mas não tem um dia que eu não veja um par de Vans. Seja na vitrine de uma loja, alguém que esteja calçado ou que eu tropece em um par.

Quando trouxemos Rose para casa do hospital, havia um pacote na varanda. Era um par de Vans cor de rosa minúsculo. Todos os anos em seu aniversário, a caixa aparece de novo, embora os tênis cor de rosa sejam um tamanho maior. Minha suspeita é que sejam de Simon.

A porta do salão se abre e uma garota frágil, com olheiras e cabelos descoloridos, cortados de forma desconexa e com comprimentos diferentes, entra. Ela quase se esconde no moletom grande e volumoso que está usando. As histórias não contadas, as que eu costumava esconder, estão enterradas dentro dos limites da dor que vejo em seus olhos. Vejo a vergonha que ela carrega, como se quisesse fugir, principalmente porque nos conhecemos.

É uma cidade pequena, afinal de contas.

Entrego meu café ao meu pai.

— Pode segurar isso?

Vou até a porta da frente, a seguro pela mão trêmula e digo: — Vamos lá, Whitney. Tenho um lugar para você perto de mim.

É nos momentos de quietude, quando o mundo está silencioso, que sabemos que estamos exatamente onde devemos estar.

Meu telefone vibra no bolso de trás. Costumo mantê-lo por perto por causa de Daniel, apenas no caso de uma emergência com Rose. É uma mensagem de texto da minha agente, Hattie Mathers. Estávamos esperando notícias. Digo a Whitney que vou pegar um chá para ela e enquanto me aproximo do bule de água quente, abro a mensagem.

***Me ligue. Agora. A
World Pictures quer assinar
um grande contrato para o
filme.***

Mas algumas coisas podem esperar.

Estou exatamente onde deveria estar.

Fecho a mensagem e faço a coisa certa. Levo o chá para Whitney, e a reunião começa.

Fim.

Agradecimentos

Este livro foi o mais difícil de escrever até agora, o mais pessoal até o momento.

Em 1º de outubro de 2015, nove pessoas foram mortas em um atentado na Universidade Comunitária de Umpqua. Meu primo, Jason Johnson, foi um deles. Este livro é uma jornada pessoal através da minha própria tristeza. Embora grande parte dela seja ficção, muita coisa não é.

Muitas vezes, quis deixar *Depois da Tempestade* de lado, pois era difícil demais sentir todas aquelas emoções novamente. Meu marido ficou arrasado por ver sua esposa sofrer durante o processo, às vezes no escuro. Isso trouxe à tona a tristeza, o sofrimento e a mágoa, mas no final trouxe a cura.

Antes de agradecer às pessoas que tornaram este livro possível, quero falar sobre a rosa seca.

No funeral de Jason, depois que seguimos o seu caixão e um pouco antes de carregarmos seu corpo e levá-lo para o local da cremação, Jennifer, uma funcionária da funerária, pegou uma rosa do caixão, me entregou e disse, com lágrimas nos olhos: sinto muito. Sinto muito pela sua perda. Sei que aquela funerária, em particular, teve que fazer muitos funerais naquela semana devido à tragédia. Até hoje, a rosa seca que Jennifer me deu está no painel do meu carro. É para me lembrar das muitas vidas perdidas em tiroteios em massa. Ainda há traços da sua beleza, só precisamos estar abertos para vê-la.

Depois da Tempestade não seria possível se não fosse pelas seguintes pessoas:

Jovana Shirley, você é uma mestre no que faz. Sua paixão, a atenção aos detalhes, seu apoio e dedicação são incomparáveis. Obrigada por fazer *Depois da Tempestade* brilhar.

Julie Deaton, seus olhos de águia vão muito além das palavras deste livro. Seus toques finais (e seus doces comentários) fizeram meu coração disparar.

Cassie Graham, obrigada por nossa conversa franca naquela noite sobre o livro. Piscadela. Piscadela. Era você quem deveria me dizer as palavras que eu precisava ouvir.

Devney Perry, minha querida amiga e colega de profissão, sem a sua orientação e a riqueza de conhecimentos no mundo da autopublicação, eu ficaria perdida. Eu te adoro.

Meus leitores beta: Julie Hagemann, Dana Barrote, Karyn Clark, Abbey Pearson, Chandra Moomey e Heidi Payne. Obrigada pela sinceridade, lágrimas e feedback honesto. O tempo que vocês dedicaram ao meu livro é importante e sou grata por vocês tenham aberto mão desse tempo com a família, hobbies e a vida para ler *Depois da Tempestade*.

Fisher Van Duzen, você, minha querida, sempre será um tesouro. Sou eternamente grata por você e seus comentários variados.

Poorhouse Publishing, obrigada pela doação dos números do ISBN para o livro original, sabendo que todo o lucro dele será destinado à bolsa de estudos de Jason.

Dawn Newton, a namorada de Jason, você me incentivou mesmo quando ainda não conhecia o livro. Você disse: “Jason estava muito orgulhoso de você pela coisa dos livros e ele te amava muito”. Isso me deu o impulso necessário para terminar de escrever essa história.

Trina Pockett, Julie Hagemann, Kim Emmons, Faith Hansen, Kelly Losey e Heather Barkdull, vocês me pegaram do chão depois que Jason morreu. Vocês me ouviram. Trouxeram comida para minha família. Estavam presentes. Nunca esquecerei dessas ações.

Para minha comunidade, a pequena cidade de “Belle’s Hollow”, vocês sempre apoiaram meus esforços na escrita, desde que se concretizaram, obrigada.

Teyler e Kate, meus filhos lindos, vocês me lembram de como a vida é preciosa. Amo vocês dois mais do que jamais saberão.

Por último e mais importante, meu marido Brandon, você é a minha rocha, minha voz da razão. Não posso ser quem sou sem você. Você é o meu Daniel. Mesmo depois de vinte anos juntos, você ainda me faz rir. Ainda provoca aquele frio na barriga. E me ama por completo. Você tem meu coração desde os dezessete anos e sempre o terá. Obrigada por me aturar por todos esses anos!

Às famílias dos sobreviventes e vítimas do atentado da faculdade comunitária de Umpqua:

Que todos tenhamos a graça, fé e confiança que nossos entes queridos tiveram naquele dia terrível para permanecer em nossas próprias verdades e sermos corajosos.

Nota para os leitores

Obrigada por ler *Depois da tempestade*.

TODOS os lucros deste livro serão direcionados à bolsa de estudos *Jason Dale Triumphant Return* no *College of the Redwoods*. Isso significa que não ganho um centavo com ele. Então, por favor, se gostou do livro, ajude a divulgá-lo. Para obter mais informações sobre a bolsa de estudos de Jason, visite <http://www.times-standard.com/article/NJ/20151211/NEWS/151219973>.

O alcoolismo não se importa com a sua idade. Cor. Etnia. Fé. Ocupação. O vício vai roubar sua dignidade, respeito próprio e sua vida.

Ainda que Livia tenha ficado sóbria e se recuperado, não é tão fácil para muitas pessoas. Todo mundo tem seu próprio caminho e, para se recuperar, todos precisam superar sua própria tempestade. Muitos morrem durante essa busca. Essa é a verdade devastadora.

Se você ou alguém que conhece tem um problema com álcool, existem dois programas que podem ajudar:

O Al-Anon é um programa que ajuda famílias que têm alguém em suas vidas lutando contra o vício. <https://al-anon.org/>

E os Alcoólicos Anônimos é um programa de recuperação em 12 passos: <https://www.aa.org/>

Siga nossas redes sociais:

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Twitter](#)

E visite nosso site:

www.editorabookmarks.com